



UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DE CAMPINAS

Faculdade de Educação Física

**HARIAN PIRES BRAGA**

A DOCE RECORDAÇÃO DO QUE NÃO VIVI: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE  
NACIONAL NO FUTEBOL (1938-1950)

Campinas

2015

HARIAN PIRES BRAGA

A DOCE RECORDAÇÃO DO QUE NÃO VIVI: A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE  
NACIONAL NO FUTEBOL (1938-1950)

Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de  
Educação Física da Universidade Estadual de Campinas  
como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título  
de Mestre em EDUCAÇÃO FÍSICA, na Área de  
EDUCAÇÃO FÍSICA E SOCIEDADE

Orientadora: PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> HELOISA HELENA BALDY DOS REIS

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA  
DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELO ALUNO HARIN PIRES BRAGA, E  
ORIENTADA PELA PROF.<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> HELOISA HELENA BALDY DOS REIS



Heloisa Helena Baldy dos Reis

Campinas

2015

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca da Faculdade de Educação Física  
Dulce Inês Leocádio dos Santos Augusto - CRB 8/4991

B73d Braga, Harian Pires, 1988-  
A doce recordação do que eu não vivi : a construção da identidade nacional no futebol (1938-1950) / Harian Pires Braga. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Heloisa Helena Baldy dos Reis.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Futebol. 2. Identidade nacional. 3. Copas do Mundo. I. Reis, Heloisa Helena Baldy. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

**Título em outro idioma:** The sweet remembrance of what I did not live : formating identity national in footbaal (1938-1950)

**Palavras-chave em inglês:**

Footbaal

National identity

World Cups

**Área de concentração:** Educação Física e Sociedade

**Titulação:** Mestre em Educação Física

**Banca examinadora:**

Heloisa Helena Baldy dos Reis [Orientador]

Bernardo Borges Buarque de Hollanda

Edivaldo Góis Junior

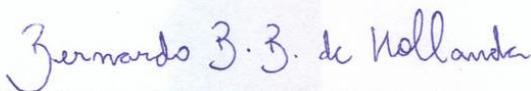
**Data de defesa:** 15-06-2015

**Programa de Pós-Graduação:** Educação Física

COMISSÃO EXAMINADORA



Profa. Dra. Heloísa Helena Baldy os Reis  
Presidenta



Prof. Dr. Bernado Borges Buarque de Hollanda  
Membro Titular



Prof. Dr. Edivaldo Góis Junior  
Membro Titular

Dedicatória

A todas e a todos que ainda acreditam nas esperanças pintadas nos muros e de que tão  
realistas que são, fazem sempre o impossível

## Agradecimentos

Há um icônico lutador de boxe brasileiro, que pelos bons combates, fala humilde tornou-se célebre, também pela lista extensa de agradecimentos que sempre tinha a tira colo. Tomarei Maguila como norte e também farei minha lista extensa de agradecimentos. Na verdade, acho que esta é a parte que torna o trabalho vívido, pois se tantas normas e padrões nos atém à realidade. Os agradecimentos parecem tornar esse texto mais de carne e osso.

A sabedoria e a paciência da professora Heloisa Reis, que em 2009, ano complicado de mudanças foi fundamental. Sempre acreditou que esta pesquisa fosse possível e contribuiu com sua experiência, além de permitir fazer parte da equipe da disciplina de Sociologia do Esporte da graduação na FEF. Por extensão os votos de agradecimento aos companheiros e companheiras do GEF/FEF/UNICAMP; gostaria que alguns tivessem tido oportunidade de leituras mais calmas, mas o fato de estarem dispostos a contribuir com críticas é de se relatar. À minha banca tanto de qualificação quanto de defesa. Professor Edivaldo, amigo, contestador e de quem tenho orgulho de ser aluno. O professor Bernardo – a quem tomo a ousadia de chamar pelo primeiro nome – alguém que me encantou quando conheci naquele momento de tanto tremor que é a qualificação.

No campo afetivo eu preciso agradecer amigos que passaram. Como aquele mágico terceiro ano do Colégio Progressão, que em 2005 fez um ano ímpar e foram parte de uma trilha que no começo eu contava os dias para acabara e que hoje já não sei se um dia acabará; Thalles, Chechetto, Murilo, Dieguinho, Elson, Toguchi, Vi, Rey, Pujol, Bixão.

À casa que me formou o IFCH – e que peço que seja lido com o som de xis – onde tive decepções, alegrias e é que minha formação inicial. Se tivesse novamente 17 anos faria história. Pesquisaria a escravidão no Vale do Paraíba paulista, escutando que minha escrita era tortuosa. Porque é da crítica que aprendemos. É da mais refinada forma de escrita, a ironia, que nasce algo menos tortuoso. E é do IFCH que levarei os dois grandes companheiros, que na disciplina de História do Brasil IV, toparam escrever sobre futebol. Aos moleques de grande maestria, Cokero e Zé.

Às casas onde morei, mas em especial a DepoisEU?, do parceiro Higuíta e a CasaNostra, dos amigos Pagoto, Piroló, Otávio, Viking, Gui e Cerejo. E uma nova casa T51.

À minha formação política: as atléticas. Quando um dia, em 2008, puxaram o Cokero para entrar na AAAXIX de Novembro do IFCH, puxaram-me também a um universo mágico;

Andrei, Mineiro, Vandão, Pepo, Tonon, Bussunda, Cil e Leijoto. Durante 4 anos, aprendi que o esporte é uma forma de intervenção social e política e que pode, ocupando espaço público e através da boemia, trazer grandes Revoluções. À AAAAFB da FEF; BH, Zani, Vitinho, Kel, Chan, André, Kaio. E finalmente meu sonho e meu pesadelo, a Liga das Atléticas da UNICAMP, Tabs, Negão, Recruta, Treze, Mococa, Thais, Fabi, Carol, George, Bru e outros que ajudaram como puderam, como a cativante Isa.

À FEF como um todo, minha segunda casa e que tenho certeza que se o professor Anderson pudesse passar um tempo aqui, saberia de fato o que é uma Comunidade Imaginada. Cito nominalmente os que puderam ir à defesa: Lari Breder, Renas, Gi e minha amiga especial, parceira intelectual, Patty. Às EMEFs Daphene Guidela e Edmir Viana de Caçapava e Lima Souto, Ponzio Sobrinho – o trabalho mais lindo – e Domingos Zatti. Ao Grupo de Formação Curricular de EJA da P MEC, em especial Soninha, Heitor, Neude, Vera, Manoel, José Carlos, Karina, Anderson e o mestre Cláudio.

Marília e Dai as duas maiores jogadoras de futsal da UNICAMP e também de tênis e hand (respectivamente). Amigas que sintetizam a dificuldade de conviver comigo e que moram cada qual num átrio do coração. A quem prometi e nem sempre cumpro, não fazer chorar. Tenham certeza, vocês são fundamentais, tontas.

Aos guias e aos Orixás.

Aos Paralamas, Biquíni, Titãs e o mestre Kiko Zambianchi; sabias palavras em rock 80. Essa sabedoria e outras tantas das HQs ainda nos servem.

À minha família não humana, de gatos e cães. Dos que viveram mais esses momentos, Ana, Piná, Zeus, Lis, Vicky, Bob, Dorothy e Fofão.

À minha família humana. Ju, Marcos, Rincon, Fernanda, Bety.

E ao mais importante. Que se sacrificou, quem fez sorrir, que ainda preciso colo e que tenho orgulho. Não tenho palavras tenho desculpas para pedir e agradecimentos para sempre levar no coração. Se pedissem, escolha apenas um agradecimento, perdoem-me todos, com prazer vou escolher um milhão de vezes uma pessoa que sublime, simples e perfeita. Que eu não estou à altura e que acho, agora, colhe, mais uma vez os frutos do que acreditou. Eu não escrevi nenhuma palavra, nenhuma grande análise e nem fiz ironias nerds. Eu só tentei fazer minha mãe feliz. Acho que consegui.

BRAGA, Harian Pires. A doce recordação do que não vivi: a formação de uma identidade nacional no futebol (1938-1950), 2015, 184f. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2015.

## **RESUMO**

O futebol é um dos espaços sociais primordiais na construção de uma identidade nacional brasileira, ao portar signos que contribuem nas respostas a anseios sociais que transcendem ao próprio esporte. Nesta dissertação, partimos da concepção de que a identidade, assim como a nação, são conceitos em aberto, forjados historicamente, múltiplos e relativos. No Brasil, o futebol, em especial por meio de sua seleção masculina nacional, contribuiu para a construção de determinadas características identitárias, passíveis à aplicação em boa parte do Estado nacional. Nesse exercício de identificação as Copas do Mundo FIFA de 1938 e de 1950 foram notórias; a primeira marcando um sucesso internacional e a segunda, o fracasso do futebol brasileiro sediando o evento. Para analisar a construção de cada um dos dois torneios, fora do Rio de Janeiro, foram analisados os jornais *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*, entre os meses de março e julho de 1938 e de 1950, períodos de realização dos dois campeonatos mundiais.

**Palavras chaves:** futebol – identidade nacional – Copa do Mundo

BRAGA, Harian Pires. The sweet remembrance of what I did not live: forming a national identity in football (1938-1950), 2015, 184f. Master's Thesis - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2015

### **ABSTRACT**

Football is one of the most exquisite social spaces for the construction of a Brazilian national identity, as it carries signs that contribute to answer social aspirations which transcend sport itself. In this thesis, we start from the conception that the identity, as the nation, are open concepts, historically forged, multiple and relative. In Brazil, football, specially through the men's national team, helped the construction of some characteristics of identity, applicable to a wide portion of the national State. In this identification exercise the FIFA World Cups of 1938 and 1950 were notorious; First being an international success and the second, the failure of the Brazilian football while hosting the event. To analyse the development of each one of the championships being out of Rio de Janeiro, the newspapers "Folha da Manhã" and "Folha da Noite" were carefully studied, between the months of March and July of both 1938 and 1950, as those were the months in which the both world championships took place.

**Keywords:** football - national identity - World Cup

## Lista de Figuras

Figura 1 – Anúncio dos refrigerantes Brahma.

Figura 2 – Anúncio do extrato de tomate Peixe.

Figura 3 – Manchete principal da página 6 do jornal de 8 de março de 1938.

Figura 4 – Análise do técnico Adhemar Pimenta sobre os jogadores paulistas, em reportagem da Folha da Manhã de 15 de março de 1938.

Figura 5 – Folha da Manhã de 25 de março sobre o primeiro treino da seleção.

Figura 6 – Folha da Manhã de 22 de abril de 1938, com a chegada dos jogadores brasileiros a São Paulo.

Figura 7 – Folha da Manhã de 23 de abril de 1938, com imagem sobre o treino dos jogadores brasileiros a São Paulo.

Figura 8 – Folha da Manhã de 4 de abril de 1938 sobre o Código disciplinar

Figura 9 – Manchete de capa da *Folha da Manhã* de 6 de junho de 1938.

Figura 10– Editorial da Primeira Página de 6 de junho de 1938.

Figura 11 – Manchete da Primeira Página da *Folha da Manhã* de 15 de junho de 1938.

Figura 12 – Propaganda da Coca Cola na *Folha da Manhã*.

# SUMÁRIO

<b>1 Introdução.....</b>	<b>12</b>
<b>2 Apresentando o plano de jogo.....</b>	<b>16</b>
2.1 A bola que corre – Futebol como interlocutor de identidades.....	16
2.2 É assim que eu sou? – O conceito de identidade.....	20
2.3 “Ah eu sou brasileiro, com muito orgulho com muito amor” – O conceito de nação.....	29
2.4 O que é o Brasil – O pensamento social ao longo da História brasileira.....	35
<b>3 E é mesmo isso que discutimos? Futebol nas lentes das Humanidades.....</b>	<b>56</b>
3.1 A produção das Humanidades sobre futebol.....	56
3.2 Os jogadores das Humanidades – uma crítica sobre a produção das Humanidades e o futebol.....	63
3.3 Estilo Nacional – a arte de ter arte na bola, com a mestiçagem.....	77
<b>4 O navio que partiu brasil e retornou Brasil.....</b>	<b>86</b>
4.1 Um admirável velho mundo novo: A Copa de 1938 e suas fontes .....	86
4.2 Preparação em campo – as notícias sobre a seleção Brasileira em formação .....	94
4.3 Chegou a hora de partir – Preparativosrumo à Copa do Mundo.....	117
4.4 Fogos de artifício – estreia contra os poloneses, batalha contra os tchecos e pênalti contra os italianos, sorriso contra suecos; a cobertura d a Copa .....	128
<b>5 Copa de 1950, saga eterna do silêncio ensurdecedor.....</b>	<b>138</b>
5.1 Porque novas feridas não estancam velhas chagas – o impacto da derrota de 1950 diante do insucesso de 2014 .....	138
5.2 “Bota o retrato de Velho de novo no lugar” – A Modernidade em disputa .....	142
5.3 Uma Copa bem menos do Mundo – A dimensão da edição de 1950.....	148
5.4 Cimento, areia, rádio e crônicas – Construindo a imagem da derrota de 1950 .....	153
5.5 Tarantela e bola – o futebol reafirmando diferenças identitárias.....	163
5.6 Marretas e tratores – desconstruindo a imagem mítica da seleção e do “Futebol Arte”	165
<b>6 Considerações Finais.....</b>	<b>176</b>
<b>Referências.....</b>	<b>179</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do século XX, o futebol transformou-se numa das principais imagens identitárias do Brasil, ressoando em discursos da mídia e do pensamento social. Intelectuais de relevância como Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues e Roberto DaMatta escreveram sobre o futebol, cada qual ao seu modo e criando discursos de pertencimento e de legitimidade em torno do esporte. Óbvio que essas construções não estão alheias às tensões do cotidiano social e das disputas culturais por protagonismos. Esse conflito múltiplo e constante é que denota a riqueza das discussões sobre o futebol para além de conversas cotidianas, de vínculos clubísticos e de resultados do último dia. Nos últimos trinta anos uma robusta literatura de Humanidades sobre o futebol possibilitou que “jogar bola” pudesse ser pensando em termos sociológicos, literários, históricos e antropológicos. Muitas dessas discussões, em tom transdisciplinar, são parte da constituição da Educação Física brasileira, o que explica essa pesquisa desenvolvida na FEF/UNICAMP.

Minha proximidade com o esporte, como atleta escolar, espectador e depois como parte do movimento de desenvolvimento do esporte universitário na UNICAMP, aproximou-me da temática esportiva e fez, por meio do futebol, refletir sobre uma inquietação acadêmica já presente em minha iniciação científica sobre emancipação dos escravos, ainda na História: como o Brasil formou-se uma nação e por quais meandros são construídas as relações sociais neste país. Analisar o futebol pelas aproximações entre a história e a sociologia poderia contribuir na reflexão dessa inquietação. Para Nobert Elias a linha divisória entre a sociologia e a história é muito tênue, recorreremos às fontes históricas para compreender a construção da identidade brasileira através do futebol, no passado e seus desencadeamentos no presente.

Assim, como é construída uma imagem histórica e social sobre o futebol: um discurso unívoco ou uma fala que tem porosidades e espaços para possibilidades não hegemônicas? Acreditar que existe apenas um futebol brasileiro, que dê conta de todas as representações do esporte é incipiente e até mesmo inocente. Uma localidade que tem representações múltiplas, como é o caso do Brasil, terá apreensões diversas de uma prática corporal, até mesmo com tensões internas. O que pretendemos refletir é como o futebol é um discurso horizontal, com tensões e com conflitos e que precisa ser pensado em termos simbólicos e históricos.

Nosso objetivo concentra-se em perceber essa multiplicidade através de determinados artefatos sociais que apagam percepções, na dada medida em que constroem outros. A imprensa não especializada, como é o caso da *Folha da Manhã* e da *Folha da Noite*, jornais paulistas por geografia e por engajamento tem representações distintas, construindo-se a nação com caleidoscópios diferentes.

O caminho que escolhemos partiu da análise de dois conceitos complexos, possíveis de visões contraditórias e diversas, mas que são fundamentais, pois se queremos compreender o alcance da identidade nacional brasileira por meio do futebol, temos, antes, que nos embasarmos em que ideia de identidade e de nação tem-se no horizonte. É este o percurso da primeira metade do capítulo inicial, marcando posição de que não se deve pensar a identidade em termos fechados e únicos, mas em constante remodelação e múltiplos, aproximando-se dos *Cultural Studies* de Stuart Hall. Para a ideia de nação também nos afastamos de um modelo totalizante e naturalizado, próprio dos nacionalistas que tendem a achar que sua nação – a melhor de todas – existe desde os tempos imemoriais e para todo o sempre. Preferimos conversar com a ideia de “Comunidades Imaginadas” de Benedict Anderson, afirmando a nação como uma construção discursiva e histórica.

Constituído pelo alicerce desses dois conceitos, a segunda metade do primeiro capítulo refez o caminho do pensamento social sobre o Brasil, buscando as imagens mais recorrentes de nossa historiografia e demonstrando que pensar este país como uma nação é um esforço recente, próprio do século XIX e XX e que precisou silenciar diversidades regionais, eleger fatos históricos comuns e ressignificar narrativas pretéritas a fim de emergir uma imagem relativamente coesa de nação. Nesse ínterim um tema pareceu ser recorrente e central: a mestiçagem. Vista desde os relatos de viajantes no Brasil Colônia e que ganhou brasas ardentes com o embate entre uma visão pessimista que acusava a mestiçagem como chave para o fracasso e outra, quase utópica, que viu na mesma mestiçagem razão maior de possíveis sucessos. Essas interpretações conflitantes e, ainda assim complementares, ajudaram a compreender a formação do Brasil e do futebol no país.

Tendo esse diálogo com o pensamento social brasileiro, o segundo capítulo deste trabalho, buscou analisar a literatura sobre o futebol nas Humanidades de maneira crítica e refletindo sobre mitos construídos sobre o esporte. A contestação de um marco zero, de um ídolo das origens é o abre alas para um enredo que não deixou de lado a complicada visão de democracia e ascensão social na qual o futebol foi envolvido e que desconsidera

litígios nada tênues. Se a identidade não é única, o futebol também não é uma imagem pura, têm vertentes e modos de interação que vão para além do alto rendimento. Além disso, não pudemos desconsiderar que a ideia de que existe um estilo nacional de jogar futebol é muito mais um discurso que buscou legitimar determinadas práticas e histórias sobre o que é ser brasileiro do que propriamente um estilo de jogo vivido para além do tempo e do esporte.

No terceiro capítulo, recorreu-se aos dois meses anteriores e ao período de realização da Copa de 1938 pelos jornais *A Folha da Manhã* e *A Folha da Noite*. Um período ditatorial em que o peso para a construção da identidade nacional esteve muito presente, e que teve no futebol um palco promissor. A seleção que foi para a França reuniu os principais jogadores dos principais clubes brasileiros e venceu o bairrismo entre Rio de Janeiro e São Paulo. Criou-se nos gramados franceses a ideia de um estilo nacional de jogar futebol, vistoso e baseado na velocidade e na condução de bola.

No quarto capítulo analisamos a Copa de 1950 através dos mesmos dois jornais paulistas, *A Folha da Manhã* e *A Folha da Noite*. Pensar nos jornais de São Paulo é abrir uma janela interessante para pensar o futebol para além dos limites do Rio de Janeiro e contemplar outro centro importante de prática e de vivência do esporte no Brasil. Assim a leitura dos dois meses que antecede à Copa e o mês de realização do evento. A leitura dessas fontes primárias foi acompanhada pela literatura acadêmica sobre futebol e os livros de memórias que buscaram compreender as razões para aquela que foi, até 2014, considerada a maior derrota da história do futebol brasileiro.



## 2 APRESENTANDO O PLANO DE JOGO

### 2.1 A bola que corre – Futebol como interlocutor de identidades

E a bola corre serenamente entre o chão de lama e os pés descalços. Os gomos alvinegros de outrora esqueceram sua brancura racional e estão manchados, mas não maculados. O balé sagrado, feito por jogadas certeiras que entortam duras cinturas, é cintilante. Boquiabertos, contemplam a plástica do garoto que dribla chama a todos para o grande concerto em que será o solista principal. A corrida faz com que os seus olhos de menino brilhem, emoldurados por um sorriso fácil, que após o gol, apresenta-se com o total júbilo. Enfim, depois de tantas brincadeiras, senta-se no meio fio com os colegas e conversa: lembra-se dos lindos lances e caçoa das manobras corporais mal executadas. Ninguém precisou ensiná-lo a fazer aquela arte; ela está nos seus genes. Genética de um povo “nascido para jogar futebol”.

Essa bucólica imagem descrita com a certeza poética e os estereótipos duvidosos bem poderia estampar os jornais na sessão de crônicas esportivas, demonstrando algumas das características que foram construídas através do tempo – e de variados discursos – definindo um estilo brasileiro de jogar futebol. A pretensa democracia da rua sem asfalto, a pueril alegria e a emoção inerentes a se jogar, a ginga mágica sobrenatural, o repertório motor de dribles e contorcionismos, a mistura que rompe com a racionalidade e o domínio masculino. Poderíamos retirar a bola do parágrafo anterior, colocar plumas e paetês, cavaquinhos e tamborins e tantas outras referências materiais, e ainda assim, muitas dessas características estariam inabaladas, saciando a ávida busca por definir a brasilidade. O futebol, assim como o carnaval e o samba, são exemplos vivos do que se escolheu como paramento identitário nacional no Brasil, arregimentando adjetivos e substantivos relativos à inventividade, à emotividade, à malandragem, à alegria e ao individualismo. Todos embalados pela incoerência do subdesenvolvimento de ideias que nem sempre estão no lugar, mas que teimam em ser viris e masculinas.

Seria complicado e até mesmo enfadonho tentar achar as origens dessas construções, pois qualquer marco zero incidiria naquilo que sabiamente Marc Bloch definiu como “ídolo das origens”<sup>1</sup> e que, em geral, pouco ajuda em qualquer esforço de análise ou interpretação. Valeria como curiosidade, mas não tem espaço na teoria e na metodologia das Humanidades neste século. Sob o soturno risco de ser mero almanaque

---

<sup>1</sup> BLOCH, Marc. *O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

anacrônico, mais do que achar o marco inicial e nele erguer obelisco, tem-se que vislumbrar como muitas dessas construções são históricas: ao mesmo tempo que incidiram sobre o futebol, foram por ele reconstruídas.

Assim, prestando todo o merecido respeito aos cronistas esportivos – tanto como fontes históricas, como literatura – cabe sair da Canaã de mulatismos proto democráticos e questionar como a identidade nacional do Brasil foi construída ao longo do século XX por meio do futebol, em especial pelos momentos de destaque do selecionado brasileiro nas Copas do Mundo FIFA de futebol masculino. Aqui, foram escolhidos dois dos campeonatos mundiais que de alguma forma sintetizam a construção identitária por meio do futebol. O primeiro evidencia o sucesso de um futebol baseado na mestiçagem. No entanto, o começo dessa viagem pela identidade nacional e o futebol pode começar por uma “banalidade” do cotidiano: o uniforme do time nacional.

A transnacional estadunidense de materiais esportivos Nike fez coro ao discurso de brasilidade intrínseca, galgada na bola que corre mais que homens e mulheres. Em 2006 – ano de Copa do Mundo de futebol e com o selecionado nacional colecionando bons resultados na Copa América de 2004 e na Copa das Confederações de 2005 – o modelo de uniforme lançado para a seleção masculina de futebol possuía a singela e contundente inscrição: “‘Nascido para jogar futebol’ e mangas com ondulações verdes inspiradas nos famosos desenhos do calçadão da praia de Copacabana (...)”<sup>2</sup>. A nova estratégia de marketing da empresa corroborou com místicas identitárias que são caras ao Brasil: cenário paradisíaco e predestinação futebolística.

Nascer para jogar futebol é dizer que esse esporte é algo naturalizado a todo e qualquer brasileiro – e nas horas vagas às brasileiras – sem que seja necessário qualquer remendo técnico-científico. Rompe com tempo e com espaço, tornando-se onipresente e perpétuo. Imagens que mostram uma suntuosidade nas paisagens brasileiras são lugares comuns na construção do que é o Brasil não só para o exterior, como internamente. Falar do calçadão da “Princesinha do Mar” é falar de praia, de idílica pintura do que é beleza natural. Esse tipo de canto adocicado já estava presente nos cronistas dos séculos XVI a XVIII, em suas viagens e apreciações sobre a colônia portuguesa na América. O próprio Caminha, obscuro até 1871, fez questão de relatar a D Manuel I, o Venturoso, a beleza das terras de Além Mar. Ou seja, sedimentou-se que falar do Brasil é falar de um lugar

---

<sup>2</sup> Disponível em <http://esporte.uol.com.br/ultimas/efe/2006/02/13/ult1777u40804.htm>. Acesso em 06 de setembro de 2013.

paradisíaco, como se em outros lugares do Globo também não existissem grandes paisagens a se admirar, ainda mais com incipiente atuação humana.

Em que pese a representação das cores verde e amarelo – próprias da casa de Bragança – receberam após o golpe da República, a inspiração para as mangas, com um padrão de desenho distinto, não se justifica pela escolha do desenhista, por uma concepção artística ou mera ousadia. Ela somente se torna legítima porque resgata um dos “cartões postais brasileiros”, lugar recorrente nas imagens de divulgação do país: Copacabana. Como se o Brasil não fosse muito além dos morros da Guanabara, os pontos turísticos do Rio de Janeiro – alçados à condição de Olimpo tropical – apareceram como bastião simbólico do país. Uma escrita em imagens que remete à festividade, à alegria e às belezas naturais.

Não se deve perder de vista que o uniforme anterior foi recebido com desconfiança, pois “desafiava a tradição”<sup>3</sup> com o escudo da Confederação Brasileira de Futebol centralizado, maiores detalhes em verde, número envolto em contorno circular também verde e semelhante aos uniformes de outros selecionados nacionais, como México, Holanda e Portugal. Para legitimar o uniforme em 2006, buscou-se a inspiração em Copacabana, numa pesquisa de opinião e na análise do histórico das camisas da seleção brasileira. Já em 2004, foi “uma escolha da equipe de *design* da empresa na Europa”<sup>4</sup> e vilipendiou a tradição, resultando em severas críticas. Num país conservador, “tradições” têm que permanecer intactas.

Mais adiante voltaremos a analisar as construções miríficas em torno da Tradição – senhora jovem e ainda assim maquiada para ser anciã –, mas por hora, é sintomático como a história, o povo e o singular cercam a seleção brasileira de futebol masculino<sup>5</sup>. O amarelo canário e azul do manto mariano não poderiam ser desenhados nas mesmas linhas que cores menos vitoriosas, de locais que não possuem uma “História” no futebol – como se apenas vitórias fossem dignas de ser História. Uma ideia de sacralidade e que, se a poesia fosse parnasiana e não concretista, bem poderia caber uma invenção de hino apenas para o uniforme da seleção brasileira de futebol.

Não havendo possibilidade de rimas e métricas sonoras, cabe um último e fundamental comentário sobre o uniforme de 2006. A Nike, detectando a ideia de que o

---

<sup>3</sup> Folha de São Paulo de 13/2/2004.

<sup>4</sup> Folha de São Paulo de 13/2/2004.

<sup>5</sup> Daqui em diante quando falarmos em seleção será a masculina de futebol. Interessante porque no futebol quando se fala em seleção, sem qualquer outro adjetivo, sabe-se que se trata do time masculino, como se o time feminino fosse inexistente.

consumidor de futebol tem um vínculo intenso com seu clube ou seleção, baseado na especialidade e singularidade, estampou frases de efeito nas golas dos seus patrocinados, como no caso do Barcelona F.C. em que a história de resistência ao franquismo e de pertencimento à Catalunha foi sintetizada por “*Més que um club*”<sup>6</sup>. “*Nascido para jogar Futebol*” é emblemático de um conceito de identidade forjado por essências fechadas e acabadas em que se nasce brasileiro – ou brasileira também, em raros casos, já que a lógica masculina teima em não ser anacrônica –, com adjetivos pré-definidos e sem espaço para mudanças ou resistências. Toda a ideia de identidade nacional brasileira como construção histórica, social e cultural, ficando apenas uma sólida certeza que, ironicamente, está pronta a desmanchar no ar. Em outras palavras, essa assertiva cria uma dupla filiação: bastaria nascer no território – aceitá-lo – para ser parte do Estado-nação Brasil, bem como não jogar futebol praticamente excluiria o sujeito desse espaço. Vinculações parecidas, tendo no esporte uma de suas bases, não são, na contemporaneidade, exclusividade brasileira.

O que chama atenção é que essa singela – mas emblemática análise – pode ser encontrada na reflexão sobre várias falas que buscam, por meio de chavões, suturar uma identidade nacional a partir do futebol. Elementos que a *intelligentsia* brasileira formulou ao longo dos últimos 150 anos para explicar as mazelas e as suntuosidades estruturais do país juntaram-se às frases de efeito da mídia local, formulando a imagem de futebol nacional diante de parâmetros criados para outras análises sociais nem sempre propícios ao campo esportivo<sup>7</sup>. Injetados no esporte, esses parâmetros dão vida a novas máximas que servem aos constituidores do que é ser brasileiro. Sem deixar de lado patriarcalismos cotidianos. A questão não é se as paixões guiam a nau capitânia do futebol, mas perceber diálogos sociais presentes na construção desse esporte no Brasil.

O incomodo não reside, portanto, se a Nike ouviu “a história e a tradição” do futebol brasileiro ou se deixou nas mãos de técnicos do *design* a confecção dos uniformes da seleção masculina de futebol do Brasil, mas sim em como está posto um discurso associativo entre o futebol e o ser brasileiro. Natural, impávido e colossal, o futebol no Brasil é por vezes tratado como um dom, essencial e que estaria disponível a qualquer um desde que se enquadrasse em categorias próprias de plasticidade, de masculinidade, de

---

<sup>6</sup> Mais que um clube, na tradução literal para o português.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. **Como é possível ser esportivo?** IN: \_\_\_\_\_ *Questões de Sociologia*, Lisboa: Fim de Século, 2003.

alegria, de superação e de improviso. Como uma forma de resistência à modernidade do centro do capitalismo, o futebol é uma linguagem comum aos rincões metropolitanos e aos sertões rústicos, um definidor que, no entanto, merece o questionamento: a identidade, poder ser de fato, pensada em termos tão estáticos e essenciais, como armadura forjada ao corpo e imutável?

Responder a esse questionamento é fundamental para pensar a relação entre o futebol e o pensamento de identidade nacional no Brasil. Tem-se que perceber como o conceito de identidade está posto hoje nas humanidades e, tendo como alicerce tais conceitos, discutir em que grau o esporte se aproxima ou se afasta das formulações identitárias. Em seguida, pensar como a ideia de Brasil – enquanto exemplo de conceito nacionalista e também como história própria – foi e está sendo construídos ao longo dos últimos dois séculos.

## 2.2 É assim que eu sou? – O conceito de identidade

Uma trilha que comece nas primeiras fagulhas do Iluminismo e chegue até o furta cor dos neons da modernidade tardia<sup>8</sup>, calçado com os ladrilhos do que já foi produzido sobre o conceito de identidade é uma insólita mistura de Sísifo<sup>9</sup> e Prometeu<sup>10</sup>. Levaríamos as pedras montanha acima, mas chegando ao topo o destino conduziria a discussão ladeira abaixo: sempre haveria algo novo a dizer. E no desespero da queda, abutres ferrenhos vindos da antropologia, da filosofia, da história, da psicologia ou da sociologia consumiriam o ladrilhador. Portanto, em vez de ventos e ventanias que nos leve sem destino, a tragédia grega deve dar lugar ao *Cultural Studies* ingleses, na figura central de Stuart Hall<sup>11</sup>.

No século XVIII – o século de algumas das principais obras do Iluminismo –, o sujeito moderno, criado sob a égide das reflexões de René Descartes e John Locke, buscou

---

<sup>8</sup> GIDDENS, Anthony. *Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 2002.

<sup>9</sup> Mito grego segundo o rei Sísifo era considerado o mais astuto dos mortais e por afrontar os deuses, quando morreu de velhice recebeu a punição de carregar por toda eternidade, uma grande pedra de mármore com suas mãos até o cume de uma montanha; toda vez que ele estava quase alcançando o topo, a pedra rolava novamente montanha abaixo até o ponto de partida, obrigando a reiniciar o trabalho de modo perpétuo.

<sup>10</sup> Mito grego do titã Prometeu que ousou roubar o fogo dos deuses e compartilhar com os seres humanos. Como punição, Zeus acorrentou-o a um monte no qual abutres devoravam seus órgãos viscerais. À noite os órgãos eram regenerados para novamente, no dia seguinte, serem devorados.

<sup>11</sup> HALL, Stuart *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

romper com um mundo estamental<sup>12</sup> que vigorava na Europa Ocidental desde o processo de construção da “Idade Média”. Com a descentralização do poder, em meio a uma economia de base rural e sob o monopólio do conhecimento escrito da Igreja, a possibilidade de uma identidade individual era escassa. Pensava-se em termos de uma coletividade verticalizada, em que o nascimento em dado estrato definia o restante da vida dentro da pequena comunidade. Seria pouco provável que a identificação fosse dada para além de um espectro de vila, de profissão ou de família estendida. Como amálgama, no máximo, havia um pertencimento como súdito ou como devoto. Perceber-se como indivíduo nesse cenário seria anacronismo<sup>13</sup>.

O sujeito moderno, forjado na ascensão do capitalismo e no processo de construção das monarquias centralizadas, ganhou autonomia. Com a mão direita empunhando a lança da Razão, o súdito dava lugar ao cidadão – portanto dotado de direitos e de deveres – e a percepção de coletividade ruía diante do indivíduo soberano que poderia guiar seu destino despido de amarras estruturais e tradições arcaicas. Os ganhos que a burguesia experimentara desde o século XIII, com a exploração das feiras e das rotas de comércio e mais adiante, no século XVI, com os comércios coloniais, atingiu um novo patamar. Mais do que uma aliança com a Coroa, podia-se galgar um lugar ao sol, construindo uma nova concepção de ser humano: aquele que por seus méritos e longe das crendices da noite na floresta poderia chegar a lugares “nunca de antes navegados”. Agora seria “Eu”, não mais “Nós” o regente da vida social.

Evidente, há um limitante nesse sujeito. Por mais que a lança da Razão estivesse firmada, seu posicionamento era frágil. O sujeito soberano é também a caixa pronta e fechada. Se o nascimento não sentenciava mais, como antes do século XVIII, a coletividade a que estaria atado, a imposição de uma essência monocromática maculava possibilidades concretas de diversidade. Recorrendo a Raymond Williams, Hall<sup>14</sup> afirma que o sujeito moderno seria moldado dentro da indivisibilidade, portanto não importaria em que relação estivesse inserido, continuaria a ter seus mesmos significantes. Provido da certeza, não haveria espaço para fragmentações e mobilidades. Imprimia-se uma essência definidora, um rótulo que pretensiosamente pensava-se em termos de totalidade e de estabilidade. Um rótulo inquebrável e que transformaria qualquer característica construída historicamente em elemento natural. Nascia-se “homem” e, portanto no brado

---

<sup>12</sup> Organização social baseada em estados condizentes ao nascimento e com certo imobilismo.

<sup>13</sup> HALL, *op. cit.* p. 17-18.

<sup>14</sup> HALL, *op. cit.* p. 20-21.

varonil, pronto à liderança, à racionalidade, à vida pública e a encontrar uma cômpute que lhe proovesse filhos, fosse subalterna, mãe, amante e doce. Uma bela história de amor, devendo em animais falantes e coloridos, mas perfeita na moldura da nova comunidade que se criava. Uma das maiores essências seria, juntamente com o gênero ou a classe, a nação. Esse invento inédito que tomou de assalto à comunidade religiosa e, que por vezes valendo-se da cidadania, fez dos devotos, patriotas<sup>15</sup>. Mais à frente, vale a reflexão cuidadosa do surgimento de nação, contudo, no momento, fosse pelo viés alemão ou pelo viés francês<sup>16</sup> a partir do final do século XVIII, a identidade nacional parecia algo pronto, definidor do sujeito. O adjetivo pátrio bastaria para plena definição.

Mas qualquer essência, qualquer traço que se desenhe como dogma natural é soturno. Aqueles que não se enquadram nos compartimentos estéreis e prontos viram anomalias e que como tais passam a ser combatidas e por vezes exterminadas. O que dizer de uma população que não se encaixa na dualidade, de sexo feminino e de masculino? Ou então o que fazer com comunidades nômades que não se resumem a adjetivos pátrios? Mais ainda, como lidar com centenas que assumem determinada posição identitária diante do mundo do trabalho, mas tem outras roupagens para usar diante de demandas familiares, políticas ou lúdicas? Quando a demanda era mostrar uma atuação do sujeito, quando era preciso romper com o pensamento estamental embebido em doses religiosas de suplício e anuência, a bandeira de uma identidade fechada e pronta por ser fruto da razão era perfeitamente possível. Quando os referenciais são outros, quando as amarras a serem vencidas deixam de ser um feudo e passam a ser a fábrica, continuar com o pensamento de outrora é tragicamente débil.

Hall ainda aponta, em meio às aflições do capitalismo oitocentista, uma nova abordagem, a do sujeito sociológico<sup>17</sup>. Abalado pelas novas abordagens das incipientes ciências sociais, a certeza do sujeito completamente centrado e feito desmorona-se com o vagar do *flâneur* de Charles Baudelaire; envolto na turba sem face dos romances realistas do final do XIX, o sujeito é posto como fruto de pressões estruturais, um filho pródigo do sistema que engole, pela maquinaria, o ser humano. Há um indivíduo com

---

<sup>15</sup> ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras. p.35-47.

<sup>16</sup> O “modelo francês” estaria baseado no Iluminismo e na Revolução Francesa, tendo no texto *O que é uma nação?* de Auguste Renan um alicerce teórico. A nação dar-se-ia por meio de um contrato cívico-territorial, na vontade política, na sociedade civil e em dados Pensa-se em termos de liberdade e individualismo.

Já o “modelo alemão” teria como fundamentação teórica o *Discurso à nação alemão (1807-1808)* de Johann Gottlieb Fichte. O Romantismo alemão seria fundamental na elaboração de uma nação étnica e genealógica, vinculada à Natureza orgânica, ao cultural, à comunidade e aos povos dos ancestrais. Os critérios convergiriam para um maior objetivismo e um determinismo de tradições enraizadas no passado.

<sup>17</sup> HALL, *op. cit.* p. 22

maiores possibilidades de ação, menos sereno e estável, só que ainda assim, aleijado em sua autonomia, ele não está descolado de relações macrossociais. Pelo contrário, o sujeito sociológico seria posicionado, justamente, pela síntese das relações sociais em que está inserido, sendo sua individualidade suplantada e esquecida numa prateleira velha de quinquilharias. A identidade desse “novo” indivíduo estabilizar-se-ia não na certeza do “eu” racional, mas nas relações entre as estruturas sociais.

Essa visão sociológica foi própria da concepção interacionista e dominou boa parte dos estudos das ciências sociais na primeira metade do século XX. Os debates internos da sociologia e da antropologia continuaram a refletir sobre como o indivíduo seria constituído: se por escolhas próprias de uma ação individual ou se estariam sob a influência das grandes estruturas sociais. A dicotomia perdeu fôlego quando autores como Pierre Bourdieu, Marshall Shalins e Anthony Giddens<sup>18</sup> propuseram que a ação individual e a estrutura social passassem a ser vistas como um conjunto e não como antagonistas. Essa nova visão para as ciências sociais fez, ao longo dos anos, o modelo do sujeito sociológico também ser limitado como explicação, ainda que tenha contribuído para romper com os grilhões de um “homem” universal e autônomo da realidade social em que está inserido.

Stuart Hall aponta cinco contribuições decisivas para formar o sujeito pós-moderno<sup>a</sup> partir da segunda metade do século XX. A nova leitura marxista de Louis Althusser questionando o indivíduo autônomo; a psicanálise lida por Jacques Lacan colocando em xeque a racionalidade que tudo explica; os giros linguísticos de Ferdinand de Saussure demonstrando que nenhuma palavra é dotada de significado natural; a concepção da microfísica do poder de Michel Foucault e os novos movimentos sociais dos anos de 1960 – com destaque ao feminismo e ao movimento pelos direitos civis aos negros estadunidenses – foram fundamentais na concepção de “sujeito pós-moderno” do estudioso britânico.

A pós modernidade demandava então uma nova concepção de identidade para formular o seu sujeito. Os termos no singular deveriam ser suplantados por plurais, algo mais próximo aos retalhos de uma colcha do que com a uniformidade de um lençol de cetim. E com esses retalhos, sempre solícitos a novos ajustes, a vantagem de ser possível uma miríade de combinações na costura. E a linha a dar forma a essa colcha não teria o

---

<sup>18</sup> ORTNER, Sherry, Uma atualização da teoria da Prática. In M. P. Grossi, C. Eckert e P. H. Fry (orgs) **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas**, Blumenau: Nova Letra, 2007

peso impiedoso das estruturas sociais, nem a poesia libertária do sujeito autônomo. Seguindo os *Cultural Studies* de Hall pensamos a identidade em quatro termos: múltipla, construção histórica e simbólica, relacional e articulada por exclusões<sup>19</sup>.

A multiplicidade não é uma tentativa discursiva de conferir maior complexidade e menor solidez à identidade. Ela tem que ser percebida como um sistema em que o modo de se posicionar nas relações sociais não é definido apenas por uma relação produtiva e mecanicista. Além da possibilidade de divisões baseadas na economia e no trabalho, bases caras ao sistema capitalista, a identidade na segunda metade do século XX é também uma série de escolhas culturais e sociais. Os movimentos de descolonização criaram na periferia do capitalismo uma identidade pós-colonial que ressignificou tradições e línguas, não se curvando ao modelo de explicação de Sistema Colonial ou de Imperialismo. Não seria uma nação, mas uma filiação a laços culturais construídos ao longo da História que denotaria a identidade, tanto sob ótica do colonizado, quanto dos colonizadores. Portanto, ser latino americano é uma possibilidade nova e que não excluiria ser brasileiro, mexicano ou panamenho. Benedict Anderson ainda afirma que nos casos das localidades em que o colonialismo esteve presente, identidades nacionais exerceram um papel fundamental de resistência e de subversão à lógica dominante dos colonizadores.

Desse modo, identidades até então renegadas passam a ser protagonistas. A mulher ganha vida pública. Homem passa a ser Humano. A biologia, senhora tão retilínea, ganha cor quando sexo passa a ser pensado em termos de gênero. Além de latino é possível ser mulher ou gay ou tantas outras combinações que a dicotomia “masculino x feminino” impedia. E mesmo os firmes papéis conferidos a mulheres e a homens passaram por severas mudanças. Ainda que sociedades patriarcais, como a brasileira, teimem em ser retrógradas em matizes rosa e azul, os adjetivos não são mais tão simples e exatos como eram duas ou três gerações atrás. Até o pensamento classicista não se contempla apenas entre operários e burgueses, visto que nas cidades cada vez mais globais, ser proletário não é mais tão evidente. O que dizer de periferias e guetos que passam a ter uma marcação própria de vestir ou de falar? Não estamos mais diante do cenário bicolor das cidades de Gustave Doré<sup>20</sup>.

---

<sup>19</sup>TOMAZ Tadeu SILVA (org). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000

<sup>20</sup> Desenhista francês que ficou notório no final do século XIX ilustrando clássicos como *A Divina Comédia* e que também representou as alterações no espaço urbano diante da industrialização.

Em situação de Diáspora<sup>21</sup>, comunidades de migrantes constroem novos laços de identificação, gerando por vezes um estereótipo hiper-real<sup>22</sup>. Somente com a globalização acelerada das últimas décadas do século passado uma desterritorialização tão grande seria possível, ao mesmo tempo em que elementos tidos como definidores da identidade tornam-se alegorias prontas a serem usadas, lavadas em máquinas modernas, estendidas no varal e reutilizadas com a macies de novos odores. A globalização ainda criaria um efeito paradoxal a partir do final dos anos de 1970: na mesma medida em que símbolos globais são construídos, em especial aqueles que reforçam a hegemonia dos grupos dominantes, e que é possível comer especiarias do Oriente num restaurante do interior paulista, reivindica-se o regionalismo ferrenho do doce caseiro à base de melado de cana, gengibre e farinha de mandioca.

Não há também uma identidade que vença o tempo, que flutue alheia à História. Toda identidade é fruto de uma construção histórica, com suas permanências e suas alterações. As relações construídas ao longo do tempo criam o significado de uma identidade, por meio de símbolos. Por isso, cores, expressões linguísticas, personagens, mitos, rituais, obras artísticas operam criando a ideia de pertencer e de se identificar. E cada um desses símbolos, dentro das suas especificidades, pode e sofre alterações para acomodar novos agentes e demandas sociais. Perceber como essas alterações operam é fundamental para traçar os universais positivos e negativos construídos em torno de qualquer discurso identitário.

Um gritante exemplo é a valorização do trabalho. No mundo de destinos pré-determinados, de propriedades rurais garantindo rendas nobiliárias, trabalhar e suar seriam ultrajes; melhor a palidez que permitisse a visualização das veias por onde corria o sangue azul. O ócio, os dias de comodidade e deleite eram a regra. Mas no mundo da meritocracia feroz, trabalhar é o positivo. Aquela ou aquele que estiver desocupado, que não sentir o cansaço no corpo e na alma é um doente inapto. Vê-se, portanto que sendo uma construção histórica, é possível reformas e revoluções para determinados valores ao longo do tempo. A falta de estabilidade é fundamental ao eliminar a essência que poderia ser atribuída a uma identidade. Não se nasce com uma identidade pronta – étnica, classicista, de gênero, política – se vivência identidades e suas acomodações. Nada é

---

<sup>21</sup> HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

<sup>22</sup> RAMOS, Alcida Rita. O índio hiper-real. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* n.28,v.10, pp.5-14, São Paulo, 1995.

natural, ou é posto como imutável e verdadeiro. Pensar assim, atribuindo protagonismo à História torna o conceito de identidade extremamente engajado no combate a determinismos e a conceitos prévios.

O conceito de identidade trazido nesta pesquisa somente terá sentido na esfera das relações. Toda identidade é uma forma de distinção, de colocar-se em destaque diante de outras possibilidades, o que não significa colocar gradação. Ao adotar, para si, o discurso da identidade A sabe que não é da identidade B e começa a traçar características abruptas ou sutis que comprovem tal diferença e se acomodações ocorrerem, também irá operar adequações para manter ou suprimir as distinções. Não há uma identidade em termos absolutos, como também não há identidade que consiga dar conta de todo um universo. Parcial e em relação a outro referencial, esse é um horizonte que não pode ser desconsiderado nas “identidades pós-modernas”.

Caminhando na seara das criações relacionais, a identidade também abarca processos de exclusão. Não é possível que uma única identidade dê conta de todos, aquelas e aqueles que poderiam, na teoria, contemplar. Ela cria uma relação interna, que se aproxima de determinados indivíduos e exclui outros dependendo de que demandas pretende-se alcançar naquele momento. A exclusão pode ser momentânea, reaproximando instantes depois. Quando se identifica caçapavense exclui-se o que se tem de similaridades com o campineiro, mas logo há aproximação quando se pretendem paulistas. Outras exclusões são mais conflituosas. Pouco provável que um latifundiário extremamente letrado possa comungar uma identidade em comum com o lavrador analfabeto que trabalha por salário de subsistência na lavoura. Ou então que um profissional liberal de origem humilde consiga, de pronto, possuir todas as insígnias e se comunique sem qualquer ruído com a aristocracia, de longa data, já estabelecida. Mas em algum momento, quando colocados no patamar de consumidores ou na profícua condição de brasileiros, aproximam-se discretamente.

Vale pensar nessas características para os esportes. Nas localidades com grande difusão de esportes coletivos – no caso do Brasil, o futebol – há uma pretensa identidade baseada no pertencimento clubístico que, para Arlei Damo, funcionaria como um totemismo contemporâneo<sup>23</sup>. O torcedor do time A se filia a uma série de códigos e símbolos que fazem sentido para outros milhares que também compartilham dessa

---

<sup>23</sup> DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., ANPOCS, 2007.

filiação e apenas para esses há sentido pleno. Assim, esse pertencimento exclui participar da devoção ao clube rival B, de quem se nutre antipatias, inclusive por meio de comentários jocosos visando à interiorização ou mesmo sendo indiferente aos seus símbolos. Em última instância, pertencer à A só tem sentido completo quando se nega ser de B. Os dois relacionam-se e mutuamente se constroem.

Identificar-se com o time A é comungar de seus discursos: clube das massas, das elites, “com história”, de superação, de persistência, de vitórias, de emoção, de jogo bonito e de tantas outras possibilidades. A articulação discursiva, que por meio da conjugação de elementos internos – histórias, títulos, jogadores – e externos – crônicas, peças publicitárias, notícias da imprensa – forjam a identidade. Além disso, há um escudo, uniforme, produtos licenciados, cores, bandeiras, cânticos que operam como símbolos do clube. Ainda que pareçam ser aquarelas pintadas desde o início do tempo, todo esse aparato é fruto de construções históricas e constantemente é reinventado mesmo quando se defende numa estabilidade dogmática. Não há instabilidade que vença Clío<sup>24</sup>.

Mas é possível mais de um clubismo? Sim, desde que os referenciais de um, não entrem em conflito com os de outros, e na medida em que cada vínculo clubístico responda a determinadas demandas sociais. O símbolo do clube A faz sentido no universo do clube B porque os dois estão num cenário de destaque nacional. São clubes que jogam os torneios mais importantes do circuito do futebol espetacularizado<sup>25</sup>. Seus alcances não estão necessariamente vinculados ao espaço da cidade em que tem sede, pelo contrário, possuem torcedores espalhados para além da divisão geográfica. Seus desafios e rivalidades operam no cenário de outros times que também tem essa característica o que inviabiliza ser adepto de dois clubes, como já assinalado. Contudo, se houver um terceiro, o time C que não participa dos campeonatos de primeira grandeza, que não enfrenta em condições de igualdade, times do cenário principal e que se limita à cidade ou à região em que está sediado é possível a multiplicidade.

A multiplicidade reside justamente nessa possibilidade de identificação com mais de um clube, dependendo do referencial. O “time da cidade” convive com o “time do coração” porque cada um traz símbolos de identificação próprios e não concorrentes. Quando torço pelo clube A faço parte de uma grande comunidade, que, no entanto é limitada por determinadas fronteiras nacionais, pois, fosse por uma história localizada,

---

<sup>24</sup> Musa grega que representava a História.

<sup>25</sup> DAMO, *op. cit.* p.37

pelos títulos internacionais conquistados ou mesmo pelo poder financeiro que possui, não tem um alcance global. Já o time C é o que conversa com uma identidade micro, envolta em tradições e localismos. Eu torço pelo clube C porque ele me remete ao cenário bucólico de casa, do lar, de um passado afetivo. O clubismo de C ocorre menos pelos seus resultados e glórias esportivas, mais pela ligação com a cidade; ligação construída por discursos históricos variados. Os clubes locais que não tem tal vínculo, popularmente chamados de “clubes empresa”, falham na criação do clubismo.

Clubes A, B e C encontram-se numa outra esfera de identidade clubística quando comparados ao Selecionado Nacional. Mesmo que a seleção nacional possa ser blindada com uma aura cândida, ela ainda tem elementos clubísticos como cânticos de torcida, memórias de grandes jogos, jogadoras e jogadores emblemáticos e adjetivos identitários. O que a faz pretensamente singular é a possibilidade de contar com um plantel de jogadoras e jogadores que transcende aos limites de atuação profissional cotidiano e que de alguma forma podem ser vislumbrados como os melhores. Além, é claro, sua constituição não é uma livre associação ou um empreendimento privado, mas sim a concomitância político cultural da nação. O clubismo da seleção nacional não é o clubismo do “time de coração” ou do “time da cidade” em que a escolha demanda grandes separações, mas é uma construção pretensamente horizontal e igualitária.

Torcer pelo clube C, pelo clube A e ainda pelo selecionado não é apenas possível, como comum e gritante de como a identidade tem que ser pensada em termos múltiplos e dinâmicos. E ainda seria possível criar uma identidade que foge do local, do intranacional e do nacional: a global. Nas últimas décadas determinados clubes e times esportivos ganharam notoriedade que vai além dos campeonatos que disputam, do público que poderia assistir aos seus jogos e mesmo do próprio esporte. Times da National Basket Association (NBA), da National Football League (NFL), o Anaheim Mighty Ducks<sup>26</sup> de hóquei sobre o gelo e dos filmes dos Estúdios Disney, o New York Yankees do beisebol e os grandes clubes europeus de futebol masculino promovem identidades que transpassam as fronteiras supracitadas, sem, no entanto, destruí-las por completo ou negar a possibilidade de identificação. Um clubismo novo e revelador de identidades pensadas em termos globais.

---

<sup>26</sup> Hoje apenas Ducks, não pertencendo mais a *Walt Disney*.

### 2.3 “Ah eu sou brasileiro, com muito orgulho com muito amor” – O conceito de nação

Ao pensar a identidade fomentada pela seleção brasileira de futebol, há que se refletir o conceito de nação. De pronto, nenhuma nação é atemporal: não existe desde os primórdios, tão pouco chegará ao *Ragnarök*<sup>27</sup>. O que os discursos nacionalistas inflamados pregam é que suas nações podem possuir um início oficial, normalmente vinculado à formação de um Estado Nacional, mas a essência seria anterior, nas brumas do tempo. De certo modo, toda a história anterior à formação da nação seria apenas um prelúdio caminhando certamente aos capítulos principais. Ora, além de reduzir toda a riqueza que uma história não marcada pelas arestas nacionais possui, esse discurso é dramaticamente anacrônico, não só porque a nação não existe enquanto conceito muito antes do século XVIII.

Anderson, de forma muito apropriada, fala que era possível pensar em comunidades religiosas ou mesmo comunidades dinásticas, mas jamais com a ideia contemporânea de nação<sup>28</sup>. Eric Hobsbawm<sup>29</sup> afirma que a palavra nação, entre os séculos XIII e XVII definia coletividades muito mais restritas, sem qualquer correspondência com o Estado Nacional, em muitos casos inexistentes. Igreja e Rei eram os vínculos possíveis em localidades que o deslocamento dos indivíduos não ultrapassava algumas dezenas de quilômetros. E ainda havia o empecilho de que as línguas vernáculas eram apenas faladas e díspares ao longo do território<sup>30</sup>. Alguns exemplos podem ajudar a compreender essa fundamental característica.

Em 1821 nasce o Estado nacional Grécia, uma das primeiras cisões dentro do Império Otomano. O nacionalismo grego precisou resgatar o passado para mostrar-se uma nação e romper com o domínio externo. O conceito de nação do século XIX, forjado nas batalhas da Revolução Grega, logo foi transplantado para o passado e contribuiu para a ideia equivocada que a Grécia Antiga seria uma unidade territorial e que o jugo turco havia apenas colocado em suspensão. Era improvável que a diarquia militar espartana e a democracia escravista ateniense reivindicassem a mesma bandeira; mesma língua e mesmo panteão sim, mas não a mesma nação. E o que dizer de uma historiografia que elegeu os índios como “os primeiros brasileiros”? Se Portugal, Estado unificado e

---

<sup>27</sup> Mito nórdico que conta um conflito final entre divindades, marcando um “fim dos tempos”.

<sup>28</sup> ANDERSON, B. *op. cit.* p. 39-51.

<sup>29</sup> HOBBSAWM, Eric. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

<sup>30</sup> GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismos*. Lisboa: Gradiva, 1993

centralizado no século XIV, ainda possuía dificuldades de separar-se da “Hespaña” é um ultraje encontrar rigor nacional entre tribos tupinambás, guaranis, tapajós e outros.

A nação é uma construção histórica das sociedades industriais e letradas, que por meio de escolhas e de exclusões criaram e delimitaram sua unidade, ideia central da clássica obra de Ernest Gellner<sup>31</sup>. Ainda que não sejam sempre evidentes, as escolhas não neutras ou naturais, respondem aos anseios representativos que a pretensa nação possa ter no momento histórico em que está inserida. Por isso, ainda que teimosamente incompleta e porosa, a História Nacional é decisiva, trazendo referenciais do passado com uma legitimidade científica, empacotada como verdade para os usos do presente. A narrativa histórica, em especial a partir do século XIX, mas também durante o século XX, pinçou momentos que corroborassem com o nascimento da nação e o fortalecimento do Estado.

Heróis pretéritos foram criados para representar os valores pretendidos e acender o pertencimento coletivo na população. Com um caráter quase educativo, sintetizavam o que era ser de uma nacionalidade. E ainda haveria obras visuais retratando esses personagens humanos e outros tantos místicos como virtuosidade, construindo os grandes momentos do passado. Com a tinta do presente, as imagens nacionais estavam sendo construídas. A França revolucionária de Eugène Delacroix é apenas um dos notórios exemplos de quadros retratando batalhas, fatos grandiloquentes ou paisagens bucólicas da nação em sua infância. No Brasil, Pedro Américo e Victor Meireles criaram a imagem da Independência e do Descobrimento, respectivamente. E havia uma literatura ávida por contar o passado nacional ou mesmo trilhar o futuro do presente. Anderson destaca como os romances são fundamentais na criação das comunidades nacionais, em especial, em localidades que foram colônias como o caso das Filipinas sob o comando espanhol<sup>32</sup>.

Hobsbawm acrescenta, que ao longo do século XIX foram os movimentos nacionalistas que criaram as nações<sup>33</sup>. O exemplo anterior do Estado grego também é primoroso para visualizar essa construção. Bem como os movimentos de Unificação Tardia: Bismark e Piemonte criaram, a partir de suas demandas, a nação alemã e a nação italiana. Nas colônias espanholas na América, o *criollos* em seus *cabildos abiertos* criaram nações que nem sempre respeitavam a pretensa unidade territorial das capitânicas e vice-reinos ou possuíam diferenças abrupta das que não poderiam fazer parte da unidade política. A América Portuguesa que apresentou unidade e centralização relativas, em

---

<sup>31</sup> GELLNER, E. *op. cit.*

<sup>32</sup> ANDERSON, *op. cit.* p.71-84.

<sup>33</sup> HOBSBAWM, E. J. *op. cit.* p.13-30.

especial a partir da Chegada da Família Real em 1808, possuía algumas bases burocráticas para a constituição de um Estado, contudo, primeiro fez a ruptura, para depois, construir a nação. Insistir na ideia de que a identificação nacional está pronta é soçobrar numa debilidade abissal, que enxerga as ações sociais como elementos estáticos e atemporais.

A nação é mais um artefato social mutável do que uma origem plena, pronta e perfeita. A própria “consciência nacional” não será desenvolvida da mesma forma em todas as localidades do território pleiteado pela nação, havendo diferenças de acordo com o impacto gerado pelos símbolos escolhidos. Num local em que o ensino oficial possua grande alcance, em que o letramento seja significativo e um escopo de conhecimentos escolares seja recheado com a ideia de unidade haverá muito mais sucesso do que uma planície isolada de nômades versados nos saberes orais tradicionais. Não à toa, os Estados e as nações por eles concebidos são profícuos em criar e afirmar símbolos e até mesmo inventar tradições<sup>34</sup>. O segredo para o sucesso dessas construções é que elas sejam horizontais e atinjam um contingente extremamente heterogêneo.

A abrangência socioeconômica da nação não é garantida justamente por essa heterogeneidade. Constituída sob a dualidade dos grupos dominantes, que ocupavam os postos e fatos privilegiados, e dos subalternos, donos de fatos cotidianos, sem grandes paramentos. Para o grupo dominante, a nação precisava de discursos e símbolos que apontem para o moderno, o distintivo e o refinado. Para o outro polo, o vínculo com uma tradição *folk* possuía mais sentido. Assim, a nação não é uma grande avenida, mas sim um complexo viário que comporta as vias principais e as ruas menores, realçando não a disparidade de ambas, mas sim a harmonia do conjunto arquitetônico formado. Não é causar espanto, portanto, que linguagens visuais, músicas e festividades ganhem espaço como símbolos nacionais, já que são capazes de arregimentar vários interlocutores. Da mesma forma, no final do século XIX e início do século XX, práticas corporais ressignificadas como esporte, passam a compor a miríade de símbolos nacionais.

Não há a imatura intenção, aqui, de construir uma teoria ampla da história da formação dos Estados Nacionais, mas demonstrar que assim como o conceito de identidade, a nação tem que ser pensada em termos simbólicos – artefatos que criam identificação – e discursivos – pronunciamentos que buscam afirmar determinadas ideias – e historicamente forjada, com espaço para disputas que não precisam ser solucionadas.

---

<sup>34</sup> HOBBSAWM, Eric J. & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

Dessa forma autores que buscaram caminhos diversos, como Hobsbawm – buscando as explicações materiais – e Gellner – com suas explicações de base cultural – podem aparecer no mesmo texto, pois as especificidades de suas visões corroboraram para derrubar uma visão naturalizada sobre as nações. Mas é em Anderson que ficará mais evidente como a nação e o futebol, no caso brasileiro, podem aproximar-se.

Mais uma vez recorrendo a *Comunidades Imaginadas* tem-se que as nações são um artefato cultural, forma de narrativa que permite a criação de uma série de códigos que podem ser compartilhados por todos, numa integração horizontalmente interclassista, evoluindo em tempo linear e homogêneo<sup>35</sup>. Mesmo sem conhecer todos aqueles que fazem parte da minha nação – no caso do Brasil 190 milhões – consegue-se ter proximidades intensas, seja pela música, pela culinária, pela história ou por outras referências. Jamais verei todos esses membros da comunidade, morrerei sem sequer olhar para muitos deles, mas ao acionar esses códigos, mesmo que fora do território espacial, poderei estabelecer fraternidade com um desconhecido que também é apropriado desses códigos. Imagina-se constantemente a participação e o pertencimento dentro da comunidade nacional, e no Brasil o futebol é promissor nesse imaginar

Tomando como referencial o selecionado nacional, e sem desconsiderar que o mesmo possa ocorrer nos demais clubismos, é possível afirmar que o futebol, por meio de um sistema de códigos próprio e de uma linguagem que permite aos iniciados leituras e interpretações internas à prática – regras, jargões ou mesmo adjetivos comportamentais – participou da forja de uma Comunidade Imaginada. Poucos são os momentos em que um civismo e um nacionalismo são tão estampados na sociedade brasileira como quando há um jogo importante da seleção – certa pretensão em ser grafada com letra maiúscula, como nome próprio. O verde e o amarelo, cores tão imperiais, tomam as ruas com bandeiras e camisas tremulantes. A vocação de gigante adormecido desperta e os códigos pungentes fazem com que todos se identifiquem como brasileiros, inclusive aqueles que não mais partilham de vivências territoriais. E no momento sublime do jogo, o gol, mesmo sem conhecer todos aqueles que vibram e se emocionam, o pertencente à comunidade Brasil, abrirá um sorriso, sentir-se-á íntimo e até, em deleite, abraçará o colega ao lado, estranho, há um segundo e daqui a quarenta e cinco minutos.

Ainda que se crie ressalvas pela militância que teima em ver apenas ópio nos esportes, é fundamental perceber como o futebol colocou-se como um dos elementos mais

---

<sup>35</sup> ANDERSON, *op. cit.* p.64-74.

intensos na costura de identidade brasileira. Sua difusão por grupos distintos ao longo do território possibilitou uma inteligibilidade que permeia também quem não é afeito ao futebol, o que solucionou em parte o empecilho que é uma “Comunidade Imaginada” florescer onde as suntuosas proporções territoriais e as diferenças de atuação do Estado, desde os tempos coloniais, foram sempre um solo árido. Não seria o caso de pensar que para ser brasileiro – e teimosamente a sociedade patriarcal não vê problemas em figuras identitárias apenas no masculino – precise-se gostar de futebol. Para ser brasileiro é fundamental escolher essa alcunha, o que foi catalisado pelo futebol, não como esporte, mas como linguagem cultural horizontalizada. O futebol, neste trabalho, é um interlocutor sócio cultural.

O processo de apropriação e significação do Brasil foi, ao longo do último século, um espaço fecundo para disputas discursivas em torno da nacionalidade, de seu sucesso e de seu fracasso em meio à gangorra entre Tradição e Modernidade. E o futebol apresentou-se como cenário possível para alguns desses intensos debates intelectuais. Importantes pensadores como Gilberto Freyre, Graciliano Ramos e José Lins do Rego escreveram ou foram utilizados para explicar o estilo nacional de jogar futebol. Criou-se uma relação de retroalimentação em que muitas das explicações utilizadas para refletir o que é a sociedade brasileira vão a campo explicar um esporte que é, por meio de várias operações discursivas, evidenciado para explicar o social de que faz parte. Os mesmos adjetivos que são utilizados para explicar o que é ser brasileiro, com leves adequações, são utilizados na formulação explicativa de um pretense jeito próprio de jogar futebol no Brasil.

Claro, ainda que se ventile que o futebol é chave interpretativa exclusiva do Brasil e que só nas terras brasileiras é que existem tais searas sociais, é retumbante nos países periféricos da América – tratados pelo enviesado termo “países latinos americanos – o constante confronto entre Tradição e Modernidade. O brasão de armas que recorre à lenda asteca sobre a fundação de Tenochtitlan<sup>36</sup> tem a companhia das cores emancipacionistas do Exército das Três Garantias<sup>37</sup>, nos Estado Unidos do México. Nas margens do Prata, o Gaúcho da barbárie de Facundo Quiroga<sup>38</sup> sobrevive junto aos civilizados ingleses e italianos da zona urbana. E o que dizer das linhas suntuosas de Niemeyer ocupadas pelo

---

<sup>36</sup> Antiga capital do Império Asteca, suas ruínas deram origem à Cidade do México.

<sup>37</sup> Um dos grupos que protagonizou, no século XIX, a independência do México.

<sup>38</sup> Personagem do livro do argentino Domingos Faustino Sarmiento *Facundo: Civilización y Barbarie*. Publicado pela primeira vez em 1845, o livro transformou-se num dos clássicos formadores da literatura e do pensamento social argentino, identificando o gaúcho dos pampas como síntese da barbárie.

mato ao canto da boca do matuto Jeca<sup>39</sup>? Mais do que uma disputa entre dois polos totalmente antagônicos, temos uma construção constante de significados, uma invenção e reinvenção de tradições para reafirmar valores e criar vínculos de pertencimento, sejam políticos e sociais, em menor ou maior grau de intencionalidade<sup>40</sup>.

Em síntese pode-se afirmar que a grande “tradição inventada” na “América Latina” é a instabilidade e o mal-estar com o presente, buscando um desenvolvimentismo que conversa com o futuro, mas que não larga as mãos do que foi construído como passado típico e legítimo. Nos meandros dessa tensão forjou-se e ainda se está a se forjar uma identidade nacional que é enfatizada pelo discurso de pertencimento, tentando evidenciar que as ex-colônias na América estão com as veias abertas, sangrando e esqueléticas, em contraposição à Europa colonialista e aos EUA – país e irmão mais velho, respectivamente – que já teriam sua identidade definida. O futebol ajudaria a mostrar essas dores, bem como possibilitaria sustentar em pé de igualdade uma afirmação diante das localidades capitalistas mais desenvolvidas.

Dizer que apenas no Brasil o futebol é fundamental como aparato identitário é pensar e referendar signos estereotipados, e perdendo parte do conflito existente em praticamente todas as localidades daquilo que foram os Impérios Coloniais Ultramarinos. Também seria aristocrático demais induzir ao raciocínio de que os lugares em que o capitalismo é retardatário ser o esporte, e não instituições político jurídicas, fundamentais na constituição identitária. O hóquei sobre o gelo é parte daquilo que se elege como ser um canadense, o beisebol na Costa Atlântica dos EUA, o rúgbi e o críquete nos países de colonização inglesa, as lutas e artes marciais nos países asiáticos ou o próprio futebol na Europa e na África. Onde fosse necessário imaginar comunidades, o esporte poderia e foi utilizado ao longo do século XX.

Não sendo singular ao Brasil, que posto independente há quase dois séculos, ainda é periferia subalterna em muitos aspectos no mundo contemporâneo, têm-se que analisar como o conflito foi construído na outrora América Portuguesa e como, a partir dessas tensões, elementos do cotidiano serviram de amálgama para as plácidas margens da identidade nacional brasileira. É preciso pensar, quem e como se escreveu o Brasil e que concepções ainda podem, mesmo que vulgarizadas, serem encontradas e/ou aproximadas com o futebol.

---

<sup>39</sup> Personagem de Monteiro Lobato que representava uma imagem débil do caipira brasileiro.

<sup>40</sup> HOBBSAWM, E. J. & RANGER, T. *op. cit.* p. 17-20.

## 2.4 O que é o Brasil – O pensamento social ao longo da História brasileira

Respeitando os conceitos de identidade e de nação elaborados nesta pesquisa, passamos a refletir como o pensamento social, nas favelas e nos senados, contribuiu para a construção da “comunidade imaginada” Brasil. O caminho traçado aqui é, por definição, incompleto, pois se trata de uma escolha que privilegia o debate sobre a construção da identidade nacional através das Copas do Mundo de futebol. Sem essa importante ressalva um pecado temeroso poderia surgir: em vez de mostrar as interpretações que ajudaram a constituir a ideia de Brasil ao longo dos séculos XIX e XX e, assim, analisar suas repercussões dentro do futebol, terminar-se-ia por tecer uma mambembe visão analítica de Brasil, pouco valiosa para a produção acadêmica contemporânea e incompatível com o perfil desta pesquisa.

De pronto, peguemos as lanças para findar com um maligno dragão. Ele não está na Lua, mas nas margens do riacho do Ipiranga. Para muitos avisados – mas nem tanto – o Brasil começaria justamente ali, no Grito do regente D. Pedro – em breve Pedro I e morto como Pedro IV<sup>41</sup>. Do ponto de vista historiográfico, a Independência já rendeu trabalhos primorosos, debatendo saborosamente a ótica da ruptura, no caso de Caio Prado Jr., e da continuidade, defendida por Sérgio Buarque de Holanda. Contudo, é o já clássico trabalho de Maria Odila da Silva Dias<sup>42</sup>, no qual a metrópole interioriza-se no Rio de Janeiro Joanino, com a qual flertamos. Dizer que a capital colonial exercia um papel de domínio sobre as demais partes do Brasil, quebra a fantasia de unidade nos rumos da independência. Mesmo com a Família Real e a sede da Monarquia Portuguesa em solo brasileiro, os interesses eram tão diversos e localizados que falar numa Comunidade Brasil seria temerário. Um comerciante carioca, beneficiado com a Abertura dos Portos e os Tratados de 1810 não aspirava à ruptura política com Portugal e gozava de melhor situação do que seus pares no Nordeste.

Quando as Cortes reunidas no Porto, em 1821, exigiram a volta da Família Real à Europa, o status de Reino Unido não foi imediatamente ameaçado, o que fez que os deputados do Brasil se identificassem como portugueses da América e não como

---

<sup>41</sup> Nunca é demais lembrar que o primeiro Imperador do Brasil, herói da Independência e português de nascimento, morreu como rei português após abdicar ao trono brasileiro em 1831.

<sup>42</sup> DIAS, Maria. Odila. Leite da Silva. A Interiorização da Metrópole. In: Carlos Guilherme Mota. (Org.). 1822: *Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972, p. 160-184.

brasileiros. Apenas quando a proposta de revogação do status de autonomia do Brasil surgiu é que se criou um sentimento de pertencimento nacional, muito mais colorido pelo antilusitanismo e o temor de recolonização do que por uma certeza de adjetivo pátrio. Pode soar como delírio, mas o primeiro sentimento nacional foi justamente essa oposição negativa e não um ato afirmativo<sup>43</sup>. Posto que a Independência não fosse resultado das desventuras na estrada de Santos ou de um brado retumbante, seria impossível afirmar que a criação de um Estado independente foi acompanhada do surgimento da nação. Evaldo Cabral de Melo em *A Outra Independência: Federalismo pernambucano de 1817 a 1824*<sup>44</sup> destacou que sequer significou uma percepção compartilhada uniformemente em todo território, tendo o Nordeste, marcos próprios e que evidenciam identificações regionalistas em vez da aurora nacional.

No Segundo Reinado (1840-1889), a partir dos anos de 1850 – superada as fissuras do Período Regencial (1831-1840) – pode-se notar um maior esforço em torno da pretensa unidade. A atuação do Imperador e seu corpo administrativo davam tons de maior integração nacional, em especial com a estrutura criada pela economia cafeeira e o caráter eminentemente centralizador da Constituição de 1824. Mas essas bases materiais ainda eram escassas para que um território de tamanhas proporções pudesse enxergar-se como uma nação inequívoca e unida. Um promissor exemplo de que a centralização não tinha ampla correspondência no cotidiano foi que mesmo limitadas em suas atribuições legais, as Câmaras Municipais desempenharam papel fundamental no exercício do poder nas localidades, conferindo aos mandos burocráticos centrais cores abruptamente regionais. A legislação para a emancipação dos escravos a partir de 1850, em especial a partir da Lei do Ventre Livre e as acomodações escravistas, corrobora para demonstrar como o Brasil ainda era um mosaico de peças disformes, nem sempre aptas ao belo encaixe de uma figura única maior.

A mesma legislação faz perceber o esforço de unidade pretendido. Os deputados escravocratas paulistas defenderam o fim do tráfico interno com o temor de que um país com dois sistemas de trabalho, o “cativo” no sul e o “sem cativos” no norte, romperia as porosas amarras da unidade territorial<sup>45</sup>. Não seria demais pensar, talvez, que a escravidão foi preponderante para a unidade, bem como, para a construção identitária nacional,

---

<sup>43</sup>RIBEIRO, Gladys. Sabino. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.

<sup>44</sup>MELLO, Evaldo Cabral de, *A Outra Independência: Federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004.

<sup>45</sup>MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Entre mãos e anéis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

(re)significando muitas das imagens atribuídas ao ser brasileiro. O golpe de misericórdia para a vitória sobre o dragão do marco zero de Brasil está em vislumbrar que a ideia de uma história nacional comum a todo o país é fruto, em partes, da criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que a partir de 1838, por caminhos tortos, iniciou amplo esforço de escrever a história verdadeira do Brasil, por meio de documentos oficiais escritos, tidos como imagem límpida do passado.

O IHGB produziu pesquisas de geografia física, desbravadoras da majestuosidade da terra, onde os sabiás perdidos cantavam em palmeiras, bem como foi responsável pela primeira geração de livros sobre a História do Brasil. Um dos grandes destaques da época foi a publicação da *História Geral do Brasil* em dois volumes (1854-1857) de Francisco Adolpho Varnhagen. A pesquisa histórica pendia entre o historicismo alemão, dado por vezes como uma das vertentes do romantismo de grande apelo na intelectualidade da época, e a Escola Metódica, com grande influência de nuances positivistas francesas, amante cega dos documentos escritos como espelhos da realidade. O futuro Visconde de Salvador e outros contemporâneos ergueram uma história em que os conflitos foram silenciados, o elemento negro escravizado foi anulado e os índios postos na condição idílica de selvagens. Uma história eurocêntrica, cheia de chavões complicados sobre índole e moral e com teimoso discurso inculto e pernicioso da neutralidade; vigoraria até as primeiras décadas do século XX e por outras tantas décadas nos bancos escolares, construindo a imagem de um país pacífico e de exuberante natureza.

O rigor pela documentação e a ânsia em mostrar um retrato do passado traçado por letras de documentos oficiais ecoou nessas primeiras produções historiográficas. Por isso, diferente do que se criticava no historicismo, a empiria foi fundamental com a busca cada vez maior por documentos de época. A limitação no conceito de documento e hipervalorização dos escritos oficiais e certa ingenuidade de pensar em termos de verdade, não de verossimilhança explicam o passado recheado de boas venturas, com a paz e a serenidade reinando e o silêncio ensurdecido sobre parte significativa da população que viveu no território do Brasil. Mas foi dos cronistas dos séculos XVI, XVII e XVIII que se extraiu a suntuosidade da Natureza do Brasil.

André João Antonil, Fernão Cardim, Gabriel Soares Souza, Jean de Léry e Frei Vicente de Salvador foram alguns dos cronistas que ajudaram na construção da imagem idílica. Os cronistas estavam atentos à distinta fauna e flora daquela terra tão estranha aos olhares do Velho Mundo. Cores, formas e volume de animais e de plantas saltavam aos olhos, o que resultou numa descrição apaixonada e embebida na perplexidade. A beleza

tão presente nos relatos permitiu a ilação de estar ali o Paraíso terrestre desenhado por forças divinas. Desconsideraram-se as dimensões do estranhamento e da xenofilia à Natureza tropical – na qual os índios também foram inseridos, deixando de lado parte da condição de sujeitos a que deveriam pertencer – e adotou-se um discurso de suntuosidade intrínseca. Essa imagem ainda é dogma nos discursos coletivos sobre o Brasil, definindo o espaço natural e o espaço social como sendo os mais belos e encantadores do planeta. Dos cronistas em suas viagens e apontamentos, nasceu um mito positivo da grandiosidade natural inerente ao Brasil e às brasileiras e aos brasileiros. Contudo, há um documento que merece nota particular devido à força que possui na representação nacional.

Na memória coletiva, em muito devido ao enfadonho modo como se ensinou história nas escolas, reverberando nomes e datas suntuosamente vazias, o Brasil nasce em 1500. Na ocasião do 5º Centenário da chegada oficial dos portugueses ao continente americano, expõe-se que o Brasil teria a singularidade de ser o único país com certidão de nascimento. A alusão ao documento de registro civil comunga com a ideia de que há um marco zero, um nascimento. Já foi demonstrado que tal vertente, para a análise aqui proposta, não possui importância maior do que tons monocromáticos desbotados, mas ela é ainda mais complicada. O referido documento que atestaria o nascimento, *A Carta a El-Rei D. Manuel*, de Pêro Vaz de Caminha, foi descoberta, no arquivo da Torre do Tombo apenas em 1773 por José de Seabra da Silva. A primeira publicação no Brasil, pelo padre Manuel Aires de Casal na sua *Corografia Brasílica* é de 1817<sup>46</sup>.

As linhas do escrivão português não poderiam ter repercussão anterior ao século XIX. Seu uso indiscriminado como marco inicial é fruto de uma necessidade metodológica e ideológica de provar a existência do Brasil como unidade e de entoar características que fossem singulares e positivas ao país. Se a Carta não foi lida antes do século XIX no Brasil, sua repercussão posterior é incrível. Como dito, o uso escolar foi fundamental na sedimentação de algumas passagens, sempre apresentadas fora do contexto total da obra, evidenciando as partes em que Caminha admira-se diante da beleza da fauna e da flora, fica perplexo diante da presença dos nativos e profere:

(...)neela ataagora nõ podemos saber que aja ouro nem prata nem nhuïa cou sa de metal nem de fero, nem lho vjmos. / pero a terra em sy he de muito boos aares asy frios e tenperados coma os dantre doiro e mjnho por que neste tenpo dagora asy os achauamos coma os de la. agoas sam

---

<sup>46</sup>Disponível em <http://www.archive.org/stream/dodescobrimto00portrich#page/37/mode/1up>, Acesso em 8 de janeiro de 2014.

muitas infimdas. Em tal maneira he graciosa que querendoa aproueitar darsea neela tudo per bem das agoas que tem. Pero o mjlor fruto que neela se pode fazer me parece que sera saluar esta jemte e esta deue seer a principal semente que vosa alteza em ela deue lamçar(...).<sup>47</sup>

Do auspicioso trecho português quinhentista, relativamente distante da contemporânea Língua Portuguesa, dois pontos são fundamentais. Ainda que a unificação portuguesa date do século XIII, fica evidente que a nação Portugal está em formação na virada do XV para o XVI. Um sentimento de identidade nacional é anacrônico. O próprio pertencimento ocorria não por uma filiação de cidadania, tão caro aos modelos contemporâneos de nação, e sim pela ideia de fidelidade ao monarca. Súditos do rei, não filhos da nação. Então se Portugal estava distante da concepção contemporânea de nação, o que se diria da colônia recém “encontrada”? O segundo ponto, mais interessante da citação, é que se criou uma ideia idílica de Brasil, com suntuosa Natureza, e que a terra, dádiva, floresceria tudo que se plantasse.

O discurso da fertilidade fácil das terras brasileiras foi constantemente ressignificado nos últimos 150 anos, na maioria das vezes com um universal positivo. Esquecendo especificidades climáticas e geológicas, que limitam em muito as terras cultiváveis e as variedades possíveis de cultivo, a ideia da fertilidade sobrenatural saiu da esfera agrícola e invadiu o terreno do discurso social. Como um conto de fadas, qualquer empreendimento estaria apto ao sucesso no Brasil, um prêmio repousando placidamente no colo de cada brasileira ou brasileiro. Em outras palavras, a Carta de Caminha ajudou na construção do mito nacional de que esta é uma terra divina, única e com possibilidades ilimitadas. Um discurso de afirmação, que colocaria a Comunidade Brasil em destaque, mas que também possui uma face casmurra.

No século XIX, além do voraz antilusitanismo e da publicação de documentos históricos inéditos, teorias muito mais datadas e controversas estiveram na ordem do dia. Em algum grau seus desdobramentos ainda vitimam o pensamento social no Brasil, repaginando explicações que bebem o veneno do determinismo climático e geográfico, o racismo adornado como científico e o darwinismo social. Parte do pensamento conservador brasileiro contemporâneo é filhote dessas vertentes oitocentistas, ainda que não tenham consciência plena disso, pensando-se novos e originais. A força dessas ideias explica-se primeiro por sua roupagem totalmente racionalista, alçada à condição de conhecimentos científicos, com testes, fórmulas, números e respostas em gráficos. Em

---

<sup>47</sup> Disponível em <http://digitarq.dgarq.gov.pt/details?id=4185836>, Acesso em 8 de janeiro de 2014.

gráficos, qualquer falácia é mais cristalina e mais fácil de aceitar. Em paralelo, muitas dessas teorias partiam dos olhares europeus e tendo uma intensa admiração dos grupos dominantes brasileiros pelo elemento estrangeiro, elas pareciam de fato muito mais convincentes para responder à pergunta de um milhão: se a terra é tão promissora, como explicar o não desenvolvimento?

Poder-se-ia explicar pela forma de colonização, pela constituição do valor do trabalho e mesmo pela formação do Estado, contudo essas análises parecem não possuir chão no século XIX e nas primeiras décadas do século XX. O Brasil “não deu certo” justamente porque a terra é tão formosa que criou um sentimento inglorio de preguiça e degeneração do trabalho. Se tudo estava tão fácil, dado de presente, “o brasileiro” teria se transformado num sujeito pouco apto ao trabalho, indolente e até mesmo débil. A geração de pensadores de 1870, que tem em Sílvio Romero seu grande nome, foi enfática ao retratar essa fraqueza nacional.

Romero está em sintonia com uma série de pensadores europeus que buscam explicar os subdesenvolvimentos – e a mágica superioridade europeia – através de discursos encobertos com paetês científicos. Nunca é demais lembrar que no Iluminismo e com maior voracidade no século XIX, a Ciência foi alçada à condição sobre-humana, livre de críticas ácidas do misticismo religioso e pretensamente neutra. Parecer a Suíça é que dá tons de veracidade ao discurso científico, possibilitando que pormenores claramente estereotipados e tendenciosos possam ganhar coro. Assim, o determinismo pela raça ou pelo meio ganhou muitos adeptos, que cintilaram ainda mais quando as teorias de Darwin passaram a explicar a sociedade, não mais iguanas ou pinguins em Galápagos.

As colônias ibéricas na América, a Ásia, a África e as ilhas do Pacífico serviram de laboratório para a maioria das ideias eurocêntricas. Ainda no XVIII, Georges-Louis Leclerc, conde de Buffon em sua *História Natural*<sup>48</sup> pretendeu demonstrar que a fauna e a flora da América eram débeis perto do que era possível ver no Velho Mundo. Sua comparação entre a anta e o elefante, demonstrando que o animal americano era uma versão débil da outrora máquina de guerra de Aníbal, é contundente em demonstrar como a comunidade intelectual europeia sobrevalorizava as explicações em que o clima e o meio físico fossem determinantes. Os pensadores brasileiros que usaram desse mote, e pode-se incluir entre eles Euclides da Cunha que ao analisar o sertanejo fez questão de

---

<sup>48</sup> BUFFON, George. *História Natural*. Lisboa: Editora do Autor, 1941.

oferecer tormento ao leitor com uma grande e detalhada descrição do clima e da terra do Nordeste, estão em consonância como uma tradição interpretativa eurocêntrica.

Dante Moreira Leite apontou que não é um ódio ao nacional que norteia Romero, mas sim a busca para solucionar o relativo atraso vivido pelo país<sup>49</sup>. Suas contundentes críticas ao “tipo brasileiro” – sem apresentar proposições de “melhoria” – demonstram uma tentativa peculiar de abarcar difusas ideias europeias. O determinismo do meio e da raça alternam-se como chave interpretativa e, por vezes, até confrontam-se. Nalguns momentos o clima é vislumbrado como vilão, enquanto em outros, é a mestiçagem senhora de maus agouros. Tudo temperado pela paradoxal crítica à faina nacional de imitação do estrangeiro<sup>50</sup>. Mesmo que a junção de ideias pareça levar a um problema interpretativo é possível achar um ponto de coerência para essa visão de Brasil. Diferente do que os pensadores e escritores românticos fizeram, de idealizar uma terra bela e formosa, da vida como mais amores de Gonçalves Dias à Iracema do escravista José de Alencar, Romero inaugura uma visão pessimista do Brasil. Clima e raça surgem como pontos chaves para escrever tudo que não funcionou.

Fica evidente, então, que para essa geração de pensadores e para aqueles que lhes são simpáticos, ser a miscigenação o grande problema do Brasil. As misturas entre negros, brancos e índios significou a fragilidade da raça, da nação. E aqui se encontra a mais nefasta e duradoura herança que o século XIX deixou para as análises sociais de Brasil. Muitos dos problemas da nação estariam sintetizados na miscigenação que falhou e deu origem a uma sub-raça fraca, débil, preguiçosa, viciada e inferior. Ter esse ponto em mente é vital, pois ele foi uma das chaves explicativas para a derrota na Copa de 1950 e sempre surge como arauto para responder as razões dos insucessos no futebol, no vôlei, no atletismo ou em qualquer esporte. Pode parecer excesso, mas é primoroso trazer o que Leite resume como o pensamento de Romero e ver que seus adjetivos ainda são garridos.

“Características psicológicas do brasileiro

1. Apático
2. Sem iniciativa
3. Desanimado
4. Imitação do estrangeiro (na vida intelectual)
5. Abatimento intelectual
6. Irritabilidade
7. Nervosismo
8. Hepatismo
9. Talentos precoces e rápida extenuação

<sup>49</sup> LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1983. p.205-209.

<sup>50</sup> LEITE, *op. cit.* p. 200-205.

10. Facilidade para aprender
11. Superficialidade das faculdades inventivas
12. Desequilibrado
13. Mais apto para queixar-se do que para inventar
14. Mais contemplativo do que pensador
15. Mais lirista, mais amigo de sonhos e palavras retumbantes do que de ideias científicas e demonstradas.

Qualidades da vida intelectual brasileira

1. Sem filosofia, sem ciência, sem poesia impessoal
2. Palavreado de carolice
3. Mística, ridícula do bactério efêmero e fanático
4. Devaneios fúteis da impiedade impertinente e fútil
5. Lirismo subjetivista, mórbido, inconsciente, vaporoso, nulo.”<sup>51</sup>

A leitura desses pontos sínteses encaixa-se muito bem nas análises esportivas e até mesmo sociais em pleno século XXI. Essas singelas definições são tão fáceis de serem utilizadas porque estão envoltas num cínico “discurso ultra relativizado”, em que as derrotas e fracassos demandam universais negativos supremos que demonstrem culpados para a fogueira santa; contudo, podem também, com o uso de antônimos e de adequar sentidos, explicar liricamente os sucessos e as vitórias. De qualquer modo, negar que muitas das definições de Brasil e de brasileiros elaborada por Romero e seus contemporâneos – a dita Geração de 1871 – ainda ecoa, em brado varonil, é impossível. Mesmo que não lido pela maioria significativa de quem reverbera tais máximas – e é comum que se cite o que não se leu para referendar preconceitos coletivos e tacanhos – Romero é autor de cabeceira de pensamentos conservadores. Mas não é o único.

Euclides da Cunha é um dos escritores mais significativos dos primeiros anos republicanos no Brasil, em muito pela grande qualidade literária de sua obra *Os Sertões* (1902). Nela o correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, narra a Guerra de Canudos (1896-1897), ao mesmo tempo em que se propõe analisar amplamente o fenômeno de Antônio Conselheiro e seus seguidores. Essa análise é marcada pelo determinismo, dessa vez, repudiando as “raças inferiores”, como determinados mestiços do litoral e os indígenas, e celebrando o vaqueiro e o paulista como tipos positivos, responsáveis por uma raça valorosa, forjada na aridez do sertão e sem a pressão de ser, diante da civilização, o subalterno. Para Euclides da Cunha seria, inclusive, essa raça autônoma a síntese do nacional e aquilo que poderia originar uma nacionalidade brasileira. Em vez de um branqueamento, uma mestiçagem colorida pela falta de cor da

---

<sup>51</sup> LEITE, *op. cit.* p.209-210.

caatinga, uma contraposição à parte do pensamento de Silvio Romero<sup>52</sup>. Baseando ainda no meio como responsável indelével pela formação social, *Os Sertões* tenta responder às teorias europeias que estigmatizavam a mestiçagem e as populações de além mar. Contudo, cria-se novos estereótipos e novos preconceitos contra as populações não enquadradas nos padrões europeus.

O próprio uso do conceito “raça” é tenebroso, mesmo que condizente com o ambiente intelectual de 1902, denota, como falado anteriormente, uma grande importância aos meios naturais numa formação que é preponderante sociocultural. No mais sentencia como fardo os destinos dos indivíduos pelo simples fato do local de nascimento. Para Leite é possível pensar numa leitura darwinista, em que as raças em disputa seriam como as espécies em adaptação ao longo dos anos, explicando serem os vencedores naturalmente superiores aos derrotados<sup>53</sup>. Ora, se Euclides da Cunha foi feliz em trazer como mote à literatura, figuras subalternas, foi igualmente infeliz, ao armar as figuras dominantes com um arcabouço intelectual em que a meritocracia vilipendiosa, poderia ser lida como espécies mais ou menos adaptada ao meio e, portanto superior em termos biológicos e desconsiderando as especificidades das relações culturais e sociais. Mesmo com tantas ressalvas, a obra do jornalista é complexa e abriu novas possibilidades de análise temática e mesmo metodológica, o que faz com que mesmo depois de 100 anos ainda seja uma leitura fundamental para compreender o pensamento social sobre o Brasil.

Menos gloriosa é a obra de Raimundo Nina Rodrigues. Na virada do século XIX para o século XX anatomista maranhense teve grande repercussão ao analisar a relação entre o negro na Bahia e o Código Penal. Não se pode perder de vista que a anatomia no século XIX – e ainda nos laboratórios retrógrados do século XXI – foi uma “ciência” que contribuiu na construção do racismo, envolvendo-o com o manto sagrado do Discurso Científico. Exames como a craniometria, usando dos ares poéticos de números bem tabelados, justificaram o atraso das populações negras, permitindo, que a Civilização descesse o Rio Nilo sem muitos pudores. E o casamento desse Discurso Científico com o Discurso Legal – historicamente as leis e a Justiça compõe uma parte especialmente imobilista do Estado – legitimou ainda mais o racismo e suas soluções sociais.

Nina Rodrigues ia além da proposta do branqueamento, muito aceita na substituição da mão de obra cativa pela livre. Suas constatações, analisando as práticas

---

<sup>52</sup> LEITE, *op. cit.* p.226-227.

<sup>53</sup> LEITE, *op. cit.* p. 228.

culturais dos negros soteropolitanos foram de total aversão à comunidade não caucasiana, alertando, inclusive, que migrações de negros estadunidenses poderiam levar o Brasil a um estado de maior declínio. Portanto o negro, tal qual o índio, seriam as encarnações do atraso a ser combatido, independente se vindos de outras localidades mais desenvolvidas dentro do sistema capitalista. Uma soturna sombra do pensamento escravocrata que ainda ressoa firmemente nas brincadeiras jocosas de botecos e vestiários pelo Brasil modernizado. Mesmo na academia, pesquisas ditas imparciais teimam em fazer medições e usar da ideia de raça para traçar quais atividades físicas, e, portanto que lazer e que esporte podem ser praticados por cada população. Revestem-se de ciência para tratar como naturais e biológicas distinções que são históricas.

Cabe um último exemplo do que seria o determinismo, usando o pai de Emília. Neto do poderoso Visconde de Tremembé, criado no seio da escravocrata e refinada família vale-paraibana dos finais do século XIX, Monteiro Lobato, escritor controverso e fundamental na literatura brasileira é exemplar em como pensar a terra perfeita e o sujeito indolente. Em *Urupês*, de 1914 criou o Jeca Tatu, caboclo matuto, mas incompatível com a urbanização, carcomido por hábitos sanitários duvidosos e tão preguiçoso. O inconfundível mato ao canto da boca, a casa de barro e o olhar saudosista sentado no banco de palha, resumem um pouco dessa fragilidade do brasileiro. Dante Moreira Leite faz uma importante ressalva sobre Lobato, que, bairrismos a parte, precisa estar aqui também. Nos anos de 1930, mais afeito ao Visconde de Sabugosa do que ao de Tremembé, Lobato revigorou seu pensamento, deixou a análise estereotipada contra o caipira e passou a tentar explicar o atraso brasileiro em termos do atraso industrial. E o Jeca que ficará famoso, não será o do *Urupês* com suas verminoses, mas o de Mazzaropi, com seu jeito humilde que contorna com astúcia os problemas que a vida coloca.

O Império caiu, mas o século XIX ainda respiraria em boa parte do país nas próximas quatro décadas. A Proclamação da República significou ainda excluir boa parte da população por um maligno sistema político que cerceava a participação da população analfabeta, mas que também não dava qualquer atenção às demandas sociais. O monarquista José Murilo de Carvalho entende, inclusive, que no Império a participação eleitoral foi maior do que em determinados momentos republicanos, devido a participação dos analfabetos<sup>54</sup>. Mas fato é que mesmo um contingente maior de pessoas não significou, para o Império ou para a República, maior participação popular, e mesmo unidade

---

<sup>54</sup> CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

política. Com a República, o Brasil não deixou de ser uma colcha de vinte retalhos e de desgovernos regionalizados. Muitas das interpretações nos anos da Primeira República estavam sedimentadas nesse desenho político administrativo.

Houve, em paralelo, o esforço para construir símbolos nacionais. O Hino, a Bandeira e o mito de Tiradentes datam da Primeira República e refletem um esforço de fazer aquele movimento pouco popular, de cafeicultores e militares, ganhar “corações e mentes”. Criaram-se símbolos que poderiam contribuir no processo de identificação, mas no cotidiano ainda era a carestia e a descentralização que reinavam, com os estados tendo poder político mais significativo que o próprio governo central, graças ao modelo federalista adotado. Diante desse cenário de fragmentação, o gaúcho em sua estância tinha mais proximidades com um argentino do que com as casas de palafita no Amazonas e muitas das figuras identitárias construídas sobre a Comunidade Brasil acabam por definir a cidade do Rio de Janeiro e o cotidiano de seus moradores. Samba, carnaval e praia não definiriam os demais rincões de coronéis e voto bico de pena.

Talvez esteja aqui o grande problema de algumas das interpretações do Brasil relativo ao esporte. Em muitos casos não se interpretou mais do que a própria cidade do Rio de Janeiro. É claro que a capital republicana, cidade reformada por Pereira Passos e higienizada por Oswaldo Cruz – e continuamente reformada e higienizada por outros nomes menos célebres – muito poderia dizer dos movimentos políticos e das demandas sociais postas no início do século XX. Até sob o aspecto cultural, a cidade do Rio de Janeiro representou muito das práticas da população brasileira. Mas ainda que seja imensamente e mais significativa do que Caçapava ou Quixeramobim, a capital não é a síntese máxima do Brasil. Portanto, há sempre que se levantar a ressalva de que as análises que cabem ao Rio de Janeiro em especial, quando pensadas para o esporte, não podem ser refletidas por completo para todo o Brasil.

Explicitada essa importante ressalva, um dos autores mais significativos do início do século XX no Brasil é, sem dúvida, Oliveira Viana; e é também um dos autores menos lido, mais criticado e citado no pensamento social brasileiro. Jurista fluminense sua principal obra, *Populações Meridionais do Brasil*, de 1920 está inserida numa geração de pensadores autoritários da Primeira República, forjados pela oposição ao pensamento liberal oligárquico que norteou a Constituição 1891, e que viam problemas como a frouxidão da ordem e o plágio de modelos sociais enlatados do exterior. Ainda nessa contextualização vale frisar que Oliveira Viana foi aluno de Silvio Romero e Euclides da Cunha, portanto é herdeiro de parte do pensamento conservador brasileiro da virada do

século<sup>55</sup>. Além disso, foi leitor de Pierre Guillaume-Frédéric de Le Play, uma de suas maiores referências e de quem a leitura foi fundamental para a elaboração de tipos regionais. Gustave Le Bon com a ideia de alma das raças e caráter nacional e G. Vacher de Lapouge com sua antropologia física, também foram relevantes no universo de leitura<sup>56</sup>.

Resgatar o momento e as leituras de Oliveira Viana é fundamental para se perceber como ainda pensamentos preconceituosos, dotados de estereótipos que referendam as condições de domínio dos grupos de elite está presente com a fantasia de ciência. Parte de suas leituras são obras que impõe a determinação social a partir do meio físico – ou transformam em meio físico naturalizado aquilo que é por definição, sócio cultural. Por isso não é de se estranhar que o mote de Oliveira Viana seja demonstrar tipos sociais distintos, forjados pelo ambiente geográfico que vivem: o sertanejo da caatinga, o matuto das matas e o gaúcho dos pampas. A separação em tipos cristalizou-se no pensamento social de massas do Brasil e quase ditou o sucesso e o fracasso através do ambiente geográfico de origem. Num país em que as extremidades da Rodovia Presidente Dutra parecem engolir as diversidades das demais localidades, Oliveira Viana pode muito bem ser um mestre de cerimônias eficiente.

Mas as grandes críticas residem em como seu pensamento pode ser utilizado por setores autoritários. Dante Moreira Leite é ácido e ríspido em apontar incoerências na construção dos argumentos do trabalho de Oliveira Viana, bem como uma pobreza de documentação, sendo que esses pecados capitais não levam aos círculos mais baixos do Inferno, justamente porque políticas e pensamentos como o fascismo e o integralismo tinham trânsito no Brasil dos anos de 1930<sup>57</sup>. Ideias como a de que a “civilização” do Brasil dependia de políticas raciais que excluam os “mulatos inferiores”, que a escravidão desagregou a ordem nacional, que o latifúndio permitiu a harmonia estrutural no período colonial e que os modelos republicanos francês e estadunidense não contemplavam as demandas sociais por um Estado forte e atuante soam como divina sinfonia para os setores historicamente no poder. Por mais que, nos últimos vinte anos, tenha-se possibilitado uma nova leitura de Oliveira Viana, mostrando a pertinência de

---

<sup>55</sup> RICUPERO, Bernardo. *Sete Interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2011. p. 53.

<sup>56</sup> LEITE, *op. cit.* p.243-244.

<sup>57</sup> LEITE, *op. cit.* p.241-253.

alguma das suas análises<sup>58</sup>, o foco é que seu pensamento vulgarizado ainda é de alguém ligado à conservação social.

Outro autor de grande impacto é o pernambucano Gilberto Freyre utilizado sem cuidado, tanto em debates acadêmicos como nas imagens populares de representação do Brasil. A peculiar ideia de “democracia racial” é um dos mitos mais impactantes da sociedade brasileira, sendo utilizada para a autopromoção da nação para si e para o exterior, bem como salvaguarda para uma das mais desiguais distribuições de renda e miríades de preconceitos velados do planeta. Essa ilação ocorre porque, assim como outros importantes pensadores do Brasil, a leitura da obra de Freyre sempre esteve aquém da divulgação, o que gerou um processo panfletário no qual as conversas de botequim e os bancos retilíneos das primeiras letras reproduzem indiscriminadamente que este é o país de riqueza na diversidade e em que as três raças – branco, negro e índio – deram origem a uma sociedade pautada na tolerância e na aceitação do diferente. Quando escreveu *Casa Grande & Senzala*<sup>59</sup> em 1934, Freyre trouxe uma guinada interpretativa para um dos mais polêmicos e debatidos temas da intelectualidade brasileira: raça e miscigenação.

Desde o século XIX, em muito pela discussão em torno da escravidão e da possibilidade de substituição por mão de obra livre, a miscigenação esteve presente nos mais diversos pensadores: do patriarca da Independência José Bonifácio até os já citados intelectuais da “Geração de 1870”. Como já levantado neste texto, imersos no mau uso de Darwin e nas sempre pitorescas teorias eurocêntricas baseadas na raça e no determinismo, conferia-se um universal negativo ao mestiço. A suntuosa debilidade do Império era fruto da impureza, não à toa campanhas ávidas pela imigração europeia, contra imigrantes orientais e ojeriza ao elemento nacional nortearam a escolha da “nova” mão de obra do Brasil. Em suma, a miscigenação, baseada em teses raciais, era ruim, responsável pela pobreza e pelo atraso da nação. O que Freyre fez foi inverter esses polos, conferindo positividade ao que antes era a noite mais densa.

Gilberto Freyre estudou nos EUA com Franz Boas, de quem trouxe a abordagem culturalista. Carlos Guilherme Motta, crítico de alguns dos argumentos de Freyre, demonstra que a substituição do termo cultura por raça poderia acontecer sem grandes prejuízos, o que constataria que mesmo pensando em termos culturais, ainda há um

---

<sup>58</sup> RICUPERO, *op. cit.* p.73.

<sup>59</sup> FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. São Paulo: Global, 2006.

resquício da ideia racial e da determinação social prévia do sujeito por condicionantes ditas biológicas<sup>60</sup>. Mesmo assim, a possibilidade de pensar a formação do Brasil por um aspecto cultural abriu caminhos inéditos, do uso de documentação até então desacreditada a temáticas do cotidiano, como a alimentação e as relações sexuais. A grande inovação, no entanto, e que se sedimentou no pensamento coletivo do Brasil foi deixar de vislumbrar a miscigenação como algo negativo e depreciativo. Gilberto Freyre é o primeiro a trazer a ideia de que o modo como a sociedade brasileira constituiu-se, baseado na mestiçagem, é razão para qualidades e não para defeitos.

A positividade reside em como se estruturou a colonização da América Portuguesa, que para Freyre foi centrada na família patriarcal e não em modelos individuais como o puritano nas colônias inglesas, o estatal das posses espanholas ou o empreendimento comercial dos holandeses. Desse estudo da família patriarcal, a temática central de sua obra, surge a possibilidade de compreender que no Brasil nasceu a primeira sociedade dos trópicos, na qual as características portuguesas, tachadas como indefinidas e duais entre Europa e África<sup>61</sup>, foram preponderantes para uma maior aceitação de contatos entre grupos étnicos distintos e mesmo uma menor rigidez social. É a demonstração da especificidade de que em vez de localidades marcadas por rígidas fronteiras, na sociedade colonial brasileira imperou a porosidade. É claro que essa constatação silencia conflitos inerentes a um sistema patriarcal de submissão feminina e trabalho escravo.

Quando se observa o estudo de Charles Boxer sobre as Câmaras Municipais portuguesas ou mesmo uma análise mais ampla sobre o perfil da elite colonial estabelecida no Brasil é possível, comparada à forte separação entre *criollos* e *chapetones* na América Espanhola, uma menor rigidez social, o que não descaracteriza um sistema extremamente desigual. Mas não é o debate acadêmico que fez a ideia da democracia racial ganhar forças, são as passagens sobre a escravidão, lidas de relance: escravidão no Brasil teria sido menos violenta do que a do sul dos EUA e os contatos sexuais entre brancos e negras teriam sido mais evidentes. Toda escravidão é por definição violenta e o sistema poderia ser mais permissível no Brasil, contudo, por sua evidente debilidade em se auto reproduzir e a baixa expectativa de vida dentro da escravaria, a harmonia e a docilidade não parecem fazer sentido.

---

<sup>60</sup> MOTTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.

<sup>61</sup> FREYRE, *op. cit.* p.18.

Há sim uma hipocrisia desde o século XIX e que gerou o preconceito racial velado: não defender a escravidão como boa em si, mas sim como um mal necessário diante da escassez de mão de obra. Freyre, filho do patriarcalismo, estudou o ambiente patriarcal e num momento em que o Brasil pretendia afirmar-se como grande nação, ler e propagar a ideia da mestiçagem como algo positivo e celebrando a convivência pacífica entre as “raças” foi óbvio. A partir daí sempre que se pretendeu diferenciar o Brasil dos demais locais arrasados pela colonização, pela escravidão ou pelo imperialismo, buscou-se afirmar que aqui é a “Democracia Racial”. O cadinho das raças virou o mito fundamental do que é ser brasileiro, silenciando muitos dos conflitos inerentes a uma sociedade tão díspar.

Assim como o pensamento racista estará presente no futebol, a “democracia racial” também possui papel de destaque. O que difere os dois polos – além do uso do primeiro para saciar as derrotas e do segundo para glorificar as vitórias – é que Gilberto Freyre esteve diretamente ligado aos embates travados na interpretação sobre o futebol. No prefácio do livro do jornalista Mário Filho, *O Negro no Futebol Brasileiro*<sup>62</sup> Freyre enfatiza como o futebol é um espaço de convívio sadio e amistoso entre as “raças” e que seu sucesso no Brasil é fruto direto da mestiçagem, que possibilitou movimentos corporais sublimes e únicos<sup>63</sup>. O pensamento do pernambucano, dessa forma, cristalizou-se na sociedade brasileira tecendo uma imagem otimista e positiva sobre a mestiçagem e dentro desse grande universo contribuiu para que se inventasse o estilo brasileiro de se jogar futebol, que será abordado com mais afinco no próximo capítulo.

É também dos anos de 1930 outro clássico do pensamento social brasileiro, *Raízes do Brasil*<sup>64</sup> de Sérgio Buarque de Holanda. De suma importância na historiografia e na sociologia brasileira do século XX, o conjunto de ensaios publicados em 1936 marcou um dos primeiros momentos de uso do pensamento weberiano para compreender a formação do Brasil<sup>65</sup>. Holanda buscou por meio de estudos e de interpretações comparativas – em especial com a América Espanhola – demonstrar que o aparelho estatal implementado pela Coroa Portuguesa em suas possessões de além-mar foi marcado pela

---

<sup>62</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003

<sup>63</sup> FREYRE, Gilberto Prefácio In: RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

<sup>64</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil* Cia das Letras: São Paulo, 2005.

<sup>65</sup> REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil – de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, p.120-121.

porosidade nas ordenações e hierarquizações, bem como por acomodações pautadas no personalismo intimista.

Diferente das terras espanholas na América, em que a praça muito bem esquadrinhada denotava o tom robusto de uma colonização do interior, de ares urbanos – não à toa, Cidade do México e Lima possuíam universidades séculos antes de Rio de Janeiro ou Salvador – a colonização portuguesa assemelhou-se a um empreendimento de feitoria, em zonas litorâneas e com investidas muito menos rígidas<sup>66</sup>. Para tanto vale lembrar dois episódios da colônia portuguesa: o nefasto Tribunal Santo Ofício somente se fez presente em breves Visitações no Recife e em Salvador e que a imigração de outros contingentes europeus foi comum, não sendo criminalizada mesmo nos anos de um rei com duas Coroas Ibéricas<sup>67</sup>.

Ao modo do sementeiro, suscetível à Natureza e não ao do ladrilhador, em que a Natureza é suscetível, construindo tipos ideais, próprios da teoria de Max Weber, Holanda procedeu uma análise que não só trilhava aspectos da economia ou da política, como também contemplou aspectos culturais e psicológicos, sempre com a irretocável escrita que o celebrizou. Pensando em características contundentes que formariam o tipo social no plano das ideias e longe de querer materializá-lo como um produto puro, a chave interpretativa herdada do sociólogo alemão foi fundamental para demonstrar as peculiaridades de uma colonização em que a ética do trabalho foi substituída por uma ética antagonista e ainda assim complementar: a do aventureiro. Nessa ética não é o esforço e a recompensa da poupança em longo prazo que é enaltecido, mas sim os ganhos imediatos, intensos e rápidos na vida material, sem que para isso grandes valores de paz, estabilidade e esforço sejam eleitos.

Mas é no homem cordial que está aquela que parece ser a mais intensa contribuição do pensamento de Sérgio Buarque de Holanda. O homem cordial é a síntese de uma sociedade que prefere os mimos das relações personificadas, deixando num canto escuro, sem lanterna e afogado, onde ninguém ouve, o burocrata de ofício e de segura impessoal. Antes de pensar a cordialidade como o sonho azul de uma noite de verão, ela é a prova magna de uma estrutura social em que o Estado é engolido pela Família, deixando à deriva a percepção de público e de privado. É lapidar, nesse esclarecimento sobre o universal não positivo, um trecho do capítulo 5 de *Raízes do Brasil*:

---

<sup>66</sup> HOLANDA, *op. cit.* p 93-100.

<sup>67</sup> HOLANDA, *op. cit.* p. 41-46.

“Já disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade – daremos ao mundo o “homem cordial”. A lhaneza no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civilidade. São antes de tudo, expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civilidade há qualquer coisa de coercitivo – ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças (...). (...) Nossa forma de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez”.

Juntamente com a interpretação de Freyre, a de Caio Prado Jr. é a que mais ecoou na construção nas lentes de análise do Brasil. O primeiro fator, evidente, é a qualidade do trabalho do pensador paulistano, que lança em 1942, *Formação do Brasil Contemporâneo: a Colônia*<sup>68</sup>. A proposta de Prado Jr. era, através de uma leitura dialética da história, perceber as vicissitudes da formação da sociedade brasileira, destacando em especial os espaços de ordem econômica. O impacto do paulista na área da economia ainda hoje é significativo, possibilitando uma importante linha de investigação dentro do campo da história econômica com viés marxista. Muitas das suas reflexões passaram pelo trabalho da crítica também de sociólogos e de historiadores sociais e culturais, tocados por um possível excesso da preocupação dada, como não poderia ser diferente, às estruturas econômicas. Ainda assim, sua obra está entre os clássicos de interpretação do Brasil.

Não poderia ser diferente. A análise de Caio Prado Jr. busca compreender a formação da sociedade brasileira não por meio de fotos 3x4 de tons imponderáveis, mas do modo como se estruturou a colônia dentro de uma visão mais ampla que envolve o próprio empreendimento ultramarino. É um novo caminho pensado para as análises de Brasil, buscando a localidade não como dado isolado, mas sim como parte de um sistema econômico, caminho que outros pensadores, como Celso Furtado, também abordarão, dentro de suas especificidades. Para Bernardo Ricupero, Caio Prado Jr. estaria inserido num grupo de autores que refletiu as condições de seus países a partir da ótica marxista, mas sem tentar modelos prontos, como um feudalismo tropical<sup>69</sup>.

---

<sup>68</sup> PRADO Jr. Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.

<sup>69</sup> RICUPERO, *op. cit.* p. 151.

A amplitude pretendida por essa análise de Prado Jr., pensar um passado nacional e não apenas encaixá-lo nos exemplos marxistas, possibilitou uma interpretação que não se limitou a parcelas de entendimento que não se relacionavam. Ricupero interprete do Prado Jr., é enfático em mostrar como o autor destoa dos contemporâneos Freyre e Holanda, preocupados, respectivamente com a família patriarcal e o ethos aventureiro. Talvez haja um excesso nessa afirmação, visto que os outros dois pensadores/construtores de Brasil buscaram e podem ter seus argumentos lidos como uma visão de relações mais amplas do que o ponto principal de que partem a análise. Mesmo assim é inegável, que o “sentido da colonização”, destacando a frenética exploração, ganhou corpo na sociedade brasileira escolarizada.

A colônia de exploração e, posteriormente, o Sistema Colonial de Fernando Novais ainda são amplamente utilizados nas escolas para explicar como o Brasil foi colonizado a partir do latifúndio exportador monocultor escravista, gerando, por vezes na ânsia da militância professoral, uma visão vulgarizada do pensamento de Caio Prado Jr. Talvez seja na facilidade de compreender o atraso econômico brasileiro que fez o sentido da colonização ganhar com força os livros didáticos e, obviamente, estar presente no modo como a História e a Sociedade brasileira foram desenhadas na escola e alhures. Sendo a escola um dos primeiros espaços de convívio público coletivo e local de legitimidade na construção do conhecimento, também fora do ambiente acadêmico, a interpretação de Prado Jr. tem protagonismo.

Delicado é que a crítica, inicialmente exposta, terá maior embasamento, já que o modelo de Caio Prado Jr. pode levar a um entendimento que subordina todas as relações existentes na formação do Brasil como filhas do comércio colonial e as atividades marginais a esse sistema poderiam ser sepultadas como meros apêndices. Mesmo com a debilidade desse ponto da argumentação, o “sentido da colonização” mostrou que as estruturas e as relações sociais que formam a Comunidade Brasil têm que ser observadas como construções históricas amplas e, que ao se compreender a exploração efetivada pelo sistema mercantil, compreender-se-á também alguns dos desenhos das atuais situações sociais do país. De Prado Jr. pode-se retirar uma ideia de Brasil em que as grandes rupturas não ocorreram e que sangue jorrou das veias abertas da colônia.

Com as transformações dos anos de 1920 – o enfraquecimento do sistema eleitoral oligárquico, a ampliação da atuação dos setores urbanos e os desdobramentos da Semana de Arte Moderna – a possibilidade de um novo cenário desenhava-se. A ascensão de Getúlio de Vargas pelo Golpe de 1930 marcou um novo esforço político na

constituição do Estado Brasileiro. Volta-se a formular um sistema centralizado, que suprimiu, em especial com a Ditadura do Estado Novo, o sentimento de localidade. Na gestão de Gustavo Capanema o sistema nacional público de ensino ganha corpo, o que é fundamental para fortalecer, pelo letramento, a ideia de nação. Por fim a legislação trabalhista que consolidou a imagem do “Pai dos Pobres” e silenciou, em partes, anos de disputas sociais. Todo esse cenário contribuiu para o fortalecimento do Estado brasileiro que pode, assim, iniciar um novo processo de criação da nação.

Sem dúvida o projeto não foi concretizado e ainda está, com novos rumos em curso. Há que se ter em mente que o Brasil mudou. Da república oligárquica do café, leite e demais ingredientes fundiários, passou-se ao governo centralizador e personalista, sucedido pelo nacional desenvolvimentismo de múltiplos matizes ideológicos, depois torturado nos porões da ditadura civil militar megalomaniaca; insolitamente viveu-se, ainda, a década perdida com sintetizadores eletrônicos até aportar no neoliberalismo tecnocrata e intelectualizado do final do século, e chegar a um governo de esquerda de debates historiográficos futuros. O modelo agrário imperial, os currais eleitorais, a eugenia, o branqueamento, o movimento operário, a industrialização, o autoritarismo carismático e a democracia liberal. Nenhum desses projetos conseguiu pleno sucesso, pelo contrário, em momentos de maior ou menor relevância coexistiram, disputaram espaço e continuam a desenhar uma comunidade que, pela diversidade é inviável de ser classificada com um único termo. Piegas, mas ainda há Brasis e não Brasil.

Bernardo Ricupero<sup>70</sup> é enfático em afirmar que a profusão de interpretes do Brasil começa nas décadas iniciais do século XX e prossegue até o período de Ditadura Civil Militar, justamente porque é nesse espaço de pouco mais de 40 anos que a ideia de Brasil de fato toma corpo, impõe-se ante aos regionalismos e tenta, na medida do possível, afirmar-se como legítima. A partir da constituição das Universidades, na segunda metade do século XX, e a sedimentação de um ofício acadêmico – específico e não mais generalista – os grandes interpretes perderam fôlego, sem, no entanto que suas ideias e as tensões que delas derivam fossem esquecidas. Tendo em vista esses grandes intérpretes podemos perceber como se criou parte significativa da identidade nacional brasileira, bem como se delineou as possibilidades discursivas e simbólicas conferidas a tal identidade.

Sobrevoar essas interpretações é, então, fundamental para entender a formação da Comunidade Imaginada Brasil. Percebendo a criação dessa Comunidade, é mais fácil

---

<sup>70</sup> RICUPERO, *op. cit.* p.17-20.

relacionar o futebol como espaço privilegiado, no passado e no presente, de construções e de reconstruções identitárias. É possível até afirmar, que ao se confrontar os grandes interpretes de Brasil com as demandas postas pelo futebol, interpretações próprias tendem a surgir. A grande questão posta é que os novos interpretes, permeados em suas limitações e orientações políticas, conferiram parte da explicação do que é ser brasileiro apenas ao futebol<sup>71</sup> e tal qual os velhos românticos, idealizaram uma prática corporal.

---

<sup>71</sup> DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.



### **3 E É MESMO ISSO QUE NÃO DISCUTIMOS? FUTEBOL NAS LENTES DAS HUMANIDADES**

#### **3.1 A produção das Humanidades sobre futebol**

O Brasil é desses lugares em que a oralidade tem força de lei. O país passou todo o século XX com uma taxa de alfabetização infame e mesmo quando, nos anos de 1990, colocou boa parte de sua população nos bancos escolares não conseguiu mais do que tímidos índices de letramento funcional<sup>72</sup>. Por isso tradições criadas na oralidade tem mais força do que as escritas, independente do suporte. Quando muito esses textos são, como uma missa medieval, contados para os fiéis que sem condições e vontades de averiguar a procedência, reproduzem serenamente o discurso. Algumas dessas informações ganham notoriedade por se perderem no tempo, são fantasias criadas, mas que não se sabe ao certo quando, como e por quem. Por isso, às vezes, ficam pouco inelegíveis ou se fazem vívidas com camadas densas de significados, dos quais sabemos menos do que o uso excessivo demanda.

O futebol é cheio dessas verdades sem data, sem autor e sem intenção aparente. Contudo, em boa parte dos casos, seu poder de síntese serve à manutenção das relações sociais, à famigerada Ordem e ao corrompido Progresso. Um notório exemplo é o comum e infeliz adágio que sentencia: Futebol, Política e Religião não se discutem. Para analisar a produção acadêmica do futebol sob o viés das Humanidades, objetivo principal deste capítulo, essa expressão vulgarizada é fundamental, uma vez que parte dos trabalhos marcantes da área são, primordialmente, baluartes às sentenças prontas, estampadas sem grandes pudores por comentaristas refinados de futebol. Mas se nos últimos trinta anos a produção cresceu em volume, em qualidade e em chaves analíticas, limitações ainda estão postas e devem ser questionadas, não para serem colocadas no Calvário, mas para abrir novos caminhos interpretativos.

De forma jocosa, voltemos ao adágio e cumpramos com a nossa primeira intenção: demonstrar que nestas terras tropicais o espaço conotado ao futebol, uma modalidade esportiva e uma forma de lazer, é tão grande que se iguala aos territórios “nobres” da política e da religiosidade, expressões máximas da construção histórica ocidental do plano

---

<sup>72</sup> FERRARO, Alceu Ravanello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos? *Revista: Educação & Sociedade*, Campinas, 2002, v. 23, n. 81, p. 21-47, 2002.

secular e do plano espiritual. Por essa perspectiva, o futebol fica alocado no meio do caminho entre o sagrado e o profano, constituindo – sem recorrer ao que este termo ganhou de significado nos anos de 1990 – uma terceira via da existência humana. Debater se o futebol é uma manifestação sacra ou não é uma seara propícia à antropologia e pode, justamente, demonstrar como novas relações com o Mundo e o Divino ocorrem em sociedades de organização complexa. Contudo, aqui não é essa a intenção, por mais que alguns estudos das Humanidades e o futebol abordem a interface antropológica, com as ritualísticas sagradas, existem outros sentidos sociais e históricos que esse inocente adágio confere e que devem ser destrinchados.

De maneira ácida, vislumbramos que por detrás do sentido jocoso inicial do adágio, há outros esclarecedores de como a cultura popular<sup>73</sup> enxerga e constrói o futebol: um espaço social que aleija reflexões e reafirma estereótipos de preconceitos, além de cercear a diversidade de visões sobre o jogo. Se o futebol é alçado a uma condição dita especial ao ser parte de uma Santíssima Trindade com a Política e a Religião, o sentido mais denso que se deve prestar atenção é o da relação entre os três polos com a ideia absoluta de “não se discute”. Essa é uma referência velada à sociedade brasileira como lugar de aceitação, respeito e alteridade.

“Eu não discuto esses três pontos na medida em que aceito as convicções já sedimentadas sobre eles, sendo impossível tanto convencer como ser convencido; apenas reservo-me ao laborioso silêncio”. Essa sentença seria verdadeira se o universo de posicionamentos fosse binomial e que ao se acreditar em determinada ideia, por obrigação, ter-se-ia uma antagonista díspar de impossível conciliação. Ora, não é assim que agentes históricos comportam-se, eles são como já assinalados, multifacetados, por vezes parciais e em ambulante metamorfose.

O sentido subterrâneo da máxima popular é que esses três espaços não são para se discutir, mas apenas para se aceitar; dogmas, não fóruns de análise e de contestação. A Política é vista sob um prisma limitado, em muito vinculado apenas ao processo eleitoral e à filiação momentânea e pragmática a uma facção partidária ou mesmo a um nome de destaque no pleito. Política, com sentido amplo, englobando esferas do cotidiano não está contemplada nessa síntese e mesmo na cultura popular. Política é chato, é de quem não tem boemia e jamais deve estar nos brados retumbantes da mesa do botequim; cervejas e

---

<sup>73</sup> CHARTIER, Roger, “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, vol. 8, n.16, 1995, p. 179-192.

tira gostos não combinariam porque ela é séria demais e apenas disponível aos grupos privilegiados, tão achincalhados pelo seu descaso, pela abismal corrupção e pela degeneração de valores. Bradar. Esse é o máximo de discussão que se poderia fazer sobre a Política.

A Religião seria ainda mais áurea e menos aceitável para discussões ou debates. Na verdade, para um país em que o Cristianismo foi imposto pelo sangue, pela pólvora e pela gripe, que Estado e Igreja vivam em simbiose até a Constituição de 1891 e que mesmo separados, por vezes, tecem impiedosas amálgamas, é de se esperar que a posição dogmática prevaleça. Discutir a religião parece ser pecado original transversal: não importa o credo, todos que insistirem na contravenção estarão sentenciados à danação eterna. E se um assunto inicialmente não vinculado à religião for propositalmente deslocado para o campo religioso ele passa também a ter parte dessa armadura divina e tem seus argumentos críticos suplantados, dando origem a uma série de conceitos prévios, conservadores em seu âmago e perniciosos em suas ações práticas. Não discutir a religião é conferir aos seus interlocutores privilegiados condições de nunca serem postos em xeque e, portanto estarem livres para proferirem todo tipo de ranço panfletário e ideológico.

Seria perfumaria continuar a discutir Política e Religião, já que o objeto deste trabalho é o futebol. Então, que lógicas estariam por trás de dizer que não se discute o futebol? De certa forma, uma combinação dos pontos levantados acima: o não reconhecimento do futebol como significado social amplo, o seu reducionismo e as opacas conversas ao pé da mesa norteadas apenas pela divagação de escárnio. Também há a vertente dogmática, de colocar nuances como o estilo nacional de jogar futebol – com dribles, bonita estética e individualidade – e a democracia racial da bola em cânones, nos quais os “sacerdotes” são incontestáveis. O hábito sacerdotal nesse caso veste jogadores e técnicos com passado vitorioso no esporte e uma imprensa recheada de poéticas notícias e crônicas. Nesse bailar, sedimentam-se mitos de fundação, de especificidades e de significados. O futebol no Brasil é para ser discutido, para além de saber se a bola cruzou ou não a linha de gol ou se o atacante estava em posição de impedimento; ele deve ser discutido como parte da formação social brasileira, uma linguagem minimamente comum à sociedade.

Claro que propor o futebol como uma linguagem comum no Brasil é levantar uma polêmica sagaz, pois, desavisados podem imaginar que se empunha uma valorização do futebol como algo obrigatório a todas aquelas e aqueles que se pretendem brasileiros. Se

o futebol é uma das atividades corporais mais praticadas no Brasil e uma possibilidade difundida de lazer, ele também significa uma história de como o Brasil historiciza-se. Nessa vertente, a linguagem universal é menos uma totalização, e sim um arcabouço que perpassa por vários aspectos dos costumes e práticas cotidianas de diversos grupos sociais ao longo do desigual território brasileiro.

Mesmo os que não compartilham do apreço ao futebol, que não são iniciados em suas peculiaridades e que pouco consomem o esporte, comungam com alguns de seus significados sócio culturais: das figuras de linguagens que ajudam a ler e escrever o cotidiano até a forma como se constroem as identidades no Brasil. Já foi citado aqui que na pós modernidade, com identidades fragmentadas, o vínculo clubístico ajuda a compreender como cada sujeito assume identidades que partem do universo mais local, da cidade, do bairro ou da vila até chegar a uma grande comunidade global, que vence as próprias fronteiras nacionais. Claro, que nesse esforço a identidade que parece ter maior força é a nacional, por comungar com até mesmo aqueles que não torcem. É comum no Brasil que se pergunte “para que time você torce?” e mesmo quem não tem vínculo clubístico, da cidade ou do coração, diga que “torce” para a seleção brasileira. Até porque não “torcer” para o selecionado é, em muitas análises, se colocar como um *outsider*, alguém fora dos laços sociais postos e, portanto, menos inserido em qualquer relação histórica interpessoal.

O futebol deve ser discutido, debatido e vislumbrado para além de um simples jogo ou uma conversa descompromissada de botequim. Nas últimas três décadas esse esforço vem sendo feito por pesquisadores que tomaram as Humanidades como viés possível para estudo do futebol e a partir daí criaram chaves interpretativas que permitiram a interpretação social do esporte, compreendendo como produto histórico e campo em disputa por diversos agentes. É possível hoje, sem que se tomem medidas homéricas, levantar importante literatura que aborde desde os significados dos primórdios do futebol no Brasil, até estudos sobre a violência e formação profissional de jogadoras e jogadores<sup>74</sup>. Marcar a posição de que o futebol pode e deve ser fruto de discussões significa recriar parte do percurso da produção acadêmica de humanidades sobre o tema, com atenção primordial aos debates em torno do seu significado como aglutinador e construtor da porosa ideia de Brasil.

---

<sup>74</sup> SILVA, Silvio Ricardo da. (coord.). *Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFGM, 2009.

O futebol possui um dos mais fortes ídolos de origens e representação histórica do Grande Fato e do Grande Nome, no Brasil. Segundo a versão consagrada, o estudante Charles Müller teria voltado de uma temporada na Inglaterra portando uma bola de futebol e um livreto de regras. A partir daí, devido à sua inserção junto aos distintos funcionários das companhias inglesas na cidade de São Paulo, o jovem promove o futebol, que, gradativamente, ganha o gosto dos brasileiros. Brasileiros homens e dos escopos mais altos das classes intermediárias ou mesmo das elites locais. Nesse cenário de requinte, vigorariam os ideais do cavalheirismo, do *fair play*, da ética higienizadora e do comportamento aburguesado. Uma construção de domínio que não precisaria estar, necessariamente, acompanhado de posses financeiras.

Posteriormente, quando a ética da vitória sobrepõe-se ao contundente comportamento límpido, o futebol chega ao chão da fábrica, permitindo às “classes perigosas” tomarem gosto pelo jogo, ativando uma bela história de Cinderela. A chuteira de cristal teria ficado evidente quando alguns clubes passam a aceitar em seus times indivíduos mais pobres, pagando-lhes recompensas financeiras. Como não poderia deixar de ser, o país escravista vislumbrou perplexo, a inserção do negro e do mulato ao jogo dos brancos e numa velada disputa – que o mais desatento observador poderia perceber – os grupos sociais historicamente excluídos começaram a ganhar espaço social, destacando-se como habilidosos jogadores e a partir daí celebrou-se a vitória e a integração social do país naturalmente mestiço.

E dessa semente, tão perfeita, germinou a história e a representação social para o futebol que o colocou como epopeia oficial. Criar Charles Müller como introdutor único do futebol no Brasil reafirmou o esforço de autopromoção da elite paulista, que desde sua rápida ascensão com os cafezais esteve pronta a recontar sua história e demonstrar sua importância nacional. Não deixa de ser interessante que outras histórias como o pioneirismo na introdução da mão de obra livre imigrante – da qual aqueles vistosos senhores de bola e de bigode são representantes – e o mito heroico do bandeirante ressignificaram o passado e o presente dos paulistas dentro do processo de formação do Brasil. Esquece-se aqui, num processo cego, que ainda está em curso, que um jogo como o futebol não consegue chegar a uma sociedade e ainda mais com o impacto que possui no Brasil, apenas na maleta de um estudante retornando a casa.

José Morais dos Santos Neto em seu ensaio *Visões do Jogo* mostra como os primórdios do futebol tem ramificações muito mais importantes do que apenas um

estudante vindo da Inglaterra<sup>75</sup>. Com estudo de fontes documentais escritas, Santos Neto atenta-se à existência de matizes práticas do futebol em colégios religiosos no Rio Grande do Sul e mesmo ao lado de São Paulo, na região operária da Ponte Preta em Campinas<sup>76</sup>. O que Charles Müller fez foi contribuir na institucionalização da prática do futebol com regras e a dar fôlego à fundação de campeonatos e federações, o que lhe confere pioneirismo parcial, mesmo na vertente espetacularizada do futebol. Sonhar com um baluarte para todas as possibilidades do futebol no Brasil e em todas as localidades é, no mínimo, devaneio.

Seguir ídolo de origem é calar-se, portanto, a uma história dos primórdios do futebol em que não é um herói romantizado, mas indivíduos sem nomes pomposos em suas práticas cotidianas, em seus costumes tão comuns. A produção historiográfica dos anos de 2000 derrubou partes fundamentais desse ídolo de origem<sup>77</sup>, contudo, ainda há história oficial suplantando os distintos matizes do futebol, reafirma domínios e segregações dessa prática corporal, ao mesmo tempo em que compõe um sentimento de pertencimento. A história da introdução do futebol como via de mão única, sem tensões ou variações reafirma o esporte como unitário, um lindo eco a garantir a unidade nacional. Uma só história de origem do futebol é formular um futebol identitário já em suas origens.

Quanto ao modo epopeico pelo qual a história do futebol brasileiro é contada pelas opressões e pelas resistências dos negros como jogadores – primeiro excluídos e depois, triunfalmente vitoriosos – muito se deve à obra de Mário Filho. O jornalista carioca foi um dos precursores da crônica esportiva, gênero literário que ganhou popularidade pela fácil leitura e alcance esplêndido a partir de jornais diários. Mário Filho também foi entusiasta de eventos esportivos, contribuindo na organização dos Jogos da Primavera de 1947, Jogos Infantis de 1951 e o torneio Rio-São Paulo de futebol profissional. A qualidade de escrita e a íntima ligação com os esportes, em especial do futebol alçou-o à condição de interlocutor privilegiado na construção da imagem sobre o futebol brasileiro<sup>78</sup>.

---

<sup>75</sup> SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 27-37.

<sup>76</sup> SANTOS NETO, *op. cit.* p. 89-92.

<sup>77</sup> PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

<sup>78</sup> SILVA, Marcelino. Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

Sua obra mais significativa, *O negro no futebol brasileiro*<sup>79</sup> de 1947, buscou demonstrar como o futebol no Brasil foi espaço de integração e tolerância racial. É significativo que Gilberto Freyre escreva o prefácio do livro, já que o texto está envolto no caldo da “democracia racial” e da “mestiçagem positiva”. Nessa toada, Mário Filho traça os momentos decisivos da transformação do futebol aristocrático e sem tempero na magia de mil sabores do jogo mulato. A obra parte da ideia de que a sociedade brasileira teria no futebol seu ápice de igualitarismo, o que significa dizer que a máxima estava lançada e bastaria apenas pinçar, com cuidado os ingredientes mais vistosos para o banquete. Perceber pelas fontes essa integração seria supérfluo.

Esse caminho não é um disparate, pois a obra está, como toda produção humana que não esteja no banco do carona do Delirium<sup>80</sup>, dialogando com o seu momento histórico. Não se pode perder de vista que o Brasil passava por uma reinvenção, deixando de lado as teorias raciais para recorrer a chaves interpretativas mais apropriadas para acompanhar o doce bailar, na prática e no discurso, da busca por sua Modernidade. *O negro no futebol brasileiro* contempla, primorosamente, um desses meandros modernizantes: o convívio harmônico da diversidade no Brasil. Um estudo social menos panfletário e que visualizasse a estrutura escravocrata e patriarcal de nossa sociedade, encontraria mais frutos apodrecidos do que os do jardim de Mário Filho. Por isso, em vez de mestre sala da verdade sobre o futebol ou sobre o negro ou dos dois organizados de várias maneiras na mesma frase, é importante encarar essa produção como uma fonte histórica de época e tecer a crítica ao documento, perguntando, por exemplo, quem é contemplado com esse discurso e que tradição está sendo erguida sob essa visão social.

É nesse sentido de ler e interpretar a obra de Mário Filho como fonte documental de época e não como verdade absoluta, que Antônio Jorge Soares criticou parte da produção de humanidades e futebol<sup>81</sup>. Para o pesquisador carioca as tensões pela profissionalização desde os anos de 1920 e o racismo velado são pontos que a abordagem desconsiderou em favor de um ídolo negro idealizado, uma Iracema contemporânea. Recontada com as cores sérias da academia, a obra de Mário Filho contribuiu para a construção da ideia de um futebol brasileiro, em que a paz e o aceite governam e deram origem a um cenário paradisíaco de dribles e jogadas plásticas. Um estilo de jogar futebol

---

<sup>79</sup> RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. 4ª ed.. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

<sup>80</sup> Carro da franquia de filmes *De volta para o futuro*, ícone da cultura pop dos anos de 1980.

<sup>81</sup> SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. **Revista Estudos Históricos**: São Paulo, n23, v 13, 1999.

construído externamente ao jogo, mas que como bom canto de sereia, enfeitiça mesmo os navegantes mais experientes que soçobram nos recifes intrépidos de ânsias por igualdade e harmonia que não conseguem ser saciadas nos demais cenários da sociedade brasileira.

Se o mito de Charles Müller ajudou na construção do futebol como algo unificado e totalizante para o Brasil, suplantando a diversidade de inserções da prática corporal no cotidiano das várias regiões do país, o mito de Mário Filho deu vazão a um sentimento de paz social. Para demonstrar que aquela casmurra face da exploração e da exclusão, tão notória na constituição da sociedade brasileira teria pontos floridos, criou-se uma história mágica, de um herói coletivo, o negro. Ainda em sua contundente crítica, Soares aponta que a estrutura de escrita de *O negro no futebol brasileiro* é própria das grandes epopeias, na qual a jornada dolorosa do herói longe de casa em mil tormentos é finalizada com a volta triunfante para o lar, neste caso o papel de protagonista na constituição de um futebol brasileiro vencedor<sup>82</sup>.

Mais ainda, por sua biografia Mário Filho constitui-se numa entidade que paira sobre o futebol brasileiro, sendo sempre requisitado para contar as glórias do passado; as memórias que não vivemos, mas que acionamos constantemente para lembrar como os tempos de outrora foram tão primorosos e sadios. É uma entidade pagã a perder-se nas brumas monoteístas: seu texto é pouco lido e interpretado, mas citado aos berros e às borrascas. Um som tão forte que teima em silenciar disputas sociais contundentes, extraíndo o futebol da aridez desértica da sociedade brasileira e o colocando em posição primorosa e isolada num ameno oásis. Para tristeza de muitos muezins é apenas uma miragem: o futebol não está alheio às disputas e injustiças sociais no Brasil.

### **3.2 Os jogadores das Humanidades – uma crítica sobre a produção das Humanidades e o futebol**

No bojo de novas possibilidades de temáticas e análise, cabe refletir sobre alguns dos principais intérpretes do futebol dentro das Humanidades. Assim, a obra do antropólogo Roberto DaMatta, que se transformou numa das mais significativas referências da área, parece ser um bom começo. Em seu mais famoso livro, *Carnavais, Malandros e Heróis*<sup>83</sup>, o antropólogo fluminense propõe – analisar a sociedade brasileira

---

<sup>82</sup> SOARES, A.J. *op. cit.* p.121-123.

<sup>83</sup> DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro : Rocco, 1997.

através de dimensões ritualística de festividades e práticas cotidianas como o celebre “você sabe com que está falando?”. Dessas análises, grafadas como sociologia comparativa, tem-se importantes constatações das estruturas de formação e ação da sociedade brasileira, percebendo-se nuances que vão para além do subdesenvolvimentismo ou da debilidade racial. Em vez de cenas lindas da mata verdejantes e dos rios adocicados prontos a bradar que somos a diversidade e os contrastes em harmonia, há uma defesa do dilema, das disputas simbólicas em que a hierarquia e a ordem podem e são deslocadas. Conflitos constantes entre a Casa e a Rua; a Pessoa e o Indivíduo; o Desfile retilíneo do Dia da Pátria e o desordenado Carnaval.

Para a historiografia e mesmo para a sociologia o método de análise desempenhado por DaMatta causa certo estranhamento, visto assemelha-se a uma hiperinterpretação das relações do cotidiano e até mesmo à aquisição de significados contaminados pelo estranhamento e que são irreais diante da percepção do nativo. O historiador, cheirando o pó de suas fontes, veria no Carnaval mudanças e continuidades ao longo do tempo, todas feitas por agentes históricos, preocupar-se-ia com o micro, mas não soçobriaria nele. Uma questão de metodologia e até mesmo de especificidades das áreas – e que na disputa entre dois campos tão próximos e tão, paradoxalmente, distante como a Antropologia e a História – que não pode significar por si só uma crítica contundente. Apenas uma chave interpretativa que pode, em alguns casos, criar cenários idílicos e surreais que não resistem a menor brisa de fim de tarde. Mas não é apenas das distinções das duas áreas que as críticas acontecem.

Da mesma forma que olhar apenas para a data do livro e pensar nela como parâmetro para dizer que está ultrapassado em seu conteúdo é, no mínimo, vilania. Se uma leitora ou um leitor desavisados insistirem em afirmar que Roberto DaMatta já está ultrapassado há que pedir nova leitura, pois que pese as marcas da metodologia e do tempo, e sobretudo as ressalvas de um pensador que se vinculou sobremaneira ao neoconservadorismo brasileiro do século XXI, ele ainda é um dos principais referenciais dos estudos de Humanidades e futebol. Uma importância tão vivida pode gerar dois abismos perigosos: de um lado o sem fim de achar que por estar numa espécie de Olimpo, qualquer crítica significará um raio mortal de um Zeus cristianizado. Por outro lado, a tentação pela maçã de criticar avidamente, como visigodos em Roma, é perniciososa. Nem adoração, nem destrato. A questão é pensar em críticas como o exercício de reflexão e contestação. Abordar DaMatta significa perceber como algumas máximas, que tem suas limitações ao analisar socialmente o futebol, foram trabalhadas. Para o bem e para o mal.

Uma dessas limitações foi assinalada no ensaio *Esporte na Sociedade: um ensaio do futebol brasileiro*, parte da coletânea *Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*<sup>84</sup>. Pela primeira vez, DaMatta ataca a ideia de oposição binária entre futebol e sociedade, como se o esporte fosse externo ao meio social. Esse tipo esquálido de colocação, de determinadas esferas como exógenas à sociedade permeia, segundo o autor, outros termos como economia, política, ritual e natureza. Uma história de teorias desagregadas, pois nenhum desses termos pode ser analisado de forma isolada, como se fossem dotados da mais tenra autonomia e saíssem por aí profetizando lógicas que independente dos coletivos em que estão situados. Se acreditarmos que a sociedade é um coletivo de agentes históricos com relações de contato variadas e, em algum grau, compartilhando e (re)criando significados de interação, não há qualquer esfera de atuação humana que não seja NA sociedade.

O uso indiscriminado da conjunção “E” em orações aditivas e opositivas cria a sensação de que o futebol estaria alheio à sociedade, com lógicas próprias e que descoladas da realidade social, poderiam ser instrumentalizadas ao bel prazer de quem fosse capaz de dominar seus códigos e que, portanto, seria um grande manipulador de marionetes, olhando do alto o boneco guiado por fios solenes. Por isso, mesmo trinta anos depois a publicação do ensaio de DaMatta, e com análises que complementam sua posição, dizer que temos que pensar o Esporte NA Sociedade não parece aviso ultrapassado. Infelizmente, na Educação Física e nas áreas correlatas que versam sobre práticas corporais, os binômios teima em existir, quando não tem ainda a companhia insólita de outros vinculados, por exemplo, à Cultura. Dizer que existe o Lazer, a Ginástica ou o Jogo e a Cultura é também privar essas práticas de serem pensadas como parte da cultura, dando-lhe ares estranhos e, por vezes, subalternos.

Para pensar a relação do esporte na sociedade, é primoroso o texto de Pierre Bourdieu<sup>85</sup> sobre como é possível pensar o esporte por meio do conceito de campo. Assim como a economia, a ciência e outros espaços sociais possuem lógicas próprias, o esporte possui agentes que se posicionam em dominância de acordo com a possibilidade de obterem capitais específicos ao campo. Esses capitais tem valor dentro do campo e quando transpostos a outros campos perdem seu valor de distinção. Uma jogadora com

---

<sup>84</sup> DaMATTa, Roberto (org.). *Universo do futebol: futebol e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982.

<sup>85</sup> BOURDIEU, *op. cit.*

grande repertório motor não terá, por esse item, a mesma posição no campo científico. Contudo, essa especificidade do campo não exclui a interdependência, já que na teoria bourdiana, os campos possuem uma autonomia relativa e seus agentes podem transitar e, através de ressignificações de capital, posicionar-se distintamente. Ou seja, o repertório motor pode significar sucesso esportivo convertido, posteriormente, em ganhos financeiros. É claro que a banalização das teorias de Bourdieu e sua própria amplitude de assuntos debatidos tende a gerar ressalvas e até mesmo olhares tortos, contudo, vislumbra-se a possibilidade de garantir as lógicas internas ao esporte, sem descuidar de sua vinculação com a sociedade.

Há um segundo deslize por quem pensa o futebol alheio à sociedade e apontado por DaMatta não só para o futebol, mas para o Carnaval e o próprio Samba. Uma visão com alta dioptria e poucas lentes corretivas, lê Marx, retira trechos do contexto e os aplica indevidamente como militância panfletária. Desses trechos, um dos mais gastos é o de “ópio do povo”, inicialmente um trecho usado para explicar a força da religião para referendar o poder de domínio e controle do Estado. A mesma empolgação foi utilizada para tratar o esporte, e no caso do Brasil, o futebol. Há a questão de que as atividades corporais e a Educação Física estiveram ligadas a setores conservadores no Brasil, com destaque às Forças Armadas. Visões pragmáticas chegaram a definir que a História da Educação Física no Brasil estaria pautada pela íntima relação com as Forças Armadas ou mesmo com discursos higienistas.

Essa visão é totalizante, como várias outras na historiografia brasileira, teima em simplificar. Se o Sistema Colonial, com o latifúndio exportador monocultor escravista, não dá conta de explicar uma série de micro relações e possibilidades sociais que saem do *plantation*, a relação com as Forças Armadas é notória, mas tanto a Educação Física como o esporte tem formas de apresentar-se que não o verde oliva ou tons alvos do mar. O futebol foi associado aos militares, fosse pela preparação física ou pelo comando de delegações no exterior, mas as atribuições simbólicas não ficaram apenas com eles. A questão é justamente essa: ter presença de militares não significou a militarização, porque a qualquer hegemonia tem espaços de frisão, diretos e indiretos, que permitem aos oprimidos serem também atuantes<sup>86</sup>.

---

<sup>86</sup> OLIVEIRA, Marcus. Aurélio Taborda de. *Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil: entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003.

A própria noção de ópio conduz ao abismo de entender que as massas podem ser simplesmente controladas por meio de açúcar, sorrisos e bola. As posições sociais são mais complexas, por mais que o futebol possa ter o poder de prender atenções e desviar o foco de assuntos tidos como sérios há que se pensar o real alcance que o esporte tem como arauto da apatia. A reprodução do discurso da política *pain et circense* é um dos anacronismo mais intensos dos estudos de esportes nas Humanidades. Ora, mais do que proporcionar uma distração os jogos romanos eram parte de um domínio imperial de caráter divino numa sociedade bélica e escravista, na qual o papel da massa era de assistência e participação indireta, mas que as zonas de conflito ainda existiam como revoltas populares e conflitos políticos. Ali, na Roma de Augustus não tínhamos um esporte constituído, mas um grande espetáculo, uma série de jogos onde matar, bestializar e estripar eram aceitos, devido a uma menor repugnância à violência<sup>87</sup>. De outra parte, como o sistema não era capitalista, as demandas de consumo eram quase inexistentes, então gerir o preço da comida era garantir boa parte das necessidades materiais das populações subalternas.

Por mais que o Nazifascismo e seus simpatizantes, as Ditaduras Civis Militares da América do Sul, os megalomaníacos ditadores das nações artificiais da África, a Guerra Fria e qualquer outro agente novecentista tenha feito uso do esporte, não reproduziu a política romana, não tem o mesmo significado e está muito mais passível a releituras por conta das múltiplas relações sociais é inviável que todos estejam sob efeito do opiláceo. Há sim, como Jean Marie Brohm<sup>88</sup> atenta, uma possibilidade do esporte prestar serviços ao *status quo* e manter as disparidades sociais, ser parte do sistema capitalista, como também ser parte da resistência. O autor francês, comungando dos estudos da Escola de Frankfurt, vê a resistência através dos times operários, mas para além da questão classicista, o esporte feminino demonstrando que as diferenças entre os sexos têm verticalizações socioculturais e não fisiológicas, a integração e ocupação do espaço público através do esporte comunitário e a própria ideia de ter uma profissão no esporte são parte de um universo de ressignificação e que no Brasil, para os bens e para males passa, especialmente, pelo futebol.

---

<sup>87</sup> DUNNING, Eric. *El fenómeno deportivo*. Barcelona. Editorial Paidotribo. 2003.

<sup>88</sup> BROHM, Jean Marie, *20 Tesis sobre el deporte*. IN: Brohm, J.M. et al (ORG). *Materiales de sociología del deporte*, pp. 47-55. La Piqueta. Madrid, 2ª Edição, 1993.

A conta é outra, requer aritmética mais refinada, porque como apontou DaMatta, colocar o esporte como oposto à sociedade e restrito ao campo da seriedade é reafirmar uma lógica utilitarista, na qual, também, apenas o trabalho é digno de valor, é visto como produtivo e até mesmo transformador. Ora, esta é sem dúvida uma leitura rasa, porque nem sempre o trabalho foi sinal positivo de distinção, na verdade para o Ocidente, a ideia de trabalhar ser algo bom não tem mais do que 400 anos. E em localidade de base escravista, como o Brasil, tem século e meio. O trabalho dignifica o Homem e a Mulher, na medida em que for digno. Caso contrário somente tornará as trabalhadoras e os trabalhadores mais espoliados. E para que o trabalho seja digno ele não deve ser a única esfera da vida: em vez do discurso do neoliberalismo social democrata, devemos ter educação para além da mera qualificação para o trabalho.

Se for parte da Educação, se entendido como fenômeno social com múltiplos significados e entrar no cotidiano dos indivíduos como uma esfera de atuação não haverá espaço para o “futebol ópio”, mas sim para o esporte transformador em meio a lógicas específicas e constantes conflitos. Ser conflitante é fundamental, porque a estabilidade, a paz e a tranquilidade, essas sim são elementos de uma manutenção de assimetrias sociais, pois imputam a subserviência e ao aceite ao que está dado. DaMatta construiu a argumentação de o futebol como parte da sociedade brasileira por sintetizar justamente esses conflitos e as incoerências tão coerentes dessa sociedade. Mas as limitações também devem ser mencionadas.

Ao longo dos anos 1990 e 2000, a produção das Humanidades estudando o esporte – em especial o futebol – permitiu que uma bola rolando ajudasse a compreender a formação dos grandes centros urbanos brasileiros, a precariedade das relações trabalhistas, as disputas de conduta moral, a inserção da mulher na vida pública, a constituição identitárias de grupos sociais, o preconceito étnico, a violência e até mesmo práticas pedagógicas. A produção acadêmica, por seu volume, multidisciplinaridade e inserção social, dizimou parte da plantação de papoula, mas ainda há quem se vicia; que teime em vê-lo como tema menor. Nenhum tema é menor desde que se pense como parte da sociedade. E é assim, não como anexo, não como espelho que assinalamos o futebol.

Mas a possibilidade de inserção e resistência social pelo futebol deve ter a ressalva, não observada por DaMatta e por seus seguidores, a exemplo Arno Vogel<sup>89</sup>, de

---

<sup>89</sup> VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional IN: DAMATTA, Roberto. (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

que não estamos falando de um milagre ou um caminho certo. Os estudos de DaMatta caminharam no sentido de apontar que as hierarquias sociais brasileiras, esse conflito de regras universais e despotismo individual do “você sabe com quem está falando”, seriam atenuados em espaços como o Carnaval, a música e o futebol. De fato, esses são locais com hierarquias próprias, mas elas não estão desligadas de nuances simbólicas, de prestígio social ao capital financeiro, que demarcam as diferenças na sociedade brasileira. Pensar que todas e todos “pulam” Carnaval de modo igualitário é deixar de lado que determinados espaços possuem demarcações cruéis como a de gênero em que a mulher torna-se objeto e não tem a mesma liberdade e seguridade de vivenciar as festividades de Momo. Há hierarquias próprias nesses espaços, há um grande peso para capacidades individuais e espíritos de fraternidade – nossa escola de samba, nossa roda de música e nosso time de futebol – mas não há flores por todos os lados, não há flores em tudo o que vemos.

Arlei Damo, ao analisar a formação de jogadores nas categorias de base do Brasil, do País Basco e da França, desenvolveu a ideia de que há um capital futebolístico em jogo, no qual o dom que seria a grande distinção que independe da origem socioeconômica, é um dos fatores que posiciona os aspirantes a profissionalização dentro do campo futebolístico<sup>90</sup>. Mas o prestígio social, a possibilidade de um bom empresário e até mesmo recursos para financiar processos seletivos, demonstra que não é apenas o talento do indivíduo que garante um destaque no futebol, como assinalado por DaMatta. Talvez o uso de Bourdieu para formular a ideia de um campo futebolístico, por parte de Damo, também mereça críticas ao criar uma segmentação excessiva da sociedade – e não perdendo de vista que no Brasil Bourdieu foi lido de tal forma que tudo vira um campo inédito – contudo fica evidente na ideia de um capital vinculado ao futebol que a ascensão social não está apenas vinculada à qualidade do jogador, bem como não a ignora. As possibilidades de ascensão social via futebol é tão evidente quanto em qualquer outra profissão, o que difere é sim a valorização social. Pouco provável que um professor bem sucedido dê entrevistas constantes na televisão, seja perseguido por *paparazzo* ou estampe um *outdoor* publicitário.

Corroboramos, portanto que nesse aspecto, a democracia verberada de que “no futebol, pois, somos também conduzidos ao reino da igualdade social”<sup>91</sup> é uma “exaltação

---

<sup>90</sup> DAMO, *op. cit.* p. 63-83.

<sup>91</sup> DaMATTA, *op. cit.* p. 40.

pouco ingênua”<sup>92</sup> e que com certo malabarismo teórico, pode gerar não um espaço de resistência, mas de conservação. Para isso necessitamos recorrer a dois trechos de DaMatta que versam sobre a ideia de cidadania deslocadas, comparando a formação institucional dos cidadãos tanto Brasil quanto nos Estados Unidos.

“(…) Se, de fato, carnaval, religiosidade e **futebol** são tão básicos no Brasil, tudo indica que diferentemente de certos países da Europa e América do Norte, nossas fontes de identidade social não são instituições centrais da ordem social como as leis, a Constituição, o sistema universitário, a ordem financeira, etc, mas certas atividades que nos países centrais e dominantes são tomadas como fontes secundárias e liminares de criação de solidariedade e identidade social. Assim, é a música, o relacionamento com os santos e espíritos, a hospitalidade, a amizade, a comensalidade e, naturalmente, o carnaval em contato com o **permanente** de seu mundo social. Nestes domínios, as regras não mudam e são aceitas indistintamente por todos (...) Nos Estados Unidos a sociedade se reproduz através de sua moldura cívica, moderna e individualista que é idêntica, à nação e à sociedade. No Brasil porém, a identidade nacional é múltipla. De um lado ela é dada num nível social pelas instituições populares mencionadas acima. Mas, de outro, ela continua, reproduzindo (ainda que com dificuldades) os modelos norte americanos e europeus ao nível da “nação” e do “governo”, onde tais paradigmas são obviamente vigentes. (Grifos do autor)<sup>93</sup>

Não podemos deixar de assinalar que a identificação ao conceito de cidadania, no Brasil, ocorre de forma esquálida e superficial. Cidadania surge nos grandes meios de comunicação como ações pragmáticas, de baixo alcance social e de culpabilização. Ter cidadania é atravessar na faixa de pedestre, jogar o lixo na lixeira e não pisar na grama. Todas as vezes que essas importantes ações são desrespeitadas fala-se que a população brasileira não possui cidadania e que é responsável desde as mortes no trânsito até à degradação do meio ambiente. Esqueçamos os aparelhos jurídicos anacrônicos, as vias de circulação velhas e a poluição industrial; mais do que uma cidadania deslocada, falamos de uma cidadania não perceptível, em que a ideia de direitos e deveres – e consequente cobrança para que sejam minimamente cumpridos – não existe.

As cidadãs e os cidadãos brasileiros não se identificam como tais pela Constituição, pelo Congresso, pela Justiça ou pela Universidade porque historicamente não foram os grupos populares que constituíram essas instituições e lhes foi privado o acesso aos respectivos códigos de leitura e de interpretação. Por mais que os grupos

---

<sup>92</sup> SILVA, *op. cit.* p. 16.

<sup>93</sup> DaMATTA, *op. cit.* p. 39-40.

dominantes fossem rurais, dotados de um senso personalista de leis regidas pelo muro baixo de suas propriedades, a eles esses espaços foram muito mais similares. A música, a religião, o carnaval e o futebol gozaram, pela possibilidade imediata de alteração nos jogos de força ser menor, de uma socialização dos códigos o que fez que os grupos populares, ao pensar em identidade, sociedade e cidadania, encontrassem conforto neles. Contudo, se isso ocorre no Brasil, ocorre também em qualquer localidade que tenha uma assimetria social evidente, portanto a cidadania não é deslocada apenas deste lado do Atlântico, mas em todo o lugar que se precisem definir grupos dominantes e grupos, momentaneamente, dominados.

Ao atribuir essa singularidade voraz, podemos incidir no erro penoso de entender que só o Brasil é tão desigual, que só aqui há a lógica universalizante da Rua e particularista da Casa, e que sendo peça alienígena a outras sociedades, apenas o exílio curaria o acesso distinto aos códigos sociais. Não há que ser assim. Os grupos populares, à medida que passam a ler e interpretar os códigos, ampliam o alcance de suas cidadanias e precisam, também, romper com as amarras do papel no lixo como síntese no cidadão. O futebol cumpriu com o papel primário de gerar as identificações coletivas por sua inteligibilidade, contudo, ele também é norteado por zonas de acesso restrito, uma vez que se todos chegam a um estádio para assistir ao jogo, não ocupam os mesmos lugares e nem desfrutam das mesmas condições materiais como espectadores.

Os cargos de direção e de “intelectualidade” são brancos e masculinos, mostrando que a sociedade brasileira que vela tão bem seu preconceito, não consegue, em seu espaço mais democrático, ser de fato uma igualdade. Mais ainda, saber de futebol é um saber consuetudinário que não é possível se você não o viveu intensamente, senão foi bom jogador e se não for másculo e viril. Cria-se assim uma casta de entendidos, que não representa a maioria da população e que, em última instância, reproduz lógicas de dominação. Mesmo os símbolos de pertencimento, os produtos como camisas de time, são marcados por uma desigualdade, uma gradação de valor entre o “oficial” e o “pirata”. Dessa forma, o que propomos é pensar o futebol não como síntese de igualdade na sociedade brasileira, mas sim um local cheio de verticalização, algumas próprias desse espaço social e outras que reproduzem as assimetrias étnicas e de gênero, tão comuns às demais relações sociais.

Ter as desigualdades, no entanto, não o priva de ser um possível espaço de transformação e alteração social, visto que seus códigos e entendimentos estão mais socializados do que a Constituição ou do que a Universidade, mas não há uma aplicação

dada, um uso democrático dado; ele se faz à medida que se observam disputas e agentes históricos atuando. Se o futebol for pensado como naturalmente livre e igual, como uma Revolução Francesa de livro didático, então basta participar de um jogo de bola para ter a cidadania e jamais será possível outro espaço. Nossa cidadania não é deslocada, mas está deslocada, é passível de ser modificado, com a ampliação de sentidos e instituições, de modo a também incluir o carnaval, o samba, as religiosidades populares e o futebol, mas não podem ser as únicas. Uma dicotomia entre instituições centrais e periféricas retira o futebol da sociedade e os grupos populares da agência histórica.

E um último ponto da obra de DaMatta, o mais fundamental, talvez, por possibilitar relacionar com os pontos que já foram abordados é a dramatização. O conceito não nasce nas análises do futebol, mas sim nos estudos sobre o Carnaval em “*Carnavais, malandros e heróis*” e é aplicado, paralelamente ao futebol. A ideia central é trabalhar com os conceitos antropológicos de Victor Tuner e Clifford Geertz, demonstrando ser possível observar determinadas relações sociais como dramas, em que o tom ritualístico da ação dá vazão a uma miríade de significados. Dessa forma, o futebol poderia como já evidenciado neste trabalho, versar sobre construções sociais, nódoas e tensões postas no cotidiano. Não seria, contudo, o caminho de apresentar o futebol como apêndice, complemento optativo das verdadeiras relações sociais, mas sim como campo que, dialeticamente, constrói e é construído pelas demandas sociais. Tampouco um tom teatral ou mimético – ainda que essa vertente, inegavelmente, esteja presente no jogo de futebol<sup>94</sup> – que poderia sugerir a ideia de rascunho para fatos que depois, em outros campos sociais teriam maior sentido.

Por conformações que são próprias do esporte coletivo, como a ideia de uma entidade superior à vontade individual e sua fácil vinculação às unidades identitárias, determinadas tensões sociais e construções valorativas brotam a olhos vistos no futebol. O Brasil teve, ao longo do século XX, muito da sua história cotidiana contada por bolas rolando no campo de jogo, por isso virou um artefato cultural primoroso para contar história de nós sobre nós mesmos. O pecado, que mora ao lado, é que a hiper- interpretação tira parte do trabalho analítico e cria ornamentos que mais podem ser interpretados como curiosidades e causos com fim em si mesmo. Compreender que determinadas ações do jogo revelam sobre a sociedade em que ocorre esse jogo não

---

<sup>94</sup> ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Tradução: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

significa que todas devam trazer esse viés. Um drible pode ser muito mais um recurso motor para resolver um problema, do que a marca genética da genialidade e da herança da capoeira, bem como travar ferrolho defensivo ou se lançar ao ataque voraz não significam o fracasso ou sucesso retumbantes. A limitação da ideia de dramatização é ela não ter limites. Começemos por um trecho do próprio DaMatta para perceber como esse conceito pode e como não deveria ser utilizado.

“O futebol brasileiro, deste modo, pode ser estudado como sendo capaz de provocar uma série de dramatizações do mundo social. Um dos traços essenciais do drama é a sua capacidade de chamar atenção, revelar, representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em estado de latência ou de virtualidade num dado sistema social. Mas ficar preso somente ao que o ritual revela seria um engano. Porque o drama, precisamente por chamar atenção absoluta e, às vezes, exclusiva, para um certo conjunto de objetivos ou relações, dialeticamente esconde e mistifica um outro conjunto. Se o futebol traz à tona da consciência social valores como a lealdade absoluta a uma só equipe, a segmentação da sociedade em coletividades individualizadas e compactas; e uma ideia de tempo cíclico; ele positivamente esconde os fatos da vida diária que indicam como os clubes são compostos de pessoas socialmente distintas, não podendo jamais formar uma entidade permanente. Pois que a vida quotidiana divide ricos e pobres, doentes e saudáveis, dominantes e dominados. Se o futebol, portanto, nos mostra o mundo como uma realidade momentânea homogênea, é para esconder o heterogêneo. A pergunta que o futebol permite formular é uma pergunta relacional. Ela pode ser expressa mais ou menos assim: se somos todos tão diferentes, como é que no momento do jogo podemos estar todos tão juntos e unidos?”<sup>95</sup>

Parece contundente que o futebol arregimenta sentimentos variados e signos para diversos sentidos na medida em que se transforma numa linguagem inteligível a diversos grupos sociais e percepções de mundo. Mas a facilidade de ser lido por um grande contingente não significa ser interpretado da mesma forma por um grupo amplo. Seria preciso pensar se ao dizermos que o futebol representa a possibilidade de ascensão social e a imprevisibilidade da vida, se esses termos são caros àqueles que vivenciam o esporte. O drama de um esporte em que todos começam em igualdade, mas que ela, por construção estrutural, tende a não se manter, pode sim representar dramas sociais, como pode não ser um texto para sociedades e relações sociais em que a desigualdade é um discurso e uma prática. O que chamo atenção, portanto, é que as representações dramáticas do futebol existem e são legítimas, mas não universalizantes, o que inviabiliza a ideia magna de futebol como elemento explicativo de Brasil.

---

<sup>95</sup> DaMATTa *op. cit.* p. 29.

As leitoras e os leitores atentos, agora, dirão haver uma incoerência no que está sendo apresentado, pois se as dramatizações dão conta apenas de uma parcela e de determinados contatos sociais, então não haveria sentido em se pensar na dimensão da identidade nacional. Sim, o futebol não dramatiza, por exemplo, laços de dominação do trabalho, já que o jogador livre e criativo, dono do resultado em campo não se configura, apesar da intensa exploração, num “trabalhador explorado”, mas quando a bandeira nacional entra em campo os significados estão presentes. Como a forja do Estado e da nação no Brasil são distintos, é evidente que locais pouco habituais tornaram-se protagonistas no pertencimento nacional – diferente de pensar em termo de cidadania que contempla a ideia de participação ativa com direitos e deveres, pertencer à nação pode ser um ato de simples associação.

Roberto DaMatta é feliz, inclusive, em dizer que o futebol é um dos poucos espaços nos quais a sociedade brasileira usa as cores nacionais e símbolos como a bandeira e o hino sem medos e sem estar vinculado aos militares. As comidas típicas, o Carnaval e o samba também tem essa possibilidade de identificação. No futebol, um componente a mais no drama é a chance de vencer e por ser um esporte coletivo, a vitória dependente necessariamente não do brio de um sujeito iluminado, mas da colaboração de um grupo que é metonímia de uma comunidade. Enfim, o futebol é um drama social quando se fala de identidade nacional, mas apenas quando a dimensão pensada é a de um discurso de criação de identidade. E como toda identidade em construção, escolhas são feitas e esquecimentos propositais e indiretos são tomados. O futebol que ajuda a criar a nação é o futebol da orla carioca e dele bebe os signos. Portanto ao se dizer que o futebol é dramatização do Brasil continua-se com a ideia limitada e perigosa de que o Brasil é o Rio de Janeiro, representado por sambas, carnavais, belezas naturais, imagens machistas de mulatas e outros tantos estereótipos.

Segue, portanto, a necessidade de analisar como a literatura das humanidades versou sobre a ideia de identidade nacional e o futebol. A tarefa é por definição complicada uma vez que o excesso de posicionamentos pouco reflexivos, chavões e reducionismos imperam. Costumou-se tornar natural a associação entre o futebol e a nação, e que desde os tempos mais primordiais o primeiro revelaria a face alegre da segunda. Não podemos negar que os esportes, ao longo do século XX, foram fundamentais para a construção simbólica de nação, como muito bem apontou Eric

Hobsbawm<sup>96</sup>, para quem o esporte permitia a complexa tarefa de pensar um grande contingente cheio de diferenças como uma comunidade relativamente uniforme e nas quais os símbolos oficiais poderiam muito bem estampar o cotidiano dos cidadãos.

Os esportes coletivos tendem a catalisar esse tipo de processo devido à sua própria estrutura de jogo. Aí está uma das chaves que, como já apontamos para outras ocasiões é esquecida. Se há um caráter ritual e mítico nos esportes, não podemos negar que sua estrutura é uma narrativa para os espectadores não no sentido de atribuição fortuito de signos, mas por lógicas internas. Quando se compete no atletismo, numa prova de maratona, a extenuante jornada recai num discurso de superação individual, de dedicação e empenho físico e mental, contudo numa partida de futebol – de hóquei ou de beisebol – tem a ideia da divisão de funções, do alvo da torcida ser sobre uma entidade coletiva – o time – e em que a cooperação interna é parte preponderante para o sucesso. Nos esportes coletivos, o talento, a dedicação e a habilidade de uma jogadora ou de um jogador são importantes, mas subordinados ao grupo. Não proponho que um time seja a representação em microcosmos da sociedade, porque se assim fosse teríamos o aceite da seleção “meritocrática” que por si só seria excludente. Corroborando Hobsbawm, atesto e penso que nos esportes coletivos os discursos de pertencimento nacional tem uma narrativa privilegiada, pois a estrutura em vigor é a da associação e da vinculação a uma Comunidade Imaginada com seus símbolos e sua História própria. Não só para o Brasil.

Contudo, achar que basta a existência do esporte coletivo para que se crie o vínculo identitário é, no mínimo, falta de lucidez. Porque a modalidade esportiva pode, em vez de agregar, criar facções. Se muitos grupos criarem seus times e suas vinculações próprias o que se terá é um modelo pulverizado, que pode ter pontos em comum que se sobrepõe, mas que também terá abruptamente rupturas e separações. Em localidades com alguma divergência com o Estado e o poder central, em vez da unidade nacional, o esporte coletivo torna-se a defesa da identidade regional ou até mesmo separatista. A Espanha nos traz um exemplo primoroso.

O processo de unificação espanhol é complicado, data ainda do século XV, quando do casamento de Isabel de Castela e Fernando de Aragão; continuou com a expulsão dos mouros de Granada, a criação da gramática castelhana, passou pela expansão marítima e teve nas Cortes de Cadiz outro momento decisivo. No entanto o

---

<sup>96</sup> HOBBSAWM, Eric J. *Era dos Extremos. O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

retalho ainda era evidente, com diferenças linguísticas e práticas culturais. Ascensão do Franquismo usou da força para inibir essas diversidades e criar uma unidade a partir de Madrid. Nesse momento o futebol entrou em cena para reforçar identidades, como no caso da catalã por meio do Futbol Club Barcelona ou basca com o Athletic Club da cidade de Bilbao. Evidente que os exemplos que ajudaram a construir, pelo futebol, a identidade nacional são volumosos, mas não é por si só que isso ocorre, há que se ter um processo de construção discursivo de nação, sem o qual a Comunidade Imaginada não sairá da imaginação. Então o futebol não é naturalmente uma marca da brasilidade, mas um terreno em que os discursos nacionais conseguiram atingir um público maior. Também não é exclusividade do Brasil ou da modalidade o vínculo identitário.

Pensando no caso brasileiro, mesmo com o surgimento da seleção Brasileira em 1919 e o sucesso tanto no sul-americano daquele ano quanto no do Primeiro Centenário da Independência<sup>97</sup> o traço era menos de unidade e mais de conflito entre São Paulo e Rio de Janeiro. As duas cidades e suas zonas de influência representavam as zonas econômicas e demográficas mais importantes do país naquele momento. O café paulista erguia casarões nos rincões paulistanos e as manufaturas da capital republicana tinham um poder decisivo dos rumos do esporte no país. Nossa literatura não se atentou a isso, mas há um descompasso com o que ocorre em outras dimensões, pois a política oligárquica tinha uma base forte nas elites nordestinas, super-representadas no Legislativo desde os tempos do II Reinado (1840-1889) e mesmo para a influência dos políticos mineiros na condução de escolhas do Executivo. O futebol, em disputa pelas entidades paulista e carioca, não representa simplesmente um jogo presente em outras dimensões sociais, mas constitui uma tensão própria de localidade, que por conta do perfil de imigrantes, da distinção pretendida pela elite e do processo de proletarização transformaram-se nos principais espaços do futebol. Essa constatação coloca em xeque uma história do esporte a reboque. O futebol não pode ser um arauto da colcha de retalhos da Primeira República, visto que as tensões postas naquele ambiente federalista não estavam reproduzidas integralmente no futebol.

Assim, o raciocínio simples de que o futebol sempre representou a “brasilidade” – sem entrar no mérito de que a brasilidade é tão improvável quanto o Islã marroquino

---

97 SANTOS João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND Maurício; MELO, Victor Andrade Celebrando a nação nos gramados: o campeonato sul-americano de futebol de 1922, **História Questões & Debates**: Curitiba, v.57, n.2, 2012.

em oposição ao indonésio de Geertz, incidindo nos mesmos erros do antropólogo estadunidense de tomar como totalizante realidades que são parciais – tem um limite, pois sequer, em alguns momentos históricos, ele conseguia dar conta de representar os conflitos regionais que tanto fizeram a lógica dos anos iniciais do século XX. Uma mudança relativa ao uso identitário do futebol ocorre nos anos de 1930, em especial na Copa do Mundo de 1938, realizada na França, quando a seleção brasileira conseguiu chegar às semifinais e terminou no inédito terceiro lugar do campeonato. Gilberto Freyre, colocando em prática sua teoria culturalista da mestiçagem positiva, destacou que era a primeira vez que o Brasil enviara a campo uma seleção evidentemente nacional, com brancos, mulatos e negros juntos. Rompia-se também com a ideia de uma seleção paulista ou carioca, responsável por fracassos anteriores. Visava-se agora um time com os melhores atletas independente do seu estado natal. A ideia de representação, portanto, superou o temor de que uma seleção somente seria brasileira se todos os estados estivessem representados por atletas locais<sup>98</sup>. A multiplicidade geográfica seria secundarizada para que a vitória no campo de jogo pudesse ocorrer, convocando os atletas considerados “os melhores do Brasil”.

Diferente do que poderíamos pensar com esmero, não é a necessidade de construir a nação centralizada, marca da Era Vargas, que faz o futebol tornar-se uma possibilidade maior de identificação, tão pouco o discurso dos interpretes do Brasil dos anos de 1930, como Freyre, Holanda e Prado Jr.. A esses fatores, importantes e legítimos de serem abordados, devemos somar um terceiro: a necessidade de sucesso no exterior. À medida que se vislumbra a possibilidade de sucesso esportivo internacional para além dos bairrismos, cria-se uma cumplicidade entre as principais ligas futebolísticas do país para que o time montado para representar o Brasil fosse um time com jogadores escolhidos tecnicamente e não apenas pela geopolítica. Quando um time com essas características é formado e somam-se novos sucessos internacionais, agora não mais continentais, mas sim globais há um reforço no discurso identitário.

### **3.3 Estilo Nacional – a arte de ter arte na bola, com a mestiçagem.**

Um segundo ponto, ainda mais importante para se refletir, é a ideia de que existe um estilo nacional de se jogar futebol e os motivos que o geraram. O estilo nacional seria um modo comum de praticar o esporte e de ações estéticas que seriam tidas como corretas

---

<sup>98</sup> SILVA, Marcelino, *op. cit.* p.43.

e incentivadas. Jogar futebol à moda brasileira é colocar em campo um modo de jogo em que o indivíduo é central, dono maior das ações, assim chamado de craque. Em seu *metier* estariam jogadas plásticas, com vasto repertório motor de dribles, de movimentos que buscam ludibriar o adversário e tendo como grande alvo e estrutura de jogo o ataque, a ofensividade, grafada apenas como “jogar para frente”. Nessa concepção o jogo cheio de floreios e paramentos coloca em patamares próximos a jogada bonita e o gol – mas não iguais, visto que será pouco provável que alguém na torcida escolha o drible desconcertante ao gol vencedor. Por definição, no alto rendimento, o objetivo e o que gera reconhecimento é a vitória. Tudo embebido na alegria, já que o estilo nacional do Brasil é sempre pautado pela felicidade embasbacada, como se ainda estivéssemos a vibrar diante de um campo de terra batida em alguma sertania.

A origem e a originalidade desse modo de jogar futebol estariam em dois polos complementares. Um é levar a frente o que escreveu Gilberto Freyre e aceitar que a mestiçagem no Brasil deu origem a um povo novo e valoroso. Considerado por parte da imprensa e da academia como o livro magno da História do futebol no Brasil, *O negro no futebol* de Mário Filho leva a frente esse argumento, bem como ele aparece na versão damattiana de ascensão social por meio do futebol.

De qualquer forma é menos na academia e nas narrativas de cotidiano que a visão freyriana ficou marcada. Quando assistimos a um comercial de qualquer produto, de margarina a bancos, é notória a prevalência de tipos caucasianos e famílias heterossexuais nucleares. Já quando a peça publicitária versa sobre o futebol a estrutura familiar pode ainda prevalecer, mas atores negros dialogam com a imagem de diversidade. Como esses atores parecem menos representar a comunidade negra, e mais um discurso de democracia racial visto sua padronização de signos, não seria devaneio notar a superficialidade e a fragilidade dessa pretensa diversidade.

Se o foco for jogar bola e não apenas apreciar das arquibancadas o futebol, ficará ainda mais evidente essa montagem, que, ao mesmo tempo, revela o que se conta sobre o futebol e como se conta o preconceito no Brasil. As crônicas esportivas, que de alguma forma tem também em Mário Filho um dos ícones mais importantes quanto ao modelo e tom poético e passional de escrita, não faltam exemplos de um discurso integracionista de mostrar que a superioridade – nem sempre em campo, fosse pela seleção ou pelos times brasileiros – está centrada em que a diversidade preenche o campo de jogo, com brancos, negros e mulatos.

Interessante que essa percepção multirracial – como gosta de ainda pensar muitos dos discursos cotidianos – não é acompanhada na percepção dos próprios jogadores. O grande nome do futebol brasileiro nos últimos anos Neymar Jr. quando perguntado sobre o racismo foi enfático em dizer que não sofria racismo por não ser negro<sup>99</sup>. A identidade de Neymar Jr., filho da periferia da Baixada Santista não o contempla como mestiço ou mesmo negro? Poderíamos entrar na seara do que consideramos como negritude e, tal e qual, aqueles que bradam em nome da Cultura Africana no Brasil e da unidade suplantando diferenças, somente reafirmariam preconceitos. O que é interessante é que se o futebol não fosse esse palco tão nobre à aceitação e à miscigenação, nem o questionamento sobre racismo nem a identificação de Neymar Jr. seriam tão notórios. Em outros campos, por seu fenótipo ou mesmo por sua condição social e histórica, ele seria identificado como negro, tanto pela sociedade como por si. Em outros termos, à medida que o sucesso alcança um jogador negro, ele branqueia-se, afasta-se dos possíveis escárnios e anedotas preconceituosas ao se colocar como pertencente ao grupo dominante branco e não ao oprimido.

Cabe ainda uma última constatação. Por que somos mestiços e os outros não? Em *O pensamento mestiço*, Serge Gruzinski<sup>100</sup> retrata, pela história da arte, como a mestiçagem também é um conceito histórico e que se aplica em muitos casos ao diferente sem perceber que o Eu é tão mestiço quanto o Outro. Falar em pureza, por exemplo, no continente europeu é tomar como certo que um lugar conquistado e reconquistado não teve contatos culturais de diversas civilizações. Se os contatos ocorreram em tempos pretéritos quando comparada à América, não exclui que as terras de Aquém Mar também são mestiças. No mais, com o processo de descolonização do século XX, os migrantes asiáticos, africanos e “latinos” começaram cada vez mais a estar presentes em sociedades que se diziam “puras” e isso respinga no esporte. A seleção francesa de futebol masculino campeã em 1998 é muito mais um furta cor do que a estamparia adocicada do francês da Paris reformada. Até mesmo a Alemanha, em que os discursos de pureza fizeram tantos estragos, é cada vez mais um time com migrantes e sem uma “cor de pele” única.

O que estamos afirmando é que ser mestiço também está presente em outras localidades, porque a mestiçagem está no centro de populações que tiveram contatos com culturas diversas, caso das colônias americanas, mas também das próprias metrópoles

---

<sup>99</sup> Disponível em <http://jornalggn.com.br/noticia/neymar-diz-que-nunca-sofreu-racismo-porque-nao-e-preto>. Acesso em 4 de abril de 2014.

<sup>100</sup> GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

européias. Ver gente da minha terra, ver gente do meu sangue no futebol é ver pessoas variadas que poderiam também compor a terra do vizinho. O discurso de que apenas o Brasil é misto e de que aqui a convivência é pacífica é a grande história que contamos sobre nós mesmos e que parece estar cravada em nossa mente. A violência simbólica não é reconhecida, é esquecida, pois no discurso tenciona-se que não há racismo, sexismo ou qualquer forma de opressão. Mesmo com nossos vizinhos platinos de quem tanto temos rivalidades no futebol, não há ódio. Deixa-se de lado a história de um Estado escravista e elitista que não teve pudores em intervir na Argentina, no Paraguai e no Uruguai durante todo o século XIX.

O estilo de futebol jogado no Brasil não deve ser defendido em termos do uso vulgarizado de Freyre e aceito como a terra única da diversidade. Não há convívio pacífico e mesmo no terreno em que se poderiam supor políticas de alteridade e de tolerância ainda há o ranço do preconceito<sup>101</sup>. No mais se o estilo for fruto da miscigenação então todos os ditos estilos nacionais também o são: do Sena ao Reno. Não podemos negar que a cultura corporal de movimento, variante em como cada populações enxerga o corpo, criou gestos, com significados próprios e que hoje estão presentes em cada localidade. Contudo, quando se chega ao alto rendimento, principalmente nos anos finais do século XX, menos a diversidade e mais o pragmatismo que impera. Antes de ser fruto da mestiçagem de forma positiva, o futebol no Brasil é fruto do discurso de que somos a mestiçagem positiva.

Uma segunda e igualmente complicada explicação para o modo como se joga futebol no Brasil é fruto daquilo que, no parágrafo anterior, chamei de cultura corporal de movimento. Quando o alemão Anatol Rosenfeld escreveu *Negro, Macumba e Futebol*<sup>102</sup> uma explicação de que o futebol brasileiro seria filho da capoeira começou a parecer fazer sentido. Na verdade, revirando jornais velhos, podemos ver que essa máxima também estava presente nos discursos jornalísticos de vinculação freyriana dos anos 1930<sup>103</sup>. Roberto DaMatta também flerta com essa aproximação e mais recente Luiz Henrique de Toledo<sup>104</sup>. Mas algumas perguntas parecem estar, ainda, sem resposta, e

---

<sup>101</sup> ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.26, n.1, p.63-76, 2012.

<sup>102</sup> ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

<sup>103</sup> SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; LOVISOLO, Hugo. *Futebol: a construção do estilo nacional*. RBCE online, Campinas, v. 25, n. 1, set. 2009.

<sup>104</sup> TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

mesmo certos de que não seremos nós os arautos a contentar esses questionamentos, faz-se necessário algumas dessas críticas.

Primeiro seria pensar o alcance da capoeira como prática corporal e que contato os capoeiristas tem com o futebol. A segunda pergunta demanda pesquisas vislumbassem se os grupos de capoeira estavam presentes ou tinham ligações com os núcleos de futebol. Um caminho possível poderia ser confrontar a presença de capoeiras nas fábricas que deram origem aos times de futebol da periferia, visto que a distinção pretendida pelos clubes ligados aos grupos dominantes não estariam, em tese, suscetíveis à presença de rodas com birimbaus e rabos de arraia. Mas esse caminho de pesquisa ainda não tomou os grandes holofotes e, portanto ainda não passou por um crivo de debates acadêmicos. O que diz muito, pois parece que os grandes ambientes de pesquisa de futebol com referência nas humanidades aceitou o vínculo constituidor da capoeira sem perceber sua presença empírica.

Mesmo que fosse feita uma observação de gestos, teríamos uma limitação em apontar que um drible ou um jogo de corpo do futebol são filhos da Capoeira. Podem e fazem parte de um repertório motor do futebol que tem influência no pragmatismo e também em como o jogo acontecia na Inglaterra. Assim, sem a empiria e com a ressalva gestual, a força da Capoeira como célula mater do estilo nacional de jogar futebol no Brasil é limitada, podendo levar inclusive a dizer que times que usam dribles e jogadas floreadas no Rio da Prata ou na Itália seriam resultado da Capoeira. Por associação, então o futebol na Ásia beberia intensamente das Artes Marciais como karatê e judô? Não parece que levar em conta essa associação com a Capoeira responda muito sobre a prática corporal, além de deslegitimar gestos próprios do jogo e qualquer jogada plasticamente em outras localidades.

Façamos a reflexão sobre o alcance da capoeira. Essa é uma pergunta um pouco mais fácil no que tange aos escopos de pesquisa. Em especial as pesquisas históricas trouxeram luzes sobre a prática da capoeira, não só em seu âmbito de combate, como também no seu espaço de convívio coletivo, sua possibilidade de resistência à escravidão, de viés da afirmação identitária e de temor dos grupos dominantes. O grande número de proibições aos capoeiras, o medo crescente desse tipo de magote demonstram que nas zonas em que o Estado era menos presente e os grupos populares estavam menos regidos pelas estéticas e pelas leis oficiais, a Capoeira tinha grande inserção. Mas as lentes pensarão nos grandes centros, no Rio de Janeiro em especial, e não responderão à demanda crescente de futebol em outras localidades e em outros grupos. Portanto,

tomaríamos de novo uma parcela como o todo, colocando novo ingrediente estereotipado, pois a diversidade de como se forma a Capoeira impede que se fale num singular tão simples e aplicável a qualquer realidade.

O que não se levou em conta quando se criou a associação direta como a Capoeira na criação do estilo nacional de jogar futebol no Brasil é como há um estereótipo sobre essa prática corporal e seu significado cultural. Tida como expressão da nacionalidade mais pura, a visão de que a Capoeira é a base dos dribles e das demais movimentações de grande efeito no futebol traz um sentido de que essa forma de expressão corporal é apenas um conjunto sem maiores significados de pulos, de giros e de rodopeios. Uma vilania, sem dúvida, posto que há uma história social por trás do conjunto de movimentos. No mais, não podemos deixar de perceber que serve como certa muleta para destacar um papel ativo da comunidade negra na composição do estilo nacional de jogar futebol. Afinal de contas, se o “nosso” futebol é descendente da Capoeira ele tem sua base na Senzala. Esvazia-se, portanto, os possíveis valores simbólicos da Capoeira e o integra como enfeite para o futebol.

Seja por conta do debate acadêmico ou pelo esvaziamento de significados a proposta de ter a ligação direta entre as duas práticas corporais torna-se empobrecida e talvez a contribuição maior dos estudos de Rosenfeld seja a possibilidade de olhar para outras temáticas das populações de origem africana no Brasil, visto que ele também, no mesmo ensaio retrata a religiosidade, do que uma grande chave interpretativa<sup>105</sup>. Por outro lado Toledo esboça, nas palavras de Antônio Jorge Soares, ir além da explicação externa para o estilo nacional de jogar futebol, contudo, soçobra na redundância de chavões como o que acabamos de contestar<sup>106</sup>.

No livro de divulgação *No país do futebol* de Luiz Henrique de Toledo busca, pelos referenciais da Antropologia entender como é construído o estilo de futebol brasileiro. Parece evidente a esta altura, que nossa trilha já não permite dizer que exista um estilo brasileiro pelo fato contundente de que a própria construção de Brasil é um processo descompassado e em curso, mas tomemos que fosse possível adotar essa máxima e que para tal sejam excluídas exceções como o futebol ao sul do país ou o pragmatismo de certos grandes clubes do eixo RJ-SP. Coloquemos de lado também as críticas de Hugo Lovisolo e Antônio Jorge Soares sobre a construção discursiva e a

---

<sup>105</sup> ROSENFELD, *op. cit.* p. 74-75.

<sup>106</sup> SOARES; LOVISOLO, *op. cit.* p.55.

invenção de tradições no futebol<sup>107</sup>. Se tivermos tudo isso em mente, somente assim, poderíamos dar por satisfeitos quando à Capoeira acrescenta-se a ideia que a menor tolerância da arbitragem ao jogo de ombro para formar um estilo próprio de se jogar, argumentação levantada por Toledo<sup>108</sup>. É fundamental perceber que a dinâmica do jogo influi no modo como um esporte é praticado, e que no caso menores contatos corporais permitirão, em tese, maior tempo de condução individual de bola e quantidade de dribles em comparação aos passes. Mas a forma secundária como é apresentada e os silêncios sobre a forma conflituosa como a imprensa de época tratou as dinâmicas de jogo são contundentes limitações.

Se a disputa por quais práticas corporais seriam as socialmente corretas e que poderiam promover a ordem, o progresso e algum amor nos incipientes centros urbanos, não era de comum acordo na imprensa da Primeira República qual dinâmica deveria ser seguida no futebol praticado em São Paulo e no Rio de Janeiro. Opiniões até favoráveis ao futebol viam com maus olhos o jogo individual, com dribles e condução de bola. Por preceitos de cavalheirismo o jogo bonito e correto era o de passes bem pensados, que permitissem o máximo da participação coletiva até a meta adversária. O excesso de jogadas individuais antes de ser visto como plástica era tido como fruto da insensatez – e por vezes atribuída à “raça” fraca – e a uma debilidade racional de perceber o jogo e não ficar em malabarismos redundantes. Se dentro do Brasil a disputa pelo jogo correto, pelo estilo nacional ainda era campo de conflitos, como dizer que somente “Nós” jogamos o futebol como “Arte”?

E a falta de reprodutividade do estilo nacional, com a insistência de que o Brasil passa por crises ou que só no passado existe o verdadeiro futebol brasileiro<sup>109</sup>. Bem, já percebemos que não é dos tempos mais primórdios que existe o “estilo brasileiro” e que talvez ele não seja exclusivo desse país. O que ocorre é que por uma série de combinações, de talentos, de treinamentos e de sucessos nos grandes eventos esportivos, o jogo brasileiro com dribles, fintas e buscando a ofensividade teve sucesso. Não seria tirar a beleza plástica do jogo de futebol no Brasil, mas deslocá-lo da naturalidade, mostrá-lo como fruto de lógicas internas ao esporte, como produto de tensões e que, por mais que se pense globalizante, é uma fração das várias maneiras que o esporte foi e é vivenciado

---

<sup>107</sup> SOARES, *op. cit.* p.120.

<sup>108</sup> TOLEDO, *op.cit.* p.35.

<sup>109</sup> HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção dos países do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

no país. Se há sim um estilo de jogar futebol no Brasil – e distancio-me dessa interpretação – ele opera mais como um discurso virtuosista que tenta enobrecer-se como Arte, que busca a distinção máxima frente às outras nações e que não se preocupa com a historicidade. Não o futebol, mas o estilo nacional de jogar futebol é uma grande narrativa que contamos de nós para nós mesmos – e de quebra para aqueles que queira escutar.



## 4 O NAVIO QUE PARTIU brasil E RETORNOU BRASIL

### 4.1 Um admirável velho mundo novo: A Copa de 1938 e suas fontes

Grandes expectativas a mais uma Copa do Mundo de Futebol. Grandes tensões numa década em que a República escondia-se no eclipse da Ditadura do Estado Novo. Grandes transformações com o rádio, o teatro, a música, a literatura, a produção acadêmica, as cidades e as fábricas. Os anos de 1930 foram intensos na constante disputa dos discursos de modernizações. Nesse ínterim, o futebol teve também seu destaque, especialmente, com a Copa do Mundo de 1938. Terceiro lugar no campeonato, a seleção brasileira chamou atenção de Gilberto Freyre, que em 18 de junho daquele ano, escreveu para o Diário de Pernambuco a crônica, transcrita na íntegra, a seguir.

“Um repórter me perguntou anteontem o que eu achava das “admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux.”

Respondi ao repórter – que depois inventou ter conversado comigo em plena praça pública, entre solavancos da multidão patriótica na própria tarde da vitória dos brasileiros contra os tchecoslovacos – que uma das condições dos nossos triunfos, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um *team* fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas um grande número de pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros.

Porque a escolha de jogadores brasileiros para os encontros internacionais andou por algum tempo obedecendo ao mesmo critério do Barão de Rio Branco quando senhor-todo-poderoso do Itamaraty: nada de pretos nem de mulatos chapados; só brancos ou então mulatos tão claros que parecessem brancos ou, quando muito caboclos, deviam ser enviados ao estrangeiro. Mulatos do tipo do ilustre Domício da Gama a quem o Eça de Queiroz costumava chamar, na intimidade, de “mulato cor-de-rosa”.

Morto Rio Branco, desaparecia o critério antibrasileiro do Brasil se fingir de República de arianos perante os estrangeiros distantes que só nos conhecessem através de ministros ruivos ou de secretários de legação de olhos azuis. E de tal modo desaparecia o falso e injusto critério da seleção de louros que o próprio Barão seria substituído por mulatos ilustres – um deles o grande brasileiro que foi Nilo Peçanha.

Nilo Peçanha... Assistindo também anteontem à fita que reproduz o jogo dos brasileiros contra os poloneses, foi de quem me lembrei – de Nilo Peçanha. Porque o nosso estilo de *foot-ball* lembra seu estilo político.

O nosso estilo de jogar *foot-ball* me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manhã, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de que Nilo Peçanha foi até hoje a melhor afirmação na arte política.

Os nossos passes, os nossos pitus, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança e de capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar *foot-ball*, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para os psicólogos e os sociólogos o mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil.

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de *foot-ball*; e esse estilo é mais uma expressão do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, em curvas ou em músicas técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam alas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo, o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo – para usarmos com alguma pedanteria a classificação de Spengler – e dionisíaco a seu jeito – o grande jeitão mulato. Inimigo do formalismo apolíneo e amigo das variações; deliciando-se em manhas moleironas, mineiras a que se sucedem surpresas de agilidade. A arte do songa-monga.

Uma arte que não se abandona nunca à disciplina do método científico mas procura reunir ao suficiente de combinação de esforços e de efeitos em massa a liberdade para a variação, para o floreio, para o improviso. Até mesmo a liberdade para a ostentação ou para a exibição do talento individual num jogo de que os europeus têm procurado eliminar quase todo o floreio artístico, quase toda a variação individual, quase toda a espontaneidade pessoal para acentuar a beleza dos efeitos geométricos e a pureza de técnica científica. Sente-se nesse contraste o choque do mulatismo brasileiro com o arianismo europeu. É claro que mulatismo e arianismo são considerados não como expressões étnicas mas como expressões psicossociais condicionadas por influências de tempo e de espaço sociais.

O contraste pode ser alongado: o nosso *foot-ball* mulato, com seus floreios artísticos, cuja eficiência – menos na defesa do que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tchecoslovacos é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma.

Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de standartização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal.

No *foot-ball*, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica.

Enquanto o *foot-ball* europeu é uma expressão apolínea – no sentido spengleriano – de método científico e de esporte socialista em que a pessoa humana resulta mecanizada e subordinada ao todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha.

O mulato brasileiro deseuropeizou o *foot-ball* dando-lhe curvas, arredondados e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o cronista europeu que chamou aos jogadores brasileiros de “bailarinos da bola”. Nós dançamos com a bola.

Havelock Ellis – que o meu amigo Agrippino Grieco não sei porque supõe um simples Mantegazza inglês, quando Ellis é, na verdade, um dos pensadores mais lúcidos e um dos humanistas mais completos do nosso tempo – se visse o *team* brasileiro jogar *foot-ball* acrescentaria talvez um capítulo ao seu ensaio magnífico sobre a dança e a vida.

O estilo mulato, afro-brasileiro, de *foot-ball* é uma forma de dança dionisiaca.”<sup>110</sup>

Redundante afirmar que Gilberto Freyre é um dos mais importantes pensadores sociais do Brasil no século XX, seja pelo impacto que a interpretação culturalista teve no modo de enxergar a mestiçagem – tornando-a positiva – seja pelas significativas críticas ao cadinho das raças que poderia suprimir os inerentes conflitos de uma sociedade colonial e escravista. Afirmar que o sociólogo pernambucano é um dos interlocutores privilegiados dos estudos de humanidades e futebol, estando presente em trabalhos relevantes – Antônio Jorge Soares<sup>111</sup> <sup>112</sup>, Fábio Franzini<sup>113</sup>, José Sérgio Leite Lopes<sup>114</sup>, Roberto Da Matta<sup>115</sup>, Ronaldo Helal, César Gordon Júnior<sup>116</sup>, Thiago Maranhão<sup>117</sup> e Túlio Barreto<sup>118</sup> – também não é novidade. Recorrer a um ineditismo seria pueril, tal qual uma análise pormenorizada seria afastar-se da proposta deste trabalho. Assim, o objeto deste capítulo é a visão da participação brasileira na terceira edição do campeonato mundial de futebol, da qual o artigo de Freyre, transcrito na íntegra e publicado pelo jornal *Correio de Pernambuco*, é um profícuo ponto de partida.

---

<sup>110</sup> FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. v. 2, p. 431-433.

<sup>111</sup> SOARES, Antônio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre”, in ALABARCES, Pablo (org.), *Fútbol, identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

<sup>112</sup> SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. **Revista Estudos Históricos**: São Paulo, n. 23, v. 13, 1999.

<sup>113</sup> FRANZINI, Fábio. “No campo das ideias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística”. **Efdeportes-Revista Digital**, 26, 2000. Disponível em [www.efdeportes.com/efd26a/gfreyre.htm](http://www.efdeportes.com/efd26a/gfreyre.htm). Acesso em 15 de janeiro de 2015.

<sup>114</sup> LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**, n. 22, p.64-83, 1994.

<sup>115</sup> DaMATTa, Roberto (org.). *Universo do futebol: futebol e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982.

<sup>116</sup> HELAL, Ronaldo ; GORDON JUNIOR, César. . Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: Ronaldo Helal; Antônio Jorge Soares; Hugo Lovisoló. (Org.). *A Invenção do País do Futebol: mídia, raça e idolatria*. 1ed.Rio de Janeiro: Mauad, 2001, v. 1, p. 51-76.

<sup>117</sup> MARANHÃO, Tiago. Apolíneos e dionisíacos’: o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do ‘povo brasileiro. **Revista Análise Social**, 179: 435-450, 2006.

<sup>118</sup> BARRETO, Túlio. Gilberto Freyre e o futebol-arte. **Revista USP**, n. 62, p. 233-238, 2004.

Na crônica, publicada dois dias após a derrota para a Itália na semifinal do mundial, três eixos temáticos são significativos na análise da construção identitária do futebol brasileiro através de uma Copa do Mundo: primeiro a constante ligação com o entorno social, citando fatos políticos e legitimando explicações sociais para além do esporte; segundo a ideia de um estilo próprio de jogar futebol, que pode ser empiricamente visualizado, mas que também é uma construção discursiva; por fim o paralelismo com os relatos dos jornais, demonstrando que o celebre torcedor do Sport Clube Recife não é voz destoante ou esteta da análise social do futebol. Posto isso, o caminho a se seguir começa por pensar e analisar o ano de 1938, não como resgate histórico, mas como notícias que estiveram estampadas nas páginas dos jornais.

É complicado o trabalho de escrever sobre um ano, sob a pena de ser prematuro nas escolhas de abordagem e transformar o relato em sucessão de eventos anedotários, dignos de um almanaque ou documentário televisivo, mas pouco eficiente numa análise social. Outro penoso erro é se debruçar sobre a ideia de contexto. Nos livros didáticos essa ideia virou coqueluche, em que seria possível explicar qualquer fato histórico e social recorrendo a outros, nem sempre concomitantes, mas que constituiriam uma impressão serena de coesão e de coerência. Assim, elencando as guerras, as revoltas, as fomes e as decepções poder-se-ia explicar tudo que estava posto nas múltiplas relações sociais. No mais, certo grau de eruditismo seria demonstrando, transformando a escrita histórica em ação mais legítima. Por mais pedagógica e colorida que seja essa opção, é limitada e até anacrônica, pois comumente atribui peso determinante a eventos que são posteriores, como se o fato ocorrido ontem pudesse ser fruto direto dos acontecimentos do mês que vem. Fazer um contexto histórico factual é ilustrativo, mas pouco efetivo. Se seu uso parece ser obrigatório em determinados trabalhos, como caráter introdutório, proponho sua substituição. Que se trace o momento histórico relativo ao fato que será comentado, o que nos leva a pensar: o que um jornal traça como notícia no ano de 1938.

Se acompanharmos a ideia de Hobsbawm de “breve século XX”<sup>119</sup> e que sua forja está ligada, principalmente, às fagulhas das guerras mundiais, o final da década de 1930 tem matizes cromáticas interessantes. Na Europa vivia-se um clima de tensão com a ascensão de regimes totalitários. Os jornais não deixaram de trazer relatos da movimentação política na Alemanha, na Itália, na Espanha, na França e no Reino Unido.

---

<sup>119</sup> HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos. O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

A Guerra Civil Espanhola, em curso, estampou os noticiários, destacando a derrota das forças legalistas e democráticas diante da soturna coalização entorno do general Francisco Franco. A expansão do Terceiro Reich também ganhou destaque, pois em março de 1938, com anexação da Áustria, é formado a *Anschluss*. Nos meses seguintes foi a situação do Sudetos da Tchecoslováquia que ganhou manchetes. O mundo estava em guerra, física e psicológica, diante das ruínas do mal fadado Tratado de Versalhes. Reino Unido e França movimentavam-se diplomaticamente; pouco diante dos atos de uma guerra global. Já os EUA recuperavam-se da crise da década anterior com a política de gastos públicos para retomar crescimento econômico: *New Deal* de Franklin Delano Roosevelt, presidente estadunidense.

No Brasil a vida política seguia na Era Vargas. Desde o ano anterior o país vivia numa ditadura personalista, representada por Getúlio Vargas, mas que tinha uma base de sustentação mais ampla, com setores intelectuais e burocráticos corroborando para uma manutenção da ordem e para uma ideia de modernidade. A década que chegava ao seu fim teve pesados investimentos no setor industrial e urbano, o que fazia com que notícias constantes sobre empresas, índices de lucros e mesmo a vida cultural das cidades fosse um mote. Em voga, uma cultura mais urbana do que 20 anos antes. Viva-se os anos de sucesso do Rádio com o noticiário oficial *A Hora do Brasil*, emoldurado pela ópera de *O Guarani* de Carlos Gomes. Vedetes, novela narradas, programas de auditório, cantoras e cantores das multidões. Uma produção cultural de massa, com apelo para círculos que fosse além das elites letradas. As primeiras letras, é claro, ainda tinham um cenário especial, com o Ministério Capanema ampliando o acesso à escola pública. Por fim, uma efervescência intelectual com os debates daqueles que seriam, décadas mais tardes, os grandes interpretes do Brasil – Freyre, Holanda, Prado Jr.

Todo esse caldo aparecia nos jornais paulistanos da época. Evidente, que com olhares próprios, especialmente relutantes ao Governo Vargas. Como nenhum discurso é neutro, mesmo que revestido do tom jornalístico de apenas contar fatos, temos que pensar um jornal como fonte e a partir daí fazer apontamento que o questionem e combatam uma lógica de verdade absoluta apenas espelhada nas prensas. Assim quando analisamos os dois jornais aqui escolhidos, *A Folha da Manhã* e *A Folha da Noite*, devemos pensar

como o *Grupo Folha*, um dos mais influentes grupos midiáticos do Brasil<sup>120</sup> – com jornais impressos, programas de rádio e televisão, editora e portais virtuais – formou-se.

O surgimento do Grupo Folha remete-se à publicação da *Folha da Noite*, em 19 de fevereiro de 1921, um empreendimento de Olival Costa e Pedro Cunha. O escopo do jornal vespertino era de textos pragmáticos, curtos e de fácil leitura. Os textos opinativos, próprios dos jornais do início do século XX, tinham menor destaque frente a um conteúdo muito mais noticioso e vinculado às demandas de interesse dos grupos urbanos<sup>121</sup>. Demanda crescente, visto o rápido processo de urbanização em curso na cidade de São Paulo, na qual as mentalidades urbanas de burgueses e operários – e mil outros tons sociais – divergia dos interesses de uma tradicional fração social residente nos suntuosos palacetes erguidos com os ganhos do café.

A *Folha da Noite*, buscando esse nicho de atuação, afastava-se do outro grande periódico paulistano da época, *O Estado de São Paulo*, fundado em janeiro de 1875. O Estadão – nome como atualmente é conhecido o jornal – tinha um vínculo maior com os setores rurais e assumia, por vezes, posições mais conservadoras, como politicamente apoiar o Partido Republicano Paulista, um dos baluartes de sustentação da Primeira República. Em 1925 surge o segundo título do Grupo Folha, *A Folha da Manhã*. O jornal matutino mantinha a ideia de dinamismo nas notícias, mantinha o vínculo aos setores e corroborava junto com seu congênere vespertino na oposição ao governo oligárquico, até mesmo apoiando o Partido Democrático Paulista.

No final dos anos de 1920, Olival Costa assumiu como único dono dos jornais, tomou nova posição política e aproximou-se dos republicanos paulistas, fazendo coro às críticas à Aliança Liberal, que assumiria, na figura de Getúlio Vargas, o poder em 1930. Ações de violência contra os jornais Folha são notados com o Golpe de 1930, levando à venda para o empresário cafeeiro Octaviano Alves de Lima. É momento de publicações de defesa do café, de maior atenção ao ambiente econômico rural. Nesse sentido revigora-se a oposição ao Governo Vargas, uma vez que a política em defesa do café propaganda pelos dois jornais era distinta das ações empreendidas pelo governo central. A perseguição direta ao jornal concorrente, *O Estado de São Paulo*, fez das Folhas, veículos protagonistas na oposição ao Governo Vargas e defensores dos interesses econômicos de

---

<sup>120</sup> Sobre os dados de circulação das mídias impressas e de acessos dos portais virtuais, disponível em <http://ivcbrasil.org.br/default.asp>. Acesso em 15 de abril de 2015.

<sup>121</sup> TASCHNER, Gisela, *olhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

São Paulo e da concepção do estado como grande motor cultural, econômico e social do país. Vejamos, então como os dois jornais constituíam-se de certo modo eram fontes complementares.

A *Folha da Manhã*, circulava de terça-feira a domingo, com dois cadernos diários, sendo que no primeiro estavam as notícias internacionais e de política e do cotidiano nacional; no segundo notícias econômicas, mais propagandas, notas sobre cultura, notícias do interior do estado e a seção de esportes. Por vezes a seção de esportes vinha com o título “*Educação Physica*” Aos domingos, havia um terceiro caderno, que tornava a edição mais extensa, com maior circulação, quantidade de fotos e anunciantes. Nesse suplemento dominical estavam concentradas informações sobre artes visuais, charges, comportamento, eventos sociais, literatura, moda e uma página com fotos dos fatos internacionais, chamada “*O que vae pelo mundo*”. Por ser o título matutino, sua linha editorial buscava trazer uma gama maior de assuntos, primando pelos textos descritivos e editoriais versando sobre os assuntos polêmicos do dia.

Já a *Folha da Noite* circulava de segunda-feira a sábado. A divisão também seguia dois cadernos, eventualmente com uma terceira seção cumprindo com a função de complementar as notícias internacionais e de política nacional. O esporte também aparecia no segundo caderno, sem identificação própria. A presença de fotos e de opinativos era maior, com editoriais sobre assuntos variados, desde comportamento social, até reflexões sobre a língua portuguesa ou a economia agrícola da época. As primeiras páginas estavam dedicadas ao noticiário político, fosse ele nacional ou internacional. O tom da escrita tornava-se mais ameno, ainda que conservasse alguma formalidade; se o título matutino tinha como intento possibilitar ao leitor uma visão geral do que era notícia, a *Folha da Noite* buscava ser uma síntese para a leitora ou para o leitor já no fim do dia em sua casa. Comum que houvesse reportagens iguais entre os dois jornais e uma página no meio do primeiro caderno trazia resumos daquilo que fora considerado as notícias mais relevantes do dia.

Os dois jornais possuíam como fonte de renda, além das vendas avulsas e dos assinantes – que dispunham de constantes incentivos como sorteios de brindes – a venda de espaços para publicidade. Vale a pena um breve paralelo com o que se tem atualmente, pois a própria ideia de consumo era bem distinta. Não havia, como nos dias atuais, uma seção de classificados vendendo individualmente produtos ou serviços. Anúncios não sistematizados desse tipo apareciam por todo o jornal, algo bem distinto das edições atuais em que anunciantes promovem suplementos especiais, sobrecapas ou até mesmo, no caso

das edições dominicais, o jornal confeccionando um caderno próprio para os classificados, divididos em setores como automóveis ou imóveis. A linguagem das propagandas de maior destaques, via campanhas institucionais, traziam hora uma peça de pouco texto e com imagens – sempre em preto e branco – ou senão camuflavam-se em meio às notícias, fazendo uso de uma pretensa cientificidade ao anunciar o produto ou o serviço, como exemplo, os anúncio dos refrigerantes Brahma, (Figura 1) e do extrato de tomate Peixe (Figura 2)

Figura 1 – Anúncio dos refrigerantes Brahma

Os Refrigerantes da BRAHMA



recommendam-se pelo seu paladar

puro e delicioso

	<p>AGUA TONICA DE QUININO: insuperavel, de nota- veis qualidades tonicas</p>	<p>GUARANÁ BRAHMA: poderoso estimulante</p>	
<p>SODA LIMONADA ESPECIAL:</p>			<p>refresco agradavel</p>
	<p>AGUA CRYSTAL: SPORT SODA: esplendidas aguas de meza</p>		

Fonte: Acervo Folha (<http://acervo.folha.com.br/>)

Figura 2 – Anúncio do extrato de tomate Peixe

*Mais gosto,*  
mais valor alimenticio,  
quando se cozinha com

**EXTRACTO DE TOMATE**  
**PEIXE**

A FONTE DAS VITAMINAS  
**A, B, C e G**



COMO tempero indispensavel que é, o EXTRACTO DE TOMATE "PEIXE" melhora o sabor dos alimentos e lhes dá aspecto mais appetitoso, sem o emprego de materias corantes prejudiciaes á saude. A abundancia de vitaminas do tomate é conservada integralmente no Extracto de Tomate PEIXE, porque a sua concentração se processa lentamente, a baixa temperatura, em pre-*evaporadores e aparelhos a vacuo.*



Peça ao seu fornecedor Extracto de Tomate "Peixe", porque só ha um Extracto de Tomate marca "Peixe".

**FABRICANTES: CARLOS DE BRITTO & CIA. - RECIFE - PERNAMBUCO** PX-54105

Fonte: Acervo Folha (<http://acervo.folha.com.br/>)

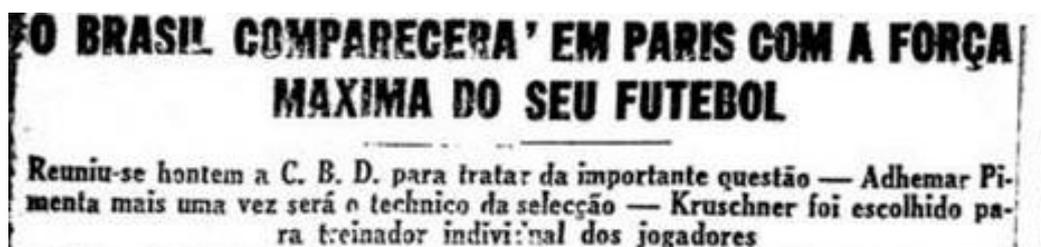
#### 4.2 Preparação em campo – as notícias sobre a seleção Brasileira em formação

Em março de 1938 a cobertura sobre a Copa do Mundo, chamado constantemente de Mundial de Futebol, começou a tomar corpo na *Folha da Manhã* e na *Folha da Noite*. Na edição de 8 de março a *Folha da Noite* apresentou o início dos trabalhos da seleção brasileira, divulgando os nomes da Comissão Técnica e enfatizando algo inédito, comparado com as outras duas edições: um time sem as rusgas bairristas; assim um dos subtítulos da reportagem sentenciava "*Selecionado que terá a força máxima de nosso futebol*"<sup>122</sup>. A própria ideia de "nosso" rompendo com a dicotomia entre Rio de Janeiro e São Paulo cantava novos ventos à participação brasileira no mundial. No mais, ênfase na ideia de força máxima do futebol criava uma aura especial, trazendo expectativas positivas quanto ao desempenho esportivo. Na página do jornal, essa notícia dividia

<sup>122</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1938/03/08/1//5107770>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

atenções com uma reportagem de igual tamanho, no outro canto superior, falando sobre o turfe paulistano, contudo a força da manchete, ela própria em fonte maior (Figura 3), dava contornos do entusiasmo com a formação de um selecionado competitivo e mais representativo da ideia de futebol brasileiro.

Figura 3 – Manchete principal da página 6 do jornal de 8 de março de 1938.



Fonte: Acervo Folha (<http://acervo.folha.com.br/>)

No dia seguinte<sup>123</sup>, foi a vez da *Folha da Manhã* destacar a formação do selecionado nacional, dessa vez com uma reportagem de menor apelo e numa linha diferente daquela pelo jornal noturno. Se a edição da noite anterior enfatizou a formação de um time com força máxima, fruto da não vinculação regionalista, o jornal matutino buscou a valorização dos paulistas como principais cotados para compor a equipe. O título da reportagem anuía com a ideia da representação coletiva ao dizer: “*Os preparativos para a nossa representação no campeonato mundial de futebol*”. No entanto, o subtítulo destacava “São Paulo deverá, mais uma vez, concorrer com a maioria dos elementos para o selecionado”.

O primeiro texto escrito pela sucursal carioca do jornal, pretendia apontar a predominância numérica dizendo que “as primeiras observações em torno da formação do selecionado levam-nos a crer que os jogadores paulistas predominarão em número sobre os cariocas ou de outros Estados.” Já na segunda reportagem, a certeza numérica deu lugar à paixão regional quando: “A ida Pimenta (Adhemar Pimenta, técnico da seleção<sup>124</sup>) deverá acrescentar mais alguns elementos paulistas à nossa representação e, assim, teremos, talvez, a predominância no selecionado brasileiro, dos elementos nascidos no Estado líder”.

<sup>123</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/03/09/1//127168>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>124</sup> Adhemar Pimenta foi, anteriormente, diretor-técnico da Associação Metropolitana de Sports Atlético, entidade que gerenciava o futebol no Rio de Janeiro nos anos de 1930. Em 1936 foi vice campeão carioca treinando o Madureira Esporte Clube, time fundado em 1914 e ligado aos comerciantes do bairro de mesmo nome.

Interessante pensar o apontamento dos atletas por nascimento, não por clube a que estavam vinculados. Se, em via de regra a um paulista seria mais fácil jogar num time de seu estado, não significa que todos se encaixassem nessa regra. Nos jornais atuais a identificação dos clubes dos atletas, mas nos anos de 1930 o local de nascimento atendia melhor às expectativas. Com o regime do Estado Novo, criou-se um momento de centralização e de nacionalismo na política brasileira, sempre com o viés personalista de Getúlio Vargas. Nos idos da Primeira República (1889-1930) o princípio federalista era intenso, com a descentralização de poder e grande autonomia dos estados, razão pela qual, ser Presidente de São Paulo ou Minas Gerais poderia significar mais força do que ser Presidente da República nos jogos políticos.

O Golpe de 1930 marcou a guinada na condução política, pois, se no papel o princípio federativo ficou mantido, a burocratização, desde o ensino público gratuito até a legislação trabalhista, criaram um jogo político muito baseado no poder central. Tanto centralização quanto relativo autoritarismo não eram novidades: o Império era centrado na Corte e nas palavras do presidente Washington Luís, movimento social era caso de polícia no início do século passado. O que a Era Vargas, e aí o Estado Novo na figura da Constituição outorgada de 1937, trazia de novo era suprimir desejos regionais, visto que o Poder Executivo central estava com atribuições amplas, aplicadas na burocracia – Departamento Administrativo do Serviço Público, DASP – e na censura – Departamento de Imprensa e Propaganda, DIP. Como parte do grupo político paulista marcou posição contrária, desde a campanha de Júlio Prestes, evidente que a figura de Vargas possuía muito mais ressalvas no estado. O próprio levante de 1932, demonstrava o desacordo com o poder central. Mesmo que o Grupo Folha estivesse ligado a setores mais urbanos e até classificados como progressistas, seus jornais não deixavam de ser baluartes do discurso de pungência paulista.

A leitura da série histórica, tanto da *Folha da Manhã* quanto da *Folha da Noite*, evidenciou uma qualificação econômica e social de São Paulo em várias reportagens. No período analisado dos dois periódicos<sup>125</sup>, notícias econômicas, em especial sobre o café, estampavam as páginas dos jornais reforçando a ideia de centro econômico. Evidente a força do parque industrial paulista desde a expansão do complexo cafeeiro na segunda metade do século XIX, mas a própria defesa do potencial paulista chamava atenção. Em

---

<sup>125</sup> Foram trabalhadas todas as edições de março, abril e maio de 1938, além das edições de junho até o final do campeonato e uma edição da *Folha da Manhã* de julho, noticiando o retorno da delegação.

maio de 1938 a *Folha da Noite* divulgou uma série de reportagens para defender o plantio de trigo em São Paulo, em detrimento a qualquer local do Brasil. A própria linha de defesa do café marcava o apoio às demandas paulistas. Os preços do café, quando nas épocas de negociação, ocupavam uma página inteira no início da segunda seção da *Folha da Manhã*, normalmente precedendo a parte de esportes. Em 1º de Maio, o editorial “*Passamos do Milhão*”, assumiu que “*As ‘Folhas’ tem grande responsabilidade na nova política do café (...)*”<sup>126</sup>.

Além da defesa econômica, estampada pela série de reportagens sobre a cafeicultura, alguns editoriais afirmavam uma preponderância “civilizatória”<sup>127</sup> de São Paulo, arregimentando adjetivos que qualificavam o estado como local de distinção na sociedade brasileira. É esse pêndulo que chama atenção e merece destaque quando se pensa o comportamento dos jornais na cobertura do futebol: em alguns momentos, bem ao sabor do nacionalismo dos anos 1930, falava-se em “nosso”, como uma coletividade Brasil; ao mesmo tempo em que identidade paulista, como resistência e autoafirmação, também era presente. Assim, falar da seleção brasileira em preparação deveria ser também falar dos paulistas que a compunham. No mais, trazer essas referências locais poderia contemplar a demanda do público por notícias que lhe fossem próximas; talvez a um paulistano ou a um paulista do interior – mas a qualquer que tomasse para si uma identidade regional – as notícias do outro lado da rua, visíveis da sua janela, são muito mais interessantes do que os contos de montes longínquos.

Nesse sentido o tom alarmista também estava presente na hora de operar a dupla identidade. Em 15 de março, uma breve notícia sentenciava em seu título: “*Encontrei uma carência absoluta de jogadores em S. Paulo*”<sup>128</sup>. A declaração é do técnico Adhemar Pimenta que fora a São Paulo assistir ao jogo entre Palestra e Santos. Chamado de “técnico da CBD (Confederação Brasileira de Desporto)” e não de técnico da seleção, uma estratégia que poderia ser vista como deslegitimação, posto a crítica contundente feita pelo técnico diante “de um futebol pobre de técnica e os jogadores, individualmente

---

<sup>126</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/01/1//5195008>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>127</sup> Em 25 de maio de 1938, um artigo publicado na terceira página do jornal, estampava essa ideia de protagonismo paulista. Intitulado “*As bases da civilização paulista*” fazia uma apologia ao desenvolvimento científico como chave para grandes avanços vindouros, atrelando o “aperfeiçoamento” da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras” da Universidade de São Paulo como fundamental para a “civilização paulista”. Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/25/1//179229>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>128</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/03/15/1//127258>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

não se salientaram também”. Parece que uma grande incoerência está posta quando confrontamos essa reportagem com a retratada anteriormente. Primeiro a impávida certeza de prevalecerem paulistas na possível seleção, alguns dias depois um assombro negativo. Ocorre que no primeiro caso é a opinião do jornal sobre a escalação e no segundo a do técnico da seleção brasileira diante de um jogo entre clubes paulista, como evidenciado na Figura 4.

Figura 4 – Análise do técnico Adhemar Pimenta sobre os jogadores paulistas, em reportagem da Folha da Manhã de 15 de março de 1938.

**“ENCONTREI UMA CARENCIA ABSOLUTA DE BONS JOGADORES EM S. PAULO”**

**Declarou o tecnico Adhemar Pimenta ao desembarcar de regresso ao Rio de Janeiro — O organizador do seleccionado brasileiro para o Campeonato Mundial pretende assistir ao encontro de domingo proximo entre o Corinthians e a Portuguesa — Nenhum juiz sul-americano para o certame de Paris**

RIO, 14 (Da nossa succursal — pelo telephone) — O tecnico Adhemar Pimenta, que chegou hoje de São Paulo, deu aos jornalistas que o foram esperar na estação, as seguintes informações sobre a sua viagem á capital bandeirante:

— “Encontrei uma carencia absoluta de bons jogadores em S. Paulo.

Assisti á pejeja entre o Palestra e o Santos e não gostei da actuação dos elementos de ambos os quadros. Os dois exhibiram um futebol pobre de technica e os jogadores, individualmente, não se salientaram, tambem.

Pelo que observei, somente Cyro, arqueiro do Santos, e Gradim, o centro-médio do Rio Grande, que actuou na meia direita do quadro de Villa Belmiro, me agradaram. Este ultimo, aliás, soube mais tarde, que tem uma lesão, explicando-se, assim, o decréscimo de seu jogo no segundo tempo. Do Palestra, poderão ser aproveitados, Carnera, que continu'a agindo bem, Luizinho e o médio Del Nero”.

Depois de uma pausa, continuou o tecnico da C. B. D.:

“Estive com o sr. Arthur Tarantino, além de outros directores da Liga Paulista. Soube, então, que essa entidade estava sem tecnico e que o nome de Lagreca fóra indicado. O veterano dos campos brasileiros, porém, até o momento de meu regresso, não havia sido encontrado, estando, por outro lado, alheio ás coisas do futebol paulista. Pelo que pude observar a superioridade actual do futebol carioca sobre o paulista é evidente. Estabelecendo-se um confronto, verifica-se que qualquer dos elementos convocados, até agora, é superior aos que vi actuar domingo.

Obtive informações seguras — proseguí — de que Brandão e Argemiro estão actuando muito bem. O médio esquerdo da Portuguesa, ao que dizem, é superior a Del Nero. Os dois estão, por isso, nas minhas cogitações, embora nada haja resolvido. A convocação desses dois elementos está dependendo de minha volta a S. Paulo no proximo domingo”.

E, respondendo á pergunta de um reporter, acrescentou:

— “Pretendo voltar a S. Paulo para assistir o jogo de domingo entre o Corinthians e a Portuguesa. Depois disso é que poderei opinar sobre Argemiro, pois, Brandão é meu velho conhecido. Terei um encontro com o dr. Castello Branco, a quem farei uma exposição de tudo quanto observei em São Paulo e só depois disso ficará assentado em definitivo se voltarei lá” — terminou Adhemar Pimenta.

**NENHUM JUIZ SUL-AMERICANO ACTUARA' EM PARIS**

RIO, 14 (Da nossa succursal — pelo telephone) — Nenhum juiz sul-americano está escalado para actuar nos jogos do magno certame de Paris. Todos esses jogos serão arbitrados por juizes europeus. Referindo-se ao assumpto, o sr. Luiz Aranha assim informou á reportagem:

— “O Brasil mandou, na época oportuna, a relação dos seus juizes habilitados. Se até agora nenhum delles foi designado para actuar, póde-se prender a circumstancias a dois factores: ou o sortelo realmente não nos favoreceu com nenhuma escalação, ou os dirigentes da Copa do Mundo acharam preferivel designar somente juizes europeus. Assim, os juizes argentinos tambem não foram escalados”.

Como são interlocutores distintos diante de fatos também distintos é apropriado eximir-se do raciocínio de extremos opostos. Assim, é inegável que a imprensa paulista, na figura das *Folhas*, acreditava na grande virtuosidade dos jogadores dos times paulistas e era entusiasta do futebol local, pois mesmo durante a Copa do Mundo não deixou de noticiar exaustivamente os ocorridos nos jogos domésticos. Dotado de grande expectativa, o furor jornalístico soçobra quando encara a realidade. Por mais vistoso que fosse o futebol de São Paulo, era perfeitamente possível que um jogo relevante do campeonato local não fosse tão glorioso.

Esse é um cenário deveras interessante, pois a narrativa do futebol brasileiro – como outras tantas sobre um passado primoroso de uma dada sociedade – comumente atribuí ao passado uma nostalgia como algo próximo a uma Era de Ouro, contudo, jogos sem grandes brilhos ocorriam e são parte do cotidiano de um esporte. Aquilo classificado como genialidade está mais para melhores momentos pinçados dentro de um contínuo de partidas medianas. Lida a reportagem por inteiro, Adhemar Pimenta é menos vilão a propagar pesadelos, pois fala de um único jogo, de jogadores que poderiam chamar atenção, bem como seu intento de retornar a São Paulo para observar outros atletas no jogo entre Corinthians e Portuguesa. No mais fica evidente que outros indivíduos já eram conhecidos do técnico, portanto, observações mais minuciosas eram secundárias. Mesmo que não sendo o assunto principal, a reportagem da *Folha da Manhã* evidencia um momento em que se começa um planejamento para disputa do principal campeonato de seleções nacionais de futebol masculino.

Os idos de março prosseguem e a cobertura nos dois jornais ainda não estava sistematizada, fazendo que as notícias sobre a seleção ocupassem espaços variados, e não diários. De fato havia pouco a se informar como notícia, uma vez que o grupo ainda não estava formado e notícias do exterior eram escassas. Observando a questão da cobertura do futebol internacional ficou latente que as limitações de comunicação, tendo em vista a tecnologia da época, tornava pouco eficiente uma cobertura pormenorizada tanto da organização na França, quanto das eliminatórias continentais. Do noticiário internacional apenas a situação de impasse na Argentina, em que os custos e termos de liberação dos jogadores dos clubes locais ainda tornava indefinida a participação do país vizinho. Dos grandes clubes argentinos da época, Boca Juniors e River Plate estavam pouco solícitos às condições de liberação de seus jogadores, enquanto que Independiente e San Lorenzo mostravam-se mais suscetíveis à participação no mundial.

A discussão argentina demonstrava que o apelo do campeonato ainda era restrito, sendo possível para uma equipe qualificada simplesmente declinar da participação. Comercialmente o próprio torneio não era ainda um produto vendável – até mesmo porque o estouro do esporte como produto data das décadas finais do século XX – visto que estava nos ombros das federações nacionais e de seus clubes arcar com gastos elevados de transporte e logística para disputar o evento. No Brasil, o questionamento de como arcar com os gastos materiais da participação da seleção nacional também ganhavam espaço nos jornais.

Sem recursos próprios a CBD anunciou em 16 de março<sup>129</sup> como seriam pagos os custeios da “Taça Mundo”. Luiz Aranha, presidente da entidade, em entrevista coletiva para “chronistas esportivos” fez “detalhada explanação”<sup>130</sup> de como seria a participação “do Brasil no campeonato mundial de futebol.

[...]

Foi longa a explanação do presidente da entidade máxima, começando por acentuar que todos os ‘cracks’ terão as maiores facilidades, sendo, porém, inflexível a CBD quanto às obrigações de cada um para com ela

O Sr. Luiz Aranha, falando sobre a viagem da delegação, frisou que já havia conseguido do governo o custeio das despesas com a delegação que irá à França.

Não obstante estarem asseguradas despesas da embaixada, será feito um apelo ao comércio e aos bancos, no sentido de auxiliarem a nossa representação, sendo os fundos arrecadados recolhidos a uma caixa única.

Calcula o presidente da CBD, em quatro meses o tempo em que os jogadores ficarão à disposição da entidade. Para esse prazo foram reservados noventa contos de reis, destinados aos ordenados dos ‘cracks’ e vinte contos para ajuda de custo.

O embarque da delegação, como já resolvido, será feito a tempo de chegarem os jogadores à França quinze dias antes da data marcada para o primeiro jogo.

A viagem será feita em vapor polonês.

Está estabelecido também que se o Brasil chegar à final ou semifinal, os ‘cracks’ terão prêmios especiais, além daqueles que receberão.

---

<sup>129</sup>Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1938/03/16/1//5036650>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>130</sup> Luiz Aranha presidiu a CBD de 1936 a 1943, período em que também acumulou o cargo de presidente do Botafogo Futebol Clube. Além do vínculo com o clube carioca, há que se destacar que seu irmão Ciro Aranha fora presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama (1942/1944; 1946/1948; 1952/1954) e que seu outro irmão, Oswaldo Aranha, importante político e diplomata brasileiro que entre as décadas de 1930 e 1950 exercera importante papel na Política Externa do Brasil, sendo ministro e embaixador em diversas oportunidades, sendo um dos nomes importantes de sustentação política do Governo Vargas.

A CBD CERCARÁ OS JOGADORES DE TODAS AS FACILIDADES NOS JOGOS ANTERIORES, HAVENDO SEGURO CONTRA ACIDENTES EM JOGO OU FORA DELE.

Depois de submetidos a exame periódico na Escola de Educação Physica do Exército e dos treinos, os ‘cracks’ passarão quinze dias em Caxambu, concentrados. Naquela estação hidromineral podem todos treinar, pois existe um campo com medidas regulamentares.

O dr. Luiz Aranha, em dado momento da sua exposição, acentuou que alguns clubes estavam receosos de ceder seus ‘cracks’, atendendo aos gastos com eles feitos. Disse então o presidente da CBD que sua entidade, caso o Brasil chegasse a final ou semifinal e arrecadasse grande renda, seria a importância recebida distribuída pelos clubes.

A delegação brasileira levará a França um ‘speaker’, a fim de fazer as irradiações oficiais dos jogos.

[...]

O Sr. Luiz Aranha esclareceu ainda a situação em que ficarão os jogadores perante a CBD: todos os vinte e dois jogadores que formarão a seleção brasileira, assinarão um compromisso com a CBD. Receberão por mês a quantia de um conto de réis, sem distinção. Antes da partida terão uma ajuda de custo ainda não fixada e quando se acharem em França, terão uma diária que variará de dez a vinte francos, dependendo do custo de vida das localidades por que passarem.”<sup>131</sup>

A ligação com o Poder Público com o financiamento esportivo não causa tanto espanto aos olhos contemporâneos tendo em vista que desde os anos de 1990, dezenas de leis de incentivo fiscal e patrocínios diretos permitiram que uma significativa quantidade de dinheiro público fosse investido em vários esportes, desde as categorias de base até o alto rendimento. Em 1938, esse investimento público, teve caráter peculiar, pois a propaganda oficial da Era Vargas, buscava suplantiar a ideia de identidades regionais.

O financiamento vir do governo central e não de governos locais – que pese que nos anos de Estado Novo, o Princípio Federativo estava fragilizado, o que direcionaria para medidas no poder central – reforçava a ideia de que o time montado era uma seleção nacional. Mais ainda, aproximava o governo de um elemento discursivo que poderia trazer frutos positivos, uma vez que, ao funcionar como metonímia do Brasil, qualquer equipe esportiva reforçaria o intento de unidade nacional. Sob o risco de também trazer para si o ônus de uma derrota, o Governo Vargas investiu na participação da seleção brasileira, no mundial da França. Qualquer ação do Estado em apoio ao esporte, mais do que um elemento vívido de propaganda, tem a primorosa função de criar interlocução com o público. Contudo, o apoio do governo conservava limitações e não seria possível custear todos os gastos, necessitando de complemento do setor privado. Ainda assim,

---

<sup>131</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1938/03/16/1//5036650>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

durante o evento, o Tribunal de Contas da União aprovou a suntuosa doação de 200 contos de réis a CBD no intento de apoiar o time nacional<sup>132</sup>.

Luiz Aranha falou em captar apoio do setor comercial e dos bancos para financiar o valor faltante para os custos do campeonato. De fato o valor robusto assustava porque além da estadia na França e o transporte havia que se resolver a questão de salário dos jogadores. Com o profissionalismo real mais estampado do que nas últimas duas Copas, os gastos da CBD deveriam contemplar o salário de jogadores. Em parte o grande conflito era esse: quem pagaria o salário do jogador de futebol trabalhador? Obviamente os clubes não estavam dispostos a arcar com esses gastos. Por mais que campeonatos alternativos estivessem sendo disputados e houvesse entrada de caixa nas agremiações, seus trabalhadores estavam sob tutela de outra entidade.

Por meio do ofício nº 598<sup>133</sup>, na figura de dirigente da Federação Brasileira de Futebol (FBF), o José Maria Castello Branco explicou como seria o pagamento das despesas dos atletas cedidos à seleção. Primeiro uma burocracia própria: a Confederação Brasileira de Desporto – a quem se destinava o ofício – representava o futebol perante à FIFA, mas era a FBF que administrava o futebol internamente a partir da profissionalização. Castello Branco, por sua vez, ocupava cargo nas duas entidades tornando a comunicação cheia de peculiaridades, sendo “dispensável (...) providências burocráticas”. Havia certo apelo emocional para a participação dos jogadores, como a fala que eram “julgados dignos da honra de representar o Brasil no prelo máximo do futebol mundial”. E o alerta de que os ganhos não seriam apenas material: “Os jogadores que foram distinguidos como elementos constitutivos do selecionado brasileiro, usufruirão não apenas de vantagens materiais decorrentes da escolha, como, as de ordem esportiva”. Eram os responsáveis por “engrandecer o prestígio esportivo do Brasil”. Por mais que houvesse o apelo emocional em defesa das cores nacionais, ainda era preciso assegurar materialmente clubes e atletas, por isso o ofício apresentou cinco itens referentes ao custeio.

- “a) – pagamento dos vencimentos do jogador à razão de réis 1:000\$000 (um conto de reis) por mês, desde o dia da requisição efetiva até cinco dias após o seu regresso à Pátria.
- b) – seguro contra acidentes.

---

<sup>132</sup>Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/10/1//179509>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>133</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1938/03/23/1//5036876>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

- c) – pagamento de uma só vez ao jogador dias antes do embarque para o estrangeiro de uma ajuda de custo a ser brevemente fixada.
- d) – pagamento ao jogador de uma diária, quando no local dos jogos, que será estipulada pela chefia da delegação, tendo em vista o custo de vida da cidade em que estiver hospedada a delegação.
- e) – pagamento de gratificações melhoradas, a critério da chefia da delegação, de acordo com o valor do adversário, havendo bonificação especial no caso do selecionado disputar a partida final do campeonato.”<sup>134</sup>

Assim, ficou resolvida a questão de rendimento dos jogadores, sendo destinada formas de pagamento que garantiriam sua estadia na França, bem como não onerariam os clubes com os salários dos funcionários afastados. Até mesmo um seguro contra acidentes ficou acertado. Mais do que paixão, falava-se já de um negócio com movimentação de capital, que se tímido para os dias atuais não era de ser desconsiderado para a época. Além das diárias, dos salários e dos seguros, a CBD assegurou não possuir interesse em “resultado pecuniário”; portanto, as rendas que pudessem ser obtidas através da atuação do selecionado seriam prontamente divididas entre os atletas e os seus clubes.

Para complementar as rendas necessárias ao custeio do campeonato, além do apoio do governo federal, a iniciativa privada investiu na seleção nacional. Em 29 de março, a *Folha da Manhã* trouxe na notícia de que o comércio do Rio de Janeiro prestaria auxílio para os gastos com a Taça do Mundo.

“Auxílio do Commercio Carioca à seleção brasileira – os donativos da CIA. Souza Cuz, Banco do Brasil e Commercio e Indústria do Rio de Janeiro

Rio, 28 – (da nossa sucursal – pelo telefone) – A iniciativa da CBD solicitando do alto comércio auxílios para a representação brasileira na Europa, vem tendo a melhor acolhida. Já sobem a cinquenta contos os primeiros oferecimentos.

A primeira oferta partiu da Cia. Souza Cruz, que, num gesto nobilitante, pôs à disposição da CBD, a importância de dez contos conforme foi noticiado.

Agora, surgem novos oferecimentos: o Banco do Brasil acaba de comunicar à CBD que se acha à sua disposição a quantia de vinte contos para auxiliar as despesas com a embaixada nacional.

O reputado estabelecimento bancário, Banco Commercio e indústria do Rio de Janeiro, ofereceu o valoroso donativo de dez contos. A Cia. Financial doou à CBD a quantia de cinco contos.”<sup>135</sup>

<sup>134</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1938/03/23/1//5036876>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>135</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/03/16/1//127270>. Acesso em 28 de março de 2015.

Outras doações pontuais continuaram a aparecer, como da Cia. Sul América Terrestre, que dou à CBD dez contos de réis<sup>136</sup>. O engajamento material em custear a seleção brasileira traria apoios da sociedade de forma ampla, um exemplo disso foi a ação da

“campanha do selo, instituída pela CBD, afim de angariar fundos para as despesas da nossa representação que irá a `Paris [...] O plano é original e pretende alcançar êxito. Serão vendidos selos de \$500 (quinhentos reis), todos numerados. Dias antes do embarque da delegação, proceder-se-á a um sorteio e o portador do selo cujo número coincidir com o do sorteio, será contemplado com uma viagem à Paris, como representante da torcida brasileira.”<sup>137</sup>

O primeiro “ensaio” (treino) dos convocados, noticiado em 25 de março<sup>138</sup>, demonstrou como ainda falava-se de um futebol de outros tempos, com outras demandas. Compareceram para as atividades contra o time carioca do São Cristóvão, apenas nove dos vinte e oito convocados. No estádio do Fluminense, a sucursal da *Folha da Manhã*, por telefone, sentenciou: “Não foi promissor o ensaio tendo a maioria dos jogadores chegado atrasado ao local. O próprio técnico chegou quarenta minutos depois da hora marcada”. Ou seja, por mais que o profissionalismo já vigorasse, não era a lógica do trabalho a reinar por completo. Mas a manchete que estampou “Não agradou o primeiro ensaio do selecionado”, escondeu a limitação do treino, que pela falta de jogadores convocados, foi conduzida com os jogadores do time carioca, completando o que seria a seleção. Mais do que “total displicência por parte do selecionado”, via-se um início de preparação que ainda era mambembe, tateava com um viés de treinamento, mas teria longo caminho pela frente.

---

<sup>136</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1938/04/04/1//5037236>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>137</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1938/04/02/1//5037190>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015. Nos selos vinha a frase “Ajudar o Scratch é dever de todo brasileiro” e foram postos à venda 100 mil unidades, totalizando quase 45 contos de reis

<sup>138</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/03/25/1//127408>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015

Figura 5 – Folha da Manhã de 25 de março sobre o primeiro treino da seleção

**RIO, 24 (Da nossa sucursal — pelo telephone) —** Nove dos vinte e oito jogadores convocados para a formação do seleccionado brasileiro treinaram hoje no estadio do Fluminense, contra o quadro do S. Christovam. Não foi muito promissor o ensaio, tendo a maioria dos jogadores chegado atrasado ao local. O proprio tecnico chegou quarenta minutos depois da hora marcada.

Os jogadores que compareceram foram os seguintes: Jahu, Nariz, Martin, Affonsinho, Alvaro, Niginho, Peracio, Patesco e Hercules.

Marcado para as oito horas, só ás 9.35 começou o ensaio. Preliminarmente, o tecnico Pimenta fez aos jogadores uma dissertação sobre a maneira de jogar dos europeus e as diferenças que se encontram nas regras adoptadas no Velho Mundo.

A exhibição dos "cracks" não agradou, em absoluto. A partida desenvolveu-se com grande displicencia da parte do seleccionado, tendo o S. Christovam exercido remarcado dominio, travando luta ingente com a defesa do seleccionado, no qual só Jahu, Affonso, Peracio e Magdalena se conduziram com mais ardor.

Fonte: Acervo Folha (<http://acervo.folha.com.br/>)

Em desacordo com uma imagem idealizada do futebol brasileiro em seus primeiros sucessos nacionais, a discreta reportagem ainda assinala dois pontos de importante reflexão. Primeiro uma iniciação à discussão tática quando o “técnico Pimenta fez uma dissertação sobre a maneira de jogar dos europeus, e as diferenças que se encontram nas regras adotadas no Velho Mundo”. Evidente que diferenças na concepção do jogo seriam percebidas em locais tão distintos, mesmo porque a organização e a profissionalização em cada localidade, criou campeonatos diferentes, pragmatismos próprios e adaptações que contemplassem a busca pelo sucesso. Mais do que a simplificação presente, juntando sob o mesmo signo uma furta cor chamada Europa, havia especificidades que os jogadores brasileiros deveriam conhecer dos possíveis adversários.

Disse que seria uma iniciação, porque não foi possível perceber na reportagem que houvesse sistematização nesse campo, a dissertação do técnico, parecia mais caminhar na narrativa, na construção de uma história, que se possuía elementos esportivos<sup>139</sup>, também estava, nas entrelinhas, recheada do discurso identitário, pois se presumia, vez mais, a hiperbólica destinação “nós X eles”.

O segundo ponto é a entrevista do técnico Pimenta ao final do jogo. Se o discurso histórico do futebol brasileiro baseou-se no protagonismo dos jogadores e na ideia de possuir talento inato, a participação da Comissão Técnica, completava essa imagem, sendo preterida e por vezes posta como irrelevante. Bastaria, segundo esse pensamento, juntar bons jogadores, dar-lhes a bola e o sonho brotaria dos pés. Contudo, Pimenta anunciava-se com papel importante, já preocupado com a questão do entrosamento, demandando que os ensaios somente seriam positivos se houvesse o quadro completo e preparava-se para as dificuldades, declarando após o treino:

“Sem contar com os elementos convocados para o exercício, não era possível haver articulação precisa. Espero que no exercício de domingo as coisas corram melhor e possa contar com os elementos necessários. Há jogadores no combinado que se encontram integrando o mesmo quadro pela primeira vez. Daí não ser possível, em poucos minutos, exigir uma produção de conjunto apreciável.

Depois de dois ou três treinos, poderei dar uma impressão, senão exata, pelo menos aproximada da formação de nossa representação. A tarefa é árdua, pois, encontro também, entre os elementos convocados, alguns que se acham fora de forma, devido ao longo período de férias que tiveram”.<sup>140</sup>

Se o brilhantismo podia existir, ainda assim estava atado a uma realidade mais acinzentada, casmurra, que traria desafios a serem vencidos com mais do que apenas a bola a rolar na grama reluzente. Se o talento era decisivo, na imprensa paulistana a voz do técnico também podia ecoar e falar do aspecto físico, por exemplo. Na verdade, a reportagem distanciou-se do talento e frisou muito mais o despreparo momentâneo e a

---

<sup>139</sup> Interessante retomar que Pimenta fala em “regras diferentes”. Luiz Henrique de Toledo, em seu texto O país do futebol, comenta essa ideia das regras, demonstrando que a criação de “estilos próprios” seria fruto da maneira como a interpretação – e não a regra em si – eram vistos nos dois lados do Atlântico. Em Além-Mar o contato de ombro era logo punido com falta. No Velho Mundo, no entanto o contato era tolerado, criando uma lógica baseada na condução de bola e no passe, respectivamente. Cf. TOLEDO, Luiz Henrique de

<sup>140</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/03/25/1//127408>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

caminhada complicada de trabalhos com a seleção. O “ensaio” ainda mereceria espaço no jornal do dia seguinte:

RIO, 25 (Da nossa sucursal – pelo telefone) – A maior preocupação dos meios esportivos cariocas, é sem dúvida nenhuma, o preparo do nosso selecionado que irá a Paris disputar o campeonato do mundo. Por isto (sic), assumiu feição de verdadeiro acontecimento esportivo o ensaio de ontem em que apareceram nove dos elementos convocados para nossa representação. No portão do estádio do Fluminense aglomerava-se numerosa multidão que alimentava a esperança de poder entrar para ver o estado atual dos nossos ‘cracks’, apesar de ser o ensaio secreto. Só os sócios do tricolor, porém, foram felizes e quebraram, com a sua presença, o mistério do ensaio. Não obstante três estações de rádio – a Cruzeiro do Sul, a Nacional e o Rádio Clube – transmitiram todos os detalhes do exercício, o que proporcionou à muita gente assistir, ‘com o ouvido’, a primeira movimentação dos ‘cracks’. Após o ensaio o público esportivo disputou as segundas edições dos jornais vespertinos que publicaram a descrição e fases do primeiro preparo em conjunto, dos jogadores convocados.

Foi, portanto, uma tarde cheia de comentários esportivos. Falou-se na atitude do Fluminense de não apresentar seus jogadores para o ensaio; discutiu-se a irregularidade disciplinar dos jogadores que chegaram atrasados; lamentou-se a ausência dos convocados paulistas e dos elementos do Flamengo e do América; o que mais se agitou, entretanto, tomando por paradigma a primeira exibição, foi a atuação displicente, a má forma dos jogadores requisitados, paralelamente com a constituição do selecionado.”<sup>141</sup>

Se a palavra “preocupação” poderia significar um sinônimo para expectativa, em meio a uma construção de seleção nacional inédita ao Brasil, em especial para um torneio na Europa, há que se notar que ela também possui, em sua constituição, um universal negativo de sentido. A matéria flerta com essa dupla possibilidade de interpretação, pois se é expectativa que levou grande público para acompanhar o treino, é também apreensão diante da má atuação dos jogadores brasileiros. Ou seja, se houve grande interesse em ver o time brasileiro em campo, houve também desanimo com um “ensaio” pouco promissor, numa linha de notícias em que se caminhava como equilibrista entre a expectativa e a decepção.

Chama a atenção também o discurso de que todo torcedor – excluindo, com iniquidades as mulheres – é também técnico. É comum na imprensa contemporânea que se assume que o país, quando se trata da seleção nacional, dispõe de milhões de técnicos. Mas o jornal paulistano corrobora com a associação entre técnico e torcedor usando do

---

<sup>141</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/03/26/1//127421>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

estranhamento e do distanciamento. Diante da pífia exibição dos convocados, foi retomada a declaração de um torcedor, na qual, deveria embarcar para Paris os jogadores do time carioca do América.

#### “MANDARIA O AMÉRICA

No Rio, cada torcedor é um técnico, e é nessa qualidade que o público toma parte saliente na organização do nosso time. Os jornais estão cheios de ‘palpites’ dos ‘eleitores assíduos’. É claro que cada torcedor puxa ‘a brasa para a sardinha’ do seu clube. Ainda há poucos dias saiu a opinião de um torcedor que é evidentemente, um apaixonado pelo América. A meu ver, o selecionado deveria embarcar com a seguinte constituição: Tadeu, Domingos e Badu; Brito, Brandão e Possato; Luizinho, Carola, Plácido, Leônidas e Piririca (escalação com a maioria dos jogadores do América).<sup>142</sup>

Florescido o clubismo, não é efeito nacional os palpites acerca da constituição do selecionado, mas sim que “no Rio, cada torcedor é um técnico”. Distanciamento da máxima da paixão eloquente: lá os amores fazem com que a paixão assuma postura máxima, mas silencia-se o que neste lado do Paraíba do Sul também poderia haver de identificação. Com essa divisão setorizada, podia-se observar como os pensamentos nacionais em torno do futebol, ainda poderiam ser incipientes.

Ainda sobre o primeiro treino, especificaram-se as penalidades para faltas ou atrasos. O dirigente Castello Branco anunciou que os jogadores atrasados ou faltosos seriam advertidos e no caso de reincidência, dispensados do quadro de convocados.

“Deve-se notar que os jogadores são parte grandemente interessados em figurar no selecionado. Isso porque além de servir-lhes de cartaz invejável para o futuro, a ida com o selecionado a Paris significa também a oportunidade para uma bela viagem sem qualquer ônus. Muito ao contrário, com vantagens. Daí eu pensar propositalmente que nenhum jogador irá faltar aos ensaios. Os que não puderam comparecer, certamente o fizeram por motivos fortes. Todavia, se se verificar a hipótese de uma falta sem justificativa, o jogador será advertido pela Federação. E na reincidência será, então, excluídos dos ensaios. Mas espero que não será necessária a aplicação de qualquer penalidade. Os jogadores compreenderão, por certo, as suas obrigações e não darão motivos para punições.”<sup>143</sup>

Novamente a dualidade, em que se pesou o futuro profissional dos jogadores por participarem do selecionado e o caráter amador, da viagem de lazer. De qualquer forma,

---

<sup>142</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>143</sup> Idem, *ibidem*.

o estabelecimento de regras mais contundentes deu tom à organização dos trabalhos de preparação, demonstrando que mais do que o aglomerado de talentos, o intento era de disciplina em busca de resultado positivo.

Sobre o Rio de Janeiro, na reportagem do dia 27 de março<sup>144</sup>, prometia-se um treino mais entusiasmante para o selecionado no domingo, com chegada de mais jogadores e a aplicação do sistema de condutas disciplinares. Ao final da reportagem, a preocupação com a preparação física dos jogadores volta à tona noticiando que a Escola de Educação Física do Exército havia procedido exames em alguns dos atletas, estando eles aptos. Havia, a despeito do que poderia supor, uma preocupação com as condições físicas dos jogadores, noticiando exames, descrevendo as contusões e as recuperações. A fala do técnico Pimenta não estava descolada da preocupação geral com a preparação. Por isso também, o planejamento dos dirigentes ganhou destaque. Os dias de concentração em Caxambu, precederiam ao embarque para Paris, ficando na cidade mineira até 23 de abril. A logística na verdade para o embarque foi primorosa. Para compensar as desgastantes duas semanas de travessia transatlântica, os jogadores teriam cerca de 20 dias de aclimatação na França, sendo reservado em Colombes um hotel para uso exclusivo da seleção<sup>145</sup>.

O esperado treino de domingo não ocorreu devido à chuva, no compromisso seguinte, já em abril, o selecionado apresentou novo revés. Com mais dois convocados em campo, ainda assim o sucesso não ocorreu e o selecionado foi vencido pelo Fluminense, por 4 a 1<sup>146</sup>. Causa-nos até certo estranhamento, mas por conta da dificuldade logística e mesmo pela dimensão não global do futebol, fazer “ensaios” contra times brasileiros de grande relevância, bagunçando um pouco a certeza inexata dos clubismos, era mais comum do que enfrentar seleções estrangeiras. Mas se os ensaios não trariam grandes resultados a acender a esperança perpetua de triunfo, a atenção ainda estava direcionada à questão da disciplina e da ordem na seleção.

A recepção em Caxambú foi condizente com o “entusiasmo e interesse” demonstrado pelos jogadores em relação ao Campeonato Mundial. A “linda cidade aquática” recebeu jogadores e imprensa com banda, multidão nas ruas, empresários e

---

<sup>144</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/03/27/1//127435>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>145</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/03/30/1//127495>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>146</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/01/1//127528>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

autoridades, perfazendo o quadro do “mais elegante que se encontra aqui” num evento social ímpar<sup>147</sup>. Os jogadores seguiram para o Hotel Lopes, descansaram para depois do exame médico receberem a dieta das águas. Curiosa homeopatia valendo-se de Caxambú ser uma notória estância hidromineral que se acreditava, pela variedade de composições das águas, poderem tratar males psicossomáticos variados; uma verdadeira farmacologia natural. Assim, “o regime das águas foi feito segundo as necessidades de cada um, em doses pequenas e fracionadas a fim de evitar todo e qualquer inconveniente, mesmo passageiro”<sup>148</sup>. Até mesmo o técnico Pimenta recebera sua prescrição, a sugestiva “famosa água da beleza”. Em algum grau, dentro do conhecimento médico de época, a grande preocupação era ter os jogadores fisicamente preparados, ou seja, mais do que talento inato fazia-se necessário planejamento e treino. Dentro, da fala constantemente evocada da disciplina.

No mesmo espaço em que se falou da chegada da “embaixada” a Caxambú, da esfuziante festa, a disciplina voltou à cena, tirando a poesia de onde devia e não devia. Pimenta foi entrevistado e numa extensa declaração<sup>149</sup>, reafirmou que seu papel na “embaixada” brasileira não divergiria daquilo que foi seu trabalho noutras oportunidades. Mesmo que o tom fosse de ter “amigos e companheiros dedicados”, a fala defendia que em meio à “árdua missão”, apenas a disciplina poderia levar ao sucesso. Mais do que chefe, nesse empreendimento, Pimenta se via como subordinado da CBD, criando uma aproximação tanto da estrutura militar – obediência hierarquizante – quanto uma lógica de trabalho ao se identificar como funcionário da Confederação. Suas palavras corroboraram com os dizeres de outros agentes históricos que, naquela preparação da seleção, observaram a necessidade de disciplina. Pimenta apenas acrescentou suas regras para que a “cadeia de camaradagem” fosse cumprida.

Dessa forma o horário do despertar e do silêncio deviam ser conservados, com o “entusiasmo” norteando o “treinar brincando”. Esse era o “regime severo, do qual todos devem cumprir à risca”. Se a grande rigidez era acordar às 7 horas da manhã e apagar as luzes na hora do silêncio, o que mais chama atenção é a presença da palavra treinar, não ensaio, junto de “brincando”. A tão dura rigidez, o esmero com o físico também podia conviver com a ideia de elemento lúdico, construção muito mais condizente a um

---

<sup>147</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/12/1/127687>. Acesso em 15 fevereiro de 2015.

<sup>148</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>149</sup> Idem, *ibidem*.

ambiente em que não se pode tomar como certo a eleição de extremos no molde, ou tudo, ou nada.

E num dia com tantas notícias, ganhou destaque a presença do presidente Getúlio Vargas na região e sua relação com a seleção. Com a família hospedada em São Lourenço, outra estância hidromineral da região sul de Minas Gerais, o presidente da República recebeu telefonema do chefe da delegação, Castello Branco, pedindo “licença” para visita-lo. A resposta, de pronto, do estancieiro gaúcho foi de que não só poderiam visitá-lo como toda embaixada estava convidada a um almoço oficial no Hotel Brasil, no dia seguinte. O relato do encontro reforçou a imagem de grande líder carismático de Getúlio Vargas “que se mostrou muito interessado pelos jogadores brasileiros, informando-se dos nomes dos ‘*cracks*’ e suas posições”, reforçou a expectativa positiva quanto ao desempenho da seleção no Campeonato Mundial, opinou sobre “as vantagens do esporte” e ofereceu todo apoio à viagem para Europa. No mais Vargas tinha conhecimento dos jogadores, não era estranho ao esporte e até prontificou-se assistir a um dos treinos. Sua filha Alzira Vargas, foi nomeada Madrinha da Seleção, outra aproximação festiva e simbólica com a seleção e que mereceu destaque na *Folha da Noite*<sup>150</sup>.

Chama atenção o ar imponente e formal despendido ao Presidente da República, que concedeu atenção e interesse aos jogadores. O cargo e a instituição Presidente da República operam num universo da seriedade e que não pode, portanto, ter boemia; em contrapartida ao lúdico, ao divertido, ao riso e ao não sério, local por excelência do futebol. Essa comparação entre espaços sérios e não sérios, que Roberto DaMatta criou para comprovar seu conceito de ‘cidadania descolorada’, no qual somos fundados por instituições secundárias, menos oficiais do que aquelas existentes, por exemplo nos Estados Unidos, já foi apresentado e criticado nesta dissertação. Nas notícias da época, em vez da separação dos dois universos, pretendeu-se a aproximação. O que leva ao segundo ponto, como foi importante que a seleção fosse de fato representação de Brasil.

Em 13 de abril<sup>151</sup> mais uma vez o dilema eu x eles volta à tona para falar dos preparativos da seleção. Em março o técnico húngaro Izidor Kürschner foi cotado para participar dos preparativos do time brasileiro, tendo sido notícia o convite, mas também a sua confusa retirada. Pelo telefone, o técnico concedeu entrevista à *Folha da Manhã*

---

<sup>150</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1938/04/13/1//5037504>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>151</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/13/1//127705>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

demonstrando grande carinho e entusiasmo com a possibilidade de contribuir para o bom desempenho do time do Brasil, mas certa decepção com o silêncio do dirigente Castello Branco frente à sua proposta de treino em que o físico era primordial. Como já apontado, falar em treinamento físico, preocupações médicas e prescrição de treino estavam na ordem do dia, o que chamou atenção é que o ex-jogador do MTK de Budapeste operou sua observação contrastando o talento e a técnica dos jogadores brasileiros.

Não se admitiria, porém, um técnico número um e um número dois. Teria de haver, sim, um programa para ser executado sem hesitações e sem resistências. Dividi o meu trabalho em várias partes. Uma delas se refere aos ensaios propriamente ditos. Em primeiro lugar, deve-se colocar a condição física de cada jogador. Sem condições físicas perfeitas não há elemento aproveitável. Então teríamos que cuidar do físico do jogador. Antes do ensaio de conjunto, haveria os ensaios de manejo de bola. Observei que são raros os jogadores brasileiros que num conjunto se ajustam perfeitamente, e isso, justamente porque se coloca em primeiro plano a intuição. Somente depois viriam os ensaios de conjunto e ensaios para estabelecer harmonia. Formaríamos dois selecionados e um deles seria preparo (sic) para jogar utilizando as táticas dos adversários do Brasil no campeonato do mundo. Não se tratava de modificar o sistema de jogo brasileiro. Nunca pensei nisso. Mas era necessário habituar o jogador brasileiro a saber dominar pela velocidade, pela intuição, pela agilidade e tática europeia. Em quarto lugar viria o preparo psicológico e moral do selecionado, fator preponderante para o sucesso das cores brasileiras. Eu queria saber apenas se pensam em aproveitar-me ou se pensam utilizar meu plano. Não tive nenhuma resposta até hoje”.<sup>152</sup>

A próxima polêmica a se instaurar foi se a seleção jogaria em São Paulo. Inicialmente somente haveria saída de Caxambú para jogar no Rio de Janeiro e num outro jogo para angariar fundos na Bahia<sup>153</sup>. O deslocamento para São Paulo seria desgastante para os jogadores e ainda repudiou-se a ideia de treino aberto ao público, pois esse modelo poderia acirrar as disputas internas e rivalidades não sadias ao bom andamento do grupo<sup>154</sup>. Fato é que a polêmica instalou-se. No dia 14 de abril, reproduzindo nota do jornal *O Globo*, a *Folha da Manhã* trazia as más novas da dificuldade da seleção em ir a São Paulo; no dia 17 de abril Castello Branco confirmou a ida à “capital bandeirante”, para a nova negativa no dia 19. Por fim, no dia 20 de abril ficou resolvido “que S. Paulo

---

<sup>152</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/13/1//127705>. Acesso em 14 de fevereiro de 2015.

<sup>153</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/14/1//127722>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>154</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/19/1//127778>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

assistirá a um treino do selecionado brasileiro. Selecionado brasileiro é uma força de expressão porque o que vai ser exibido na Paulicéia é um amontoado de jogadores que não representa o nosso *scratch*”.

O ensaio em São Paulo aconteceria “de qualquer maneira” nas palavras de Castello Branco, nem que para isso fosse necessário complementar os quadros do selecionado com jogadores locais. Havia o risco, segundo a *Folha da Manhã*, inclusive do Palestra Itália, local do jogo e grande estádio da cidade ficar “às moscas” não alcançando a renda pretendida. Surge, evidente a dúvida, se ir a São Paulo não traria frutos esportivos tão pouco dividendos financeiros, porque ainda assim ir até lá? A resposta parece caminhar mais no sentido do ato político que era viajar até São Paulo, evidenciando que não havia uma divisão regional ao mesmo tempo que se criava a imagem de que a seleção somente seria nacional se replicasse todas as ações do Rio de Janeiro em solo paulista. Vigorava ainda uma desconfiança de que São Paulo estava sendo preterida ao Rio de Janeiro.

Também em 20 de abril, criticou-se a vinda do “amontoado de jogadores” e Castello Branco respondeu à Associação Paulista de Imprensa de que não poderia “atender a honroso apelo” da associação para a convocação do goleiro Jurandhyr do Palestra Itália. Seis dias antes o técnico Pimenta já respondera ao questionamento, até de modo desconfortável, de que os relatos que tinha do jogador palestrino e o que vira em campo não permitiriam sua convocação. À despeito da crítica de que não estava observando os jogadores paulistas, Pimenta demonstrou que havia entre seus convocados mais paulistas do que cariocas<sup>155</sup>. Por mais que o time fosse pensado em cores nacionais, ainda, sempre que possível, buscava-se as rusgas regionais, sendo elas inclusive o decisivo para escolhas, que sem ser neutras, pensavam-se técnicas.

Mas a realização dos treinos em São Paulo não foi o fracasso imaginado. Não segundo apontou a *Folha da Manhã* nos dias seguintes. A foto na parte superior da página, demonstrando a chegada da delegação ilustrou um acontecimento de “grande movimentação” (Figura 6). Em vez da crítica ao grupo desfalcado o tom era de expectativa e de explicação. Tanto o técnico Pimenta, quanto o médico, assistente técnico e zagueiro do time Álvares Lopes Cançado, o Nariz – pitoresco tantas funções –,

---

<sup>155</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/13/1//127705>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

responderam sobre as condições físicas dos jogadores<sup>156</sup>. No dia seguinte, quase uma página inteira, com foto e texto repercutiu uma “noite gloriosa” no Parque Antártica. Praticamente todos os jogadores receberam elogio, mesmo sem “motivos para se empregarem com todas as suas possibilidades”. As ressalvas incidiram sobre Pateako, Romeu, Álvaro e Roberto, mas ainda assim com justificativas médicas e mesmo de que os outros elementos em campo foram muito acima da média. O centro avanço Nigrinho foi elogiado e a solicitação polêmica pelo goleiro Jurandyr silenciou-se. Agora, ao menos no ânimo da reportagem, parecia haver certeza da “boa figura nos campos do Velho Mundo”, já que a noite foi um “desfile de cracks”<sup>157</sup>

---

<sup>156</sup>Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/22/1//127823>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>157</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/23/1//127840>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

Figura 6 – Folha da Manhã de 22 de abril de 1938, com a chegada dos jogadores brasileiros a São Paulo.

**CHEGARAM HONTEM A ESTA CAPITAL OS JOGADORES QUE FORMARÃO O SELECIONADO BRASILEIRO**

DOS CONTUNDIDOS NO ULTIMO TREINO EM CAXAMBU, NARIZ E JAHU SÃO OS UNICOS QUE NÃO PODERÃO ACTUAR HOJE A NOITE — COMO FORMARÃO OS QUADROS PARA O TREINO DE HOJE — NARIZ EXPLICA O ERRO DO DIAGNOSTICO SOFRIDO POR WALTER — A SITUAÇÃO DE ALVARO



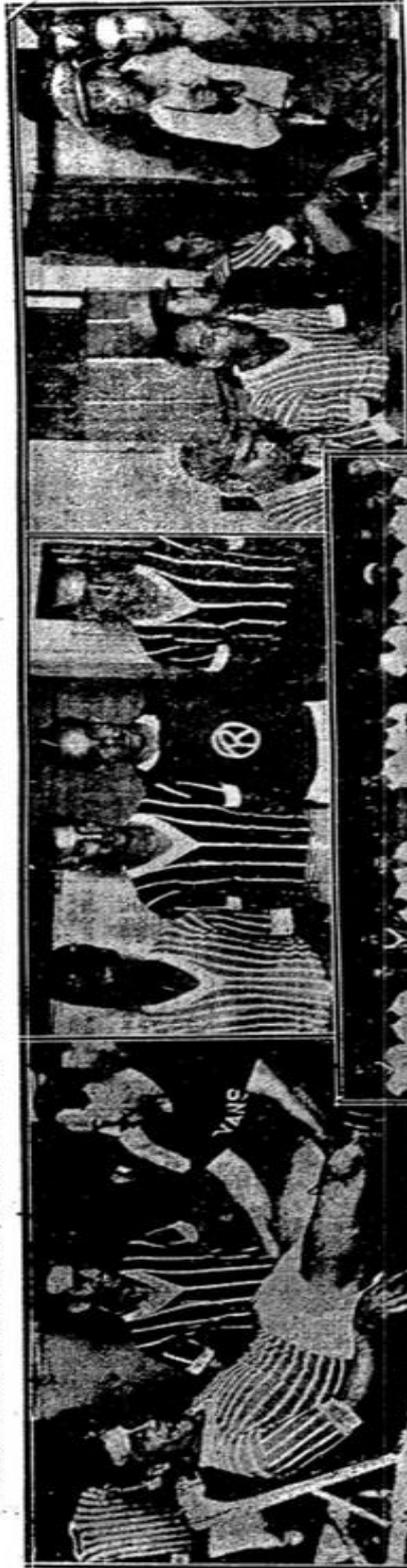
NARIZ, ZAGUIERO ESQUERDO DO BOTAFOGO, QUANDO PALAY A O REPORTEI, E ALGUNS ASPECTOS DA CHEGADA DOS JOGADORES

Fonte: Acervo Folha (<http://acervo.folha.com.br/>)

Figura 7 – Folha da Manhã de 23 de abril de 1938, com imagem sobre o treino dos jogadores brasileiros a São Paulo.

# Foi magnífico o desfile dos "cracks" que representarão o Brasil em Paris

OS JOGADORES CONVOCADOS PARA A REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA AO CAMPEONATO DO MUNDO PROPORCIONARAM UMA ESPLÊNDIDA EXHIBIÇÃO — COM A PARTICIPAÇÃO DE HONTEM, LOPES GARANTIU A SUA IDA A PARIS — 4 A 4 UMA CONTAGEM QUE REPRESENTA O PODERIO DOS DOIS QUADROS — "CONTAMOS COM ELEMENTOS PARA FAZER BOA FIGURA", DIZ DOMINGOS A "FOLHA DA MANHÃ" — A RENDA DO TREINO ATINGIU A APRECIÁVEL SOMMA DE 41 CONTOS DE REÍIS



O Parque Astoriza teve bastante público, principalmente na noite de ontem. Os jogadores convocados para a representação brasileira ao campeonato do mundo foram vistos no campo de futebol de hoje, quando se realizou o jogo de ontem, com o resultado de 4 a 4. A partida foi disputada entre os jogadores brasileiros e os jogadores da seleção francesa. Os jogadores brasileiros foram liderados por Domingos, que marcou o primeiro gol. A partida foi muito disputada e emocionante. Os jogadores brasileiros mostraram uma boa figura perante o público.

Nicho recebeu uma mensagem e foi lida a dizer pl. ad. — O "Diário da Manhã", de São Paulo, fez um artigo muito interessante sobre o futebol brasileiro. O artigo fala sobre a importância do futebol para o Brasil e sobre os jogadores que representam o Brasil em Paris. O artigo também fala sobre a renda do treino dos jogadores, que atingiu a soma de 41 contos de réis.

O jogo de ontem foi muito disputado e emocionante. Os jogadores brasileiros mostraram uma boa figura perante o público. A partida foi liderada por Domingos, que marcou o primeiro gol. A partida foi muito disputada e emocionante. Os jogadores brasileiros mostraram uma boa figura perante o público.

### 4.3 Chegou a hora de partir – Rumo à Copa do Mundo

Chegou a hora do embarque. A cidade do Rio de Janeiro começou a despedida do selecionado. O grande evento para marcar a partida foi um churrasco no campo do São Cristóvão com a participação de populares que adquiriram ingressos avulsos, imprensa, dirigentes convidados dos clubes da Liga de Futebol da cidade, ministros de Estado e o próprio Getúlio Vargas<sup>158</sup>. Já nomeado chefe da delegação, Castello Branco voltou a destacar a disciplina em suas declarações: “Que surpresa podemos oferecer se todos esperam e pedem a ‘Copa do Mundo’? Tal alternativa obriga-nos a exigir mais do jogador, a impor uma conduta de disciplina impecável”. Um preparo inédito em curso para um sucesso inédito. Até mesmo a alimentação – que pese a realização de um churrasco de despedida – foi pensada, a fim de garantir o melhor cenário. Não seria uma elaborada nutrição esportiva, mas a solução romântica de incluir uma comida conhecida dos jogadores, com algum ganho nutricional, mas sobretudo, signo de representação do ser brasileiro: feijão<sup>159</sup>.

#### “LEVARÃO BANHA E FEIJÃO PARA O CONSUMO DOS JOGADORES

Tinha-se falado que um cozinheiro faria parte da delegação brasileira. Havia realmente o interesse que os jogadores não sofressem a mudança de cozinha, sabendo-se que essa mudança poderia até influir na ‘performance’ individual. A ideia, porém, da inclusão de um cozinheiro na delegação, como que ficou afastada, procurou-se, então, contratar um entendido de cozinha brasileira. O Sr. Castello Branco declarou, por sua vez, que os jogadores não sentirão a mudança de comida:

- Levaremos feijão, facilitando o mais possível a confecção de pratos brasileiros. Reparei, por exemplo, em temporadas anteriores, que a maior diferença da comida estrangeira reside no desuso da banha. Assim levaremos banha como gordura normal de todos os pratos. A mudança brusca de cozinha pode trazer consequências sérias e é isso que precisamos evitar. Temos a nosso favor a experiência de várias excursões no estrangeiro e cumpre-nos evitar erros já previstos pela experiência. Não se pode dar ilusão de que, em Paris, estamos no Brasil, mas devemos procurar diminuir os contrastes o mais possível.”<sup>160</sup>

---

<sup>158</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/24/1//127857>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>159</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/26/1//127884>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>160</sup> Idem, ibidem.

A definição completa dos jogadores que iriam à Paris ocorreu apenas após o ensaio aberto de 28 de abril no Rio de Janeiro<sup>161</sup>. Mais seis cortes definiram os jogadores convocados. Um sorteio no intervalo do jogo premiou um ilustre torcedor desconhecido que como tantos outros comprou um dos selos promocionais lançados para ajudar a custear a seleção na ida à França<sup>162</sup>. À viagem de quinze dias até a Europa, seguiu-se vinte dias de preparação em Portugal e na França. Por mais que houvesse convites e até a possibilidade de ganhos materiais, ficou acertado que a seleção apenas cumpriria com seus compromissos na Copa do Mundo, retornando imediatamente ao país passado seu último jogo<sup>163</sup>. Era o compromisso assumido com os clubes brasileiros já que os atletas convocados estavam há semanas longe de suas agremiações. No mais jogar contra outros times e mesmo montar combinados para apresentar-se na Europa seria fugir ao real objetivo traçado meticulosamente e no qual deveriam ser concentrados os “esforços”<sup>164</sup> vencer o mundial.

No dia 3 de maio, com a seleção já a bordo do *Arlanza*, já na travessia do Atlântico, a *Folha da Manhã*, estampou o otimismo e o reconhecimento do bom planejamento na reportagem em que um breve perfil dos convocados foi traçado, dizendo local de origem, clube em que trabalhava e suas qualidades. Obviamente Domingos da Guia, com passagens internacionais e Leônidas da Silva, ambos, jogadores do CR Flamengo ganharam maior destaque. Assim, planejamento extracampo, valores individuais e, sobretudo um coletivo digno de destaque e coeso partiu para a Europa.

“A representação do Brasil na disputa do Campeonato do Mundo é a mais homogênea e completa que se organizou até a presente data. Nunca daqui partiu um quadro que apresentasse tantos valores reunidos ou que fosse portador de tão sólidas credenciais como o que hora deixa a Guanabara a caminho do Velho Mundo”.<sup>165</sup>

---

<sup>161</sup>Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/26/1//127884>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>162</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/28/1//127914>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>163</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/22/1//127823>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>164</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/27/1//127900>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>165</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/03/1//5195042>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

As *Folhas* trataram também de trazer informações sobre os poloneses. Usando a *United Press* como fonte de informações, a *Folha da Manhã* destacou a preparação dos poloneses, que havia realizado jogo contra a Irlanda e obtido fácil vitória por 6 a 0. Na descrição da reportagem os treinos poloneses intensificaram-se à medida que a notícia da partida do Brasil para Europa chegou em Varsóvia. O destaque polonês era o jovem atacante Ernest Othon Wilimowski – que marcaria quatro gols contra o Brasil – numa “linha dianteira” forte, de um time baseado nas possibilidades de um jogo físico. “Contudo os poloneses de forma alguma consideram o Brasil um adversário fraco; pelo contrário, sabem que terão de enfrentar um adversário de grande valor”<sup>166</sup>. Mais adiante, com a proximidade do jogo a caracterização do time polonês e do time brasileiro estamparam a máxima do binômio eu x eles. Mas agora, novamente, a disciplina.

No dia 17 de abril, a *Folha da Manhã* publicou a íntegra do “*Compromisso de Honra que nesta data assumo perante a CBD e a FBF, como elemento do selecionado brasileiro de futebol concorrente ao campeonato mundial na França*”.

---

<sup>166</sup>Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/08/1//178905>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

Figura 8 – Folha da Manhã de 4 de abril de 1938 sobre o Código disciplinar

**"COMPROMISSO DE HONRA QUE NESTA DATA ASSUMO PERANTE A C. B. D. E A F. B. F., COMO ELEMENTO DO SELECIONADO BRASILEIRO DE FUTEBOL CONCORRENTE AO CAMPEONATO MUNDIAL NA FRANÇA**

Escolhido para integrar a equipe representativa do Brasil na disputa da "Copa do Mundo", hypotheco a minha palavra de honra como homem, como esportista e como brasileiro, que tudo farei para elevar com dignidade o nome da Pátria, observando rigorosamente os preceitos indicados pela chefia da delegação e que são os seguintes:

a) — concordar com as determinações da C. B. D. relativamente aos ordenados ajuda de custo, gratificações nos jogos e diárias;

b) — acatar e cumprir rigorosamente todas as determinações emanadas do cap. do seleccionado quando em jogo, o treinador quando em treinamento e dos dirigentes da Delegação em todos os demais casos;

c) — colaborar intensamente na harmonia dos membros da Delegação e principalmente, do seleccionado;

d) — respeitar o contrato com o Clube a que pertenco, não admittindo enquanto permanecer na Delegação quaesquer propostas que visem a sua rescisão;

e) — acatar e cumprir rigorosamente o regulamento elaborado pela Chefia da Delegação".

**O REGULAMENTO**

"Regulamento interno para a Delegação Brasileira de Futebol, concorrente ao Campeonato Mundial.

a) — acordar e deitar á-hora determinada no boletim diario;

b) — respeitar o horario da alimentação;

c) — não se ausentar do ponto de concentração sem a devida permissão por escripto da Chefia;

d) — evitar discussões que possam trazer a desharmonia dos membros da Delegação;

e) — não fazer convites a pessoas estranhas para visitarem a Delegação, salvo com autorização da Chefia;

f) — aceitar a censura da Chefia á correspondencia que lhe seja enviada;

g) — abolir as bebidas alcoolicas e os jogos de cartas;

h) — não havendo jogadores reservas na Delegação respeitar as resoluções e acatar as determinações do treinador, não podendo manifestar-se contra a organização do seleccionado.

NOTA — O não cumprimento de qualquer artigo deste regulamento importa na applicação de multas que variam de 50\$000 á 500\$000. O não cumprimento do pacto de honra e as demais faltas, consideradas de natureza graves, serão punidas com o immediato regresso do jogador que será entregue á Embaixada Brasileira no estrangeiro para dar-lhe o destino que merecer".

— Apenas a clausula "f" mereceu recusa por parte dos jogadores.

São as seguintes as "obrigações da C. B. D. ao jogador:

a) — seguro de accidente e de vida — 50:000\$000;

b) — ordenado mensal de 1:000\$000 desde a convocação definitiva até oito dias após o regresso.

c) — ajuda de custo na importancia de 500\$000, tres dias antes do embarque;

d) — diarias de 20 francos quando no local em que se realizarem os jogos;

e) — gratificação de 500 francos, por jogo ganho e 300 francos por jogo empatado".

Excepto a primeira, todas foram contestadas pelos jogadores, que pleiteiam maiores proventos materiaes.

O documento que foi assinado por cada jogador continha uma parte inicial com preceitos gerais que deveriam ser obedecidos, tais como o respeito à hierarquia – do capitão do time, ao técnico, terminando nos dirigentes – a ideia de harmonia em coletivo, o cumprimento às regras e uma lógica trabalhista própria: não negociar propostas de clubes estrangeiros, conservando intacto o vínculo em curso com seu clube no Brasil. A seguir os regulamentos coletivos estavam descritos seguidos das respectivas sanções e penalidades<sup>167</sup>. Mas onde residiu a honra?

É preciso refletir sobre o conteúdo do regulamento que trouxe certa lógica profissional, na qual “honra” não parece possuir sentido de ser. No aspecto trabalhista temos um organograma que deve ser seguido, com funções e hierarquia estabelecidas tanto para jogadores quanto para comissão técnica e dirigentes. Se todos trabalhassem bem, cumprindo sua função o grupo obteria o sucesso desejado. O trabalho não foi voluntário, por isso estabelecer valores a serem pagos como remuneração – uma espécie de salário com extras por rendimento – e também estabelecer as penalidades financeiras por faltas cometidas nas jornadas de trabalho.

A garantia de que o contrato de trabalho em vigor com o clube brasileiro dos jogadores não seria posto em ameaça por eventuais assédios do estrangeiro foi resguardada. Mesmo que regras de cunho pessoal também estivessem aplicadas, como horário de refeições e de dormir, elas inseriram-se num ambiente que se buscava profissional, para além de um talento inato. Em suma, o termo assinado pelos jogadores operou no sentido de garantir um vínculo profissional, com regras já definidas. Contudo, o forte apelo que uma seleção nacional possui e a necessidade de estabelecer vínculo identitário – para além do clubismo cotidiano – fez com que a honra fosse evocada. A ideia de honra perpassa qualquer sentimento material, faz-se atemporal e quando utilizada, por vezes, garante uma filiação que transcende motivos racionais e se faz passional. Ou seja, o documento publicado possuía um conteúdo notoriamente profissional, embalado pelo canto adocicado da paixão desperta.

Honras à parte, amores na madrugada e sem jeito de viradas, a questão financeira não ficou acertada, gerando ainda disputas. Por fim, no dia 13 de maio<sup>168</sup>, um mês depois da primeira aparição de uma nota sobre remuneração, ficou acertado que além de um

---

<sup>167</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/04/17/1//127754>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>168</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/13/1//179034>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

valor fixo por partida vencida, o avanço do time no campeonato traria uma bonificação extra, proporcional à importância da fase em que ocorrera a vitória. Os dividendos de uma possível final, ou de outros lucros do campeonato seriam repartidos entre os clubes de acordo com o número de jogadores fornecidos. A questão financeira com os clubes e trabalhistas com os jogadores, enfim, estava resolvida, numa semana em que de novo Castello Branco procedeu o aviso de que quem não cumprisse com as medidas impostas pela direção da seleção brasileira levariam a sanções financeiras e no caso de reincidência ou falta grave seria expulso, Luiz Aranha leu, chegando em Lisboa das determinações disciplinares:

“[...]1º - não se admita a mais leve transgressão de disciplina; 2º - a autoridade do técnico teria de ser mantida, custasse o que custasse; 3º - a pena de multa deveria ser aplicada sem indulgências; 4º - a advertência só seria cabível em faltas inconscientes, sem nenhuma importância para as ‘performances’ do selecionado; 5ª – reiterar a ameaça do regresso ao Brasil por uma falta grave. O jogador seria encaminhado à embaixada brasileira em Paris, que o remeteria para o Rio, com ampla exposição dos chefes da delegação sobre os motivos determinantes da pena extrema; 6º - as faltas seriam julgadas de acordo com a repercussão que pudessem ter sobre o ânimo dos jogadores. Uma falta considerada gravíssima seria a displicência nos ensaios e imperdoável a mesma falta em jogo”.<sup>169</sup>

A ordem para o progresso. A ordem, no entanto, pareceu soçobrar. No dia 15 de maio uma rápida nota na *Folha da Manhã*<sup>170</sup> deu conta de que alguns jogadores brasileiros, enquanto a delegação passava um breve período em Lisboa, envolveram-se num incidente e foram presos por quebrarem a vidraça de um bar. Detidos, tomados os devidos esclarecimentos foram liberados após o pagamento de multa. No dia 18 de maio as *Folhas* ainda buscavam, no Brasil, maiores detalhes sobre o ocorrido<sup>171</sup>. No dia seguinte, 19 de maio<sup>172</sup>, Célio de Barros, secretário da delegação informou que tudo não passava de boatos, sem qualquer veracidade. Houve a quebra da vidraça, mas por um empurrão acidental durante o passeio dos jogadores pelas ruas de Lisboa, em meio a uma

<sup>169</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/11/1//178976>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>170</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/15/1//179086>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>171</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/18/1//179134>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>172</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/19/1//179150>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

festiva multidão que acompanhava os atletas, na cerca de uma hora em que ficaram na cidade. Plausível ou não, a explicação e o próprio boato são primorosos.

Primeiro que o boato surge, segundo o jornal e a declaração de Célio de Barros, no Rio de Janeiro, mediante à informação desencontrada da quebra da vidraça e de jogadores na delegacia. A insistência de regras, de uma rotina bastante ordenada, quase com hierarquia militar é, sem dúvida, parte de um processo em que não se confiava no livre trânsito dos atletas e que – talvez por ‘mal natural’ – o caos fosse o mensageiro preferido. Retomar sempre as regras, enfatizar como se elas fossem a segurança para se demonstrar uma civilidade que não existiria *a priori*, parece ser a lógica dos dirigentes e até da imprensa, que fez repercutir por diversas vezes a lógica da disciplina. Quando um boato sobre o incidente em Lisboa surge, parece que todo o temor, o medo canibal de que não seria o Brasil “civilizado” emana das catacumbas e transita entre os vivos. Após, a negação enfática de Célio de Barros e de Adhemar Pimenta, evidenciou-se uma preocupação ímpar em demonstrar primeiro a alegria que o povo lisboense apresentou ao ver os brasileiro e a seguir, a grande polidez de arcar com os gastos do dano do bar. Um bar, um incidente “ridiculamente exagerado”.

“Foi, aliás, com uma franca gargalhada que o Célio de Barros e o Adhemar Pimenta, treinador da equipe, ouviram a versão fantasiosa divulgada no Rio acerca do suposto acidente com os futebolistas patricios, durante sua brevíssima permanência em Lisboa.

Eis como passaram exatamente os fatos: em primeiro lugar é preciso dizer que a estada dos jogadores brasileiros em Lisboa não passou de uma hora. No momento em que um grupo de futebolistas brasileiros passeava numa das ruas – aliás muito estreita da capital lusa – acotovelados por uma multidão de admiradores, um dos jogadores empurrou ligeiramente um companheiro. Este, por sua vez, defendendo-se instintivamente contra o entusiasmo dos portugueses bateu com o cotovelo contra a vitrine de uma confeitaria, diante da qual passavam no momento, quebrando um vidro de cerca de 30 centímetros.

Imediatamente o nosso jogador prontificou-se a indenizar o dano involuntariamente causado, ficando assim inteiramente e definitivamente encerrado o ‘incidente’, que nem ocorreu num bar, não determinou a intervenção da polícia, não acarretou a apresentação dos jogadores à delegacia de polícia, nem originou a imposição de uma multa aos brasileiros.”<sup>173</sup>

Chegou-se enfim à França. Junto veio mais uma polêmica. Adhemar Pimenta fez treino público apenas com exercícios físicos e técnicos. Uma rotina analítica que frustrou a imprensa francesa, ansiosa por ver em campo os jogadores brasileiros. As pesadas

---

<sup>173</sup> Idem, *ibidem*.

críticas da imprensa local à Pimenta não esmoreceram o técnico, que assegurou ser aquilo parte do fundamental trabalho de preparação do time para o jogo contra a Polônia. Luiz Aranha, saiu em defesa do técnico, argumentando que tudo que fosse necessário ser feito para assegurar o sucesso do selecionado seria feito, a despeito do que jornalistas de Paris pudessem contestar. A seleção estava focada, como nunca, no objetivo da Copa do Mundo e tinha no jogo de estreia contra a Polônia, talvez, seu maior desafio segundo o dirigente<sup>174</sup>. E a rotina de treinos, físicos inclusive, sofreria um aumento de carga, sendo diária até as vésperas do jogo<sup>175</sup>.

A decepção dos jornalistas franceses é fruto de uma grande expectativa criada em torno da seleção brasileira. A chegada a Paris em 16 de maio foi noticiada pela *Folha da Manhã* como um acontecimento importante, com a presença de autoridades francesas e também diplomatas brasileiros. O jornal francês *L'Auto* teria destacado, segundo a notícia paulistana, a grande qualidade do time brasileiro. “É todo o futebol da América do Sul que a equipe do Brasil vem representar na França. Será necessário acrescentar que os brasileiros tem credenciais para fazê-lo”<sup>176</sup>. “O nosso ‘onze’ estava qualificado para as semifinais” e fez esquecer a ausência argentina, sendo reconhecido como de igual grandeza aos vizinhos platinos, mais conhecidos na Europa por conta de resultados internacionais pretéritos. A população também parecia animada com o time brasileiro já que “o público parisiense não poupou demonstrações de simpatia aos jogadores brasileiros que fizeram de automóvel o trajeto de Saint German até o Arco do Triunfo”<sup>177</sup>.

O estilo de jogo do Brasil chamou atenção de observadores estrangeiros. O ex-jogador argentino Carlos Violante<sup>178</sup> usando da máxima de já ter jogado contra a “maior parte dos outros quadros europeus”, demonstrou “confiança absoluta de que os brasileiros derrotarão os poloneses” já que os europeus “não dispõem dos mesmos conhecimentos técnicos que sobram aos brasileiros. Além disso os jogadores brasileiros são muito mais ágeis e são mais ligeiros nos pés, (...) minha experiência leva-se a afirmar que os poloneses têm menos controle sobre a pelota”. Sua experiência como jogador

---

<sup>174</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/21/1//179182>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>175</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/24/1//179224>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>176</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/17/1//179120>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>177</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/26/1//179261>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>178</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/27/1//179275>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

internacional concedeu favoritismo ao Brasil, sem empregar, no entanto, uma máxima de jogo bonito, mas sim uma diferença de técnica e mesmo de capacidade física no comparativo entre as duas seleções. Até mesmo as escolhas de planejamento foram bem vistas pelo argentino, que felicitou Pimenta por dar “preferência a cuidar do estado físico dos jogadores e não os treinos em conjunto”. Ou seja um aspecto de treinamento também esteve em voga. A única desvantagem do Brasil seria o frio francês.

O presidente do *Gunvershofen FC* de Estrasburgo também teceu elogios ao selecionado brasileiro destacando individualmente alguns jogadores, mas ressaltando o mérito de coesão da seleção em aplicar um jogo de passes rápidos e notória agilidade. Seria essa agilidade, inclusive, o segredo para superar os poloneses, dotados de um jogo baseado nas “charges”. A análise do dirigente sobre o time brasileiro corroborou com o levantado por Violante, mas acrescentava o outro lado, traçando para o jogo polonês a ideia de ser baseado na força física:

“Jamais vi um quadro com tamanha rapidez como os brasileiros, Jogadores como Domingos e Lopes possuem um controle extraordinário sobre a bola. Esses rapazes são mesmo especialistas em passes rápidos e curtos, parecendo haver entre eles uma coesão em alto grau, pois estão sempre em movimento.

Justamente ao contato dos jogadores que estou acostumado a ver os brasileiros evitam sempre o emprego do corpo durante o jogo e evitam as cargas, com extrema agilidade. Aliás essa agilidade é ótima, pois sei que os poloneses empregam até em demasia o jogo carregado”<sup>179</sup>

Outro dirigente, Fernand Stecherger, do *Strasburgo Racing Clube* atestou que “nunca havia presenciado a passes e dribles feitos com esta espantosa agilidade”. Rendeu elogios a Leônidas que “mostrou-se malicioso e com um domínio absoluto sobre a pelota”. O Brasil, visto somente naquele momento por ele, passou a ser o favorito. A análise do tipo de jogo, incorporou dois signos recorrentes para dizer que se tem um estilo brasileiro de futebol. O drible, ainda que desacompanhado das luzes cintilantes de adjetivos altamente enfáticos e a malandragem individual, retratada pela “malícia” de Leônidas. Parece que as imagens consagradas para se dizer algo de um estilo nacional começam a emergir. Mas é, talvez, com o delegado do mesmo time, Edmond Wuelleumler que temos indícios mais contundentes disso:

---

<sup>179</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/31/1//179337>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

“Tive a impressão de me encontrar frente a mágicos. Nunca presenciei habilidade em tão alta escala. Entretanto, não se deve esquecer que os poloneses formam um poderoso quadro e o fato de se encontrarem treinadíssimos e de empregarem táticas enérgicas, incluindo trancos, talvez venha a torná-las adversários pouco cômodos. Tenho, porém, a convicção de que a técnica brasileira se deve tornar, desde que os jogadores conservem o domínio dos nervos”<sup>180</sup>

Estamparam-se as máximas que coroam até os dias atuais o que seria o estilo nacional de jogar futebol. Magia, componente que transcende ao esporte, conferindo-lhe algo sobrenatural, aparecia nos dizeres do dirigente, que traçou também uma oposição baseada em termos de um futebol de habilidade – o brasileiro – e outro de treino e de força – o polonês. Essa imagem dual é ainda hoje o que permeia a concepção de futebol próprio, no Brasil: futebol vistoso, mas que somente pode ser assim delineado porque há outro que lhe complementa, na Europa, baseado na força e do qual o treino é componente preponderante. O final da declaração também chama atenção, pois colocou as chances do Brasil triunfar em termos de um controle emocional.

Na reportagem, até mesmo o vice-cônsul da Polônia teceu elogios ao time brasileiro de quem não “esperava ver um controle tão admirável de bola. O modo como os brasileiros driblam e enganam os adversários” foi novidade para o diplomata, que ainda assim, esperava que os “compatriotas deverão estar em melhor forma para vencer o jogo de domingo e (que) desnorteiem com a tática brasileira”. Em sua visão, de certo modo, incidiu a ideia de um estilo de jogo brasileiro ágil e veloz contra os aspectos físicos dos poloneses.

Apesar de tantos elogios aos brasileiros, o time polonês mostrou-se confiante nos dias que antecederam ao jogo, visto que “a julgar pela opinião manifestada por vários paredros (sic) do futebol polonês, o selecionado brasileiro pode considerar-se desde já derrotado, pois as principais personalidades em contato com o selecionado nacional acreditam francamente na vitória polonesa”<sup>181</sup>. Foi com tamanha ênfase que a *Folha da Manhã* reproduziu as informações da *United Press* sobre o treino polonês. Se pensarmos na fala anterior do técnico do time da Polônia, nas esfuziantes declarações do ex-jogador argentino e dirigentes franceses sobre o selecionado brasileiro e mesmo na opção de

---

<sup>180</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/02/1//179372>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>181</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/31/1//179337>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

Pimenta por treinos reservados, mais do que ser ou não favorito, o que se tinha em cena era um jogo psicológico de que, apesar do respeito, a chance de vencer o adversário existia. Para poloneses a saída parecia um jogo baseado no físico, já pelo que se falava dos brasileiros, vigoraria a agilidade e a técnica.

É justamente esse o problema que teria de enfrentar o técnico Pimenta<sup>182</sup>. No Brasil o menor contato, chamado de “*charge*” era considerado falta. Isso permitia ao jogador brasileiro conduzir mais a bola, pois não seria obstruído pelo adversário ou caso fosse, teria o bônus da falta. O que o técnico brasileiro teria de assimilar é como montar o time para essa situação diversa. É notório que na extensa declaração a *United Press*, Pimenta não faz uso da oposição arte x força, mas diz de “regra diferente”. Evidente que a regra era a mesma, sua interpretação é que se tornou distinta.

O técnico brasileiro também temia a questão das substituições, vetadas em jogos internacionais e livres no Brasil, bem como a bola que na Europa parecia ser maior e menos pesada, afetando o desempenho dos jogadores. Mas as *charges* de fato preocupavam. Em tese os poloneses usariam delas para levar vantagem e até mesmo para impor-se. No treino de domingo, Pimenta advertiu seus comandados no intuito de impedir que reclamassem falta ao menor contato. A solução seria a “inata agilidade”.

Importante pensar que a ideia de ser inato, algo recorrente ao futebol brasileiro – “Nascido para jogar futebol” – aparece novamente para definir uma condição natural do esporte no Brasil. Porém, mesmo que incidisse indiretamente num argumento legitimador do futebol arte, era em termos de uma capacidade física, a agilidade, que se norteava a caracterização. Se os observadores externos recorreram à ideia de magia, internamente, o técnico brasileiro valeu-se de um componente que poderia ser aprimorado. Na reportagem, inclusive, sentenciou-se que a “perícia” – técnica e não dom – era tão notória que se fossem os brasileiros “treinados” nas *charges*, seriam “formidáveis adversários” a qualquer time europeu. Em suma, assentou-se a distinção de forma de jogo, mas em termos de interpretação da regra, em forma de organizar o time e em possibilidade de treinamento e capacidade física, não em termos de talento ou dom ou mesmo magia esportiva.

---

<sup>182</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/05/31/1//179337>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

#### **4.4 Fogos de artifício – estreia contra os poloneses, batalha contra os checos e pênalti contra os italianos**

No dia 6 de junho<sup>183</sup>, estreia do Brasil contra a Polônia, na capa da *Folha da Manhã*, como manchete principal, esteve o jogo (Figura 9). Ao lado das fotos dos titulares e do técnico, um editorial (Figura 10) comentando a estreia da seleção que “interessa não somente aos esportistas de nossa terra, como também àqueles que acompanham nossas coisas”. Os onze jogadores titulares a estreiar no mundial carregavam grande responsabilidade, por “uma passagem destacada pelo IV Campeonato Mundial de Futebol, de forma que o nosso esporte predileto confirme o bom conceito no qual é tido no estrangeiro, conceito este conquistado através de brilhantes excursões de nossos quadros pelo Velho Continente e pelos cotejos máximos na América do Sul”. O editorial seguiu evidenciando que, enfim, o Brasil enviou “uma representação que de fato é o que de melhor possuímos na matéria” superando bairrismos anteriores. Por fim, estampou-se que na condição de vice campeão sul-americano – havia sido derrotado pela Argentina no ano anterior – o Brasil colocaria em jogo o confronto entre os estilos distintos de dois continentes: América do Sul e Europa.

Ter a primeira página demonstrou a atenção que o jogo mereceu por parte da imprensa paulista. A título de comparação, posterior, apenas a derrota para o Uruguai em 1950 foi Primeira Página na Copa do Mundo seguinte, realizada em solo brasileiro. O editorial também reforçou, com sua linguagem hiperbólica o fato inédito de haver ali, pelas condições postas, uma seleção brasileira, com jogadores de grande capacidade e que teriam, em contrapartida, a árdua missão de representar não somente a si, mas ao futebol brasileiro, o estilo de jogo sul-americano e, por fim, a própria imagem do Brasil no exterior. Como seria recorrente na História do Futebol Brasileiro, a pátria estava preparada para calçar as chuteiras.

---

<sup>183</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/05/2//5937171>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.



Figura 10– Editorial da Primeira Página de 6 de junho de 1938.

Finalmente hoje, realizar-se-á, em Strasburgo, na Alsacia, o encontro futebolístico entre a Polónia e o Brasil.

A expectativa em torno dessa partida excedeu, de muito, a todos os prognósticos, tendo tido ainda o condão de interessar, de perto, não somente aos esportistas de nossa terra, como também áquelles que acompanham as nossas cousas. Desta forma, á medida que se aproxima a hora em que soará o apito do juiz sueco E. Eklind, dando início ao prelio, vamos nos sentindo como que alliviados de um peso, o qual não é outra coisa senão a responsabilidade que recae sobre os hombros daquelles onze jogadores, nos quaes o futebol brasileiro confia e muito espera. Esperamos delles, senão o triumpho total no certame, ao menos uma passagem destacada pelo IV Campeonato Mundial de Futebol, de forma que o nosso esporte predilecto confirme o bom conceito no qual é tido no estrangeiro, conceito este conquistado através de brilhantes excursões dos nossos quadros pelo velho Continente e nos cotéjos maximos da America do Sul.

Devemos basear a nossa confiança no facto de termos enviado á Europa, com a cooperação de todos, uma representação que de facto é a que de melhor possuímos na materia. Para termos garantia no successo não se mediram sacrificios e trabalhos. Por estas razões, certamente, os nossos jogadores compreenderão que, como unica retribuição, esperamos a obienção de victorias dignas delles e dos nossos sacrificios e trabalhos.

Além da partida propriamente dita, cujo resultado não poderá ter reparação, devemos encarar o prelio de hoje contra a Polónia como o de maior responsabilidade, porque elle tambem será um confronto da technica brasileira e quasi sul-americana, uma vez que somos vice-campeões do continente, contra a technica europeá e que aguardamos para aquelle importante encontro, a fina flor do nosso futebol.

Nossos desejos de successo, felizmente, têm fortes bases. Desta vez não houve scisão no esporte nacional. Muito ao contrario, sobrou cooperação de todos. Este facto torna vital o compromisso do futebol brasileiro; ou fazemos boa figura no IV Campeonato Mundial de Futebol ou seremos obrigados a reconhecer que não temos as qualidades apregoadas. — A. M.

Fonte: Acervo Folha (<http://acervo.folha.com.br/>)

No dia seguinte, 7 de junho<sup>184</sup> uma página inteira foi dedicada ao resultado do jogo Brasil x Polônia. Para um jornal que raramente ultrapassava uma dezena de páginas nos dias de semana era algo notório tamanha atenção. E a manchete da página trouxe as boas novas: “Triunfam os brasileiros em seu jogo estreia em disputa da Taça do Mundo”. O Brasil havia vencido os poloneses num jogo extremamente disputado. O primeiro tempo foi todo dominado pelo Brasil, que abriu 3 a 1 com galhardia. “Os poloneses já esperavam que os brasileiros haviam de manter a bola em constante movimento e entraram em campo preparados para essa hipótese, mas, jamais julgaram que esse movimento pudesse ser feito com tão desconcertante rapidez e improvisação”. O

<sup>184</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/07/1//179433>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

renomado técnico alsaciano Fritz Kellez enfatizou estar vendo “verdadeiros artistas da pelota, principalmente o centro avante Leônidas e o arqueiro Machado”.

Improvisação, arte e individualidade. Mesmo que se dissesse do esquema de jogo veloz e envolvente, que se colocasse em termos de técnica e até mesmo de desconhecimento real dos poloneses sobre o time brasileiro, a inventividade individual tomou para si o papel principal, contracenando com outra atriz protagonista e cada vez mais presente nos palcos do teatro futebolístico brasileiro: a arte. Não eram mais jogadores ou atletas – um que joga, outro que treina – mas eram agora sublimes artistas, transcendendo às banalidades do esporte. Mas no segundo tempo os poloneses aumentaram o ritmo de jogo, começaram “frenéticos” e com a chuva, conseguiram igualar o jogo e levá-lo para a prorrogação, até mesmo com chance de vencê-lo

Em meio a chuvas imagens paradoxais. A arte foi para a coxia e “os brasileiros deram, então, sua primeira demonstração de surpreendente resistência física”. Como o jogo tornou-se extenuante, a *Folha da Manhã*, retratou não mais em termos artísticos, mas em físico. Ou seja, a arte – tom poético para técnica – pode andar na companhia do componente físico. Diferente do que se pensou os poloneses “não apelaram para o jogo bruto, nem para cargas violentas”, demonstrando que estereótipo de jogo físico estava de fato, debruçado em sua lápide. Contudo, já que usou-se a ideia de paradoxo, a descrição do jogo na prorrogação, que corou um atípico resultado de 6 a 5 para o Brasil, trouxe a figura do herói que se sacrifica e do herói que volta às origens: Domingos da Guia jogando com febre alta e Leônidas descalço. Se pensarmos na atenção que as *Folhas* deram à preparação física dos jogadores e demais cuidados de saúde, viu-se que as contusões e os desconfortos estavam presentes no selecionado e, portanto, jogar com febre foi condizente com o momento de alto rendimento experimentado. Quanto a Leônidas o próprio jornal desfez a ideia romântica do jogo de várzea: a chuteira de couro molhada feriu os pés do jogador que, sendo permitido pela regra, pôs-se a jogar descalço.

Jornais franceses repercutiram também a vitória segundo o matutino paulistano. O *Petit Parisien* frisou os valores individuais do time. *Jour Echo de Paris* “já sabia que os brasileiros eram jogadores extraordinários. Foi por isso que a sua elegância na ação e suas acrobacias, a ninguém surpreendeu a não ser as proezas de Leônidas”. *L’Auto* chamou os brasileiros de “verdadeiros malabaristas, são a atração da Taça Mundial”. O *Le Jour* destacou a surpresa que a agilidade e a resistência dos brasileiros trouxe ao jogo.

Por fim, o *Paris Soir* enfatizou que os “brasileiros são verdadeiros acrobatas<sup>185</sup> da pelota. Nenhum de seus esforços se realiza em detrimento à precisão do jogo e isso é um fato raro que merece menção”. No texto da *Folha da Manhã* também houve a sentença de que o Brasil “demonstrava ontem, sua perfeita adaptação ao futebol europeu”. Os jornais franceses estavam encantados pelo futebol brasileiro, conferindo-lhe uma imagem não apenas de esporte, mas rara plasticidade e beleza. Contudo, mesmo que fosse evidente o uso de palavras que puderam reforçar a ideia de arte no futebol e mesmo de individualidade, na figura de Leônidas, não estava descartado um estilo de jogo que tinha objetividade e que teve o componente físico também em voga.

No dia 9 de junho a *Folha da Manhã*<sup>186</sup> reproduziu trechos da entrevista do dirigente Castello Branco ao jornal *O Globo*. Em suas declarações, o dirigente atestou que “os checos estão apavorados com os brasileiros” e que tinham apenas uma esperança para a vitória, que seria uma falha da defesa brasileira, fato, que a despeito dos cinco gols sofridos, não ocorrera no primeiro jogo. Na repercussão da vitória brasileira em 7 de junho a *Folha da Manhã* distanciou-se um pouco dessa fala, ao dizer que os checos eram “técnicos”, configurando-se em “adversário difícil” para o Brasil. O técnico Pimenta também prestou suas declarações ao jornal carioca, descreveu o estado extenuado dos jogadores e por isso da folga que lhes foi concedida para visitarem parques e cinemas. Em meio às informações desconstruídas sobre a escalação brasileira, desmentidas, o técnico Pimenta frisou que os checos eram “mais fortes que os poloneses” contudo “praticam futebol clássico”. Ou seja, havia grande positividade por parte da delegação brasileira colocando uma imagem de contraposição com os checos que se fazia pelo porte físico, mas também pela técnica.

No mesmo dia, o *Jornal Foot-Ball* criticou a seleção, dizendo que “o jogo desenvolvido pelos brasileiros, de uma maneira geral, carece a homogeneidade, particularmente na ligação que deve existir, numa grande equipe, entre o ataque e a defesa”, atestando certa deficiência no jogo coletivo brasileiro, a transcrição da declaração de Leônidas, na mesma página, logo acima, mostrou como se operava uma lógica de valorização contumaz do “grande craque”. Vários times de Paris, encantados com o jogo do atleta do Flamengo, chegaram a oferecer 130 mil francos de luvas, valor

---

<sup>185</sup> Na mesma página, em outra matéria o texto é replicado, alterando apenas acrobata por artista

<sup>186</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/09/1//179497>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

suntuoso e que foi recusado pelo jogador com a justificativa de que “futebol só o do Brasil interessa. Aqui ficarei apenas para defender o bom nome da pátria”. O “grande craque” afirmou-se também como defensor do lábaro estrelado, operando, ainda que discretamente a imagem de um herói a serviço de um valor coletivo.

A partir de 11 de junho<sup>187</sup> o assunto deixou de ser a exibição contra a Polônia, para ser o novo adversário, a Tchecoslováquia. A dúvida do técnico Pimenta residia na escalação do jogador Batatais que sentia desconfortos, no mais não fazia alterações, contente com a exibição no primeiro jogo. Mesmo assim os reservas estavam atuantes, haviam enfrentado dois dias antes um time local em Bordeaux com resultado positivo. A impressão sobre os tchecos, para o treinador brasileiro era positiva pois “seus elementos possuem mais classe e se fazem respeitados pela sua defesa, muito mais sólida que a dos poloneses. Além do mais, sua técnica reside principalmente em um jogo mais violento, naturalmente praticado dentro das regras permitidas pela Federação Internacional”. Por mais que se reconhecesse do outro lado técnica e qualidades positivas do jogo tcheco, ainda assim, sua distinção residiria no ponto de um jogo físico. “Eles” constitui-se, neste binômio do futebol da força e o “Eu ou Nós” na técnica puramente.

A confiança reinava na delegação brasileira. Pimenta, como pai diante dos promissores filhos, atestou “a mais sólida confiança em seus pupilos”. Enquanto que Castello Branco abriu mão da neutralidade racional de um dirigente – ou pretensa neutralidade de um cargo burocrático – para em palavras “vibrantes e quentes” proferir “Venceremos! O Brasil vencerá a Checoslováquia! Teremos adversário mais forte desta feita, mas haveremos de triunfar pela vontade férrea de todos nós. Nossa classe se imporá e o triunfo nos há de sorrir”. Jogadores e imprensa francesa também estavam animados diante do jogo, uma vez que “as façanhas individuais dos brasileiros, triunfará frente à disciplina dos checos”. O binômio estava posto, com vivas efusivos a um jogo de valor individual dos brasileiros, o que fez o *Paris Sour* afirmar ser “o encontro mais interessante das quartas de finais em disputa na Taça do Mundo”.

No dia 14 de junho<sup>188</sup> o jogo contra a Tchecoslováquia repercutiu nos jornais paulistas, contudo, sem a mesma magia que antes poderia ser anunciada. Diante de um estádio enfeitado, com 350 mil francos de renda, maior arrecadação do torneio, a chuva

---

<sup>187</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/11/1//179523>. Acesso em 15 de fevereiro de 2015.

<sup>188</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/14/1//179569>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

e as expulsões de Zezé e de Machado prejudicaram o pretense espetáculo brasileiro. A esse cenário de adversidade, na visão do dirigente Castello Branco, a arbitragem também havia prejudicado o time brasileiro. Todas essas adversidades levaram a um jogo empatado, tanto no tempo regulamentar quanto na prorrogação. Outra imagem recorrente ao futebol brasileiro e à própria identidade nacional do Brasil, superar adversidades, seria então arregimentado.

O técnico Pimenta, na mesma reportagem, afirmou que o time enfrentou uma verdadeira “batalha” e que os jogadores “comportaram-se como heróis” diante do que o jogador Zezé chamou de abuso da violência por parte dos tchecos. Os brasileiros com seu jogo bonito e valentia não se quedaram diante dos tchecos, realizando no dia seguinte o jogo de desempate<sup>189</sup> apesar do cansaço físico e mental imposto e até mesmo de contusões como a de Leônidas. O jogo de desempate, foi noticiado em 15 de junho<sup>190</sup> como sendo menos violento por parte dos tchecos e sem novos problemas de arbitragem. Assim, movimentando-se de forma imprevista, senhores de grande inventividade, os brasileiros triunfam. “O jogo dos checos é imbuído de grande classicismo, mas falta-lhe variedade” o que levou a soçobrar diante de um futebol que teria condições – mas não magia ou arte – de criar possibilidades mil.

---

<sup>189</sup> Diferente do que ocorre hoje quando o empate na prorrogação leva à disputa de pênaltis, na época o empate na prorrogação provocava um novo jogo desempate.

<sup>190</sup> Disponível <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/15/1//5937172>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

Figura 11 – Manchete da Primeira Página da *Folha da Manhã* de 15 de junho de 1938

# FOLHA DA MANHÃ

S. PAULO — QUARTA-FEIRA, 15 DE JUNHO DE 1938

## A extraordinária victoria do Brasil sobre a Checoslovaquia

Com o triunfo de hontem, a seleçao brasileira classificou-se para jogar amanhã a semi-final do Campeonato de Futebol do Mundo, contra o selecionado italiano, em Marselha — Caso consigam vencer o seu proximo jogo, os brasileiros jogarão a final em Paris, contra o vencedor do encontro Hungria vs. Suécia — A partida contra a Checoslovaquia caracterizou-se por um absoluto dominio do quadro brasileiro, o que obrigou os checoslovacos a concentrar-se na defesa para evitar uma grande derrota — O quadro do Brasil constituiu pelo selecionado branco, com excepção de Niginha, em cujo lugar actua Leonidas — O centro-avante brasileiro, que já se constituiu no jogador mais admirado, teve a sua entrada em campo saudada pelas aclamações de contagem de um ponto a favor dos checos, os brasileiros desenvolveram no segundo tempo uma actuação como nunca se viu antes nos campos de Bordeaux, provocando verdadeiro entusiasmo da enorme assistência que, de pé, ovacionou-os largamente — Machado e Zezé poderão actuar contra a Italia, conforme decisão da F. I. F. A. — As manifestações de regoijo no Brasil — Telegrammas enviados aos "crack" brasileiros — Varias notas

**A PREFERIDA BADARÓ, 517**

SEFEIRA VENDEU OUTRA SORTE GRANDE

**3525 - 100** Contas Paulista

NO BALCÃO

**2 MIL**

**ROBERTO**

**BRASIL**

Walter  
Juba  
Nairó  
Beto  
Brendão  
Argemiro  
Roberto  
Lanúsio  
Leonidas  
Tio  
Peleúco

PENEIRO

**LEONIDAS**

**CHECOSLOVAQUIA**

Bukert  
Burger  
Dank  
Kostich  
Borcel  
Leil  
Hrab  
Sennick  
Kross  
Kapecky  
Kala

**O movimento tecnico do jogo**

**Annunciação oficialmente a respeito da Fifa sobre a casa de Zezé e Machado**

**MARCA FABRIL DA MELHOR CASIMIRA**

Fonte: Acervo Folha (<http://acervo.folha.com.br/>)

Aproximava-se, agora, o confronto contra os italianos pela semifinal do torneio; para muitos uma decisão antecipada. O Brasil jogaria com time completo, já que as suspensões originadas das expulsões foram revogadas. Completo em termos, pois as duas fases anteriores, jogando 120 minutos contra a Polônia e dois jogos contra os tchecos, maltratara fisicamente os jogadores. Leônidas machucado não jogaria, mas nas páginas da *Folha da Manhã* de 16 de junho<sup>191</sup> seu nome não era mais de um simples jogador, mas sim um grande expoente político. Da parte do Brasil, os ânimos continuaram positivos, confiantes no sucesso, os jornais paulistas até escreveram matérias dizendo do temor dos italianos ao enfrentar o Brasil, o que os pares franceses guardavam certa ressalva, já que a seleção da Itália era a atual campeã do mundo e com grande experiência internacional.

No dia 18 de junho<sup>192</sup> a triste notícia de que apesar da grande confiança, os italianos, na véspera, conseguiram a vitória. Chama atenção não aparecer a palavra derrota ou ideia que equivalha. O tom da *Folha da Manhã* de 1938 foi o do denunciamento contra a possível falha de arbitragem, atribuindo pênalti para os italianos que conseguiram o segundo gol, definindo a vitória. O leque de protestos destacou Domingos da Guia, autor da falta decisiva, que eximindo-se de culpa. O zagueiro sentia-se injustiçado, não tendo cometido, segundo sua visão, nenhuma irregularidade. O locutor Gagliano Netto foi mais enfático e afirmou que o juiz havia derrotado o Brasil, enquanto que o árbitro carioca Carlos Moratero, consultado pelo jornal paulistano, explicou que não seria pênalti porque a bola não se encontrava em jogo, no máximo uma falta disciplinar.

A seleção da Itália, um time reconhecidamente forte, não havia vencido. A seleção brasileira, injustiçada, havia se quedado diante de uma vilania sem tamanho. A força do discurso positivo sobre o jogo brasileiro não concebia que, naquele momento, o bom futebol perdeu em campo. A derrota foi fruto da iniquidade, do desvio das regras, por isso protestos e alaridos contra o resultado do jogo. Num movimento muito próprio, pediu-se a anulação da partida e a não validação do resultado. As notícias tanto da redação da *Folha da Manhã* quanto os trechos recuperados de jornais cariocas, sul-americanos e franceses atestavam um possível protesto da delegação brasileira junto à FIFA. A *Folha da Manhã*, inclusive questionou que a partir desse resultado malogrado e injusto, o Brasil pensaria em retornar às disputas de Copa do Mundo na Europa e que melhor seria

---

<sup>191</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/16/1//179597>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

<sup>192</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/18/1//5937234>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

fortalecer campeonatos pan-americanos. Mais uma vez a oposição entre o eu/nós e o ele/eles, configurando explicações em termos de empatia e que vilipendiaram o primeiro triunfo brasileiro em mundiais de futebol.

Em 19 de junho<sup>193</sup> noticiou-se que o dirigente Castello Branco negou ter pedido a anulação do jogo, porque seria algo contrário à moral e à conduta cavalheiresca, de lógica ainda distante de vencer a todo custo, “os brasileiros sabem perder como verdadeiros ‘sportmen’ e eles sabem muito bem quando são derrotados num jogo lícito”. Célio de Barros continuou, relatando a lealdade dos jogadores italianos. Assim uma imagem pitoresca: um jogo bonito, mas que não desconsiderava o treinamento, que encantou com jogadores técnicos em jogadas plásticas e que vencido pelas ações soturnas, seria retumbante em prosseguir na retidão e não se curvar a joguetes políticos. O final relativamente feliz foi coroado com a vitória por 4 a 2 sobre os suecos na decisão de terceiro lugar. O jogo que fora tratado como prova de verdadeiro espírito esportivo<sup>194</sup>, ganhou destaque com matéria de manchete de página<sup>195</sup>, ainda que compartilhando o ambiente de indignação pela derrota anterior.

Os dirigentes brasileiros receberam convite para que selecionados, não necessariamente o nacional, retornassem no ano seguinte à Europa. A empatia criada junto aos franceses ecoaria no futuro. Quando em 12 de julho<sup>196</sup>, quase um mês depois da vitória de virada contra os suecos na disputa pelo terceiro lugar<sup>197</sup>, a delegação brasileira aportou no Rio de Janeiro, o resultado no campeonato pareceu não importar e levou multidões às ruas, para a receber os jogadores. Se com as derrotas e as vitórias que aconteceriam nos anos de 1950 novas representações foram construídas, não se pode perder de vista que parte dos códigos de um pretense estilo nacional de jogar futebol começou a ser criado em 1938, com o sucesso da seleção brasileira na Copa do Mundo na França. Códigos que vinham do estrangeiro, possibilitaram que a história que contamos de nós sobre nós mesmos também seja história que “Eles” contam sobre nós.

---

<sup>193</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/19/1//179643>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

<sup>194</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/21/1//179664>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

<sup>195</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/21/1//179673>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

<sup>196</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/07/12/1//199766>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

<sup>197</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1938/06/21/1//179664>. Acesso em 16 de fevereiro de 2015.

## 5 COPA DE 1950, SAGA ETERNA DO SILÊNCIO ENSURDECEDOR

### 5.1 Porque novas feridas não estancam velhas chagas – o impacto da derrota de 1950 diante do insucesso de 2014

"Como brasileira eu gostaria que ganhasse. Depois que eu vi a repercussão, gostei. Perder foi bom pela memória do meu pai. Em 50 foi derrotado, mas não foi de 7 a 1. Eles foram vice, agora nem isso. E meu pai tinha muito orgulho de ser vice-campeão do mundo. Em 50 não tínhamos televisão e mesmo assim a vergonha foi mundial. A Copa de 50 não foi nada perto disso. Foi fichinha. Fomos vice. E agora, fomos o quê? Pois agora eles vão colocar o Barbosa em seu devido lugar".<sup>198</sup>

É de grande impacto a declaração de Tereza Barbosa depois da surpreendente e desconcertante derrota da seleção Brasileira para a seleção da Alemanha, em Belo Horizonte, na semifinal da Copa do Mundo FIFA de 2014. Inicialmente a filha de Moacir Barbosa Nascimento reivindica a brasilidade, afirmando que, assim como os demais pertencentes à sua “Comunidade Imaginada”, chorou com o revés brasileiro. Ora, num país em que o futebol é elemento identitário e patrimônio imaterial<sup>199</sup>, a tristeza por uma derrota abarrotada de recordes negativos – entre eles, o de ser, numericamente, a maior derrota nos 100 anos de seleção Brasileira masculina de futebol<sup>200</sup> – opera como uma dor coletiva a arranhar as margens plácidas da tênue estabilidade das identidades nacionais.

A chaga aberta foi tão intensa que, os jogadores alemães, futuros tetracampeões do mundo, fizeram questão de demonstrar profundo respeito ao futebol brasileiro, entoando as glórias do passado como remédio para o irremediável presente e construindo um vínculo afetivo que mostrasse que o “país do futebol” é belo, formoso, alegre, hospitaleiro, cheio de ginga e inesquecível. Bordões comuns na construção do que é

<sup>198</sup> Disponível em [http://espn.uol.com.br/noticia/424248\\_do-maracanazo-a-maior-humilhacao-da-historia-filha-de-barbosa-enfim-enterra-maldicao-de-1950](http://espn.uol.com.br/noticia/424248_do-maracanazo-a-maior-humilhacao-da-historia-filha-de-barbosa-enfim-enterra-maldicao-de-1950). Acesso em 10 de julho de 2014.

<sup>199</sup> Acompanhamos a definição de patrimônio imaterial, atentando-se, entre outras, à dimensão social lúdica do Instituto do Patrimônio Histórico e Arqueológico Nacional (IPHAN): “Os Bens Culturais de Natureza Imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas).” Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan> Acesso em 21 de novembro de 2014.

<sup>200</sup> Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/07/08/brasil-leva-ao-menos-4-gols-no-1-tempo-pela-primeira-vez-em-copas.htm>. Acesso em 10 de julho de 2014.

Brasil<sup>201</sup>. Esse quase pedido de desculpas, não atenua que mesmo sob a égide de comentários jocosos, “o país do futebol” estava em frangalhos, pois a arte e a superioridade esportiva foram levadas pelas brisas dos ventos alísios. A imprensa brasileira foi profícua em construir manchetes que reivindicassem uma reformulação no futebol para recuperar os tempos de outrora em meio à perplexidade de uma derrota explicável não por forças divinas, mas por aspectos técnicos e táticos, de preparação e do jogo, que criaram um abismo esportivo entre alemães e brasileiros, tão significativa quanto o placar final de 7 a 1.

Posso jamais conhecer Tereza Barbosa, no entanto, nossa tristeza pela derrota, pelo açoite ao elemento identitário, possui traços comuns que, em certo, nos aproxima. O que nos distancia é, contudo, a segunda parte da sua declaração, em que o sentimento de tristeza deixa o palco para que o alívio protagonize. Moacir Barbosa foi sentenciado como responsável pela derrota brasileira em 1950, pois falhou ao não defender um chute desprezioso do atacante uruguaio Alcides Ghiggia. A rudimentar bola de couro passou entre a trave esquerda e o corpo do goleiro vascaíno, que havia se deslocado para o centro da pequena área a fim de interceptar um eventual cruzamento. Centrar a bola na pequena área era de fato comum nas ações de ataque do Uruguai e havia gerado, inclusive, o primeiro gol contra o Brasil naquele jogo. Questionável que apenas essa ação tenha resultado na derrota, pois o insucesso nas finalizações e mesmo o erro de marcação nos avanços laterais dos uruguaio no ataque, também são componentes chave para explicar a derrota da seleção brasileira, de virada, por 2 a 1<sup>202</sup>.

Não podemos desconsiderar que a estrutura do futebol, em que é possível jogar durante toda a partida no setor defensivo, anular as ações adversárias de ataque e por conta das dimensões do campo e da dificuldade de anotação dos pontos, jogar por uma bola em contra-ataque, permite a um time apontado como tecnicamente inferior, superar o favorito. Mais ainda, é possível apontar complicações extracampo, vislumbrar outras falhas individuais e coletivas – como a marcação equivocada dos defensores brasileiros Juvenal e Bigode – e até mesmo o componente psicológico como significativos na derrota. Apesar disso, a lenda do vilão Barbosa é recontada desde 1950.

---

<sup>201</sup>Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/selecoes/alemanha/noticia/2014/07/schweinsteiger-pede-desculpas-ao-brasil-por-goleada.html>. Acesso em 21 de novembro de 2014.

<sup>202</sup> É possível ter uma noção das ações do jogo e perceber outros erros ao ler a transcrição de Paulo Perdigão da narração de época do jogo feita pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro. PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de uma derrota*. Porto Alegre: L&PM, 1986. p.99-160.

Falecido em 7 de abril de 2000, Moacir Barbosa teve uma carreira de sucesso, em especial no Clube de Regatas Vasco da Gama do Rio de Janeiro, no qual sagrou-se campeão carioca e sul-americano. Sua carreira no time carioca é tão significativa, que seu nome aparece no site da FIFA como principal responsável pela primeira conquista continental do Vasco em 1948<sup>203</sup> e por vezes é referenciado nas listas de time de todos os tempos do clube<sup>204</sup>. No entanto, a grande lembrança futebolística em torno de seu nome é da derrota, do insucesso no jogo final da Copa do Mundo FIFA de 1950. O jornalista Roberto Muylaert escreveu uma biografia sobre o ex-goleiro vascaíno<sup>205</sup> e em entrevista a *Isto É*, destacou que um comentário constante de seu biografado era de que “no Brasil, a pena máxima é de 30 anos, mas muita gente me obriga a cumprir a minha por 45, 46, 47 anos...”<sup>206</sup>. Essa relação de culpa/pena contribui para compreender porque Tereza Barbosa colocou a derrota de 2014 em termos de redenção à memória de seu pai adotivo.

Esportivamente, não só pela sonora goleada, mas a seleção de 1950 foi mais exitosa, sendo vice-campeã, com 4 vitórias, 1 empate, 1 derrota, 22 gols marcados e apenas 6 gols sofridos; o melhor ataque da história dos campeonatos mundiais masculinos de futebol e melhor colocação brasileira, excetuando os 5 títulos mundiais<sup>207</sup>. Em 2014, com o torneio também sendo realizado no Brasil, foram 3 vitórias, 2 empates e 2 derrotas, 10 gols marcados e expressivos 13 gols sofridos; quarto lugar no campeonato e críticas constantes de que o time não jogou bem. Sob o forte apelo emocional, a “Tradição Inventada” de jogo bonito não compareceu aos gramados. Num exercício irônico e hipotético, se um curta-metragem como *Barbosa* de Paulo Perdigão fosse feito para o dia 8 de julho de 2014, a viagem no tempo deveria impedir muitos mais lances do que apenas um chute aos 31 minutos do segundo tempo<sup>208</sup>.

De nota, também, o uso de “vergonha” por Tereza Barbosa para definir a derrota em 2014. Não há como negar que o apelo de mídia, sessenta e quatro anos depois, tornou

---

<sup>203</sup> Disponível em <http://pt.m.fifa.com/world-match-centre/news/newsid/203/034/2/index.html>. Acesso em 21 de novembro de 2014.

<sup>204</sup> LOPES, Nei; MURAD, Maurício; MAFFEI, Luís. *Contos da Colina – 11 ídolos do Vasco e sua torcida bem feliz*. Oficina Raquel: Rio de Janeiro, 2012.

<sup>205</sup> MUYLAERT, Roberto. *Barbosa – um gol silencia o Brasil*. São Paulo: Bússola, 2013.

<sup>206</sup> Disponível em <http://www.terra.com.br/istoe-temp/1597/1597vermelhas2.htm>. Acesso em 30 de agosto de 2014.

<sup>207</sup> O Brasil também foi vice campeão em 1998, mas naquela ocasião foram 4 vitórias, 1 empate e 2 derrotas, 14 gols marcados e 10 gols sofridos.

<sup>208</sup> No curta-metragem de 1988, o personagem interpretado pelo ator Antônio Fagundes, em meio às memórias de sua infância, consegue elaborar uma máquina do tempo e voltar ao jogo de 16 de julho de 1950. A personagem chega à beira do campo, mas impedido pelas seguranças do estádio, grita para Barbosa se preparar para o chute ao gol de Gighia, desconcentrando o goleiro que sofre o gol.

a segunda Copa do Mundo FIFA no Brasil, um evento distinto. Em 1950 a cobertura esteve a cargo de pequenos grupos de correspondentes internacionais, transmissões ao vivo pelo rádio e a reportagens impressas de jornais quase diários. Para 2014, o arsenal de cobertura midiática foi muito maior, com transmissões ao vivo para todo o planeta, coberturas em tempo real pela televisão, rádio e internet<sup>209</sup>. A partir desse fenômeno, a forja da memória coletiva é distinta, pois o peso imagético limita discursos míticos e reforça uma pretensa apreensão da realidade tal e qual ela é. Nunca é demais lembrar que a realidade é, sobretudo, uma construção discursiva que depende muito mais de como a materialidade é interpretada do que de um fato completo em si.

A raridade de imagens de 1950 contribuiu para um apelo que, 2014 provavelmente jamais possuirá. Pode-se concordar que esportivamente a derrota de hoje é muito mais “vergonhosa”, e que desse ponto, absolveu a memória de Moacir Barbosa. Ainda assim, o tom dramático e a agonia coletiva da derrota no recém-inaugurado Maracanã não serão apagados. O Brasil de seis décadas atrás estava construindo sua identidade coletiva, enquanto que o do século XXI, em meio a uma pretensa crise das identidades, sofre um processo intenso de desconstrução e desterritorialização<sup>210</sup>. Que se pese que o saudoso goleiro Barbosa não precise de absolvição, a derrota de sua geração teve tons épicos porque o “país do futuro” soçobrou junto com o “país do futebol”. Em Belo Horizonte, em meio a um processo de novas tensões políticas ainda em voga, foi vivenciado que apenas o futebol do país que perdeu.

Neste capítulo continuamos a trabalhar os jornais do *Grupo Folha*, agora pensando como relataram a derrota. Ainda que em 1950 o analfabetismo e mesmo o acesso à informação escrita limitavam a amplitude dos periódicos, não podemos perder de vista que a imprensa diária teve uma latente função de guardião da memória coletiva, como agente constitutiva de identidades e de apreensão da realidade<sup>211</sup>. Assim trazemos a inserção do evento esportivo dentro do seu tempo, o que faz com que qualquer sucesso ou fracasso esteja em interlocução com o momento histórico. Também não podemos deixar de tornar distinto determinadas estratégias jornalísticas adotadas pelos periódicos paulistas que o separam dos seus pares cariocas. Por fim, a unidade em torno da identidade

---

<sup>209</sup> Disponível em <http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2014/05/21/copa-batera-recorde-de-audiencia-e-de-arrecadacao-com-publicidade-na-tv.htm>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

<sup>210</sup> HALL, Stuart *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

<sup>211</sup> LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi.(org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

nacional não é tão cativa, percebendo zonas de diversidade, como a atenção dada aos aspectos do treinamento dos atletas durante o campeonato.

## 5.2 “Bota o retrato de Velho de novo no lugar” – A Modernidade em disputa

Já em 1950, é caro ao universo paulista o discurso da modernidade e do progresso. Nas décadas anteriores o Brasil passou por uma guinada no modelo de desenvolvimento econômico, com o Estado passando a desempenhar papel preponderante na industrialização, como principal investidor do setor de bens de produção. A fala empoeirada dos latifúndios, na qual a vocação brasileira seria a agricultura e o investimento em indústrias, depreciado como gasto supérfluo e artificial perdeu espaço. Longe de incorrer num estruturalismo antiquado, essa guinada econômica significou uma alteração parcial nas mentalidades em voga no Brasil, afinando o discurso de modernização a um desenvolvimento industrial em sentido amplo, com práticas culturais e interpessoais próprias do dinamismo urbano.

Como parte significativa dessa produção industrial, mas também da criação de símbolos culturais – e nisso a Semana de Arte Moderna de 1922, como uma das sínteses possíveis dessa modernização – ocorria em São Paulo, a cidade, através de sua mídia impressa, estampa com pormenores essa faceta. Em 1950, mudanças nos padrões de consumo estavam evidenciadas na sociedade, fosse pela inserção maciça de produtos estadunidenses – do chiclete ao bambolê, passando por Zé Carioca, até aos componentes tecnológicos de ponta – pós Segunda Guerra Mundial, ou pelos frutos da legislação trabalhista, impulsionada pelo movimento operário do início do século e apropriada pelo Governo Vargas através da Consolidação das Leis Trabalhistas.

Segue também o processo de aumento proporcional da população urbana<sup>212</sup>. Desde a última Copa, doze anos antes, em 1938, as mudanças econômicas, sociais e culturais haviam sido generosas para o Brasil. É possível constatar essa mudança com dois novos espaços nos jornais *Folha da Manhã* e *Folha da Noite*. O primeiro é que os números da bolsa de valores ganham parte significativa do segundo caderno – Economia e Finanças – da *Folha da Manhã*, local em que também estão as notícias esportivas. Se

---

<sup>212</sup> Na década de 1950 a população urbana era de 36,16% , passando para 45,08% em 1960. Disponível em <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=10&op=0&vcodigo=CD91&t=populacao-situacao-domicilio-populacao-presente-residente>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

as notícias sobre a economia rural são presentes, é gritante que a maior parte do espaço econômico é estampado por notícias de fábricas e empresas urbanas<sup>213</sup>.

O segundo espaço que chama atenção ao ambiente urbano em formação é a seção dominical de moda, que denota opções de roupas, mas também padrões de comportamento. Sua circulação semanal aos domingos indica que sua leitura é para dias de não trabalho, portanto, corroborando com uma pretensa seriedade que deve perpassar os dias de labuta; neles nada de futilidade, mas sim política interna, notícias internacionais e economia. Aos domingos o jornal tem uma circulação maior, então como parte da necessidade de atender às demandas de um público maior, notícias que não estariam presentes durante a semana ganham espaço. Por fim, mesmo nas páginas esportivas há a presença marcante de propagandas, estampando lojas de departamento, maquinários e demais itens que cantam a modernidade.

Uma dessas propagandas, reproduzida na Figura 12, merece destaque. É do refrigerante Coca-Cola, que se diz aprovado pelos médicos como bebida oficial dos atletas brasileiros para atender às suas necessidades físicas<sup>214</sup>. Notório que um refrigerante, hoje ligado a hábitos pouco saudáveis, tenha, naquele momento, um apelo esportivo para ser prescrito pelos médicos. Espanto? Nenhum, porque a legitimidade de um produto vinculado ao corpo estava, na maioria dos casos, atado ao discurso médico, construído com insígnias de neutralidade e de cientificidade. Dessa forma, a Coca-Cola é baluarte de um padrão novo de consumo, baseado em produtos estrangeiros e que resumi, em seu valor de representação, um país em busca de seu tempo perdido.

---

<sup>213</sup> Nos três meses de jornais pesquisados, incluindo também as notícias da Folha da Noite, é possível notar sempre uma página dedicada às cotações da Bolsa de Valores, na página seguinte notícias sobre o comércio e indústrias, com breves notas sobre o campo. Algumas vezes uma terceira página, também com notas sobre o ambiente econômico urbano aparece junto às notícias esportivas.

<sup>214</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/25/837//5933131>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

Figura 12 – Propaganda da Coca Cola na *Folha da Manhã*



Fonte: Acervo Folha (<http://acervo.folha.com.br/>)

No mais, ambientes urbanos tendem a mudar o perfil de uma sociedade, conferindo, pela multiplicidade de papéis e relações sociais possíveis, diversidade e dinamismo. O surgimento de grupos intermediários, portanto consumidores de produtos e significados distintos das elites, por serem mais modestos, ao mesmo tempo em que são refinados demais para enquadrar-se nos grupos populares, é outro ponto que merece atenção na análise das especificidades em torno da Copa do Mundo FIFA de 1950. Para esses grupos intermediários o nacionalismo precisa de novos componentes, materialidades que não estariam disponíveis antes. São esse dinamismo e essa nova demanda social, num momento de transição demográfica e de padrão de crescimento, que tornam os fatos históricos mais intensos do que em outros momentos. O nacionalismo no momento de mudanças é catalisado porque surge no horizonte próximo como aquilo que garante a estabilidade e a segurança em meio ao incerto e à transformação. Não significa dizer que seu apelo seria maior ou menor em outro contexto, até porque não é possível retirar o fato histórico de sua temporalidade, mas é dizer que ele possui cores próprias daquele momento histórico.

É, em meio a essa discussão, que surge a construção do estádio municipal do Rio de Janeiro. Para Moura<sup>215</sup> a construção do futuro estádio do Maracanã cortejou não só uma demanda esportiva, mas as necessidades estruturais da cidade para receber o

<sup>215</sup> MOURA, *op.cit.* p. 25-42.

campeonato mundial, convergindo para retomar o discurso de crescimento, desenvolvimento e modernização caros à época. Nos debates da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, o tom apaixonado dos debates entre Carlos Lacerda e Ary Barroso, ambos os vereadores da UDN, estampava que a construção de um estádio de colossais proporções alçaria o Brasil ao rol das grandes potências internacionais, atestando tanto a capacidade do povo brasileiro em mobilizar-se em torno de um projeto, como a engenhosidade e o avanço técnicos do país. Somente grandes nações conseguiriam esse feito, portanto, naquele momento, para aquela aspiração de desenvolvimento e de despertar gigantes sonolentos, fazia total sentido uma peculiar comparação de que o Estado devia sim investir em estádios e não em hospitais<sup>216</sup>.

Para realização da Copa de Mundo FIFA de 2014, a segunda no Brasil, o discurso mudou abruptamente, demonstrando, ente outras coisas, uma nova dimensão para o futebol. Os protestos difusos de junho de 2013, abarcando um grupo variado de manifestantes, de demanda e de ideologias – entre elas a falaciosa neutralidade – portavam, em meio aos cartazes contra os aumentos do transporte público e por reformas políticas, dizeres relacionando negativamente hospitais e estádios. Desde alusões à baixa qualidade dos hospitais públicos, distantes de uma chancela de qualidade chamada “padrão FIFA”<sup>217</sup> até a escolha por mais hospitais e menos estádios<sup>218</sup>. Posto de lado a limitação das políticas públicas dos setores sociais baseadas em prédios, chama atenção à mudança comparativa, pois passado seis décadas, a modernidade vislumbrada por grandes obras, deu lugar à multiplicidade de demandas sociais, menos afoita aos monumentos e mais sedenta por direitos sociais.

Significaria, então, que o futebol não mais representaria o Brasil, em 2014, ou mesmo que haveria um esvaziamento em seu valor simbólico positivo? Não podemos ser tão contundentes, sob a mazela de deixar de lado a diversidade que possui uma sociedade na Modernidade Tardia, em que as relações são pulverizadas. Não podemos esperar que

---

<sup>216</sup> MOURA, *op.cit.* p. 28.

<sup>217</sup> É possível encontrar no site da FIFA a definição de seu padrão de qualidade, demonstrando ser um selo de qualidade técnica, mas também ética e pensada para todos os atores e atrizes do futebol. Disponível em <http://pt.fifa.com/aboutfifa/organisation/marketing/qualityprogramme/>. Acesso em 22 de novembro de 2014. Contudo, ficou evidente que ao se referir a esse padrão a alusão é a serviços públicos de grande qualidade, o que não seria parte do cotidiano da população brasileira.

<sup>218</sup> Voz destoante é a do ex-atleta Ronaldo Nazário, nomeado como membro do Conselho de Administração do Comitê Organizador local, diz que “Está se gastando dinheiro com segurança, saúde, mas sem estádio não se faz Copa. Não se faz Copa com hospital. Tenho certeza que o governo está dividindo os investimentos.” Disponível em [http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/Ronaldo-Copa-estadios-hospital\\_0\\_601139964.html](http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/Ronaldo-Copa-estadios-hospital_0_601139964.html). Acesso em 22 de novembro de 2014.

o futebol possuísse o mesmo impacto de significados ao longo do tempo no Brasil; com certeza mudanças ocorreram e elas não são do tipo hierarquizante: antes havia mais apelo ao futebol e hoje menos; significa que as chaves interpretativas são distintas. Em 1950, num processo de construção identitária na qual se construía a própria ideia de Brasil, a Copa do Mundo e o catalisador futebol cumpriam com os anseios de representação do progresso. Anos mais tarde, em outro momento histórico, 2014, não podemos esperar a mesma amplitude, contudo, vislumbra-se a importância, porque o futebol continua como balizador dos debates sociais.

Retornemos à construção do Maracanã, pois ainda temos que versar seu impacto nas mentalidades de 1950, bem como sua presença do outro lado do Paraíba do Sul. Há uma disputa em curso para saber como um palco da modernidade deveria ser. Nesse ínterim, a cidade fundada por Estácio de Sá, não deixou de lado seu viés monumental, no qual intervenções que perpassam por todo o espaço urbano são capazes de alterar relações sociais e criar significados impávidos. A construção de um estádio gigantesco, a batalha por local da cidade deveria receber a obras e as demais intervenções urbanas evidenciam que sua simbologia era atada ao progresso, como já fora noutros momentos as reformas de Pereira Passos e Oswaldo Cruz. O coroamento não era apenas esportivo, mas educacional, ajudaria, num Brasil que é reincidente doloso em reduzir a Educação Física ao esporte e este como uma pedagogia moralizante e higiênica.

Mas e como a cidade de São Paulo interage na construção do estádio do Maracanã? Evidente que o calor das discussões políticas não seria o mesmo, já que o monumento possuía sentido completo em seu local de origem, o Rio de Janeiro. Não sendo a capital, distante até da lógica de centralidade política e muito mais sensível ao componente econômico, São Paulo vivenciava sua modernidade menos pela construção de grandes símbolos nacionais públicos, e mais por aparatos vinculados à industrialização ou que denotam a urbanização – grandes prédios, avenidas, fábricas. A cidade já construía seu estádio municipal em 1948, na região do Pacaembu. As dimensões do Maracanã, maior estádio esportivo da época, e seu ensejo de abrigar um suntuoso evento esportivo, conferem uma simbologia identitária maior do que o estádio paulistano.

Sem a mesma paixão as *Folhas* retrataram em três oportunidades, no período pesquisado, o Maracanã. Primeiro dando conta dos andamentos da construção, em caráter

descritivo e atento aos prazos da obra<sup>219</sup> quando, em março de 1950, há a ameaça, estampada por jornais ingleses, da não realização do mundial no Brasil<sup>220</sup>. Já no Rio de Janeiro, Moura aponta a comoção que fora a notícia, em setembro do ano anterior, de um operário que arriscara a vida para impedir que um acidente atrasasse o cronograma da construção. Na declaração resgatada, o sujeito comunga de sacrifício, dizendo-se feliz, se necessário fosse, em perder a vida para que o estádio fosse finalizado<sup>221</sup>. Sua fala e mesmo sua ação conversam com a ideia de mobilização e desprendimento em nome de um bem maior, num objetivo coletivo a ser alcançado. Nas *Folhas* a notícia não apareceu, ou seja, seu poder de mobilização épico não chegou a São Paulo.

A segunda menção ao estádio carioca denota de maior importância, já que foi a única vez em que uma notícia sobre a Copa do Mundo estampou a primeira página de um dos jornais paulistas. A *Folha da Noite* de 13 de junho de 1950 tem uma foto aérea do estádio finalizado<sup>222</sup>. Na seção de esporte, outra foto e os dados de materiais gastos para a realização da obra, atestando a grandiosidade do empreendimento<sup>223</sup>. Estar na primeira página faz pensar como um jornal, que cria para si a imagem de sobriedade e de seriedade, nos assuntos abordados – elegendo a política e a economia como carros chefes –, a notícia construção do estádio transcendeu à dimensão esportiva. No entanto, há uma limitação nessa importância, pois, não há na primeira página uma reportagem, sim a construção imagética, mostrando o grande monumento erguido na capital federal. Ao retratar a imagem e conotá-la com informações de quantidade de material gasto, reforça a ideia de monumento, dotado de alguns significados e passível de criar e recriar outros tantos<sup>224</sup>.

O último ensejo do Maracanã, contemplado pelos dois jornais, é sobre a partida de inauguração<sup>225</sup>. O primeiro jogo do estádio foi um confronto entre as seleções de novos de Rio de Janeiro e São Paulo. Para os espectadores atuais não é familiar esse tipo de jogo, pois o calendário atual do futebol brasileiro impede que ocorram partidas amistosas de combinados estaduais. Mais ainda, o que é decisivo, no âmbito do futebol

---

<sup>219</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/03/02/1//176817>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

<sup>220</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/03/03/1//176817>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

<sup>221</sup> MOURA, *op. cit.* 41-43.

<sup>222</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/13/1//5081274>. Acesso em 21 de novembro de 2014.

<sup>223</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/13/1//5081279>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

<sup>224</sup> LeGOFF, Jacques. *História e Memória*. Editora da UNICAMP: Campinas, 2008.

<sup>225</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/16/1//229286>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

espetáculo, as demandas econômicas conferem a inviabilidade dos clubes em ceder seus jogadores para uma partida desse tipo. Houve até nos anos 1990, por parte da *Rede Globo* de Televisão a tentativa de ressuscitar os jogos entre seleções carioca e paulista, que acabou soçobrando. Há que se pensar que com o modelo clubístico de construção de identidade citado no segundo capítulo, seleções estaduais não possuem espaço porque são estéreis, atualmente, como interlocutoras de demandas sociais locais.

O jogo entre as seleções dos dois principais centros esportivos do Brasil atesta que naquele momento, mesmo com a seleção brasileira significando a unidade nacional, ainda havia espaço para a rivalidade estadual. A inauguração do estádio municipal do Rio de Janeiro poderia contar com um jogo festivo ou mesmo um amistoso da seleção, porém, evidenciou a tensão identitária: o Brasil tem uma representação nacional no futebol, mas ela é difusa, é um caleidoscópio com lógica, baseado na rivalidade RJ x SP. Chama atenção, também, que mesmo evidenciando o ar de disputa entre os dois centros futebolísticos, a reportagem sobre a vitória paulista resume-se a descrever os lances, o autor dos gols e como foi a arbitragem<sup>226</sup>. Nada diferente do que o jornal fazia com os demais jogos.

### **5.3 Uma Copa bem menos do Mundo – A dimensão da edição de 1950**

Na verdade, em 1950, parecia que o impacto global da Copa do Mundo FIFA era algo incipiente. Foram inscritos para disputar a fase preliminar 34 equipes de 4 continentes<sup>227</sup> – a África, em boa parte colônia europeia não teve representantes. Decidir as 16 classificadas para a final foi um pouco confuso já que cada um dos 10 grupos divididos regionalmente possuía uma fórmula própria de disputa. Nos seis grupos europeus, havia um grupo reunindo as quatro seleções britânicas, no qual o campeão e o vice classificar-se-iam após seis jogos. Três grupos possuíam cabeça de chave que enfrentaria o vencedor de uma preliminar para decidir o classificado e ainda havia dois grupos, um com três e outro com duas equipes que classificariam, após confrontos diretos, apenas o campeão de cada grupo. Fórmula complicada, pouco esportiva e que marcava a separação dos times britânicos do resto da Europa. Alguns jogos sequer foram realizados devido às desistências e mesmo depois de definidos os sete classificados, houve

---

<sup>226</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/17/1//229286>. Acesso em 22 de novembro de 2014

<sup>227</sup> Disponível em <http://www.rsssf.com/tables/50q.html>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

alterações. Alegando não ser qualificada para o torneio, a Escócia<sup>228</sup> desistiu de participar, assim como a Turquia, que alegou motivos financeiros. França<sup>229</sup> e Portugal<sup>230</sup>, respectivamente, foram os suplentes chamados, mas que também declinaram por motivos esportivos e financeiros.

Nas eliminatórias sul-americanas, o grupo 7 teve a desistência da Argentina, motivada, teoricamente, por desavenças políticas com a CBD<sup>231</sup>. Os jornais paulistanos acompanharam o litígio e demonstraram ser de fato uma escolha de política dos gestores do esporte. Quando Jules Rimet, então presidente da FIFA, chegou ao Brasil em 31 de maio de 1950, foi questionado pela *Folha da Manhã* se tentaria, por fim, à cisão entre AFA (Asociación de Fútbol da Argentina) e CBD, respondendo diplomaticamente:

“Com muito gosto envidaria meus esforços a fim de que as duas filiadas – CBD e a AFA – venham a reestabelecer suas cordiais relações. Aliás isso é tarefa perfeitamente dentro do âmbito da FIFA, ou seja, a de propugnar a perfeita harmonia e a compreensão das entidades a ela vinculada. Sentir-me-ei bastante feliz se o futebol do Brasil e da Argentina voltar à paz comum de outrora.”<sup>232</sup>

Os jornais não trouxeram grandes explicações da quirela entre os dois países, o que reforça o argumento de boicote argentino e serve para criar mais um capítulo de rivalidade entre os dois países. Em certo grau, mais do que a apuração dos fatos, complexos, que levaram os argentinos a desistir e classificar sem a necessidade de jogar, bolivianos e chilenos, há o reforço de uma tradição de antítese entre os dois países do futebol. Mas a memória é traiçoeira. Numa matéria para a Copa do Mundo FIFA de 2014, o *site* da TV por assinatura *ESPN*, fez uma reportagem especial com os atletas argentinos que não puderam vir àquela edição do mundial. Além de apresentar questionamentos como o enfraquecimento da seleção com a saída de craques para o exterior, a greve local e a falta de apoio do Brasil aos colegas platinos, os ex-atletas falam de um tempo perdido,

<sup>228</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/05/16/1//228611>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

<sup>229</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/06/1//229077>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

<sup>230</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/01/1//228952>. Acesso em 22 de novembro de 2014..

<sup>231</sup> MOURA, *op.cit.* 54-55.

<sup>232</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/01/1//228959>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

que não acabou no campeonato de 1950, mas que gerou sequelas para a continuidade do futebol argentino, vitorioso nos de 1940, para as próximas décadas<sup>233</sup>.

O outro grupo sul-americano teve a desistência de Peru e Equador, classificando Paraguai e Uruguai, que ainda assim jogaram no Brasil, com vitória dos paraguaios<sup>234</sup>. Tendo chegado mais cedo ao Brasil, ambas as seleções jogariam, nas semanas seguintes torneios amistoso contra a seleção brasileira. Não houve desistência no grupo da América Central, América do Norte e Caribe, classificando-se México e uma seleção totalmente amadora dos EUA. No grupo asiático, Bruma, Filipinas e Indonésia desistiram classificando a Índia, que depois do sorteio do chaveamento da Copa, declinaria à vaga. Há uma lenda, pouco possível de achar o ponto de origem, mas que conversa com o modo pouco espetacularizado do futebol na Índia, de que a seleção asiática teria desistido por não poder jogar descalça. Os jornais paulistanos trazem outra versão, a de que a delegação indiana não teria como pagar a viagem ao Brasil, o que parece mais condizente a uma localidade do planeta sem voluptuosos recursos para o esporte e tão distante<sup>235</sup>.

Para que desistências como essas ocorressem, para que o campeonato fosse colocado em segundo plano, significa que seu apelo simbólico e seu poder de construção identitária tem que ser relativizados e, sobretudo, pensados em termos distintos daqueles que possuímos hoje ao nos referirmos a um grande evento esportivo. Ou seja, a possibilidade de construção discursiva sobre a Copa do Mundo FIFA de futebol masculino em 1950 não acaba em si, mas é uma súmula aberta, onde novos jogadores podem ser inseridos, configurando novas táticas e adequações ao prosseguimento do jogo. Mas, sobretudo, cada Copa, em cada tempo, é uma súmula com preenchimento próprio.

Quando observamos a atenção dada por algumas seleções nacionais à Copa do Mundo é possível contestar o impacto simbólico que o evento possuía em 1950. A nova geopolítica global e a reconstrução física e econômica da Europa pós II Guerra Mundial e o menor apelo midiático do esporte, ajudam a compreender porque a legitimidade de significados para o principal evento do futebol possui nuanças distintas das atuais. No final do século XX a expansão do capitalismo a praticamente todas as localidades do globo e a difusão da televisão, dispare socioeconomicamente, fez com que qualquer

---

<sup>233</sup> Disponível em [http://espn.uol.com.br/noticia/412857\\_desistencia-argentina-na-copa-de-1950-causou-decadas-de-ressaca](http://espn.uol.com.br/noticia/412857_desistencia-argentina-na-copa-de-1950-causou-decadas-de-ressaca). Acesso em 22 de novembro de 2014.

<sup>234</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/05/02/1//228297>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

<sup>235</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/05/24/1//228785>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

evento esportivo fosse apreciado por milhões de pessoas independentemente do local e das distâncias em que estivessem do jogo. Portanto o apelo simbólico foi potencializado.

A construção de um mercado de significados e também de produtos em torno do esporte fez com que essas práticas corporais virassem espetáculos totais, com alcance mundial, e produção maciça de códigos que pudessem atender a variadas demandas sociais. Com o advento de satélites e da *INTERNET* essa amplitude potencial de alcance catalisa-se, tornando as imagens geradas pelo esporte em códigos que transcendem à prática e à própria assistência: de algum modo, a sociedade da Modernidade Tardia comunga dos símbolos criados pelo esporte espetacularizado para criar múltiplas interlocuções. Essa ressalva da diferença de alcance e de significação da Copa do Mundo em 1950 é fundamental para que não se cometa o anacronismo de esperar similaridades totais entre os esportes no início do século XXI e seus pares de seis décadas antes. A primeira Copa do Mundo de futebol no Brasil não é vazia de signos ou recheada esqualidamente; pelo contrário seus significados são robustos dentro do momento histórico em que são inseridos. Perceber seus limites é, sobretudo, perceber as possibilidades constante das memórias coletivas serem ressignificadas para contemplarem demandas sociais.

À medida que a Copa do Mundo aproximava-se, notas curtas saíam no canto das páginas anunciando as delegações que chegavam ao Brasil. Alguns times mereciam maior destaque sendo noticiado os resultados de amistosos, mas ainda assim as notas eram breves e extremamente descritivas. No caso dos adversários do time brasileiro na fase inicial, o México foi o menos laureado, dando-se conta de sua fragilidade esportiva ao ser derrotado em amistoso com a Espanha<sup>236</sup> ou mesmo com dificuldades para vencer um desfalcado time do Futebol Clube Botafogo<sup>237</sup>. A imprensa paulistana reforçaria a fragilidade mexicana, vislumbrando que não só pelo resultado contra os espanhóis, mas na preparação como um todo, já que estavam “Anêmicos quase todos os jogadores mexicanos”<sup>238</sup>. Menos prestigiados, os adversários da estreia foram encobertos pela enorme expectativa do debute dos anfitriões, o que fez com que falar sobre o México

---

<sup>236</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/05/28/1//228845>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

<sup>237</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1950/06/15/1/5081298>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

<sup>238</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1950/06/12/1/5081262>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

fosse, nas vésperas do jogo, complemento do favoritismo brasileiro.<sup>239</sup> <sup>240</sup> Peculiar também que há três notícias em que o time do México era o protagonista, as reportagens eram situadas como sendo escritas na Cidade do México, ou seja, eram reproduções do noticiário mexicano.

Já a Suíça é retratada com atenção relativamente maior. Os suíços chegaram no dia 21 de junho ao Rio de Janeiro<sup>241</sup>, “esperançosos e animados” “sob ovações e assediados pela curiosidade de seus compatriotas, radicados nesta capital (Rio de Janeiro)”. O técnico Franco Andreoli, que “fala quatro idiomas” atesta que sua seleção é uma “das menos cotadas à conquista do título máximo do futebol. Todavia, acredita na fibra de seus homens, (...) conhece a reputação do futebol brasileiro; nunca, entretanto, teve a oportunidade de ver em ação um quadro nacional”. Surreal, para nossa concepção atual de futebol profissionalizado, o desconhecimento do adversário por parte do técnico de uma equipe. Gaston Tchisren, o outro técnico suíço também entrevistado aponta a esperança de seu time surpreender, mas sem grande entusiasmo. De fato não era possível entusiasmar-se visto que o time vinha de uma goleada de 4 a 0 contra um de seus futuros adversários a Iugoslávia<sup>242</sup>.

O adversário final do Brasil na fase semifinal foi o que recebeu maior destaque. Em princípio pela polêmica de ameaçar abandonar o campeonato por conta da tabela que lhes fariam viajar 2400 km entre Porto Alegre e Rio de Janeiro para cumprir, em dois dias, os dois jogos finais. A solução foi antecipar o jogo do México, dando um dia a mais de folga para os iugoslavos<sup>243</sup>. Fica evidente nessa reclamação, que a estrutura de transporte de grandes distâncias no Brasil era bem aquém do esperado. Os iugoslavos retornariam aos jornais quando chegaram ao Rio de Janeiro em 15 de junho<sup>244</sup>, sendo recepcionados por uma missão diplomática. As declarações do técnico M. Adrejevic demonstram novamente o baixo grau de intercambio do futebol da época, pois, depois de destacar que as aspirações iugoslavas eram “modestas” frisou “não conhecer o futebol do

---

<sup>239</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1950/06/23/1//5081370>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>240</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/24/1//229448>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>241</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/22/1/229422>. Acesso em 23 de novembro de 2014..

<sup>242</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1950/06/12/1/5081262>. Acesso em 10 de junho de 2014.

<sup>243</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/09/1/229118>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>244</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/16/1/229279>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

Brasil e nem da Espanha, (e) que classifica em primeiro plano para o Campeonato Mundial a Inglaterra e a Itália e, em seguida, a Suécia e a Iugoslávia”. A reportagem ainda destacou o tom cordial e otimista quanto à realização do torneio, listou os jogadores destaque e enfatizou no subtítulo da reportagem o entusiasmo esportivo: “Faremos o possível para que nossa equipe corresponda à expectativa”.

Os adversários brasileiros tiveram ainda outros espaços ao longo do campeonato, noticiando treinos e preparativos para os jogos, como, por exemplo, a notícia do treino de iugoslavos e de suíços em Belo Horizonte<sup>245</sup>. A atenção a esses times aumentava, evidentemente quando jogavam com o Brasil, mas sem grandes alardes, ficando restrito às declarações dos técnicos e à escalação. Outras notas viriam para informar o leitor os resultados dos três jogos entre essas três seleções, mas com matérias limitadas, nem sempre com fotos e produzidas pelos escritórios locais das *Folhas* sem identificação de autoria. Quando acompanhamos a descrição da chegada desses três times – e de alguma forma poderia ser dito para as outras nove seleções estrangeiras – a ideia que se tinha era de um futebol globalizado, de conhecimentos mútuos que estava aquém da realidade. Os times conheciam seus vizinhos e adversários domésticos, sendo uma incógnita o “aclamado” futebol brasileiro. O modo como as *Folhas* retrataram os adversários também criava já a narrativa da Copa do Mundo. Aos mexicanos o fraco papel de *sparring*; aos suíços certa dedicação, mas não grandes chances, também seriam vencidos; já os iugoslavos eram os grandes adversário, o perigo e o time que merecia até serem destacados alguns atletas.

#### **5.4 Cimento, areia, rádio e crônicas – Construindo a imagem da derrota de 1950**

Realizar a Copa do Mundo no Brasil permitiu que a imprensa fizesse uma cobertura especial, com mais profissionais *in loco* e notícias atualizadas. Ora, cruzar o Atlântico ainda era complicado em 1950. Mesmo o furor jornalístico da Copa de 1938 fora contido pelo tombo no navio e pelo balanço do mar. Já em 1950, a imprensa nacional tinha a possibilidade de menores custos de deslocamento e a presença íntima nos espaços da seleção. Não é demais lembrar que entre os anos de 1940 e de 1950, vivia-se a Era do Rádio no Brasil, com a comunicação de massas produzindo símbolos coletivos de

---

<sup>245</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/23/1/229430>. Acesso em 21 de novembro de 2014.

identificação: cantoras e cantores que atraíam multidões, radionovelas, programas de auditório, noticiários, quadros de humor e transmissões de futebol. Sem o viés dos recursos imagéticos, o rádio é preponderante na construção de um imaginário coletivo – graças à narração comum para experiências públicas – como, paradoxalmente, também possui apelo pessoal – através das memórias afetivas suscitadas. Assim, a presença do rádio na narrativa do futebol é fundamental para entendê-lo enquanto “história que contamos para nós, sobre nós mesmos”<sup>246</sup>.

As *Folhas* não destacaram grandes concentrações de torcedores nas vias públicas paulistanas, esperando para ouvir os jogos. Inicialmente poderíamos supor que diferente do que ocorreu na capital republicana, a metrópole de Piratini não vivenciara as experiências coletivas de entusiasmo pela Copa do Mundo. Essa hipótese cai por terra quando se noticia e há grande expectativa popular na cidade.<sup>247 248</sup> Como não havia um caderno de esportes e a linha editorial das *Folhas* era de uma pretensa imparcialidade, importava mais contar sobre os jogos por meio da anotação dos gols, do público, das escalasções, da arbitragem e narrações não afeitas a adjetivos grandiloquentes. O discurso posto seria muito mais o da técnica do que da emoção, num jornalismo que busca a realidade como algo concreto, passível de luzes e verdades absolutas. O silêncio sobre as manifestações públicas partia de uma visão de notícia / não-notícia: falar do público fora dos estádios não corroborava para que o leitor soubesse como foi o jogo. Mesmo nos jogos domésticos, assinalados constantemente com destaque mesmo durante a Copa do Mundo, manifestações externas ao estádio não eram tratadas com grande atenção.

Outro espaço de construção discursiva sobre o futebol são as crônicas esportivas, popularizadas nos jornais a partir dos anos de 1940. É interessante refletir o uso das crônicas para o futebol, visto que o país ainda é pouco letrado e com um mercado editorial limitado. A crônica tem, por definição, um alcance especial para leitoras e leitores, pois é efêmera pela publicação diária nos jornais, ao mesmo tempo em que se constitui num gênero literário que necessita de bons recursos linguísticos para alcançar sucesso com o público. Essa interlocução diária dotada de metáforas, hipérboles e demais figuras de linguagem faz com que os fatos tenham uma interpretação subjetiva e não a pretensa objetividade neutra de um relato jornalístico.

---

<sup>246</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

<sup>247</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1950/06/28/1/5081413>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

<sup>248</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/28/1//229557>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

Assim, Mário Filho, José Lins do Rego, Nelson Rodrigues e Thomaz Mazzoni compuseram uma legião, que com características próprias construíram um história peculiar do futebol no Brasil. Evidente que não é uma história menos verdadeira ou ilegítima, mas sim uma história conotada por grandes personagens, heróis e vilões próprias de romances de capa e espada, ou seja, como num pueril jogo maniqueístas, totalmente bons ou totalmente ruins. No cenário desenhado, os desafios são intensos, quase sobre-humanos e sua transposição significa a vitória da superação. Como o esporte espetáculo de alto rendimento pressupõe meritocracias, qualquer discurso que tenha a superação de um herói em desafios hercúleos é plausível e de grande apelo. Antônio Jorge Soares é feliz ao sentenciar, inclusive, que Mário Filho caminha pela construção epopeica de herói ao tratar o negro no futebol brasileiro<sup>249</sup>.

É dessa amálgama de narrações não imagéticas e literatura passional de grande alcance que se cria um discurso peculiar para a derrota de 1950. Mesmo que esportivamente não seja caótica, a chaga aberta pela vitória da seleção uruguaia no Rio de Janeiro marcou o futebol brasileiro intensa e definitivamente. Os interlocutores que inventaram a tradição sobre essa derrota o fizeram extrapolando a dimensão do jogo e fazendo uso de explicações externas e que na verdade serviriam de amplas chaves interpretativas a tentar explicar descompassos sociais. Assim, a falta de empenho, a destemperança e a imaturidade, pontuadas pelo racismo – velado como é próprio de uma sociedade em que a escravidão não era boa em si, mas mal necessário – ganhavam mais apelo do que comentários técnicos ou táticos.

Por isso os cronistas da época seriam centrais nessa empreitada. Gisela de Araújo Moura<sup>250</sup> e Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes<sup>251</sup> apontaram que os cronistas cariocas utilizaram sistematicamente a ideia de que a derrota seria fruto de uma debilidade oriunda da mestiçagem. É um tom denunciante, colocando o elemento social racismo, externo ao jogo, como central na sua explicação. Não podemos perder de vista que uma sociedade escravista terá sinais de racismo em todas as relações sociais, incluindo o futebol. Mas sua centralidade e determinismo para responder a anseios do campo esportivo são próprios de um uso peculiar de Gilberto Freyre e da valorização da mestiçagem. Não é um discurso único, mas uma disputa de representações, que, como

---

<sup>249</sup> SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. **Revista Estudos Históricos**: São Paulo, n.23, v. 13, 1999.

<sup>250</sup> MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.

<sup>251</sup> ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: UNESP, 2004.

qualquer outra escolha, possui limitações e enfrentamentos, incluindo a de personagens fundamentais do evento.

O goleiro Barbosa, em entrevista a Geneton Moraes Neto em 19 de julho de 1986<sup>252</sup>, não tem boas recordações sobre Mário Filho, por entender que a construção do jornalista, em que o fracasso esportivo é fruto direto de questões raciais não representaria o que de fato ocorreu; pelo contrário: evidenciaria uma perseguição pessoal ao goleiro vascaíno.

“Disseram que Obdúlio Varela tinha dado um tapa em Bigode. É conversa, é mentira, é invenção. Uma vez me disseram que quem inventou foi Mário Filho. Aliás, contestei o que o Mário Filho escreveu: que trememos porque éramos pretos. Mário Filho também andou dizendo que, no dia da minha estreia na seleção Brasileira, contra a Argentina, em São Paulo, Flávio Costa teria me tirado de campo no intervalo porque eu estaria com o calção todo sujo. Todo sujo de merda – é essa a expressão. Mas eu nem quis contestar, porque essa é uma baixeza tão grande que nem vou descer a esse nível.”<sup>253</sup>

O projeto de Moraes Neto não teve o rigor acadêmico de uma metodologia pautada pelas entrevistas, inclusive porque não se propõe para tal. Mas é um caminho de análise da memória já que buscou entrevistar todos os jogadores que estiveram em campo contra o Uruguai naquela tarde de junho, além do técnico e do “carrasco” Ghiggia. Com os trechos publicados, portanto uma seleção da entrevista, não é possível corroborar o discurso de Mário Filho, pois as explicações não passam por crise emocional ou debilidade racial. Observamos, na verdade dois grandes eixos explicativos que abordaremos ao final deste capítulo.

Mesmo um episódio retratado por Mário Filho como sendo prova cabal de como a mestiçagem brasileira soçobrou diante dos uruguaios aparece de forma distinta no relato dos ex-jogadores. Bigode não reconhece em seu depoimento que o capitão uruguaio Obdúlio Varela tenha intimidado-lhe com um tapa no rosto:

“Não houve agressão nenhuma de Obdúlio Varela. A injustiça maior foi essa contra mim. Eu sinto até hoje. É uma covardia o que fizeram. Uns dizem que Obdúlio Varela cuspiu. Outros, que foi um tapa e eu não reagi. É uma calúnia. Não houve reação porque não houve agressão. Obdúlio Varela deu um tapinha em mim pelas costas, para pedir calma. Eu tinha dado uma pancada em Júlio Perez, um jogador que tinha uma

<sup>252</sup> MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2013.

<sup>253</sup> MORAES NETO. *op.cit.* p.38.

habilidade desgraçada. Para dizer a verdade, a maquia do Uruguai era Júlio Perez, não Obdúlio Varela. Dei uma entrada violenta. Se minha entrada pegasse no tornozelo, se Júlio Perez saísse de campo, a gente ganharia o jogo fácil. Porque o Uruguai se desarticulava totalmente. Nesse momento, quando dei a entrada, Obdúlio Varela veio me dizer: ‘Muchacho, calma!’. Fiquei olhando para o juiz com medo de expulsão. ‘Se o Brasil perder com a minha expulsão’.”<sup>254</sup>

Então é possível pensar explicações que não perpassem apenas pelo discurso racial, mas que incorporem elementos inerentes ao jogo como o bom preparo antes da partida e uma coesão tática. Moura vai além, demonstrando que nos jornais cariocas dos dias posteriores à derrota, o peso da mestiçagem ou mesmo do racismo foram menores. Para a autora, Mário Filho e seu irmão Nelson Rodrigues teriam investido na explicação racial momentos mais tarde, com toda a qualidade de escrita, a força da argumentação e sua anuência como momento histórico de transformações fez e – ainda faz – mais sentido na solução de angústias do que explicações táticas<sup>255</sup>. Dentro de um campo em disputa, a construção de um fato histórico, ela é legítima e verossímil, tal e qual, as memórias dos atletas entrevistados.

O que precisamos avançar é pensar como também as memórias dos jogadores refletem um conjunto de demandas. Primeiro o caráter próprio da relação dos atletas com aquela derrota. Imersos dentro do jogo, suas memórias buscam explicações que resolvam as aflições e os erros por eles cometidos durante a partida. Os elementos externos, ainda mais as representações sociais são secundárias na hora de resgatar as memórias e mesmo de construir os esquecimentos. Não parece ser possível a um goleiro que tenha escolhido mal seu posicionamento, a um zagueiro que tenha feito mal a cobertura ou um atacante que tenha finalizado equivocadamente ao gol adversário, que suas falhas tenham sido fruto da origem étnica ou do caráter nacional débil. Mesmo que se atente a um problema psicológico, ele não será fruto de uma genética esqualida, mas de um treinamento ou de uma dedicação que não foram plenos. Até porque em suas vivências como atletas, as explicações sócio culturais são bem menos palpáveis do que o escopo do treino e do jogar.

Ainda sobre essas memórias não podemos perder de vista um tom de resistência e de conflito com o discurso dominante. Quando dizem que erraram, quando apontam culpados esportivamente, os jogadores de 1950 retomam para si o protagonismo das ações, evidenciando que da mesma forma que perderam poderiam ter vencido. O discurso

---

<sup>254</sup> MORAES NETO, *op.cit.* pp.81-82.

<sup>255</sup> MOURA, *op.cit.* pp.142-147.

de nuances sócio culturais retira a agência dos jogadores e os relega a um exemplo da identidade nacional maltrapilha. É o personagem coletivo e não os agentes históricos individuais que recebem atenção. Como as falas não são contemporâneas à derrota, têm os ruídos de mais de trinta anos, os jogadores da final de 1950 também constroem um discurso legítimo e verossímil, que atende às suas demandas e evidencia o conflito posto e que pode ter outro viés quando analisamos as notícias das *Folhas* sobre a derrota, logo após o ocorrido. Diz a *Folha da Manhã*, publicada em 18 de junho de 1950, terça-feira posterior ao domingo da decisão do título:

“Uruguai – Novo Campão Mundial de Futebol

Dois a um, o resultado do prelo de anteontem no Maracanã – Gighia, Schiafino e Friaça os marcadores – Recorde mundial de público.

Magnífica vitória alcançaram os uruguaios, levantando o Campeonato Mundial de Futebol disputado no Rio de Janeiro. Escapou o título ao Brasil na melhor oportunidade que se poderia desejar, e o sucedido provocou a maior decepção de que se tem memória na história do futebol nacional, porque os nossos eram apontados como francos favoritos, mercê de uma campanha no certame e de suas últimas partidas, nas quais tiveram de fato excelentes atuações patenteando claramente que dispunham de recursos de sobra para vencer o último obstáculo. No entanto faltaram aos brasileiros o indispensável “*afan*”, o entusiasmo e o ardor que sobraram aos orientais. Souberam estes transformar o coração e o espírito de luta em armas mais poderosas e decisivas de que a decantada técnica e os valores individuais que firmavam em nossa equipe. Mais uma vez, a falta de sadio entusiasmo, do entusiasmo que nasce espontaneamente, e não das circunstâncias ou dos proventos materiais, golpeou profundamente o futebol da nossa terra, decepcionando de maneira total a opinião pública e acarretando prejuízo morais e materiais irreparáveis<sup>256</sup>.

Transcrever a reportagem completa é fundamental para compreender seu apelo. A circulação do periódico apenas na terça-feira fez com que a repercussão da derrota não tivesse o mesmo apelo de uma notícia do dia. O espaço dedicado à análise não é pequeno, ocupando cerca de metade da quarta página do segundo caderno, *Economia e Finanças*. Na mesma página há uma nota curta de duas colunas sobre a seleção paulista de “cestobol” que faria amistoso em Curitiba, uma breve nota sobre a entrega da Taça Jules Rimet aos uruguaios e obituários. Para os jornais de hoje a escolha dos obituários justo na página esportiva parece um devaneio ou no mínimo indelicadeza. Não significa, no

---

<sup>256</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/07/18/167//222396>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

entanto que tenhamos mudado substancialmente a mentalidade para lidar com a morte, mas sim que num jornal com cadernos pouco definidos, todos os espaços são elegíveis para propagandas ou notas públicas pagas como essa.

Na página seguinte a manchete principal fala sobre uma prova de ciclismo em Interlagos. A reportagem sobre a vitória da Espanha sobre a Suécia tem uma foto e uma descrição sucinta no canto superior da página. O tamanho dedicado não é muito maior do que uma sessão habitual ao fim de cada rodada do mundial: *Resenha do Campeonato Mundial de Futebol*. Diferente do que se poderia imaginar ao usar o termo resenha, o texto dessa sessão é apenas um apanhado de dados, começando por trazer os resultados da rodada em questão, os artilheiros, os arqueiros menos vazados e por fim da renda. Há uma recorrência pela questão da renda, por entender que em qualquer que fosse o jogo, noticiá-lo significava falar o resultado, quem o fez, quando e, divulgada a renda, mostrar quem assistiu e sua importância. Comparando com as rendas do próprio Mundial e analisando dados superficiais do futebol doméstico – que também está presente na página de centro a respeito da segunda divisão do campeonato paulista – a final teve um apelo incrível: Cr\$ 6,270 milhões, sendo a renda total do campeonato de Cr\$ 36,699 milhões.

Ainda sobre a parte estrutural da notícia, é significativo que essa matéria é uma das poucas tinham identificação de autoria, no caso pelo “enviado especial” A. Mendes. Não era comum que as matérias esportivas das *Folhas* fossem assinadas. Mesmo as colunas periódicas não tinham assinatura, apenas títulos como “*Só Futebol*” “*Futebol do Interior*”. Apenas as notícias enviadas de Araxá, quando dos preparativos para o mundial estavam assinadas, ora apenas com o genérico “enviado especial”, ora nomeando esse enviado, Aroldo Chiorino. Suas matérias, no entanto usavam adjetivos sóbrios, pouco comprometedores e que buscavam relatar objetivamente os treinos. O texto autoral da “última notícia” da Copa do Mundo conservou o recurso de apresentar o jogo com adjetivos um pouco mais intensos, falar das ações principais e gols de cada um dos tempos, a arbitragem e a renda, mas na introdução a passionalidade apareceu com a construção do sentimento de decepção, de apatia e de brilhantismo uruguaio.

Também podemos pensar o futebol no Brasil em 1950 como um campo de intenso apelo de saber consuetudinário e pouco espaço para sistematizações ou aproximações com um discurso científico. E sendo o futebol uma possível síntese da nação, o que coubesse de análise no campo poderia explicar os vacilantes insucessos sociais e políticos de uma colônia que virara periferia do capital. Para o caso do Rio de Janeiro, capital desde 1763, essa lógica se intensifica graças às constantes reformas modernizantes desde o

regente D. João, o que nos ajuda a compreender porque a imprensa carioca tratou com maior furor as derrotas e as vitórias futebolísticas. O peso da modernização era mais presente no cotidiano da então capital do que outras localidades. O que as *Folhas* fizeram foi seguir uma linha editorial, como já citado, da objetividade, o que também é em si um discurso modernizante, pois haveria nessa tentativa a construção de diálogo com o jornalismo verdade, racional e, portanto, distante do arcaísmo, do rebuscamento, das paixões.

Para construir a identidade nacional é preciso criar uma história afetiva, senão oficial, ao menos suficientemente forte para ressoar em diferentes corações. Como assinalou Marc Bloch, lindamente, o historiador tem que combater o ídolo das origens, que tende a surgir e criar um marco zero sobre a História<sup>257</sup>. Esse alerta é justamente para evitar anacronismos e a criação de narrativas atemporais. A nação, no entanto precisa desses dois componentes que ludibriam o tempo e permitem a continuidade com uma origem que traga valores positivos e representativos<sup>258</sup>. A seguir é preciso grandes vitórias e grandes derrotas. Essas são as faces de uma mesma moeda, a primeira para evidenciar as características positivas, a bravura e o sucesso da nação frente a inimigos externos ou internos. A segunda demonstra como as fraquezas e os desvios podem levar a nação ao fracasso. As derrotas tem um valor pedagógico, fazendo, pela dor, lembrar-se dos erros pretéritos e impedir que eles voltem a ocorrer. As vitórias devem ter uma duração mais extensa, porque é o sentimento positivo, já as derrotas tem que ser breves, mesmo que intensas, pois sua duração demasiada inviabiliza a nação: não há nação que possa existir só com derrotas.

Em via de regra essas grandes vitórias ou grandes derrotas tem uma conotação militar, muitas vezes vinculadas a guerras ou heróis forjados no campo de batalha. A história do Brasil, no entanto, em especial para manutenção da unidade imperial no Segundo Reinado (1840-1889), pós-tumultuados anos de Regência (1831-1840), é marcada pela ideia de paz e alegria. Os grandes fatos que poderiam criar a comunicação afetiva ou estavam distantes, vivenciados apenas pelas elites letradas – Independência, Proclamação da República – ou senão possuíam um apelo regional insuficiente – Farroupilha (1835-1845), Confederação do Equador (1824). Mesmo os heróis, síntese do discurso nacional<sup>259</sup>, tem uma latente limitação no Brasil, como assinala José Murilo de

---

<sup>257</sup> BLOCH, Marc. *O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

<sup>258</sup> HOBBSAWM, Eric. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

<sup>259</sup> ANDERSON, *op.cit.*p.35-36.

Carvalho em *Formação das Almas*, ao analisar a construção imagética e heroica de Tiradentes como símbolo republicano<sup>260</sup>. Assim o futebol, gradativamente, conseguiu ocupar esse vazio, sendo um discurso possível para a construção da história afetiva.

Um dos principais nomes, já citado, é o de Nelson Rodrigues, jornalista e dramaturgo. De opiniões contundentes, por vezes polêmicas, torcedor fanático do Fluminense Football Club, o irmão mais novo de Mário Filho, foi primoroso na criação de duas imagens recorrentes na interlocução do futebol com as aspirações socioculturais. Primeiro a marca da tragédia nacional; posterior à derrota no Maracanã, Nelson Rodrigues definiu o fato como a “nossa Hiroshima”<sup>261</sup>. Tão recente e tão chocante, o genocídio causado pela bomba atômica na cidade japonesa em 1945, retirou o evento esportivo de seu local de origem e o transcendeu para além dos significados técnicos e táticos que poderiam explicar o insucesso, e arregimentou uma chaga aberta, a sangrar intempéries sociais. Em outras palavras houve uma ressignificação para que a derrota no jogo final da Copa do Mundo pudesse ser também uma memória nacional de identidade, compartilhada por um universo maior que o da própria prática corporal e que se sensibilizaria toda vez que recorresse. A outra imagem, talvez mais famosa, seria a do “viralatismo”, na qual o Brasil tal qual o cachorro de rua, sem raça definida, é insosso, incorpora o fracasso por não conseguir bailar com o sucesso, mesmo quando lhe chama para dançar<sup>262</sup>.

Se para os brasileiros o tocar das trombetas do desastre apocalíptico retumbam em dissonância por mil alto falantes, no caso do Uruguai, parece haver uma prisão temporal na qual o futebol definido pela “garra charrua” – recurso discursivo recorrente para definir a virilidade, a persistência e o sucesso da população da outrora Cisplatina – vive suspenso. Quando a classificação da seleção uruguaia foi confirmada na repescagem após vitória contra pouca expressiva seleção da Jordânia, a fornecedora de materiais esportivos, Puma veiculou uma peça publicitária na qual um sujeito encoberto por um lençol percorria as ruas do Rio de Janeiro com mini traquinagens<sup>263</sup>. Melancólico e bem humorado, o comercial dialogava com uma personagem de 1950 que não existe, uma assombração que em termos esportivos teria pouca ou nenhuma ressonância ainda que o Uruguai em 2010 tivesse conquistado a melhor colocação em quarenta anos de Copa do Mundo, viesse de

---

<sup>260</sup>CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.p.55-74.

<sup>261</sup> RODRIGUES, Nelson. O drama das sete copas (junho de 1966). In: RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 116.

<sup>262</sup> RODRIGUES, *op. cit.* p.51-52

<sup>263</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=VLb3yIRA8AU>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

um título de Copa América na Argentina, um vice campeonato de Taça Libertadores da América com o time do Peñarol e contasse com um dos grandes artilheiros da temporada europeia, Luís Soares.

No blog esportivo *Esporte Fino* da revista semanal *Carta Capital*<sup>264</sup>, no dia posterior à eliminação do Uruguai para a Colômbia, nas oitavas de final da Copa do Mundo de 2014, lança de uma análise interessante: a derrota uruguaia, cessando o sonho de reviver um jogo contra o anfitrião Brasil por uma Copa do Mundo seria o ponto final, a despedida e o exorcismo do Fantasma de 1950. Evidente que na história sobre si próprios que os uruguaios estão a criar, os triunfos surpreendentes contra ingleses e italianos na primeira fase e o insólito episódio da mordida do atacante Luís Soares num defensor italiano não serão esquecidas. Na verdade, os analistas brasileiros, na construção de suas crônicas eletrônicas, desconsideraram que o Fantasma de 1950, que assombra brasileiros e que suspende no tempo os uruguaios é uma moeda de face única: explicação das desventuras nacionais por meio do futebol. Portanto, enquanto houver a necessidade de criar explicações nacionais para os anseios sociais as figuras vão existir, descambando, no caso brasileiro a uma frustração, a um tom divinal para o fracasso de um promissor projeto de modernização.

A disparidade regional na construção identitária está evidenciada, também, no próprio perfil demográfico dos principais centros urbanos do Brasil. Um leitor atento contestará que essa diferença é própria das especificidades constituídas em cada local urbano – ou rural – de acordo com as dinâmicas sociais ali estabelecidas. De certo, ao destacar Rio de Janeiro e São Paulo como dois polos urbanos em oposição pode-se induzir a ideia de que suas diferenças resumem todas aquelas possíveis do território brasileiro. Pelo contrário, gostaríamos de afirmar que é possível pensar outras localidades nessa construção de identidades nacionais, afinal de contas a própria Copa do Mundo de 1950 não se limitou a essas duas localidades, tendo jogos e movimentações em Belo Horizonte, Curitiba, Porto Alegre e Salvador.

No mais os rincões brasileiros percebem o Brasil de formas diferentes. As “*Cidades Mortas*” de Monteiro Lobato não são a “*Paulicéia Desvairada*” de Mário de Andrade e são, ambas, legítimas na percepção de uma identidade brasileira. O que as distingue e que chama nossa atenção é que em centros urbanos desenvolvidos como São

---

<sup>264</sup> Disponível em <http://esportefino.cartacapital.com.br/uruguai-colombia-maracana/>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

Paulo o discurso de modernidade tem muito mais força. Nas regiões ruralizadas, respirando ares bucólicos, o que se evidencia é um discurso moroso da tradição e da estabilidade de relações. Se observando o pensamento social brasileiro ao longo das décadas e atentos à mobilização de invenção do Brasil a partir dos anos de 1930, com a Era Vargas, o local em que retumba mais o brado insólito do país da modernidade arcaica são os centros urbanos e seus dinamismos e contradições. Para os anos de desenvolvimento nacional é nas ruas paulistas que temos embates mais interessantes; que temos tarantelas e pastas na cobertura da Copa do Mundo FIFA.

### **5.5 Tarantela e bola – o futebol reafirmando diferenças identitárias**

As *Folhas* resolveram destacar a seleção italiana em sua cobertura da Copa do Mundo. Esportivamente muito justa a escolha já que os italianos haviam, sob as cores escuras, ganhado as duas últimas edições do mundial. Mesmo passados doze anos sem o campeonato, a Itália chegava ao Brasil com o status de defesa do título. A destruição física que a II Guerra Mundial trouxera para o território italiano, somando as ainda incipientes ações de cooperação com a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço, configuravam dificuldades financeiras e políticas à Itália. No entanto, não eram menores àquelas enfrentadas internamente ao futebol, uma vez que um dos principais times europeus da época e base da seleção nacional da Itália, *Associazione Calcio Talmone Torino*, sofrera um terrível acidente aéreo, com avião chocando-se com a torre da Basílica de Superga, na Itália, e matando todos os 31 ocupantes. Sob o luto e sob a perda de atletas importantes, a Itália bicampeã do mundo não poderia ser apontada como grande favorita. Friamente, a atenção da cobertura da Copa deveria ser relativizada e se apenas fosse pensado em termos esportivos, espanhóis mereceriam maior destaque.

Aí reside a questão que estamos apresentando: escolher cobrir a Itália diariamente nos jornais não é uma escolha esportiva neutra, pelo contrário, é parte da construção de diálogo com uma sociedade que comunga e propaga o discurso da imigração. Se fossemos construir uma genealogia da imigração europeia para São Paulo, poderíamos destacar a campanha imigrantista dos senhores de escravos, embebidos em café, mas com sérias dificuldades em substituir a mão de obra cativa. Recorrer aos discursos do político Antônio Prado<sup>265</sup> é evidenciar que a imigração para São Paulo nunca foi apenas uma troca

---

<sup>265</sup> MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Entre mãos e anéis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.

de trabalhadores, senão poderíamos pensar que os pobres urbanos ou mesmo os próprios escravos, poderiam ser contratados a salários risórios e constituir mão de obra livre. Pelo contrário, a imigração nas lavouras de São Paulo articula um sonho de branqueamento, com a inferiorização do elemento nacional.

Para a cidade de São Paulo, local que concentrou parte significativa do capital cafeeiro e, portanto demandou, ainda que indiretamente, imigrantes inseridos na lógica supracitada, o peso da construção identitária dos italianos é fundamental. Os italianos que chegaram a São Paulo a partir dos anos de 1870 ajudaram a construir uma identidade do que seria o paulista. De fato, um contingente especialmente do sul da Itália e empobrecido chegara de modo significativo a São Paulo<sup>266</sup>, influenciando tanto modos de falar, quanto culinária, musicalidade e futebol. Um dos clubes com melhores resultados esportivo da cidade, portanto chamado de grande, tinha uma ligação íntima com a comunidade italiana: a Sociedade Esportiva Palmeiras era o novo nome para o Palestra Itália<sup>267</sup>. Assim a cobertura proposta pelos jornais paulistanos nos permite questionar a seguridade de uma identidade nacional fechada e excludente. No caso paulistano poder-se-ia conviver com as insígnias de Brasil associadas às de Itália.

No dia 19 de junho a delegação italiana aportou em Santos e fora recebida com grande distinção, com a presença de autoridades e grande festividade<sup>268</sup>. Não impressiona tanto que uma delegação estrangeira seja bem recebida, exemplo de protocolo e hospitalidade. O que chama atenção, que mesmo no caso das outras favoritas, como a Inglaterra, os jornais paulistas não se incomodaram a cobrir a chegada dos atletas, incluindo enviar fotografos ao litoral. Da mesma forma, durante os treinos no estádio do Canindé, sempre houve um repórter a cobrir os acontecimentos e notas médias sobre os ocorridos nos trabalhos<sup>269 270</sup>. Pode-se pensar que sendo a cidade de São Paulo sede da delegação italiana, ela viraria automaticamente notícia por conta de uma questão de

---

<sup>266</sup> HALL, Michael. McDonald . O movimento operário na cidade de São Paulo, 1890-1954. In: PORTA, PAula. (Org.). *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004, v. 3, p. 258-289.

<sup>267</sup> Em razão das animosidades da II Guerra Mundial, o Palestra Itália mudou, em 1943 o nome para Sociedade Esportiva Palmeiras.

<sup>268</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/20/1//229383>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>269</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/22/1//229422>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>270</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/23/1//229430>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

localidade e mesmo de anormalidade, fatores preponderantes a uma notícia. Até jantares são destacados<sup>271</sup>.

Questionamos, no entanto, essa explicação porque o próprio calendário da Copa do Mundo não pode ser visto de forma neutra. Se ajudou ao Brasil limitando seus jogos ao Rio de Janeiro e a São Paulo, fora também generoso aos italianos, colocando-os numa localidade em que a identificação seria evidente. Mais do que pensar a lógica de que os italianos são notícia por estarem em São Paulo, devemos pensar que, estar na capital paulista é parte de um processo de aproximação afetiva e identitária, na qual constatamos ser possível identificar-se por meio do futebol e da seleção brasileira com o Brasil, mas que também há espaços de desacordo e de instabilidade, em que é possível que outra seleção nacional também tenha espaço nos corações afamados.

O grande favorito sofrerá uma “derrota surpreendente” para a Suécia, com matéria de meia página e com foto<sup>272</sup>. O conseqüente empate entre suecos e paraguaios ceifou as chances de classificação italiana<sup>273</sup>. A manchete “Vitoriosos os italianos na despedida” estampava em meia página, um jogo de baixas aspirações aos italianos e que “atuando com superioridade, a *squadra azzurra* conseguiu eliminar o Paraguai<sup>274</sup>. Interessante, assim, perceber, o desanimo que os jornais estampam quando a Itália é matematicamente eliminada. Uma insígnia de identificação estava a soçobrar.

## **5.6 Marretas e tratores – desconstruindo a imagem mirífica da seleção e do “Futebol Arte”**

Já em sua preparação a seleção de 1950 não empolgava quanto aos resultados e à qualidade de jogo apresentado. Parte das críticas repousa no técnico Flávio Costa, que apesar do título sul americano no ano anterior e do retrospecto vitorioso com o Vasco da Gama, não era um nome amplamente aceito. Nas entrevistas a Moraes Neto, nove dos onze jogadores citam de forma negativa na escolha do local da concentração da final.

---

<sup>271</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1950/06/20/1//5081336>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>272</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/27/167//5933132>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>273</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/30/1//229593>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>274</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/07/05/1//222147>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

Augusto e Danilo são os únicos a rememorar sem negatividade a transferência, às vésperas do último jogo do campeonato, a concentração foi mudada da pacata Joá, no subúrbio carioca, para o estádio do Vasco da Gama, em São Januário. Augusto entendeu ser papel dos atletas tantas fotos e atenção às autoridades e exime Flávio Costa de qualquer erro<sup>275</sup>. Já Danilo, achava até melhor a escolha por São Januário, pois já estavam habituados ao local devido aos treinos e teriam que se deslocar menos do que o habitual<sup>276</sup>. Obviamente o próprio técnico também foi positivo em relação à mudança já que:

“Os jogadores saíram de uma casa adaptada, no Joá, para o Estádio de São Januário, onde existia departamento médico, campo para treinamento, tudo que era essencial a um jogador de futebol. Quando estávamos no Joá, tínhamos de pegar uma Kombi e atravessar o trânsito para ir treinar. Lá em São Januário, o sujeito se levantava, ia para o refeitório, comia lá e caminhava – de calção mesmo – para o campo, sem problema algum.”<sup>277</sup>

Os demais atletas associam a mudança a uma instabilidade, fosse porque a região era demais movimentada, gerando barulhos que atrapalhavam no repouso dos jogadores<sup>278</sup>, o assédio dos torcedores pedindo fotos e autógrafos dos ídolos – por vezes já encarados como campeões do mundo – e, claro, a evidente presença de políticos em campanha que buscavam associar-se à imagem da seleção<sup>279</sup>. O afincamento dos candidatos em estar ao lado dos atletas gerava distúrbios nas rotinas de treinos e de alimentação. Barbosa relata que nas vésperas do jogo decisivo contra o Uruguai não pode jantar com tranquilidade devido à constante demanda por atenção<sup>280</sup>. É recorrente também a memória de que todas as promessas aos jogadores, caso o país conquistasse o título, foram esquecidas e sobrou uma dura realidade de apenas retornar ao lar e à vida cotidiana<sup>281</sup>.

Os jornais paulistanos não relataram, após a vitória sobre a Suécia, em 10 de julho, a alteração na concentração, cabendo duas reflexões. De fato as *Folhas* não entendem aquela seção do jornal como espaço para discutir política e campanha eleitoral, portanto, por mais que mencionar o nome dos candidatos de oposição a Getúlio Vargas fosse um

<sup>275</sup> MORAES NETO, *op.cit.* p.49.

<sup>276</sup> MORAES NETO, *op.cit.* p.76.

<sup>277</sup> MORAES NETO, *op.cit.* p.142.

<sup>278</sup> MORAES NETO, *op.cit.* p.95.

<sup>279</sup> Os onze atletas entrevistados fizeram alusão aos políticos na concentração mesmo que tendo visto de forma não negativa a transferência para São Januário.

<sup>280</sup> MORAES NETO, *op.cit.* p.50.

<sup>281</sup> MORAES NETO, *op.cit.* p.80.

ato político, o grosso da cobertura estaria nas páginas iniciais do jornal, em que as manchetes estampavam certa instabilidade e disputas no cenário político nacional. Em contraposição, a linha editorial dos jornais prega a neutralidade, sendo assim, basta descrever e não opinar sobre o que estava ocorrendo. Como o jornal não se preocupou num momento imediatamente posterior à derrota analisar suas causas, o fato perdeu-se no tempo, mas pode ser ressignificado nos momentos de memorização nas décadas seguintes.

Independente da atenção e da análise despendida ao fato inusitado da mudança de local da concentração, não é demais pensar como o uso político da seleção por parte dos políticos em campanha significa a existência de uma interlocução privilegiada. O ano de 1950 também foi ano de eleição presidencial no Brasil e a disputa era intensa, com modelos e concepções de política e de sociedade em choque, catalisado pela nova candidatura de Getúlio Vargas. Vargas não dispõe da simpatia dos grupos de oposição, muitos reunidos na União Democrática Nacional, a UDN. Da mesma forma, seus quinze anos no poder – a Era Vargas das indústrias, da centralização e criação de unidade de pertencimento nacional – subverteu o modo como as campanhas presidenciais eram forjadas. Os candidatos da Primeira República, em sua maioria, faziam do processo eleitoral um rito formal, posto que os acordos entre as oligarquias, com café, leite e mais algum matinal, definiam os rumos da eleição. Quando as demandas sociais das massas urbanas viram componente decisivo para os rumos do pleito, quando mais atores e atrizes sociais estão em cena, não basta uma viagem de trem e um jantar com “figuras distintas” para ganhar a eleição.

Para que o elenco social aceite o roteiro e encene a peça desejada é preciso criar canais de comunicação que passem a informação para uma ampla parcela da população. Sendo a mensagem principal uma pretensa aproximação e identificação popular, a seleção de futebol masculino é fundamental, pois, ela desperta a possibilidade de estar em consonância com um símbolo de unidade, bem como se ecoa enquanto imagem popular. Ao aparecer junto da seleção, o político em questão pode, apesar de seu terno elegante, conversar com o Brasil e se mostrar sensível aos gostos mais populares. Evidente que à medida que são criados novos signos de representação e que as demandas sociais tornam-se mais díspares, apenas estar ao lado da síntese do futebol nacional não seria o suficiente.

No entanto, em 1950, com o apelo social que o futebol possui frente a uma “pátria de chuteiras” e momento especial de um campeonato mundial no Brasil, a livre associação explicitada é mais evidente. Interessante pensar também, que o candidato favorito,

Getúlio Vargas não comungou dessa associação, não havendo relatos de que teria ido à concentração ou mesmo tido imagens com os jogadores. Num primeiro momento, desavisados, poderíamos pensar que o velho estancieiro gaúcho seria pouco simpático ao esporte ou até mesmo não lhe conferisse, na campanha eleitoral, valor. Ora, como os líderes populistas de sua época, o esporte e o físico, como modelos de nação e de assepsia eram fundamentais. Ocorre que Getúlio Vargas, em 1950, já possuía um canal primoroso de aproximação com o grande público e com a unidade Brasil: “pai dos pobres” e “defensor dos trabalhadores”.

Além dos problemas com a mudança da concentração, outro agravo à seleção as escalafões foram criticadas durante toda a preparação. Ainda que se buscasse a superação do embate Rio de Janeiro e São Paulo, evitando os pretensos erros das seleções bairristas de 1930 e 1934, os paulistas demonstravam certo descontentamento com as escolhas de Flávio Costa. Os ventos de oposição ao técnico afirmavam que jogadores de clubes paulistas teriam melhores condições de jogo do que seus colegas de clubes cariocas. A ênfase maior estava na escolha por jogadores do Clube de Regatas Vasco da Gama, clube dirigido anteriormente pelo técnico, em detrimento de jogadores do São Paulo Futebol Clube<sup>282</sup>. Desconsidera-se nessa afirmação que o técnico possui autonomia para convocar seu elenco e, mais do que vínculos regionalistas, determinadas escolhas poderiam advir do conhecimento pretérito do trabalho de determinado atleta e a confiança em seu desempenho. Não custa lembrar que por mais que a seleção brasileira em 1950 teve um extenso período de preparação, quarenta e cinco dias em Araxá, a especificidade de um time como uma seleção nacional, num campeonato de poucos jogos, faz com que o treinamento pormenorizado seja limitado, necessitando de indivíduos que se tenha conhecimento prévio.

Em certo grau, as *Folhas* contribuíram nessa ideia de rivalidade e de escolhas bairristas, ao enfatizar os jogadores dos clubes paulistas. Ainda nos momentos que antecederam à reunião dos jogadores em Araxá, as notícias dos dois jornais eram locais, silenciando os trabalhos já iniciados em Minas Gerais uma vez que os jogadores paulistas não haviam embarcado. Nos três dias em que os jornais aborda o embarque do grupo de jogadores paulistas, mesmo com parte significativa da seleção já reunida, não há notícias

---

<sup>282</sup> PERDIGÃO, *op.cit.* p.50-51.

dos treinos<sup>283</sup>. Assim, verificou-se que o embarque dos jogadores “paulistas” teve maior importância jornalística do que os próprios treinos do selecionado.

Também há, a cada treino, jogo treino ou amistoso da seleção uma atenção especial aos atletas de clubes paulistas. Em muitos casos, ao fim da reportagem, depois da descrição do jogo e antes da escalação e da arbitragem, aparece uma ou duas linhas destacando a participação de jogadores dos clubes paulistas. Evidente que em alguns casos, fosse pelo gol ou pelo bom desempenho em campo, as linhas especiais não tinha qualquer faceta de estranhamento, contudo, quando a participação do atleta não era decisiva, não havia protagonismo, chama atenção essa escolha. Olhando apenas pela ótica do jornalismo, corroborando com um discurso de neutralidade e de tecnicismo das *Folhas*, poderíamos atestar que a escolha incidia na necessidade de trazer aos torcedores paulistas maiores detalhes de seus ídolos a serviço da seleção. Porém ao remover essa breve camada de cascalho, também podemos perceber que ao se noticiar com maior afinco os “meus” jogadores, cria-se a ideia do “eles”, uma oposição de pronomes que fere a pretensão de unidade nacional.

O auge dessa separação, centrada na escalação de jogadores, ocorre na partida avaliada como a de pior desempenho técnico da seleção na Copa do Mundo, a segunda partida da fase semifinal, contra o time da Suíça, justamente no estádio municipal do Pacaembu em São Paulo. As memórias sobre o jogo e a produção das humanidades sobre a Copa de 1950, consagraram a explicação de que o técnico Flávio Costa teria escalado um time base de atletas que atuavam nos clubes paulistas a fim de agradar ao público local que comparecera ao estádio<sup>284</sup>. Não há na entrevista de Flávio Costa a Moraes Neto ou mesmo nas fontes analisadas aqui menção a uma escalação “paulista” para agradar ao público. É possível que essa escolha tenha sido adotado, num momento em que a popularidade da seleção, em muito por conta dos convocados e dos amistosos ruins contra Paraguai<sup>285</sup> e Uruguai<sup>286</sup>, não era alta na cidade de São Paulo<sup>287</sup>. Contudo, não veremos no discurso de um técnico de futebol essa fala, uma vez que ela atestaria critérios não esportivos na formulação da equipe, esvaziando de capital social específico – no caso o

---

<sup>283</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/03/24/1//177218>. Acesso em 22 de novembro de 2014.

<sup>284</sup> Cf. PERDIGÃO, *op.cit*; p.52-54; MOURA, *op.cit*; p.73-77.

<sup>285</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/05/16/1//228611>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>286</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1950/05/08/1//5080974>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>287</sup> PERDIGÃO, *op. cit.* p.51

esportivo – o sujeito Flávio Costa, técnico de um esporte e não relações públicas da cidade de São Paulo.

Fato é que a escalação fora diferente daquela que entrou para o jogo contra o México e também distinta do time base das finais<sup>288</sup>. Que se pese a maior presença de jogadores paulistas, a constância na escalação não foi tanto a prática nos treinamentos quando o time azul e o time branco sofriam constantes alterações, a ideia de que uma escalação mais caseira conquistaria atenção da torcida paulista foi desastrosa. Na *Folha da Manhã* a manchete de 30 de junho evidenciava ser “Decisivo para o Brasil o choque contra a Iugoslávia”, advertindo que um empate levaria à eliminação; para tal alterações deveriam ocorrer no ataque<sup>289</sup>. Já para a *Folha da Noite*, a má atuação do árbitro espanhol, que não marcara um pênalti a favor do Brasil havia sido decisiva<sup>290</sup>. O time brasileiro abriu o placar, mas sofreu dois gols dos suíços e teve grande trabalho para igualar o placar. Pode-se dizer que o ferrolho suíço, expressão que jocosamente seria utilizada décadas mais tarde, surtiu resultado, já que havia um favoritismo brasileiro e o resultado obrigava a uma vitória brasileira contra a boa seleção da Iugoslávia. É de se destacar que em nenhum momento a descrição do jogo afirma um confronto entre Arte (Brasil) e Força (Suíça). Há sim a alusão ao sistema defensivo suíço, compreensível para um time com menores recursos técnicos e para um esporte, que pela sua dinâmica, permite a um time escolher defender-se e abdicar, na maior parte do tempo, das ações ofensivas.

O resultado adverso fez com que a torcida protestasse e até mesmo vaiasse a seleção. Esse ato pouco amistoso, seria na visão de Perdigão<sup>291</sup>, Moura<sup>292</sup> e nas crônicas trazidas por Antunes<sup>293</sup>, motivo para que a seleção não jogasse mais em São Paulo no mundial. A organização do evento e a direção da Confederação Brasileira de Desportos teriam se sentido frustradas, com a pouca acolhida da torcida, preferindo jogar no Rio de Janeiro. A decisão é posterior ao terceiro jogo do Brasil, quando a vaga às finais é garantida. Contudo, as Folhas trazem uma explicação diferente, retirando da escolha o peso da frustração e colocando a escolha em termos financeiros. Na reportagem publicada em 4 de julho a *Folha da Manhã* a escolha por fazer os três jogos no Rio de Janeiro estava

---

<sup>288</sup> MOURA, *op. cit.* p.76. Flávio Costa teria escalado a linha média do São Paulo FC.

<sup>289</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1950/06/30/1//5081425>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>290</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/06/29/1//229575>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

<sup>291</sup> PERDIGÃO, *op.cit*; p.54.

<sup>292</sup> MOURA, *op.cit*; p.77.

<sup>293</sup> ANTUNES, *op. cit.*

baseada na maior capacidade do estádio do Maracanã e portanto a possibilidade de maior renda nos jogos<sup>294</sup>.

Na verdade, sem pretender-se mago supremo da Terra, é possível articular ambas as explicações. Ser hostilizado, pelas vairs e demais sinais de descontentamento, não seria positivo para os anfitriões a animosidade de seus pares. Poderíamos debater se estímulos negativos trazem, por análises psicológicas, a mesma resposta esperada de estímulos positivos – como aplausos – mas é evidente que a discussão na época era incipiente, portanto, se hoje temos pesquisas que apontam resultados próximos fosse com vairs ou elogios, não se permitiria que diante da opção de um público solícito, escolhessem os acúleos da roseira. Também é evidente que há no campeonato uma motivação financeira, na qual a renda dos jogos é o principal componente. Tendo o estádio carioca uma capacidade três vezes maior que seu congênere paulistano, é de se esperar uma renda mais voluptuosa.

Qualquer chave explicativa, incluindo que a comunhão entre as duas ser plausível e até complementares – afinal de contas se o público não se encantou pela seleção, a probabilidade que comprasse o ingresso também decaia – não podemos deixar de lado que a escolha das Folhas foi silenciar uma explicação degradante a São Paulo como parte da Comunidade Imaginada Brasil e recorrer ao discurso frio, mas não neutro, de dados numéricos. O que temos, de forma geral, é uma disputa simbólica de dois polos urbanos em torno da seleção, no qual, cada um à sua maneira, tenta legitimar-se. A imprensa paulista não estampará um argumento que inferiorize a relação passional entre os torcedores do Pacaembu e a seleção, portanto, prefere os números, signos maiores da exatidão e da racionalidade. Do outro lado, para mostrar sua importância ímpar, a imprensa carioca retumbará a explicação passional, mostrando sua melhor acolhida. Essa disputa é a grande riqueza do fato, não a apreensão de que motivos levaram a escolha dos três jogos finais da seleção ser no Rio de Janeiro. Tão pouco é traçar uma história das identidades a partir das letras escarlates de Anhanguera, mas sim perceber que há conflito na reivindicação do que é identidade nacional.

Ainda sobre a preparação, podemos perceber que o afamado discurso de futebol arte, de dom inato e talento determinante possuem limitação nos relatos das fontes de época. A própria escolha de Araxá, modesta cidade do Sul de Minas, com clima ameno e

---

<sup>294</sup>Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdn/1950/07/04/1//5081451>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

distante de badalações demonstra uma fuga ao discurso do dom naturalizado, pois, tem-se em mente uma localidade que possibilita o bom andamento dos treinos, caso contrário, se a tranquilidade para desempenhar o trabalho de preparação fosse irrelevante, se de fato o futebol fosse um componente sanguíneo nas artérias brasileiras, poder-se-ia fazer os preparativos numa grande cidade, onde mais pessoas poderiam contemplar a arte.

As notícias das *Folhas* dão conta de treinos pautados em aspectos físico no momento, com sessões diárias – às vezes mais de uma por dia – com intuito de desenvolver capacidades aeróbicas, reduzir o peso corporal dos jogadores e ainda garantir uma dieta condizente às demandas atléticas. À luz da contemporânea fisiologia esportiva, é fácil apontar falhas na periodização do treinamento, contudo, ela existir e ser registrada em notícia nos jornais comprova que não só de sonhos vive o futebol brasileiro, sendo importante também o aspecto de preparo físico, por vezes secundarizado nas memórias sobre o futebol. A própria figura de Vicente Feola ajuda a desconstruir o discurso de talento naturalizado do futebol, pois a imagem recorrente do treinador bonachão, pouco atlético e pitoresco, que dormia no banco de reservas na Copa de 1958, pois seu trabalho era apenas convocar e colocar em campo talentos miríficos e inatos cai por terra, perante um profissional que impõe e acompanha o regime de treinamento de seus atletas.

Nos dia 21 de abril a *Folha da Manhã* estampou no canto superior da página de assuntos ligados ao esporte o peso dos jogadores<sup>295</sup>. Numa tabela que continha o nome, o peso inicial e o peso naquele momento de cada jogador, via-se a preocupação do jornal com as composições físicas de cada jogador, assinalando, inclusive, aqueles que estavam aquém do esperado. Quanto à descrição dos treinos e coletivos, não havia detalhamento de condições técnicas ou táticas, bem como também não observamos a presença de adjetivos que remetessem a uma condição mágica de jogadores. Atestamos sim ao uso da palavra “*crack*” para referir-se aos jogadores e breves considerações sobre habilidades de atletas como Ademir de Menezes e Zizinho, mas sem que o corolário da arte fosse uma constante. Essa percepção não significa que o elemento estilístico do jogo de futebol com jogadas contundentes de dribles e arremates ao gol não sejam parte da realidade criada sob o futebol, contudo, a dimensão do treinamento também estava presente e em alguns casos com sua importância sendo desconsiderada à medida que as memórias são construídas ao longo dos anos.

---

<sup>295</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/04/21/1/5140331>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

Não é desconhecido pela produção acadêmica de humanidades esse pormenor do esquecimento gradativo da dimensão do treino ao relatar as memórias sobre o futebol. Analisando a Copa do Mundo FIFA de 1970, Antônio Jorge Soares e Marcos Antônio Salvador<sup>296</sup> atestaram que o treinamento estava presente na imprensa que retratou o evento e foi sendo preterido nas citações posteriores, na qual talento inato e qualificações afim passaram a ter maior destaque. O *Treinamento em Altitude* proposto pelo professor Lamartine Costa seria a síntese da construção dessa memória, pois sua importância para a seleção que venceria o torneio no México, teria sido esquecida nas lembranças contemporâneas<sup>297</sup>. Não podemos trazer, para a Copa de 1950, por conta das especificidades da época, uma metodologia de treinamento tão evidente, mas é de se considerar que a faceta de um “futebol arte” não encontra base tão sólida quanto as fontes de época são evocadas e que essa tendência não se resume a um único evento, demonstrando que a construção de uma História do Futebol Brasileiro privilegiou um dom inato que demonstrasse mais qualidades naturalizadas biológicas do que a percepção de um esporte e de um cotidiano de trabalho e dedicação de atletas.

Não só no modo como o futebol brasileiro é retratado é que percebemos a limitação na polarização futebol arte x futebol força, mas também como o outro polo dessa categoria, o estrangeiro que não tem o dom inato é retratado. Em 1938, para dar conta do ótimo resultado na Copa do Mundo FIFA da França, Gilberto Freyre escreveu uma crônica que viraria mantra para os defensores de um estilo nacional brasileiro de futebol. No texto, Freyre, fazendo uso de sua argumentação poética da mestiçagem positiva, demonstra que o estilo de jogo brasileiro estaria muito mais ligado ao indivíduo e aos dribles, enquanto, em contrapartida os ingleses adotaria um estilo de jogo menos inventivo, mais centrado na coletividade e nos passes. O estilo brasileiro ajudaria, inclusive, a demonstrar a mestiçagem brasileira por arregimentar movimentos corporais de práticas não europeias<sup>298</sup>.

Seria esperado, portanto, que ao se retratar a seleção inglesa, se tal tradição fosse mantida, que se evidenciassem adjetivos críticos ligados a um jogo coletivo de poucas habilidades e baseado no físico. O técnico Flávio Costa não comandou os primeiros

---

<sup>296</sup> SOARES Antônio Jorge Gonçalves; SALVADOR, Marcos Antônio Santoro. *A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Editora Autores Associados, 2009.

<sup>297</sup> SOARES Antônio Jorge Gonçalves; SALVADOR, Marcos Antônio Santoro, BARTHOLO Tiago Lisboa. O “futebol arte” e o Planejamento México na Copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira Da Costa. **Revista Movimento** v.3, n.10, p.113- 130, 2011.

<sup>298</sup> FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973. v. 2, p. 431-433.

treinos em Araxá porque estava excursionando pela Europa, observando as seleções que viriam ao mundial e as movimentações táticas por elas adotadas. Esse trabalho de observação e de conhecimento do adversário já constata a preocupação em sistematizar o conhecimento sobre o futebol, reconhecendo nos oponentes, possibilidades de aprendizado. Mas é seu relato sob a seleção inglesa que chama atenção, pois a esperada força vinculada ao futebol inglês não aparece:

“Preocupado o técnico Flávio Costa com o poderio técnico da representação inglesa

‘O selecionado brasileiro precisará da colaboração do público’ (...)  
(...)

Considero muito útil a viagem que fiz – continuou o técnico brasileiro. Pude observar alguns dos mais fortes concorrentes ao Campeonato do Mundo. Não estou mais animado, nem menos animado do que quando embarquei. Mas volto ciente de que precisamos agir com máxima cautela se quisermos ser parte duradoura no Campeonato.

É preciso que reconsideremos que o Brasil não estará sozinho na próxima Taça do Mundo. Outras equipes serão portadoras de excelentes credenciais. A Inglaterra, por exemplo, já tem seu quadro preparado. E o que impressionou mais – é que ele está concentrado – e que, provavelmente, jamais ocorreu um preparo de equipe inglesa para qualquer compromisso internacional. Isto não ocorre apenas com a Inglaterra – repito. O grande interesse pelo certame é o mesmo em outros países. E neles reina grande disposição para a disputa do certame.”<sup>299</sup>

Por fim, se analisamos as descrições dos jogos do Brasil, desde os treinos até às retumbantes vitórias contra Suécia e Espanha na fase final, há, pelas Folhas, uma atenção ao jogo coletivo, atestando a boa exibição do grupo e não de um indivíduo. Quando a seleção tem resultados adversos nos amistosos contra Uruguai e Paraguai, aparece como uma das explicações a falta de entrosamento, as mudanças erradas de escalação. Nas vitórias na fase final destacam-se jogadas individuais ou mesmo lances primorosos de determinados jogadores, contudo, não é observado o tom de hipérbole vinculado aos atletas brasileiros, permanecendo um discurso mais condizente com as explicações coletivas. Seria esperado que nas cenas de vitória o ufanismo e o discurso do talento inato saltassem aos olhos, contudo, mesmo pela linha editorial do jornal, pretensamente sóbria, esse caminho não ocorreu.

---

<sup>299</sup> Disponível em <http://acervo.folha.com.br/fdm/1950/04/20/1//5140315>. Acesso em 23 de novembro de 2014.

Poderíamos incidir no erro de tomar essas escolhas do jornal como o todo, levando a construção de um cenário irreal de que toda análise dos jogos da Copa de 1950 contrariam o “futebol arte”. Se esse caminho fosse aqui escolhido estaríamos a cometer dois erros: o primeiro interno, porque as Folhas também deram vazão a um discurso de paixões mediante a derrota para o Uruguai e, oportunamente, transcrito nesta dissertação. O segundo erro, mais grave porque não se limita a falta de coerência interna, mas dança soturnamente no abismo da criação de factoides. Desconstruir o “futebol arte” e a unidade nacional em torno do futebol não pode significar construir outro mito, que seja justamente o seu oposto. O jogo no tabuleiro não é de peças brancas e pretas em oposição, prontas a suprimir o adversário; se assim fosse bastaria um aporte político e econômico para vagar as casas necessárias para que as peças de uma das cores efetivasse a subtração da outra. Ora, o discurso de identidades – devidamente posto no plural – é um jogo mais complexo porque as peças no tabuleiro são multicoloridas, nem sempre em oposição. Assim, ao lembrar-se da Copa do Mundo FIFA de 1950, seria mais apropriado vincular ao *Maracanazzo* a ideia de construção identitária, não de tragédia nacional.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha pelas Copas do Mundo de 1938 e de 1950 não é fruto de um acaso. De certo modo, a justificativa parece estampada aos leitores mais atentos já que a primeira marca o primeiro resultado expressivo da seleção brasileira masculina de futebol nos mundiais, e a segunda a primeira homérica frustração por que passou o time nacional, sendo derrotado em casa. Contudo, nunca é demais retomar que ambos são eventos ímpares a se justificar para além do resultado esportivo, pois a disputa pela legitimidade do que é Brasil esteve presente nos dois casos. Em 1938, a Ditadura do Estado Novo que queimou as bandeiras estaduais, apropriou-se da legislação trabalhista e tomou para si a ideia de um país uno, distinto das oligarquias da Primeira República (1889-1930). A Copa do Mundo de 1938 articula-se com um momento histórico em que a unidade nacional, as interpretações sociais não deterministas e não raciais e o discurso do progresso ganharam força. Em 1950 as cinzas da II Guerra Mundial (1939-1945), esquentaram-se na polarização da Guerra Fria (1945-1992). O Brasil ainda vivia o sonho do desenvolvimento assentado no Estado como grande investidor e a alfabetização em sensível crescimento. O rádio ainda era o principal meio de comunicação, mas a televisão chegara ao Brasil, mostrando imagens em preto e branco de um país em obras. Na Copa de 1938, o final foi feliz, mostrou o sucesso do estilo nacional, enquanto que em 1950 foi o fracasso não só do futebol, mas do elemento nacional.

Entendemos que essa dissertação caminhou no sentido de mostrar que tanto a ideia de identidade, quanto a de nação são conceitos que não podem ser vislumbrados como sendo estanques tão pouco como consensuais. No que Stuart Hall chamou de identidade na pós-modernidade, ficou evidente que não se possui uma identidade absoluta, mas em termos relativos, relacionando com outras tantas na medida em que as demandas sociais e culturais são postas. São, sobretudo, múltiplas e construídas nas experiências históricas. A nação também não é uma estrutura pronta, nasce das tensões e dos embates que diversos grupos construíram ao longo do tempo. Assim, escolhas são feitas, e ao contrário do que se possa desenhar de unidade igual à totalidade ela é, sobretudo, escolhas e silenciamentos. Com seus símbolos e seus discursos a nação é de fato uma “comunidade imaginada”, nas palavras de Benedict Anderson. Ambos os conceitos sendo tão porosos e em constante construção e reconstrução, os códigos que ajudam a criar a identidade nacional são também passíveis dessas constantes reinterpretações, respondendo a determinados anseios e esquecendo outros. No Brasil, o futebol, bem como outras

instituições cumpre com esse papel e pode, na medida do possível, desenhar, o que é ser brasileira e brasileiro.

Na Copa de 1938, sendo recente a profissionalização tanto no Rio de Janeiro quanto em São Paulo esperava-se que os ares do amadorismo ainda provocassem brisas instigantes. De fato, elas até estiveram ali, transitando por um futebol que não era espetacularizado, mas que era sim organizado. Os jogadores estavam ligados aos seus clubes através de relações trabalhistas, que se não eram das mais entusiasmantes, estavam longe de ser totalmente débeis. Por isso, um longo debate de como garantir a remuneração dos atletas enquanto estavam a serviço da seleção brasileira. Salários e ajudas de custo tanto no período de concentração em Caxambú, quanto na estadia na Europa. Em contrapartida os atletas estavam submetidos a duras regras de comportamento, numa hierarquia quase militar, com as transgressões sendo repreendidas por multas financeiras e até mesmo pelo desligamento da delegação. Com esse cenário de regras e comportamentos bem delineados, a imagem que se pretendeu era de um país em progresso e civilizado.

Também ficou evidente a preocupação com o treinamento, buscando colocar os atletas à disposição da comissão técnica com antecedência, garantindo tempo para o preparo físico, tático e técnico. A preocupação com as condições físicas dos jogadores esteve acompanhada de cuidados com alimentação, com a aclimação na Europa e a tranquilidade de uma concentração distante dos grandes centros urbanos. Na Europa as sessões de treinamento incluíam coletivos, mas também treinos analíticos e físicos. Até mesmo minijogos foram contemplados. Taticamente evidenciou um jogo brasileiro baseado na condução de bola, na velocidade e na agilidade. Uma oposição ao jogo físico das cargas que os europeus empunham, na sua interpretação própria da regra sobre contato físico. Assim o discurso sobre um estilo de jogo ganhou notoriedade com a boa impressão internacional, da mesma forma que não se pode esquecer um empenho que transcendeu a arte e o dom.

Já em 1950 a expectativa era gigante, com a Copa do Mundo sendo realizado no Brasil pela primeira vez. Como parece ser recorrente em sua história o Rio de Janeiro passou por intervenções urbanas para que o gigante de concreto às margens do rio Maracanã, palco dos principais jogos, fosse levantado. Esportivamente a Copa traria as principais seleções do mundo, em especial os bicampeões italianos e a inédita participação dos ingleses. Argentinos, escoceses e franceses estiveram ausentes, e jogos eliminatórios peculiares como o confronto entre Uruguai e Paraguai, no qual ambos

estavam já classificados, independente do resultado mostram uma organização e um interesse pelo campeonato distinto do contemporâneo.

Bem verdade nos jornais paulistanos a seleção não empolgava. Críticas à falta de padrão de jogo, constante mudanças no elenco não empolgaram a imprensa paulistana, que cronicamente deu mais atenção a outros eventos esportivos, como a vinda da delegação japonesa de natação, o turfe, os jogos de futebol do interior ou o boxe. Mesmo com o campeonato em casa, o volume de notícias e a posição delas nas páginas foram tímidas. Apenas em duas oportunidades, na inauguração do Maracanã e na derrota para o Uruguai, teve-se a primeira página. Destacou-se muito o treinamento, a preparação física em Araxá e todo o planejamento, que teria sido mudado com a transferência da concentração para o movimentado estádio de São Januário.

A rivalidade Rio de Janeiro, São Paulo também estaria presente na questão dos locais dos jogos, quando o Pacaembu só recebeu um jogo da seleção, o desastroso empate contra a Suíça. A vitória contra o bom time da Iugoslávia e as goleadas históricas contra suecos e espanhóis animou a cobertura da imprensa, que enfim depositou confiança no time. Mas tudo que é sólido desmancha no ar e foi assim no jogo final contra o Uruguai. Apesar da melhor campanha e do elenco mais promissor, da superioridade em campo com controle da posse de bola e maior número de finalizações, o Brasil não conseguiu ser campeão, perdeu de virada por 2 a 1.

Começava ali uma das maiores chagas da história do esporte no Brasil, porque se perdeu em casa. A disputa por essa memória ainda está em curso com explicações que buscam dar conta da fragilidade do planejamento do time, da soberba diante dos uruguaios, mas também uma explicação que estampou a fraqueza da “raça”. Negros e mulatos, cada qual com sua respectiva carga foram culpabilizados. Barbosa e Bigode foram, nesse contexto, os mais vilipendiados. Barbosa morreu como o culpado, como símbolo de um país que sempre esteve na linha do desenvolvimento, mas que por sua debilidade intrínseca, fracassou. Essa memória em disputa é o que talvez mais chame atenção nesse campeonato mundial e que teve uma continuação em 2014, com a segunda Copa do Mundo em solo brasileiro.

Tanto para 1938 quanto para 1950, dois campeonatos mundiais emblemáticos, a construção da identidade nacional brasileira pelo futebol esteve em voga. Disputas em curso, desacordos que ainda terão seus capítulos. Os códigos que inventaram o futebol brasileiro são, sobretudo, uma sociologia histórica a ser contada. .



## Referências

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; SOARES, Antônio Jorge Gonçalves. A imprensa negra e o futebol em São Paulo no início do século XX. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.1, n.26, p.63-76, 2012.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. São Paulo: Cia das Letras.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. *Com brasileiro, não há quem possa! Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues*. São Paulo: UNESP, 2004.

BARRETO, Túlio. Gilberto Freyre e o futebol-arte. **Revista USP**, v.1, n.62, p. 233-238, 2004.

BLOCH, Marc. *O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? IN: \_\_\_\_\_ *Questões de Sociologia*, Lisboa: Fim de Século, 2003.

BROHM, Jean Marie, *20 Tesis sobre el deporte*. IN: Brohm, J.M. et al (ORG). *Materiales de sociología del deporte*, pp. 47-55. La Piqueta. Madrid, 2ª Edição, 1993.

BUFFON, George. *História Natural*. Lisboa: Editora do Autor, 1941.

CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

CHARTIER, Roger, “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 8, n.16, 1995.

DaMATTA, Roberto (org.). *Universo do futebol: futebol e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982.

DaMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis – para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMO, Arlei Sander. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., ANPOCS, 2007.

DIAS, Maria. Odila. Leite da Silva. A Interiorização da Metrópole. In: Carlos Guilherme Mota. (Org.). *1822: Dimensões*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

DUNNING, Eric. *El fenómeno deportivo*. Barcelona. Editorial Paidotribo. 2003.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Tradução: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FERRARO, Alceu Ravello. Analfabetismo e níveis de letramento no Brasil: o que dizem os Censos? **Revista: Educação & Sociedade**, Campinas, 2002, v. 23, n. 81, p. 21-47, 2002.

- FRANZINI, Fábio. No campo das ideias: Gilberto Freyre e a invenção da brasilidade futebolística. **Efdeportes-Revista Digital**, v.1, n.26, 2000.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala*. São Paulo: Global, 2006.
- FREYRE, Gilberto. *Sociologia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GELLNER, Ernest. *Nações e Nacionalismos*. Lisboa: Gradiva, 1993
- GIDDENS, Anthony. *Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 2002.
- GRUZINSKI, Serge. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- HALL, Michael. McDonald. O movimento operário na cidade de São Paulo, 1890-1954. In: PORTA, Paula. (Org.). *História da cidade de São Paulo*. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HALL, Stuart *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Liv Sovik (org). Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.
- HOBSBAWM, Eric J. & RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- HOBSBAWM, Eric. J. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- HOBSBAWM, Eric J. *Era dos Extremos. O Breve Século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil* Cia das Letras: São Paulo, 2005.
- LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. São Paulo: Pioneira, 1983.
- LOPES, José Sérgio Leite. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**, v.1 n. 22, p. 64-83, 1994.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. IN: PINSKY, Carla Bassanezi. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- MARANHÃO, Tiago. Apolíneos e dionisíacos': o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do 'povo brasileiro. **Revista Análise Social**, v.1, n.179, p. 435-450, 2006.

- MELLO, Evaldo Cabral de, *A Outra Independência: Federalismo pernambucano de 1817 a 1824*. São Paulo: Editora 34, 2004.
- MENDONÇA, Joseli Maria Nunes. *Entre mãos e anéis*. Campinas: Editora da Unicamp, 2008.
- MORAES NETO, Geneton. *Dossiê 50*. Rio de Janeiro: Maquinária Editora, 2013.
- MOTTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da Cultura Brasileira (1933-1974)*. São Paulo: Ática, 1977.
- MOURA, Gisella de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. *Educação Física escolar e ditadura militar no Brasil: entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: Editora da Universidade São Francisco, 2003.
- ORTNER, Sherry, Uma atualização da teoria da Prática. In M. P. Grossi, C. Eckert e P. H. Fry (orgs.) **Conferências e Diálogos: saberes e práticas antropológicas**, Blumenau: Nova Letra, 2007.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PRADO Jr. Caio Prado. *Formação do Brasil Contemporâneo: Colônia*. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- RAMOS, Alcida Rita. O índio hiper-real. **Revista Brasileira de Ciências Sociais** n.28, v.10, pp.5-14, São Paulo, 1995.
- REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil – de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010;
- RIBEIRO, Gladys Sabino. *A liberdade em construção: identidade nacional e conflitos antilusitanos no Primeiro Reinado*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002.
- RICUPERO, Bernardo. *Sete Interpretações do Brasil*. São Paulo: Alameda, 2011.
- RODRIGUES FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- RODRIGUES, Nelson. O drama das sete copas (junho de 1966). In: RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: novas crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ROSENFELD, Anatol. *Negro, Macumba e Futebol*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SANTOS João Manuel Casquinha Malaia; DRUMOND Maurício; MELO, Victor Andrade. Celebrando a nação nos gramados: o campeonato sul-americano de futebol de 1922, **História Questões & Debates**: Curitiba, v.2, .52, p.151-174, 2012.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SILVA, Marcelino. Rodrigues da. *Mil e uma noites de futebol: o Brasil moderno de Mário Filho*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006.

SILVA, Silvio Ricardo da. (coord.). *Levantamento da produção sobre o futebol nas Ciências Humanas e Sociais de 1980 a 2007*. Belo Horizonte: Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional-UFMG, 2009.

SOARES Antônio Jorge Gonçalves; SALVADOR, Marcos Antônio Santoro, BARTHOLO Tiago Lisboa. O “futebol arte” e o Planejamento México na Copa de 70: as memórias de Lamartine Pereira Da Costa. **Revista Movimento** v.3, n.10, p.113- 130, 2011.

SOARES Antônio Jorge Gonçalves; SALVADOR, Marcos Antônio Santoro. *A memória da copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional*. Campinas: Editora Autores Associados, 2009.

SOARES, Antônio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre”, in ALABARCES, Pablo (org.), *Fútbol, identidad y violencia em América Latina*. Buenos Aires: Clacso, 2003.

SOARES, Antônio Jorge. História e a invenção das tradições no futebol brasileiro. **Revista Estudos Históricos**: São Paulo, n. 23, v. 13, 1999.

SOARES, Antônio Jorge. LOVISOLO, Hugo. Futebol: a construção do estilo nacional. **RBCE online**, Campinas, v.1, n. 25, set. 2009.

TASCHNER, Gisela, *olhas ao vento: análise de um conglomerado jornalístico no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

TOMAZ Tadeu SILVA (org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional IN: DaMATTA, Roberto. (org.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

## Fontes

A Folha da Manhã

A Folha da Noite

A Folha de São Paulo

Globoesporte.com  
Uol Esportes